



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

JOSÉ HONÓRIO DAS FLORES FILHO

**SANTUÁRIO DE FREI DAMIÃO:
A fé na modernidade e tradições católicas no Brejo Paraibano –
Valores espirituais *versus* valores materiais**

**JOÃO PESSOA
2012**

JOSÉ HONÓRIO DAS FLORES FILHO

**SANTUÁRIO DE FREI DAMIÃO:
A fé na modernidade e tradições católicas no Brejo Paraibano –
Valores espirituais *versus* valores materiais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências das Religiões por José Honório das Flores Filho.

Orientador: Prof. Dr. José Mateus do Nascimento.

**JOÃO PESSOA
2012**

F634s Flores Filho, José Honório das.

Santuário de Frei Damião: a fé na modernidade e tradições católicas no Brejo Paraibano – valores espirituais versus valores materiais / José Honório das Flores Filho.- João Pessoa, 2012. 193f. : il.

Orientador: José Mateus do Nascimento

Dissertação (Mestrado) – UFPB/CE

1. Ciências das Religiões. 2. Centro religioso. 3. Santuário de Frei Damião – Guarabira (PB). 4. Cristianismo e modernidade. 5. Catolicismo popular. 6. Turismo religioso.

UFPB/BC

CDU: 279.224(043)

JOSÉ HONÓRIO DAS FLORES FILHO

**SANTUÁRIO DE FREI DAMIÃO:
A fé na modernidade e tradições católicas no Brejo Paraibano –
Valores espirituais *versus* valores materiais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências das Religiões.

Aprovado em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____
Prof. Dr. José Mateus do Nascimento - PPGCR-PB

1º Examinador: _____
Prof. Dr. Leonildo Silveira Campos – UMESP

2º Examinador: _____
Prof. Dr. Fabrício Possebom - PPGCR-PB

AGRADECIMENTOS

Agradeço à sublime Providência pela vida, as oportunidades de ser melhor a cada momento para melhor servir a cada oportunidade apresentada.

Agradeço ao Prof. José Mateus pela orientação e apoio na elaboração desta dissertação; e também pelo exemplo de humildade e competência. Minha reverência.

Agradeço à prof.^a Dilaine Soares Sampaio pela ajuda e conselhos, desde o início dessa jornada. Exemplo de lucidez e coerência acadêmica.

Ao Prof. Leonildo Silveira Campos pela ajuda e conselhos de grande inspiração, enquanto estive em curto período na Umesp-SBC, como aluno de mestrado sanduíche. Foi inspirador.

Ao Prof. Paulo Barrera Rivera que, durante o período em que estive na Umesp-SBC, dispensou atenção a meus escritos sugerindo com valiosos esclarecimentos sobre alguns pontos que precisavam ser revistos. Meu humilde reconhecimento.

Ao Prof. Fabrício Possebom pela contribuição não só na banca de qualificação, mas também pelos valiosos incentivos à produção acadêmica que impulsionaram decididamente a minha caminhada acadêmica. Exemplo de lucidez e docência.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões por me proporcionar oportunidade de enriquecer minha bagagem intelectual acadêmica.

À matriarca do PPGCR/PGCR Neide Miele pela dedicação e trabalho incansável junto aos mesmos. Meu reconhecimento.

À Capes pela bolsa oferecida que me proporcionou enorme ajuda para que eu pudesse me dedicar integralmente a minha pesquisa.

Agradeço também a todas as forças contrárias ao sucesso, à sensatez, lucidez e honra, ao altruísmo e à verdade do peregrino “humano” rumo ao “Sublime”, porque são exemplos a não serem seguidos para o aspirante aos graus superiores do pensamento e do espírito. Enquanto ao mesmo tempo, criam um campo de provas de caráter e moral, e geram o combustível necessário que permite o acionamento da força da própria aspiração rumo à meta do reto caminho.

Se a religião gerou tudo o que existe de essencial na sociedade, é porque a ideia da sociedade é a alma da religião.

Émile Durkheim

Sou Honório, pessoense, paraibano, nordestino, brasileiro, latino-americano, sul-americano, americano, terráqueo, via-lacteano, filho deste universo inconcebível e de um cosmos incognoscível e findável dentro dos limites do seu próprio infinito.

RESUMO

Esta dissertação trata do Santuário de Frei Damião, situado em Guarabira, Paraíba, lugar marcado por peculiaridades na prática do catolicismo rural e turismo religioso. O tema de estudo apresenta-se permeado por contrastes entre os elementos da cultura, da tradição popular e das práticas do cristianismo moderno, sobretudo da Igreja Católica, que reconfigura o seu campo de atuação na sociedade, visando assimilar as novas tecnologias de comunicação de massa para difusão da fé. Dentro das práticas modernas religiosas está o turismo religioso, aparecendo de forma “nebulosa”, não muito clara, em meio a romeiros e pagadores de promessas, um elemento de grande importância para fazer-se uma análise do encontro entre a modernidade secular e valores tradicionais e culturais, sobretudo valores motivacionais que levam peregrinos, romeiros e turistas a um determinado centro religioso, onde construções de âmbito colossal com imagens gigantescas de santos heróis religiosos, a exemplo da construção do Memorial Frei Damião, hoje, Santuário de Frei Damião. No santuário em estudo, a parte religiosa do turismo tem como motivo devocional um santo popular do Nordeste: Frei Damião. É sobre a figura de Frei Damião como ícone de devoção popular católica no Nordeste brasileiro que este estudo também se debruça para buscar os elementos valorativos e constitutivos das origens do mito, do santo e do herói e consequentemente da edificação de uma espécie de “panteão” católico em forma de santuário local. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, que motivou a interação/conversação com romeiros, clérigos, turistas, comerciantes e pessoas envolvidas com a administração do Santuário de Frei Damião. Realizou-se observação participante e entrevistas sobre as razões de ser e de existir do santuário em suas relações com as práticas de devoção, interesses econômicos de setores políticos e religiosos da microrregião de Guarabira, no Agreste Paraibano.

Palavras-chave: Centro religioso. Frei Damião. Cristianismo e modernidade. Turismo religioso. Catolicismo Popular.

ABSTRACT

This dissertation deals with the Shrine of Friar Damian, located in Guarabira, Paraíba, a place marked by peculiarities in the rural practice of Catholicism and religious tourism. The subject studied is full of contrasts between the elements of culture, folk tradition and practices of modern Christianity, specially the Catholic Church, which reconfigures its playing field in society, in order to assimilate the new technologies of mass communication to dissemination of faith. Within the modern religious practices, religious tourism is appearing in a "fuzzy", not very clear, amid promises of pilgrims and an element of great importance to an analysis of the encounter between modernity and secular values, traditional and cultural values particularly motivational, carrying pilgrims, religious journey and tourists to a particular religious center, where under colossal buildings with gigantic images of saints, religious heroes, such as the construction of Damien Memorial Friar, today, Friar Damien Sanctuary. An important element considered in this study is the politician who enters as an essential part in the realization of this undertaking socio-cultural religious. The religious part of the tourism has as reason a popular saint in Northeast: Friar Damian. It is under the figure of Friar Damian as an icon of popular Catholic devotion in northeastern Brazil that this study also addresses to fetch the constituent elements of value and the origins of the myth, the saint and the hero of the building and therefore a kind of Catholic "pantheon" in the form of local shrine. This is an ethnographic qualitative research, which led to the interaction / conversation with pilgrims, priests, tourists, businessmen and people involved with the administration of the Shrine of Friar Damian. We conducted participant observation and interviews about the reasons for being there and the Sanctuary in its relations with the devotions, the economic interests of political and religious sectors of the city of Guarabira known fact that physical culture as the "queen of the swamp" Paraíba.

Keywords: Religious center. Friar Damian. Christianity and modernity. Religious tourism. Popular Catholicism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Imagem de Frei Damião com 34 metros de altura no Santuário de Frei Damião em Guarabira, PB	12
Figura 2	Visão panorâmica da cidade de Guarabira. Foto tirada no piso superior nos pés da estátua	13
Figura 3	Estátuas com figuras das estações da via-crúcis espalhadas na via de entrada	14
Figura 4	Romaria ao Santuário de Frei Damião	14
Figura 5	Prédio onde se localizam duas lojas, uma lanchonete, posto de saúde e banheiros na parte inferior, na parte de trás	14
Figura 6	Feira formada às margens da via de acesso ao Santuário de Frei Damião ..	15
Figura 7	Feira do santuário tendo a estátua de Frei Damião ao fundo	15
Figura 8	Devotos aos pés da estátua de Frei Damião	27
Figura 9	Loja de conveniência no Santuário Frei Damião expondo várias estatuetas do santo capuchinho	42
Figura 10	Fôlder explicativo da rota turística dos Caminhos do Padre Ibiapina tendo como ponto de partida da peregrinação o Santuário de Frei Damião	56
Figura 11	Réplica da imagem do Santuário de Frei Damião, na entrada da cidade de Guarabira. Construção patrocinada por uma empresa privada em conjunto com a prefeitura da cidade	58
Figura 12	Interior da sala de ex-votos no Santuário de Frei Damião	87
Figura 13	Parede da sala de ex-votos com imagem de Frei Damião ao lado do Padre Cícero	88
Figura 14	CD Luiz Gonzaga ao vivo. Álbum "Volta pra curtir". Ano 1972	93
Figura 15	CD Luiz Gonzaga. Álbum "Raízes nordestinas". Ano 1974	93
Figura 16	Particularmente esses cordéis mostram um Frei Damião ativista do catolicismo e os protestantes inimigos do mesmo	93
Figura 17	Cordel que conta sobre a "santidade" de Frei Damião	94
Figura 18	Esse cordel diz muito a respeito da identificação que o povo faz de Frei Damião e o Padre Cícero	94
Figura 19	Quadrinho de Frei Damião vendido no interior do museu no Santuário de Frei Damião	94

Figura 20	Produtos que levam o nome do Frei Damião	95
Figura 21	Estátua de Frei Damião na comunidade João Paulo em Mulungu	95
Figura 22	Estátua de Frei Damião em Mari	95
Figura 23	Pequeno mapa das missões pregadas por Frei Damião de Bozzano da Custódia Provincial de Pernambuco no Brasil – 1931 a 1949. Por Frei Otávio	96
Figura 24	Serra da Jurema. Ao topo podemos observar o Santuário de Frei Damião ..	98
Figura 25	Mons. Nicodemos	102
Figura 26	Deputada e ex-prefeita de Guarabira Léa Toscano	104
Figura 27	Cruzeiro e logo ao fundo a estátua do Santuário de Frei Damião	104
Figura 28	Alexandre Azedo, arquiteto do Santuário de Frei Damião	105
Figura 29	Padre Gaspar Rafael, reitor do Santuário de Frei Damião	106
Figura 30	Paulo Costa, atual Secretário de Turismo e Cultura de Guarabira	111
Figura 31	Gilvan Félix, comerciante	112
Figura 32	Dona Cleonice, comerciante	113
Figura 33	Adailton Vieira, vendendo as imagens que fabrica	114
Figura 34	Devotos tocando a imagem de Frei Damião. Uma devota passa a estola em sua enfermidade no pescoço	115
Figura 35	Glécio Felismino dos Santos, devoto de Frei Damião	117
Figura 36	Maria Elizete, devota de Frei Damião, mostra a foto de seu irmão	118
Figura 37	Osmário da Costa, devoto de Frei Damião	119
Figura 38	Maria José do Nascimento, devota de Frei Damião	119
Figura 39	Devoto passa a estola da estátua de Frei Damião em sua enfermidade nos olhos	123
Figura 40	Devotos acendendo velas	127
Figura 41	Devotos tocando a estátua de Frei Damião. Uma devota coloca uma peça de roupa por baixo da roupa da estátua	127
Figura 42	Placa exposta no museu do Santuário de Frei Damião contendo as características físicas e informações dos responsáveis pela construção do memorial	130

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
 1 A FÉ CRISTÃ MODERNA: IGREJA, MASS MEDIA E TURISMO	 27
1.1 Pré-modernidade, modernidade e pós-modernidade?	30
1.2 As problemáticas da essência e dos ideais cristãos na modernidade	32
1.3 A significação e ressignificação do campo religioso e do espaço sagrado	33
1.3.1 Teologia do capitalismo de consumo	35
1.3.2 O secular campo religioso: uma metamorfose ambulante dos novos tempos	36
1.3.3 Os “ <i>mass media</i> ” e as igrejas cristãs – os possíveis efeitos das tecnologias na sociedade e nas religiões - um olhar midiático de mercado e fé	43
1.4 Turismo, religião e modernidade	49
1.4.1 Turismo: o germe de um fenômeno secular com raízes na religiosidade	52
1.4.2 O Santuário de Frei Damião e sua vocação turística	55
 2 FREI DAMIÃO E O CATOLICISMO RURAL: A CONSTRUÇÃO DE UM ÍCONE	 58
2.1 O catolicismo do meio rural	61
2.2 A identidade religiosa sertaneja na modernidade. Nuanças e implicações	66
2.3 Os ritmos e os ritos do camponês e as convergências das culturas do campo e da capital	70
2.4 Frei Damião e sua importância no catolicismo rural paraibano	73
2.5 Frei Damião: do homem religioso ao herói sertanejo, do herói ao santo, do santo ao mito, do mito ao ícone e ídolo	76
2.5.1 Do religioso ao herói sertanejo	76
2.5.2 Do herói ao santo	78
2.5.3 Do santo ao mito	83
2.5.4 Do mito ao ícone	86
2.5.5 Frei Damião: o ícone e o ídolo	88
2.6 A fé em Frei Damião na Paraíba e no Nordeste do Brasil através da folkcomunicação: sua iconografia e a mídia da cultura dos pobres	91

3 DE MEMORIAL A SANTUÁRIO FREI DAMIÃO. UM CENTRO RELIGIOSO NO PANTEÃO CATÓLICO DO NORDESTE	98
3.1 De memorial a santuário	102
3.2 Santuário de Frei Damião e a sua importância como centro religioso de romarias e visitas	115
3.3 Santuário de Frei Damião: lugar de compensadores e de buscadores de recompensas	120
3.3.1 Rodney Stark e a teoria da ação humana	121
3.3.2 Recompensas ou compensadores? O devoto e o ato devocional no Santuário de Frei Damião	123
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	130
 BIBLIOGRAFIA	136
 APÊNDICES	143



Figura 1: Imagem de Frei Damião com 34 metros de altura no Santuário de Frei Damião em Guarabira, PB.

Fonte: Arquivo do autor, 22/05/2011.

INTRODUÇÃO

*O que é Brasília Cabôco?
 É um Brasília deferente
 Do Brasília da capitá.
 É um Brasília brasileiro,
 Sem mistura de estrangeiro,
 Um Brasília nacioná!
 [...] Brasília Cabôco não come
 Assentado nos banquete
 Misturado cum os home
 De casáca e anelão...
 Brasília Cabôco só come
 O bode seco, o feijão,
 E as vez uma panelada,
 Um pirão de carne verde,
 Nos dias das inleição,
 Quando vai servir de iscada
 Prôs home de pusição! [...]*

(Zé da Luz. Brasília Caboclo/ O Sertão em Carne e Osso. 1979. p. 17-18).

INTRODUÇÃO



Figura 2. Visão panorâmica da cidade de Guarabira. Foto tirada no piso superior nos pés da estátua.
 Fonte: Arquivo do autor, dezembro de 2006.

Na Paraíba, no município de Guarabira, foi erguido um monumento de natureza ambiciosa e colossal quanto à grandiosidade do empreendimento: um monumento medindo 34 metros de altura, 12 metros de pedestal onde estão os três andares de museu e 22 metros de estátua, como podemos observar na Figura 1, - ultrapassando em tamanho a marca do monumento a outro ícone religioso do Nordeste brasileiro, a estátua do Padre

Cícero em Juazeiro, que mede 25 metros de altura¹ - com suas características próprias na esfera subjetiva da devoção, da cultura e dos costumes, símbolos, mitos e ritos populares católicos.

¹ Fonte: site da secretaria do governo do Estado do Ceará. Disponível em: <<http://www.setur.ce.gov.br/noticias/juazeiro-do-norte-1/?searchterm=padre%20C%C3%ADcero>>. Acesso em: 23/03/2012.



Figura 3: Estátuas com figuras das estações da via-crúcis espalhadas na via de entrada.
Fonte: Arquivo do autor, dezembro de 2006.



Figura 4: Romaria ao Santuário de Frei Damião.
Fonte: Arquivo do autor, dezembro de 2006.



Figura 5: Prédio onde se localizam duas lojas, uma lanchonete, posto de saúde e banheiros na parte inferior, por trás da estrutura.
Fonte: Arquivo do autor, dezembro de 2006.

O Santuário de Frei Damião localiza-se bem no topo de um monte na serra da Jurema. O local é alto e íngreme, requerendo grande esforço para os romeiros e peregrinos subirem a pé e pagar suas promessas e penitências. Como podemos ver na Figura 2, do alto pode-se observar toda a cidade de Guarabira, tendo uma bela visão panorâmica da mesma. Existem duas vias de acesso, uma que pertence à cidade vizinha de

Pirpirituba e outra que começa a sua subida no Bairro Novo em Guarabira. Ambas são tortuosas, mas asfaltadas. Ao longo de uma dessas vias, no sentido Bairro Novo, conforme mostrada na Figura 3, podem-se observar estátuas em tamanho natural da via-crúcis de Jesus. No meio desse mesmo caminho existe um cruzeiro, que já existia bem antes da construção do santuário. Foi construído na década de 1960, conforme se observa na Figura 4.

Em todo o espaço que pertence ao Santuário de Frei Damião encontra-se uma capela dedicada à santa Mãe Rainha, uma casa de ex-votos, onde são colocadas as ofertas em agradecimento por promessas e graças alcançadas, um lugar de queimas de velas, banheiros masculinos e femininos, posto de saúde, posto policial, duas lojas e uma lanchonete, ambientes dispostos na Figura 5. Mas, nos arredores encontram-se espalhados, nas margens dos caminhos em dia de domingo e

romarias, pequenos comerciantes que vendem toda a sorte de artigos artesanais e gêneros alimentícios, ou “*fast food* rústicos a moda nordestina”, como vendedores de tapioca, milho cozido e assado, marmitas de macaxeira com carne, entre outros. Alguns botequins também são encontrados lá. Mas a maior concentração deles encontra-se na via de acesso que pertence



Figura 6: Feira formada às margens da via de acesso ao Santuário Frei de Damião.
Fonte: Arquivo do autor, dezembro de 2006.



Figura 7: Feira do santuário tendo a estátua de Frei Damião ao fundo.
Fonte: Arquivo do autor, dezembro de 2006.

à cidade de Pirpirituba. As lojas e barracas comercializam não apenas imagens e outros artigos de Frei Damião e de outros santos, mas também artesanatos, CDs e DVDs piratas, quinquilharias e bugigangas em geral, como pode ser observado na Figura 6.

Como podemos vislumbrar na Figura 7, no meio de tantos artefatos religiosos comercializados na feira como: imagens de santos, principalmente de Frei Damião, em estampas, estatuetas e bricolagens, destaca-se a estátua gigantesca de 34 metros de altura, que é a principal atração e expressão da fé do lugar, o ponto central do Santuário de Frei Damião aos domingos e principalmente em dia de romaria. Nesse universo de valores espirituais e materiais o santo é figura central e aparece como mediador e conciliador de tais valores. Como bem observou Carlos Alberto Steil (1996, p. 83): “[...] dentro e fora do tempo,

universal e local, a romaria pode conciliar uma dupla ética transacional, onde o santo e o mercado se sobrepõem como mediadores de bens espirituais e materiais”.

É importante considerar, não apenas esses elementos significativos e valorativos que compõem o lugar santo, mas também o seu contexto histórico, tradicional e motivacional do povo rural católico do Brejo Paraibano, que se junta para deflagrar a construção do Memorial que mais tarde passou a Santuário de Frei Damião. O palco religioso em todo o contexto do santuário movimenta valores de vida religiosa, comerciais, culturais e tradicionais, que se interpenetram ou se normatizam, inserindo-se numa contemporaneidade do pensamento religioso ocidental em que a mercantilização do religioso é algo mais além do significativo. Torna-se, talvez, essencial para a sobrevivência do sistema religioso atual.

Na atualidade, a mercantilização e o consumo de espaços relativos à religiosidade se tornam cada vez mais evidentes e efetivos. Podemos falar de forma bem natural em termos como “capital da fé”, “espetáculo religioso”, entre outros, quando nos referimos a igrejas e à religião cristã no mundo moderno. Os significados e práticas nesse campo expressam uma

realidade, no mundo moderno capitalista, que propõe a configuração de mercado da religiosidade, na perspectiva de Pierre Bourdieu (2009), capital e fé, ambos coexistindo de forma “harmoniosa” pela prática do consumo de artigos e serviços religiosos. Identifica-se o fenômeno sociorreligioso como consumo da fé.

Nessa configuração entre oferta religiosa, por parte da Igreja, e demanda religiosa, por parte de leigos e interessados no serviço, há uma relação de interdependência entre Igreja e grupos sociais numa participação de um sistema de capital que é comum à sociedade como um todo, o que Bourdieu (2009, p. 58) chama de dependência do capital de autoridade no campo religioso: “Assim, o capital de autoridade propriamente religiosa de que dispõe uma instância religiosa depende da força material e simbólica dos grupos ou classes que ela pode mobilizar oferecendo-lhes bens e serviços capazes de satisfazer seus interesses religiosos [...]”.

Essa prática capitalista que produz bens simbólicos e culturais, os quais são identificados pelos fiéis como bens religiosos e eclesiásticos, é configuradora e formadora de especificidades no campo religioso. Ou seja, a própria relação com a sociedade é que dá forma e características a determinado campo social, que inicialmente começa com uma pressão exercida de fora dos espaços de relações religiosas, como melhor explica Carlos Rodrigues Brandão (1977, p. 18):

A constituição de um campo religioso em uma formação social, o modo como ele se diferencia no seu interior, e as formas como essas diferenciações são ideologicamente explicitadas, depende de processos ocorridos inicialmente além do seu espaço específico de relações. Processos que ocorrem nos sistemas de produção de bens econômicos e sociais, na divisão do trabalho e em suas decorrências políticas e ideológicas.

As relações sociais, políticas e ideológicas, na atualidade, situam-se no palco da modernidade com avanços tecnológicos na área das comunicações de massa, *mass media*, perfiladas ao turismo atuante e crescente no mundo dos negócios virtuais. As igrejas e centros religiosos, especialmente católicos, têm sido influenciados por essas ideias, modelos e práticas, inaugurando o plano do “secular religioso”.

O termo “secular religioso” pode soar estranho, contraditório, paradoxal, contudo, quando se fala em Igreja midiática, significa que igrejas cristãs passam a atuar no mercado das mídias eletrônicas, como o rádio e a televisão, transmitindo missas, cultos, palestras etc. Tais igrejas são levadas ao lar das pessoas, “tal espaço sagrado” é ressignificado em um plano eletrônico e, sobretudo, quando atuam na internet. Onde está o limite de tais espaços

sagrados? Antes eram apenas fixos em um lugar físico determinado, em que as pessoas se deslocavam em direção a eles; na atualidade, esses lugares de fé e celebração são ressignificados, pois os féis escutam e assistem os seus cultos e missas em casa, ou seja, a Igreja vai até o espaço privado e invade o lugar da intimidade e da contrição com o divino.

De acordo com Mircea Eliade (1992), o homem religioso divide o tempo e/ou atua em duas espécies de tempo, o “tempo profano” e o “tempo sagrado”. O homem religioso em referência no plano eletrônico midiático, ao participar ou ser ouvinte/telespectador de rituais de missa, celebrações e atos religiosos através do rádio e da televisão, estaria causando uma divisão no tempo profano atuando desta maneira no tempo sagrado da mesma forma que um templo ou igreja causa uma divisão no espaço profano. Escreve Eliade (1992, p. 39):

Para o homem religioso [...] a duração temporal profana pode ser “parada” periodicamente pela inserção, por meio dos ritos, de um tempo sagrado, não histórico (no sentido que não pertence ao presente histórico). Tal como uma igreja constitui uma rotura de nível no espaço profano de uma cidade moderna, o serviço religioso que se realiza no seu interior marca uma rotura na duração temporal profana: já não é o tempo histórico atual que é presente – o tempo que é vivido, por exemplo, nas ruas vizinhas -, mas o tempo em que se desenrolou a existência histórica de Jesus Cristo, o tempo santificado por sua pregação, por sua paixão, por sua morte e ressurreição.

Com isso, o plano existencial de atuação do homem religioso mostra-se diferente do plano existencial do homem profano. Mesmo que esse, como o próprio Eliade (1992, p. 39) afirma, que “também conhece uma certa descontinuidade e heterogeneidade do tempo”, ao sentir uma diferenciação no tempo ao trabalhar e ao se divertir. Mas, esse tempo continua existindo no tempo histórico da sua própria existência como intrínseca. No caso do homem religioso o sagrado causa uma quebra nessa linha temporal. Pois, a origem desse sagrado não está cronologicamente ligada a algo que imediatamente o precede, mas a uma origem primordial, santificado pelos deuses. O plano midiático de atuação das igrejas, não apenas proporciona esse deslocamento no tempo imediato, mas também uma descontinuidade ao ritualizar, no caso do cristianismo, um evento “sagrado” criando por assim dizer um espaço midiático “sagrado” naquele momento vivido e experienciado pelo devoto.

Os *mass media*, além de proporcionar essa flexibilidade móvel da Igreja em um plano midiático, podem modificar até o comportamento de seus telespectadores e ouvintes, como se observará nas perspectivas teóricas de Marshall McLuhan (2007), e, também, podemos verificar, com a introdução da Igreja em práticas tidas como seculares, como na atuação em empresas de comunicação de massa: televisão, rádio, internet e práticas de mercado como o

*marketing*². As igrejas entram no mercado de competição, competindo não apenas entre elas mesmas, mas também com empresas seculares tidas como estritamente comerciais, na briga pelo arrebate não apenas de fiéis, mas de telespectadores, ouvintes e internautas para vender os seus produtos religiosos e sua fé. Este é o campo religioso moderno em que está inserida a prática do cristianismo atual.

O cristianismo que verificamos na atual modernidade, especialmente o católico, vive um fenômeno que Peter Ludwig Berger (1995) chamou de “situação pluralista”. É ao mesmo tempo uma situação liberal e de racionalização da fé. O catolicismo não pode mais contar com suas práticas hegemônicas dos velhos tempos em que reinava soberano. Na atual modernidade, ela se vê obrigada a entrar na competição por fiéis, lado a lado com outras denominações cristãs. “Agora, os grupos religiosos têm de se organizar de forma a conquistar uma população de consumidores em competição com outros que têm o mesmo propósito”. (BERGER, 1995, p. 150).

Nessa situação pluralista, a Igreja Católica teve que rever seus conceitos. Velhas posições e decisões tomadas tiveram que ser reavaliadas pela necessidade e exigência da atualidade. Como por exemplo, o caso do Padre Cícero do Juazeiro. Antes, repreendido e proibido de celebrar suas atividades sacerdotais, no momento corre-se para legitimar aquilo que o povo já consagrou, ou seja, a sua “santidade”. O idealizador do Memorial Frei Damião, monsenhor Nicodemos, falou em entrevista ao autor desta dissertação que foi enviada uma carta ao papa assinada por todos os bispos do Brasil pedindo o perdão ao Padre Cícero e a reabertura do processo de beatificação. Ele diz ainda:

E se naquele tempo do padre Cícero, o bispo do Juazeiro era o grande opositor de padre Cícero, hoje o bispo do Juazeiro diz assim “Eu sou o romeiro número um de padre Cícero”. E o bispo de Juazeiro, ele tá passando por problema de saúde, enfrentando um câncer, e ele disse “Quem vai curar meu câncer, quem vai me dar minha saúde, é minha fé que tenho em padre Cícero” (Informação verbal)³.

Podemos observar que dentro da Igreja Católica posturas estão sendo revistas para aproximar o povo da Igreja e/ou aproveitar essa fé popular que antes era vista como “impura” e ilegítima, e, na atualidade, já pode ser avaliada, estudada e aceita pela própria Igreja Católica como um catolicismo popular. Catolicismo popular esse que possui uma força, que se manifesta na multidão de romeiros, pagadores de promessas e peregrinos. Esforços

² Um importante trabalho sobre mercado e *marketing* religioso está no livro *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*, de Leonildo Silveira Campos – Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Simpósio Editora e Universidade Metodista de São Paulo, 1997.

³ Monsenhor Nicodemos, Alagoa Grande, agosto de 2011.

realizados pela Igreja ao tomar medidas para se aproximar cada vez mais da população e para abrir-se ao diálogo inter-religioso deflagrado, em certa medida, nos documentos do Concílio Vaticano II (1962-1965).

A Igreja em certa medida reconhece o valor do fenômeno conhecido como catolicismo popular, que elege santos e produz devotos em grandes quantidades. Padre Cícero e Frei Damião são exemplos de tal fenômeno desse catolicismo. Cícero e Damião, por enquanto, mesmo não sendo reconhecidos pela Igreja como “santos”, são cultuados, e, de certa forma, adorados. O próprio povo os santificou e impulsionou seus cultos. E nesse compósito de fé popular em santos, “independentemente da santificação oficial, a veneração popular cria inúmeros santos” (OLIVEIRA, 2004, p. 57). Se não são santos reconhecidos pela Igreja, não possuem igreja com seu nome, mas sempre há uma capela de um (a) santo (a) próxima de seu memorial ou monumento.

Iniciamos esta introdução falando sobre o nosso objeto de estudo e, de forma geral, falando também do universo religioso em que está inserido. Ou seja, iniciamos com o palco religioso em que está montado o Santuário de Frei Damião, para só depois prosseguirmos com os pormenores da elaboração da nossa dissertação, tendo como objetivo o melhor entendimento do leitor. Agora falaremos nesta parte introdutória sobre a dissertação, sua estrutura, organização e método de pesquisa e seus objetivos e motivações, além de seus fundamentos teóricos.

Bastidores da pesquisa: organização e método da pesquisa

O trabalho teve por objetivo investigar o Santuário de Frei Damião, analisando-o a partir dos elementos históricos, simbólicos, motivacionais e valorativos das tradições religiosas, culturais e rurais, e sua vocação como centro religioso, contextualizando as problemáticas da modernidade contemporânea.

A pesquisa foi motivada pela seguinte questão: Em que medida as práticas religiosas e culturais do povo rural e a relação com a modernidade contemporânea contribuíram para a construção do então Santuário de Frei Damião?

Como pressuposto para esta questão, levou-se inicialmente em consideração o *modus operandi* da cultura e do catolicismo popular do meio rural paraibano e a identificação com a religiosidade praticada e pregada por Frei Damião para esse povo. Em um segundo momento, foi considerada a relação dos valores tradicionais desse mesmo catolicismo popular frente à modernidade atual, com seus valores tecnológicos midiáticos, neoliberais e capitalistas.

Cenário em que a Igreja atual também participa, utilizando-se de empresas de comunicação e da sistemática do turismo religioso. Um terceiro momento, relacionado à problemática anterior, é a questão do campo religioso como este se apresenta hodiernamente inserido no palco capitalista/neoliberal e midiático, e a influência que este palco exerce sobre a Igreja cristã, configurando e reconfigurando este mesmo campo na tensão entre secular/mundano/profano e religioso/santificado/sagrado.

No que diz respeito à ciência e aos métodos científicos empregados para se investigar a religião, estamos de acordo com Luís Henrique Dreher (2008, p. 155) quando diz: “A marca do estudioso da religião é, em primeiro lugar, isso: o fato de que lida com um objeto de estudo extremamente complexo, que exige uma formação multifacetada e que resiste a simplificações”. E além da complexidade do objeto, ainda tem a problemática das disciplinas de cunho não empírico que estariam fora da ciência da religião como a teologia e a filosofia. Giovanni Filoramo e Carlo Prandi argumentam que o identificador do:

[...] campo das CR é sua base empírica; o que caracteriza são os juízos de fato, fundados nos limites do possível e na neutralidade do observador. Ora, tanto a teologia quanto a filosofia da religião colocam-se, por sua própria natureza, fora desses muros. Com isso, claro, não queremos dizer que seus métodos e estudo não possam se ater a critérios especiais de cientificidade. O fato diferenciador é que esses métodos trabalham [...] à base de um conceito de religião não empírico, fruto de revelação (teologia) ou colocado de modo axiológico (filosofia). Isso não impede que as relações com esses diferentes campos disciplinares possam ser reciprocamente fecundos.

Com esse argumento os autores colocam a importância da base empírica da Ciência da Religião. Mas também assentam a importância de estudos que têm por base as revelações religiosas e axiológicas para lidar com objeto tão complexo, desde que essas disciplinas tenham um cunho sobre a realidade concreta, histórica, social, econômica e cultural. O que de certa forma evidencia o seu caráter plural como disciplina integral de subdisciplinas, como por exemplo, a história da religião, a sociologia da religião, a antropologia da religião, a psicologia da religião, a geografia da religião, a estética da religião, a fenomenologia descritiva da religião⁴.

Contudo, alguns autores defendem a distinção da ciência da religião da teologia, por esta ser de cunho confessional, apesar de ampla maioria dos departamentos de Ciência da Religião atuais estar em instituições superiores confessionais. A(s) Ciência(s) da Religião em sua formação e afirmação como disciplina e área de estudos científicos, que estão ainda em

⁴ Veja as obras: USARSKI, Frank (Org.). **O espectro disciplinar da Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2007; FILORAMO, Giovanni & PRANDI, Carlo. **As ciências das religiões**. São Paulo: Paulus, 1999.

processo de distinção identitária, tiveram como base inicial motivações teológicas, como bem explica Camurça (2008, p. 42):

[...] há que se registrar a influência/interferência da teologia como uma *sombra* a pairar na estruturação dos programas de Ciência(s) da Religião, pois foi a partir dela que se originaram – de forma direta ou indireta – as ciências da religião no mundo e no Brasil. Isto é demonstrado pelo fato de estarem nossos Programas de Ciência(s) da Religião, em sua ampla maioria, em instituições de ensino superior *confessionais*.

Nesse contexto, podemos verificar que a forma de se estudar as religiões, e em especial o cristianismo, em sua maioria ainda está associada a ideias e concepções teológicas. Contudo, há diferenças bastante distintas entre o teólogo e o cientista da religião. Quem contribui para entendermos melhor essas distinções é Hans-Jürgen Greschat (2005, p. 155). Ele diz:

Os teólogos são especialistas religiosos. Os cientistas da religião são especialistas da religião. [...] A tarefa do teólogo é proteger e enriquecer sua tradição religiosa. É sua religião que está no centro do seu interesse. [...] Os cientistas da religião não prestam um serviço institucional como os teólogos. [...] Quando os teólogos estudam uma religião alheia, partem da própria fé. Ao investigarem como os outros concebem seu deus, crença ou pecado, tomam a própria religião como referência.

As palavras de Greschat serviram para esta pesquisa como um paradigma acadêmico que igualmente serve de modelo para todo pesquisador e cientista da religião. Também é de suma importância a exposição do perfil metodológico utilizado na pesquisa para que o leitor se aproprie já de início dos caminhos percorridos no estudo científico realizado.

Trabalhou-se com conceitos-chaves que de acordo com John Middleton⁵ (1967 *apud* SCHIMIDT, 2007, p. 78), “[...] as pessoas expressam suas crenças de diversas maneiras através de mitos, lendas, narrativas folclóricas, noções de tempo e espaço. Também expressam por suas ações, por sacrifício, orações e correlatos”. Todos esses elementos, citados por Middleton, podemos encontrar no catolicismo rural e no próprio Santuário de Frei Damião. Tais elementos são mais bem analisados sob as lentes da antropologia da religião. É na escola da antropologia da religião que está fundamentada esta pesquisa, pois privilegia os “fenômenos culturais”, “os comportamentos, as técnicas, as linguagens, os símbolos” (PRANDI; FILORAMO, 1999, p. 209-210).

Utilizei as contribuições de autores como Bronislaw Malinowski (1970; 1984) e Luis da Câmara Cascudo (2004), como linha de pensamento e embasamento teórico para a

⁵ MIDDLETON, John. Introduction. In: MIDDLETON, J. **Ed. Myth and cosmos: readings in mythology and symbolism**, Garden City: NY, The Natural History Press, 1967. p. 9.

pesquisa no âmbito do método antropológico e etnográfico visando ao estudo da cultura e da civilização.

Entendendo as práticas religiosas, especialmente as do mundo católico, quando o devoto através de orações, rezas, penitências e promessas busca alcançar uma graça como a cura de uma doença, a aquisição de um bem qualquer, está de certa forma, através do ato de custo, buscando “recompensas”. “Se as recompensas e os custos não fossem complementares, não poderia haver ação humana alguma, [...]” (STARK, 2008, p. 38). Nessa consideração, utilizo as teorias de Rodney Stark sobre a ação humana, seus axiomas, definições e proposições como importantes elementos de embasamento teórico sobre “as recompensas e custos” no sistema de crenças analisado neste estudo do Santuário de Frei Damião em Guarabira.

No que diz respeito ao estudo da modernidade busquei em Anthony Guiddens (1991) e Zygmunt Bauman (2001) os conceitos e distinções teóricas fundamentais sobre o assunto. Destarte, no estudo de uma realidade contemporânea moderna em que está inserido o Brasil em nível de America Latina, utilizei Nestor Garcia Canclini (2010), que faz um importante estudo das problemáticas do hibridismo cultural na referida América, que se diferencia das culturas europeias no mundo moderno. No campo do turismo religioso, para estudar o contexto do fenômeno que envolve o Santuário de Frei Damião, encontrei em autores como José V. de Andrade (2004), John Urry (2001) e Edin Sued Abumanssur (2003) significativas contribuições conceituais.

No que diz respeito ao âmbito da história das religiões, encontramos o catolicismo em seus aspectos tradicionais e culturais, e também o turismo religioso como parte da história das religiões. Categorias enquadradas, conforme dividiu Klaus Hock (2010) em seu livro *Introdução a Ciência da Religião*, na dimensão “específica”, ou *História da Religião Específica*, classificação considerada nesta pesquisa.

Sobre a análise do ícone Frei Damião, o fenômeno de fé e santidade que se criou em torno de sua pessoa, utilizaram-se importantes embasamentos teóricos advindos de Mircea Eliade (2010) e Joseph Campbell (1990). Esses autores tanto contribuem nos estudos dos mitos e dos ritos, características encontradas no personagem e no Santuário de Frei Damião, como contribuem na estruturação argumentativa da nossa metodologia, especialmente no capítulo três.

Ainda na parte organizacional da presente dissertação, utilizamos imagens fotográficas, não apenas como complemento de ilustração ou ratificação das ideias e realidades aqui mostradas, parte significativa do objeto de nosso estudo, mas acreditando que

a fotografia é, de acordo com José de Souza Martins (2009), “[...] constitutiva da realidade contemporânea e, nesse sentido, é, de certo modo, objeto e também sujeito” (MARTINS, 2009, p. 23). Oferecendo ao leitor uma ferramenta adicional de linguagem para melhor compreensão do nosso estudo, tendo em vista que a fotografia em si mesma é um objeto importante para o campo de estudo da sociologia visual. Ao mesmo tempo se torna para o antropólogo da religião uma ferramenta de grande valor corroborativo e de análise para sua pesquisa. Aqui utilizei a imagem nesse sentido de corroboração e linguagem tendo em vista a melhor compreensão e apreensão do conteúdo proposto.

Modos de fazer: métodos complementares e processo de investigação

Para se analisar os valores representativos das motivações da construção do Santuário de Frei Damião, cujos elementos são compostos de símbolos da fé, da tradição, do turismo, das romarias e peregrinações, da busca pelo sustento através do comércio de artefatos religiosos, foi adotada a pesquisa de campo, com o intuito de recolher material que compôs o estudo etnográfico. O trabalho de pesquisa etnográfico ajudou a compor o nosso material de análise das crenças, das tradições católicas no santuário, bem como ajudou, através da visão dos devotos e eclesiásticos, a compreender Frei Damião em seus aspectos do homem, do santo, do mito, do ícone e do ídolo. A observação desse mito vivo, dessa experiência do mito é de vital importância para uma pesquisa etnográfica. Como afirma Malinowski (1984, p. 104):

Estudado vivo, o mito, como teremos ocasião de ver, não é simbólico, mas uma expressão directa do seu conteúdo; não uma explicação para satisfação de um interesse científico, mas uma ressurreição narrativa de uma realidade primitiva, contada em sede de profundas necessidades religiosas, vontades morais, submissões sociais, direitos e mesmos requisitos práticos. [...] O mito desempenha uma função indispensável na cultura primitiva: exprime, enaltece e codifica a crença; salvaguarda e impõe a moralidade; comprova a eficácia do ritual e contém normas práticas para orientação do homem. O mito é, assim, é um ingrediente vital da civilização humana; não é um conto inútil, mas uma força activa laboriosa; não é uma explicação intelectual ou uma imagem artística, mas um estatuto pragmático da fé e da moral primitivas.

Devido à importância de buscar entender os atos rituais, morais e da vivência religiosa *in loco* no Santuário Frei Damião, é que se fez necessária a pesquisa de campo do tipo etnográfico. A pesquisa etnográfica revelou-se para este estudo o lado mais visceral e humano da experiência religiosa e demais práticas em seu contexto, de forma a deflagrar através da proximidade e da intimidade com pessoas e grupos uma autenticidade dificilmente alcançada

por outro método de pesquisa que não seja etnográfica. Com isso, esta dissertação está alicerçada sobre as bases antropológicas e etnográficas de pesquisa.

Adotamos a realização de pesquisa qualitativa, por ser a mais adequada ao objeto de estudo. A pesquisa quantitativa normalmente se mostra apropriada quando existe a possibilidade de medidas quantificáveis de variáveis e inferências a partir de amostras de uma população. Esse tipo de pesquisa usa medidas numéricas para testar construções científicas e hipóteses, ou busca padrões numéricos relacionados a conceitos cotidianos, que não são condizentes com o que propomos aqui na nossa investigação. Em contrapartida, a pesquisa qualitativa se caracteriza, principalmente, pela ausência de medidas numéricas e análises estatísticas, examinando aspectos mais profundos e subjetivos do tema em estudo.

Reforçando o nosso argumento da viabilidade da pesquisa qualitativa, respaldamo-nos em Mirian Goldenberg (2002, p. 50) quando diz:

A quantidade é, então, substituída pela intensidade, pela imersão profunda- através da observação participante por um período longo de tempo, das entrevistas em profundidade, da análise de diferentes fontes que podem ser cruzadas - que atingem níveis de compreensão que não podem ser alcançados através de uma pesquisa quantitativa.

A qualificação da pesquisa será medida pela eficácia não de números, mas, como diz Goldenberg, pela “imersão profunda através da observação participante”, por um período considerável, pela qualidade das entrevistas, pelas diferentes fontes consultadas, tanto empiricamente pelas entrevistas realizadas em campo, como pela fundamentação bibliográfica, como já foi explanado acima. Mas, como se processou a coleta de dados?

Em busca da qualidade: coleta de dados qualitativos

Uma boa parte dos dados da pesquisa foi recolhida no próprio Santuário de Frei Damião, de forma direta e participativa. A observação participativa é de vital importância para o pesquisador, como diz Malinowski (1984): “estudar o mito ao vivo”, em sua ação e sentir a sua expressão de forma “ativa” e “direta do seu conteúdo”.

Para a coleta de informações referentes aos tipos de frequentadores, visitantes e responsáveis no Santuário de Frei Damião, foi necessário, além da observação participativa, lançar mão da técnica da entrevista *in loco*. Foram entrevistados o reitor do Memorial Frei Damião, o idealizador do Memorial Frei Damião, o secretário de turismo de Guarabira, romeiros e comerciantes. Personagens escolhidos de forma a contribuir com os elementos

estudados e que compõem o Santuário de Frei Damião como o lugar de turismo, de exercício do catolicismo popular, de adoração a Frei Damião; sujeitos colaboradores na construção do monumento, incentivadores do comércio e da devoção, explicitados no quadro a seguir.

Mons. Nicodemos	Mentor, idealizador do santuário
Pe. Gaspar Rafael	Reitor do Santuário de Frei Damião
Léa Toscano	Dep. Estadual e ex-prefeita de Guarabira
Paulo Costa	Secretário de Turismo e Cultura de Guarabira
Alexandre Azedo	Arquiteto do Santuário de Frei Damião
Comerciantes	Santuário de Frei Damião
Romeiros e visitantes	Santuário de Frei Damião

Quadro 1: Quadro sinóptico do perfil dos entrevistados

Fonte: Pesquisa de campo, 2010/2011/2012.

As entrevistas foram norteadas através de roteiros personalizados⁶ para cada um dos entrevistados, exceto romeiros e comerciantes que tiveram roteiros padronizados, contendo em cada um desses roteiros perguntas referentes ao objeto de estudo e no caso dos romeiros em especial ao seu objeto de devoção, Frei Damião. Contudo, introduzimos de forma estratégica perguntas de interesse de cada capítulo estudado, fazendo com que a entrevista seja uma fonte de uso dinâmico para o nosso estudo, especialmente para o terceiro capítulo que tratará sobre o santuário de forma mais enfática.

Na pesquisa foram utilizados instrumentos imprescindíveis para sua eficácia. Equipamentos eletrônicos como *notebook*, máquina fotográfica digital e gravador de áudio digital, blocos de anotações e filmadora digital. Além desses equipamentos, foi preciso realizar várias viagens ao santuário. Apesar de a pesquisa ser configurada e formalizada por assim dizer em 2010, início do meu mestrado em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o interesse pelo Santuário de Frei Damião teve início em maio de 2005 na disciplina de Teoria e Metodologia em Comunicação (TMPC), na minha graduação em Comunicação Social com habilitação em Rádio e TV na UFPB. Foi nesse momento que realizei as primeiras visitas ao Santuário de Frei Damião com registros de imagens e de entrevistas no local. No ano de 2006 foram feitos outros registros de imagens e entrevistas no local. No ano de 2010, 2011 e 2012, na pesquisa para a dissertação de mestrado, contou-se com um total de dez visitas, sendo seis delas referentes à observação participativa e as outras destinadas a recolher material de entrevistas, imagens e artefatos religiosos comercializados no santuário.

⁶ Ver apêndices. As entrevistas estão na íntegra.

Estrutura da dissertação

Na introdução, como se pode verificar, delineamos os assuntos, as questões e o universo estudado. Esboçamos em subitens o método científico empregado e todo o processo adotado na pesquisa etnográfica que foi realizada no Santuário de Frei Damião. No capítulo 1, com o intuito de construir e alicerçar o ambiente de estudo da pesquisa partindo de um palco macrosocial aonde se insere o Santuário de Frei Damião, são abordadas as questões da fé cristã na modernidade com as problemáticas que a Igreja enfrenta na contemporaneidade, levando em consideração dois importantes elementos que fazem parte da Igreja moderna: os *mass media* e o fenômeno turístico religioso. No capítulo 2, com o desígnio de entender a formação e as motivações da construção e edificação do, então, Santuário de Frei Damião, que servirão de suporte para o capítulo posterior, apresentamos um estudo do próprio personagem “íconografado” no santuário: Frei Damião. São estudadas suas várias facetas que vão do homem ao ídolo. Ainda nesse mesmo capítulo, inserimos um estudo sobre o formato da fé praticada pelos católicos do meio rural, suas concepções, visões e os meios utilizados pela população para comunicar sua fé e suas concepções de mundo. No capítulo 3, apresentamos um estudo do santuário propriamente dito, sua vocação como centro religioso, levando em consideração o ambiente em que está inserido em meio rural do Brejo Paraibano, sua cultura local, suas festividades, seus ritmos e rituais. E por último, inserem-se as considerações finais com o fechamento do estudo dissertativo.

Com o intuito de conduzir o leitor aos caminhos da pesquisa realizada e contribuindo para a melhor absorção e entendimento dos capítulos posteriores, os tópicos precedentes tiveram este objetivo, ou seja, preparar o terreno para iniciarmos o estudo propriamente dito com o capítulo que se segue, a começar com o estudo do cristianismo e da sua configuração no mundo moderno; tal capítulo servirá para contextualizar o universo católico em que se insere o Santuário de Frei Damião.



Figura 8: Devotos aos pés da Estátua de Frei Damião.
Fonte: Arquivo do autor, dezembro de 2006.

A FÉ CRISTÃ MODERNA: IGREJA, MASS MEDIA E TURISMO

*O mundo verdadeiro é inalcançável por ora, mas é prometido ao sábio, ao piedoso, ao virtuoso (“ao pecador que faz penitência”).
(Progresso da ideia: ela se torna mais refinada, mais capciosa, mais inapreensível – torna-se mulher, torna-se cristã...)
[...] Eliminamos o mundo verdadeiro: que mundo restou? O aparente, talvez?... Mas não! Ao **eliminar o mundo verdadeiro, também eliminamos o aparente!**[...]*

Friedrich Nietzsche. Crepúsculo dos Ídolos, 2010, 2, 6. p. 40-41.

1 A FÉ CRISTÃ MODERNA: IGREJA, MASS MEDIA E TURISMO

O cristianismo como o enxergamos na atualidade é uma construção histórica que se desenvolveu, influenciou e sofreu influências no decurso de sua existência. Em uma visão histórica dessa realidade cristã, Eduardo Hoornaert (1995, p. 21) diz: “Proponho então que se entenda por cristianismo uma realidade histórica, formada por um processo histórico específico”. A proposta de Hoornaert, de ver o cristianismo como uma realidade e um processo histórico, também é uma proposta para enxergarmos o cristianismo não cingido com conotações teológicas e catequéticas. Também isso funciona para reforçar nossas bases conceituais e argumentativas, de modo a colocar o leitor, nesta parte de nosso estudo, na realização de um estudo histórico e não doutrinário da religião cristã. Claro que estamos emergindo ainda desse modo de se estudar o cristianismo, e essa é também a proposta de fazer ciência tendo a religião como objeto de estudo, especialmente quando se trata do estudo do cristianismo com bases e métodos científicos.

Por que especialmente o cristianismo? Primeiro, porque este estudo trata de um centro religioso cristão católico: o Santuário de Frei Damião. Segundo, porque a nossa sociedade do litoral ao interior está construída sobre as bases do cristianismo, sobretudo o católico, desde seus primórdios pré-coloniais, quando se entende que foi o catolicismo da sociedade portuguesa que logrou tal herança ao Brasil. Herança essa, formadora de um Brasil como o presenciamos, um país firmado em princípios de vida colonial, que fundamenta a formação de seus grupos sociais a partir da posse da terra, contextualizada por questões étnico-raciais e com a pluralidade de aspectos culturais, sincréticos e religiosos. É na história do cristianismo católico que buscamos nossas perspectivas e aparatos teóricos de embasamento, como por exemplo, o entendimento do formato do cristianismo que se apresenta na atualidade.

Na perspectiva histórica do cristianismo, Hoornaert escreve: “O período que vai da morte de Jesus até a destruição do templo de Jerusalém, em 70, não pode ser qualificado de cristão. [...] trata-se de um período em que os seguidores de Jesus seguem a Torá, ou seja, a

religião judaica, vivem imersos no mundo cultural judeu, [...] O cristianismo como tal ainda não existe”. (HOORNAERT, 1995, p. 22).

Hoornaert também se refere a conceitos como cristianização e “mediterraneização”. Ele explica que o termo cristianização não deve ser entendido como um processo da ação de missionários partindo do mundo cristão para catequizar os não cristãos, mas sim, pelo processo de o movimento de Jesus ter formado uma nova religião distinta da Torá. Processo esse cronologicamente ocorrido entre os anos 50 e 150-200. A cristianização segundo o mesmo autor formou a imagem de Jesus que adquiriu traços distintos do Jesus original judaico. O termo empregado “mediterraneização” é devido a que tal processo ocorreu em torno do mar Mediterrâneo (HOORNAERT, 1995). Hoornaert escreve que o cristianismo, sendo um fenômeno histórico, está sujeito aos processos previsíveis e imprevisíveis da história. Esse cristianismo histórico deve ser entendido como um dos “desdobramentos oriundos da experiência de Jesus e dos apóstolos, não a única forma de seguir Jesus” (2005, p. 24). Após o processo de cristianização, este deu lugar ao processo de ocidentalização, que está intimamente ligada ao cristianismo e sua expansão no Ocidente.

Essa ocidentalização ocorreu no Brasil através do catolicismo português, que como em toda a Europa era um catolicismo impregnado de paganismo (SOUZA, 1986). Mais à frente, em momento apropriado, fala-se de forma mais aprofundada sobre esse formato de catolicismo praticado na Europa e que herdamos.

O Brasil se formou sobre a égide desse catolicismo, e hodiernamente presenciamos um catolicismo diversificado, ou, como diz Faustino Teixeira (2009, p. 19-20): “São malhas diversificadas de um catolicismo, ou poder-se-ia mesmo falar em catolicismos”. Há muito tempo, no Ocidente, ser cristão era sinônimo de ser católico. Mas, o advento do protestantismo deu um novo “solavanco” nas estruturas ocidentais de ser cristão, formando algumas denominações um perfil interessante para o desenvolvimento do capitalismo. Contudo, historicamente falando, isso não quer dizer que o protestantismo, originalmente, possuía convicções e ambições de progresso material como ideal de vida. Esse processo, que Weber (2004) chama de “espírito capitalista”, ocorre de maneira estruturada na história e de forma mais proeminente culminando no neopentecostalismo. É o conhecido processo histórico cristão do qual já falamos em linhas anteriores, em que este é moldado e ressignificado de forma bastante diferente da sua forma original. Sendo o cristianismo um fenômeno histórico está sujeito, como já afirmou Hoornaert (1995), às previsões e, sobretudo, às imprevisões da história. Os reformadores protestantes, explicitamente, não possuíam ideais

de ambições materiais. Os seus ideais eram basicamente salvacionistas e religiosos. Podemos verificar em Weber (2004, p. 81) quando diz:

E fique registrado de uma vez por todas e antes de mais nada: programas de reforma ética não foram jamais o ponto de vista central para nenhum dos reformadores – entre os quais devemos incluir em nossa consideração homens como Menno, George Fox, Wesley. Eles não foram fundadores de sociedades de “cultura ética” nem representantes de anseio humanitários por reformas sociais ou de ideais culturais. A salvação da alma, e somente ela, foi o eixo de sua vida e ação.

Assim ocorreram mudanças significativas no protestantismo e também no catolicismo, com respeito às estruturas ideológicas e práticas de fé. Tais transformações afetam a forma de se fazer religião e o significado de ser religioso em uma sociedade capitalista, neoliberal e, sobretudo, tecnológica, ou seja, moderna. E o que é essa “modernidade” à qual nos referimos aqui? Esse termo é um termo que envolve complicações conceituais que é necessário explicar como ele é empregado aqui e como esse conceito se aplica a nosso estudo.

1.1 Pré-modernidade, modernidade e pós-modernidade?

Quando a palavra modernidade é pronunciada ou vista, tem-se praticamente uma ideia de contemporaneidade, levando-nos a pensar em algo não antigo, versátil e dinâmico. Principalmente, se essa dimensão do termo, quando entendida na linguagem popular corrente, for confrontada com o seu oposto, de maneira contrastante e em nível de personalidade; como por exemplo, quando se diz que uma pessoa é moderna, é geralmente uma pessoa que não é antiquada, mas atual, de “mente aberta” para aceitar novas concepções. Mas quando o termo é associado a tempo e espaço, o termo é entendido como escreve Guiddens (1991, p. 11):

[...] estilo, costume de vida ou organização social que emergiram da Europa no século XVII e que mais ou menos se tornaram mundiais em sua influência. [...] No final do século XX, muita gente argumenta que estamos no limiar de uma nova era, a qual as ciências sociais devem responder e que está nos levando para além da própria modernidade.

O termo é bastante complexo e controverso, porque, como diz Guiddens, envolve questões filosóficas e epistemológicas, cunhadas desde a popularização do termo por Jean-François Lyotard. De acordo com Guiddens, para entender essa desorientação que produz uma sensação, que muitos de nós temos de incompreensão do universo de eventos sociais, e que foge do nosso controle, não basta criar termos como pós-modernidade. Ele fala que a modernidade não foi suficientemente abrangida pelas ciências sociais. “Em vez de estarmos

entrando em um período de pós-modernidade, estamos alcançando um período em que as consequências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes” (GUIDDENS, 1991, p. 12-13). Guiddens propõe uma concepção de “descontinuidade social”, que seria uma característica marcante da modernidade. Apesar de haver descontinuidades em várias fases do desenvolvimento histórico, as descontinuidades observadas no período moderno, segundo o autor,

[...] nos desvencilham de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não têm precedentes. Tanto em sua extensionalidade quando em sua intencionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudança característicos dos períodos precedentes (GUIDDENS, 1991, p. 14).

O autor fala de outra característica marcante da modernidade: a rapidez. A capacidade de mudança acontece em uma rapidez extrema, se comparado a sistemas anteriores pré-modernos. Essa rapidez não é causada apenas, como pode parecer óbvio, pelas tecnologias, porque é inerente a outras esferas sociais. Isso quer dizer que anteriormente os sistemas sociais tinham como principal elemento o tradicional, elemento este que é contrastante com a ideia de modernidade. A tradição não é inteiramente estática, pois através da herança de culturas precedentes ela está sempre se reinventando. Ou, segundo Eric Hobsbawm (2008), muitas vezes, sendo inventadas com o intuito de inocular valores, regras e normas de conduta. Quando a nova geração assume tal herança ela acrescenta novos elementos e, com isso, a transforma dando-lhe características próprias. Para Guiddens, mesmo a tradição, ao aparecer como algo que seja contrário ao moderno, ela pode ter sua importância em sociedades modernizadas. Mas, não no sentido de integração como se fosse algo inerente à modernidade, como explica Guiddens (1991, p. 45):

Combinado com a inércia do hábito [...] a tradição continua a desempenhar um papel. Mas esse papel é muito menos significativo do que supõem os autores que enfocam a atenção na integração da tradição com a modernidade no mundo contemporâneo. Pois a tradição justificada é tradição falsificada e recebe sua identidade apenas da reflexividade do moderno.

Nesse entendimento, os moldes tradicionais aparecem como função social e “as práticas sociais são rotineiramente alteradas à luz de descobertas sucessivas que passam a informá-las” (GUIDDENS, 1991, p. 45). Informações essas processadas por reflexões que criam identidades e conceitos. Guiddens toca em outra característica da modernidade que é a reflexividade. A reflexividade pode ser entendida como a ação de sempre reformular e

examinar as práticas sociais de forma indiscriminada, de forma a sempre serem alteradas por essas reflexões reformulantes, alterando assim o seu caráter. Vivemos em uma era em que a maior parte é constituída pelo conhecimento reflexivamente aplicado e ao mesmo tempo esse conhecimento aplicado não gera certeza de sua infalibilidade, porque pode ser revisado por outro processo de reflexão.

É com esse entendimento de modernidade que se trabalhou nesta dissertação. Uma modernidade com todas as características que anunciamos acima, que, além de serem elásticas, flexíveis e imprevisíveis, somam-se a estas os ritmos aceleradores das tecnologias de comunicação de massa.

1.2 As problemáticas da essência e dos ideais cristãos na modernidade

Numa modernidade onde as práticas religiosas e mercadológicas se confundem, ou, não são muito claras em sua definição e finalidades, seria essa prática cristã moderna um existencialismo sartreano com uma máscara cristã? Será que nesses tempos de tecnologias modernas de comunicação de massa o que se pode perceber é uma “existência precedendo a essência”? (SARTRE, 2010, p. 25). A essência estaria, nesse caso, muito distante da existência do humano “cristão”, em que suas práticas e criações, invenções, conceitos, doutrinas e instituições se sobreporiam à ideia original do “ser cristão”. Sobre essa essência do ser cristão encontrada na sua forma original no movimento de Jesus e as mudanças decorrentes que distanciaram os seus seguidores dessa forma original, é do que se refere Hoornaert (1995, p. 25) nesta passagem:

O movimento de Jesus, na sua forma original, não tinha condições de se tornar um movimento de muita gente. Era de uma exigência ética muito alta. [...]..., nos primeiros trezentos anos de sua existência o cristianismo passou pelo teste de sua viabilidade como movimento histórico capaz de congregar ulteriormente imensas populações no seu grêmio. Mas isso lhe custou caro: foi preciso abandonar o radicalismo original em relação à pobreza. Daí uma intensa contestação interna. Esse conflito entre acomodações e reações forma, por assim dizer, a trama da história do cristianismo, ou melhor, da dialética entre o cristianismo real e a inspiração evangélica original.

Destarte, esse conflito histórico entre o cristianismo real e a inspiração original ao qual refere-se Hoornaert continua a se processar com força total em tempos tecnológicos e midiáticos de mercado intenso capitalista, numa relação dinâmica de intensas trocas entre o indivíduo/homem/cristão e instituição/igreja/meio. Ou seja, o homem assume-se produto do meio em que vive. Esse meio, por sua vez, é um produto dele, porém, o produto que ele

confeccionou o influencia e o molda e/ou o reconstrói: “o homem como produto do meio”, que podemos redefinir dizendo que o “homem é um produto dos meios”, das mídias, dos meios de comunicação. Essa condição pode-se verificar mais adiante, quando McLuhan (2007) chama de “o meio é a mensagem”.

No atual cristianismo que presenciamos é adequado se falar na importância das tecnologias de comunicação de massa, e da inserção da Igreja no jogo capitalista das mídias. Os *mass media* estão presentes na atual configuração do mundo moderno na vida religiosa das pessoas, e nas igrejas, tanto que termos como “igrejas eletrônicas”, “telerreligiosos”, “igrejas midiáticas” ou “cristianismo midiático”, termos estes não apenas se tornaram comuns no vocabulário de especialistas e estudiosos do fenômeno cristão moderno, mas da própria experiência cotidiana da população que o denuncia de forma flagrante e explícita.

O mundo cristão moderno na atualidade estaria vivendo um “cristianismo pop”. Padres cantores extremamente populares, a música *gospel* nunca esteve tão em alta e a midiatização e o *marketing*⁷ nunca foi tão usado pelo elemento religioso como agora. Midiatização da sociedade, sobretudo as igrejas cristãs estão cada vez mais midiatizadas e consolidadas como instituições religiosas comerciais, adquirindo mais um caráter de empresa do que de igreja. Tais “instituições religiosas empresariais” atuam no mercado capitalista de competição selvagem, pretendendo cada uma delas vender o seu produto: “a fé”; com o objetivo de arrebatar o maior número de consumidores que, neste caso, tal segmento é composto por devotos ou seguidores religiosos. E qual será o significado desse novo campo religioso e espaço sagrado? Onde se processa essa instituição religiosa transformada e midiatizada, influenciada pelos conceitos de ser moderno e tecnológico?

1.3 A significação e ressignificação do campo religioso e do espaço sagrado

O que é um espaço sagrado? O espaço sagrado de ontem é o mesmo de hoje? Será um lugar com seus limites estabelecidos e definidos como uma mesquita, uma igreja, um templo qualquer ou um lugar sacralizado pelos fiéis devido a algum evento hierofânico⁸, mas, sempre com seus limites, que distingue e separa o espaço sagrado do profano? Para Zeny Rosendahl (1996, p. 30), “o espaço sagrado é um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual

⁷ Veja a obra: SOUZA, André Ricardo de. **Igreja in concert**: padres cantores, mídia e marketing. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005.

⁸ Um lugar aonde teve uma manifestação divina ou do sagrado.

transcorre sua existência”. Em outras palavras, é um lugar que, além de possibilitar o fortalecimento de valores religiosos e transcendentais, permite uma diferenciação daquilo que é comum, ordinário, profano. De acordo com Eliade (1992, p. 17):

Para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras. [...] Há, portanto, um espaço sagrado e por consequência “forte”, significativo, e há outros espaços não sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos. Mas ainda: para o homem religioso essa não homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado – único e real, que existe realmente – e todo o resto, a extensão informe, que o cerca.

Como afirma Eliade, essa rotura de espaços se traduz para o homem religioso em um espaço sagrado e tudo o que está em volta, ou seja, o espaço profano, ambos independentes e opostos. Contudo, a noção ou conceito de espaço, consequentemente, de espaço sagrado foi e ainda está sendo ressignificado ao longo do tempo. A partir do século XX, especificando os anos 1920 e 1950, a humanidade presencia uma revolução na comunicação: o surgimento do rádio e da televisão, respectivamente. Anos mais tarde, igrejas cristãs fazem desses espaços midiáticos uma extensão do espaço sagrado de suas igrejas. Descobrem também ferramentas, como o *marketing* e a propaganda, para levarem os fiéis e demais pessoas aos templos, além de vender seus produtos de consumo da fé, como livros, CDs, DVDs e objetos religiosos.

Assim, esse campo midiático torna-se um campo do pensamento religioso e também do consumo da fé. “Nós vivemos no reino perigoso do calcular, contar e quantificar. Dentro deste reino, nós somos o que possuímos; quanto mais, melhor.” (ROSSI, 2008, p. 126).

Quanto mais, melhor! Esse “mais” atinge todas as esferas sociais inclusive as religiões, que também entram no jogo do “mais”. Mais transações comerciais, melhor para a economia, criando-se um vício na esfera individual dos sujeitos: o consumismo. Para Bauman (2001, p. 88):

O consumismo de hoje, porém, não diz mais respeito à satisfação das necessidades – nem mesmo as mais sublimes, distantes (alguns diriam, não muito corretamente, “artificiais”, “inventadas”, “derivativas”) necessidades de identificação ou auto-segurança quanto à “adequação”. [...] Os consumidores guiados pelo desejo devem ser “produzidos”, sempre novos e a alto custo.

Como diz Bauman, os consumidores devem ser “produzidos”. E para produzi-los o mercado cria “vícios” pela força do fenômeno dessa mesma necessidade de ter cada vez mais, as necessidades essenciais são substituídas pelas necessidades inventadas pela força de venda e de *marketing*. Ou seja, pela necessidade de “produção” de consumidores de “vícios

mercadológicos modernos”, porque foge da “satisfação das necessidades”. E para manter e, ou melhor, aumentar e ter cada vez mais lucros, cada vendedor, ou “detentores do mercado” com seus objetivos e ambições, entra na briga acirrada da concorrência mercadológica para vencer. Claro, isso exige grandes investimentos e é custoso. Tais custos são alimentados por novas produções e/ou inovações do excesso que desembocam no consumismo do consumidor “viciado” em “vícios mercadológicos” de um mercado “vicioso”. E igualmente formam-se, naturalmente, religiões viciosas em mercado.

O possuir, o ter e o ser entram em um complexo jogo de interesses onde os religiosos pretendem que seja a fé a protagonista nesse teatro “neoliberal teológico”; no entanto, nem sempre esse “espetáculo capitalista religioso” tem como protagonista a fé, como entendida e experimentada por Jesus. Entendida pelo menos de acordo com seus ensinamentos que, por exemplo, podem ser observados no clássico sermão do monte que ensina, sobretudo, o desprendimento, abnegação e altruísmo.

Mas, quando nos referimos até em um tom irônico ao cristianismo atual com termos como “neoliberal teológico” e “espetáculo capitalista religioso”, não pretendemos tachar de forma pejorativa práticas cristãs que, apesar de flexíveis em termos de adaptação às circunstâncias históricas e sociais, já há muito estão consolidadas; mas, apenas fazer o leitor pensar acerca do formato original cristão, ou, como já abordamos, acerca do cristianismo real e da inspiração original que resultaram na institucionalização dos ensinamentos de Jesus e em muitas “teologias”, e uma delas em especial em moda atualmente: a teologia da prosperidade, teologia adaptada aos novos tempos de capitalismo e consumismo exacerbado.

1.3.1 Teologia do capitalismo de consumo

Os conceitos teológicos parecem se adaptar diante do novo jogo capitalista institucional religioso. Uma prova disso é a Teologia da Prosperidade que influenciou, em muitos casos, de forma decisiva o progresso de novas instituições religiosas cristãs.

De acordo com Rossi (2008), o gene da teologia da prosperidade está nos escritos de Oral Roberts, William Essek Kenyon e Kenneth Hagin, um dos mais conhecidos pregadores de tal teologia. Esses ensinamentos influenciam de forma definitiva a corrente protestante pentecostal e particularmente no que é chamado de neopentecostalismo, onde encontra um terreno fértil.

É justamente num acontecimento político de relevância, como uma crise financeira, que a teologia da prosperidade encontra combustível para o seu crescimento, como nos fala Rossi (2008, p. 119-120):

A teologia da prosperidade é na verdade uma sistematização de crenças próprias das camadas médias americana, na esteira da grande depressão dos anos 1930, embora suas raízes estejam nos movimentos e práticas terapêuticas surgidas no final do século XIX, naquele país e na Europa.

Acontecimentos políticos como a grande depressão dos Estados Unidos em 1929 atingem todas as camadas sociais e institucionais, mexendo em suas estruturas que em nome da sobrevivência procuram se adaptar ou superar tal situação. Também, nessa configuração de crise econômica, surge um espaço religioso que transcende as dimensões de catedrais e igrejas, formando um campo midiático religioso mutante.

1.3.2 O secular campo religioso: uma metamorfose ambulante dos novos tempos

Pierre Sanchis (1995, p. 81-91) fala a respeito de um campo religioso que está em constante reconstrução:

[...] um campo religioso constrói-se e se reconstrói constantemente das reações entremeadas das instituições, dos grupos, quase grupos e indivíduos, diante do jorro dos acontecimentos. Neste sentido, é a sua atual dinâmica que é decisiva. [...] Pois não se trata da simples transformação de determinada sociedade, de há muito biconfessional, mas de uma evolução geral, que repercute no interior do campo religioso um estado novo e generalizado (a “globalização”) das comunicações.

Uma constante reconstrução e transformação das fronteiras entre o sagrado e o profano parece ser um fenômeno iniciado há muito tempo, e na atualidade toma proporções cada vez maiores e significativas, uma vez que essas duas realidades antagônicas coexistem e parecem se intensificar ainda mais com o advento das novas tecnologias de comunicação de massa.

À medida que crescem as tecnologias de comunicação de massa, a religião se utiliza de tais tecnologias para propagar suas ideologias e convicções e/ou ambições de fé. Cada vez mais as tecnologias avançam, nesse palco competitivo capitalista; são incentivadas, em grande parte, na corrida desenfreada pelo consumo. É como afirma Giddens (1991, p. 62): “A natureza fortemente competitiva e expansionista do empreendimento capitalista implica que a inovação tecnológica tende a ser constante e difusa.” Essa difusão tecnológica, de que fala Guiddens, atinge vários estratos da sociedade e instituições que o próprio sistema econômico

influência em suas inovações. Ele ainda acrescenta: “Dadas as altas taxas de inovação na esfera econômica, os relacionamentos econômicos têm considerável influência sobre outras instituições” (GIDDENS, 1991, p. 62).

Nesse sentido, uma sociedade de consumo tem como consequência uma religião de consumo. Um mercado em que cada vez mais a concorrência é livre e diversa também reflete na religião que se pluraliza em seus costumes, tradições e reformas no modo de pensar dos fiéis religiosos. Uma pessoa, por exemplo, que professa a fé católica, além de participar de celebrações de missas, também não vê nenhum problema em participar de sessões espíritas, tornando a fé uma questão pluralista, diversa e também causando uma concorrência entre instituições cristãs midiáticas por fiéis que geram divisas em um palco de mercado. É sobre esse ponto, em que a religião entra no mercado no mundo moderno de forma exacerbada e flagrante que se refere Berger (1985, p. 149) nesta passagem:

A característica-chave de todas as situações pluralistas, quaisquer que sejam os detalhes de seu pano de fundo histórico, é que os ex-monopólios não podem mais contar com a submissão de suas populações. A submissão voluntária e, assim, por definição, não é segura. Resulta daí que a tradição religiosa, que antigamente podia ser imposta pela autoridade, agora tem que ser *colocada no mercado*. Ela tem que ser “vendida” para uma clientela que não está mais obrigada a “comprar”. A situação pluralista é, acima de tudo, uma *situação de mercado*. Nela, as instituições religiosas tornam-se agências de mercado e as tradições religiosas tornam-se comodidades de consumo. E, de qualquer forma, grande parte da atividade religiosa nessa situação vem a ser dominada pela lógica da economia de mercado.

Vemos, com o exposto por Berger, que houve uma mudança significativa no que diz respeito à tradição religiosa de imposição da fé, por um “liberalismo”, por assim dizer, da fé religiosa, que entra na lógica do mercado para ser negociada em um plano secular de atuação. Mas isso não quer dizer que não existia no antigo mundo religioso, ao exemplo dos judeus em que podemos destacar o caso dos vendilhões do templo: “Então Jesus entrou no templo e expulsou todos os vendedores que lá estavam. Virou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas” (Mt 21:12), práticas e interesses econômicos envolvidos em sua atuação religiosa.

Na sua tese de doutorado que trata das problemáticas da Igreja Universal no contexto de religião, *marketing* e comércio, é importante o que fala Leonildo Silveira Campos (1997, p. 167) sobre o cristianismo quando diz:

O cristianismo surgiu numa sociedade já habituada à “comercialização” do sagrado, porque, o primeiro século de nossa era, em muitos santuários religiosos de tradição asiático-greco-romana praticava-se um intenso comércio ao redor do espaço sagrado. Mesmo o templo de Jerusalém, na época de Jesus, era controlado por uma

casta sacerdotal que ali desenvolvia um comércio regular de animais destinados ao sacrifício e cambiavam moedas trazidas por judeus de todo o império Romano, proibidas de circularem na área do templo. Como não havia um padrão único de moedas, exigia-se a presença do cambista, cuja função era trocar o dinheiro do peregrino pela “moeda do templo”, condição para aceitação das ofertas. Isso, obviamente, era feito em condições vantajosas para os sacerdotes.

Nessa passagem Campos toca em um ponto muito importante para o nosso estudo que é “O cristianismo e comercialização do sagrado na sociedade”. É o ponto que sustentamos em nossos estudos em que principalmente a religião dominante reflete a sociedade em que está inserida, usando suas ferramentas e *modus operandi* para se sustentar e se expandir. Nessa passagem, Campos aborda a questão histórica das práticas comerciais envolvendo o campo religioso e o cristianismo como um subproduto dessas práticas; e que no mundo moderno atual se tornam mais deflagradas com o aumento e expansão da sociedade capitalista.

Nem no cristianismo contemporâneo e nem no cristianismo no início de sua expansão política, pode-se afirmar que não existia uma religião à parte de interesses financeiros, comerciais e políticos.

Como veremos de forma mais apropriada no terceiro capítulo, onde trataremos sobre a questão da construção do Memorial Frei Damião em Guarabira, suas motivações e interesses, a política é um exemplo flagrante que envolve também interesses políticos e o envolvimento da Igreja em tal meio, onde o sagrado e profano se aliam para uma mesma direção, contudo, com objetivos distintos.

Como já foi supracitado, o mundo secular e o suposto efeito secularizante do campo religioso não é um efeito, como imaginavam alguns teóricos sociólogos, de uma secularização da religião de forma progressiva e inevitável no mundo moderno. O próprio Berger (2001, p. 10) admite que tal ideia já esteja descartada quando afirma:

Argumento ser falsa a suposição de que vivemos em um mundo secularizado. O mundo de hoje, com algumas exceções que logo mencionarei, é tão ferozmente religioso quanto antes, e até mais em certos lugares. Isso quer dizer que toda uma literatura escrita por historiadores e cientistas sociais vagamente chamada de “teoria da secularização” está essencialmente equivocada. Em trabalhos anteriores, contribuí para essa literatura. Eu estava em boa companhia – a maioria dos sociólogos da religião tinha opinião semelhantes, e nós tínhamos boas razões para afirmá-las. [...]

Ainda que a expressão “teoria da secularização” se refira a trabalhos dos anos 1950 e 60, a ideia central da teoria pode ser encontrada no iluminismo. A ideia é simples: a modernização leva necessariamente a um declínio da religião, tanto na sociedade como na mentalidade das pessoas. E é justamente essa ideia central que se mostrou estar errada.

Berger escreve que apesar de a modernização causar alguns efeitos secularizantes, provocou, por outro lado, o surgimento de fortes movimentos de contrassecularização. E que o nível desses efeitos secularizantes na esfera social não está vinculado à esfera individual. Nessa passagem Berger (2001, p. 10) diz: “Algumas instituições religiosas perderam poder e influência em muitas sociedades, mas crenças e práticas religiosas antigas ou novas permanecem na vida das pessoas, às vezes assumindo novas formas institucionais e às vezes levando a grandes explosões de fervor religioso”.

O que Berger expõe na passagem supracitada é uma situação do fenômeno religioso na modernidade em que um bom exemplo é o pentecostalismo e o que é chamado de neopentecostalismo que eu defino aqui com a sigla PPMM, ou seja, Pentecostalismo Plural Maleável e Mercadológico. O plural e o maleável em estreita atuação devido à fácil expansão e divergência de interpretação fenomenológica e de ambição que se encontra nessa linha, causando cismas e cisões gerando com isso novas instituições. E mercadológico por motivos óbvios de atuação dessa linha em negócios de comércio da fé e de *marketing* expansionista, principalmente através dos *mass media*.

A atuação das PPMM no mercado midiático fez com que o campo religioso tomasse proporções nunca antes imaginadas. Uma situação pluralista e maleável de “ser religioso”, tornando possível a existência de religiosos ou devotos, que, apesar de se sentirem pertencentes à determinada instituição, têm a liberdade de estar em casa e praticar os seus ritos sem ter que necessariamente de ir à igreja. Esse sagrado individual, ou experiência pessoal do sagrado, pode se manifestar, também, em qualquer lugar. Esse tipo de prática religiosa e de fé pode ser fortalecida ainda mais quando existe a comunhão de ideias e ações canalizadas para um centro religioso. O turismo religioso, de certa forma, tem possibilitado modos de experienciar o sagrado de forma diversificada. As romarias e viagens aos santuários congregam centenas de peregrinos de uma só vez. O grupo caminha junto, não importando o objeto da crença de cada devoto.

Em sua pesquisa sobre turismo religioso evangélico Miriane Frossard (2006) fala dessa diversidade encontrada entre os evangélicos e que cada um expressa suas particularidades, ao mesmo tempo em que pertencem a um grupo instituição. Ela diz: “O que se encontra são pessoas diversificadas, com fé variada, realidades diferenciadas, que vivenciam suas práticas de uma mesma forma, mas ao mesmo tempo, em suas dimensões individuais, de forma completamente distintas” (FROSSARD, 2006, p. 195). Isso mostra uma pluralidade típica do fenômeno religioso moderno, em que a independência individual

devocional atua em um campo religioso marcado por um traço paradoxal de pluralismo e individualismo, em uma sociedade cada vez mais informatizada e midiaticizada.

A era da informação tecnológica, cada vez mais promovendo a criação de tecnologias antegregárias do ponto de vista tradicional da palavra, promove comportamentos independentes levando cada vez mais ao individualismo. E empresas religiosas no mercado midiático facilitam e promovem ou dão subsídios para esse processo de individualização do sagrado através de seus programas religiosos levando aos fiéis seus bens de salvação, em que o próprio indivíduo aonde quer que esteja, de frente à TV ou ao rádio, cria ali mesmo o seu espaço sagrado.

Nesse contexto, o sagrado e o profano parecem não estarem opostos. Porque quando observados do ponto de vista contextual de todo o grande mercado, as igrejas atuantes no mercado das comunicações midiáticas e mercadológicas seriam vistas apenas como mais uma empresa no mercado, mais um programa ou música nas paradas de sucesso da mídia. Contudo, quando observadas do ponto de vista do devoto, tais programas religiosos midiáticos e tais músicas evangélicas continuam a ter uma conotação sagrada independente de estarem inseridas no grande mercado. Em sua consciência religiosa uma diferenciação do sagrado e do profano já está preestabelecida pelas suas próprias crenças e fé.

Posso citar como exemplo a vida religiosa do meu pai o Sr. Flores. Ele é católico, apostólico, romano. E assiste a santa missa três vezes por dia. Mas acompanha o ritual religioso pela TV, obedecendo a toda a liturgia, cerimônias e cânticos como se ele estivesse realmente presente na própria igreja onde está sendo filmada e transmitida ao vivo. Naquele momento da transmissão do ritual religioso pelas ondas televisivas, a sala de estar aonde ele se encontra se transforma em espaço sagrado. Em sua consciência permeada de devoção e fé, pode-se encontrar o elemento do sagrado, não importando se ele está numa sala diante da TV ou numa igreja. Em outras palavras, ao contemplar o sagrado, o ambiente em volta do devoto se transforma numa extensão da sua mente devocional tornando o ambiente sagrado.

Isso nos leva a crer que mesmo o fenômeno do sagrado na vida religiosa do indivíduo independe do modo e forma de seu veículo de expressão, seja uma igreja ou aparelho de rádio e TV, mas o campo religioso assume proporções dantes nunca experienciadas pelo indivíduo religioso e pessoas em geral, permitindo, com isso, uma reformulação e expansão do campo de ação da vida religiosa dos indivíduos. Sobre esse tema é importante o que fala Sanchis (1995, p. 89):

O processo que escora tal evolução é evidentemente o da individualização, por sua vez parte ativa da secularização. Mas o exemplo nos permite chamar a atenção sobre o fato de que “secularização” não significa simplesmente o desaparecimento, nem mesmo o recuo geral da tradição, mas uma transformação na sua função societária.

A função societária da religiosidade na vida moderna está na contemporaneidade tão atuante quanto antigamente, apenas ocorreram transformações importantes em sua estrutura e campo de atuação. Transformações essas que geraram uma gama de conceitos reflexivamente formulados, típicos, assunto da própria modernidade, que já abordamos acima, Temas como “desencantamento do mundo”, weberiano, e até de reencantamento, secularização e dessecularização, sacralização e dessacralização são temas estudados em todas as suas complexidades e divergências que o campo religioso moderno pode oferecer ao pesquisador, principalmente do cientista da religião. Não vamos nos ater a tais conceitos. Não obstante, achamos importante argumentar junto com Paulo Barrera Rivera (2001, p.117) quando diz que:

Desencantamento e secularização caminham juntos, e não é sempre correto contrapor religião e secularização. Esta é a superação de um mundo controlado quase que absolutamente pela Igreja cristã, não de um universo encantado pela magia. A secularização é a fuga do controle eclesial e da heteronomia em prol do controle político do estado e do autocontrole.

Nesse entendimento argumentado por Rivera (2001) o mundo encantado é o mundo dos mistérios, antes considerados insondáveis; a partir do momento em que surgiram explicações sobre eles consequentemente um desencantamento ocorre. A secularização é a perda de controle da Igreja sobre os assuntos do Estado e os assuntos que dizem respeito à sociedade e aos indivíduos, que geram consequentemente autonomia.

Esses processos configurantes ou reconfigurantes do campo religioso constituem um fenômeno marcante na modernidade. São “modernizantes”, de certa forma, fragmentadores e “subjativantes” do que antes era considerado concreto e indissolúvel. Como bem observa Danièle Hervieu-Léger: “Conforme vem sendo observado, o processo de secularização não acaba com a religião, mas permite uma configuração do religioso, menos institucionalizado, mais individualizado, subjetivo, fragmentado e fluido” (HERVIEU-LÉGER, 1997, p. 45).

A modernidade contemporânea, com suas tecnologias midiáticas, não enfraqueceu as religiões. Pelo contrário, o “sagrado midiático” de que fala Maria Ângela Vilhena (2005, p. 49) coexiste e até intensifica a fé religiosa: “A religião não desapareceu, o sagrado não morreu, e uma intensa e diversificada prática ritual, pública ou privada, continua pontuando e caracterizando a contemporaneidade.” Assim, parece que as religiões cristãs estão em uma

espécie de reconfiguração e adaptação aos novos tempos e sendo absorvidas ou entrando no jogo do capitalismo. Para Canclini (2010, p. 39):

La modernización disminuye el papel de lo culto y lo popular tradicionales en el conjunto del mercado simbólico, pero no los suprime. [...] El trabajo del artista y el del artesano se aproximan cuando cada uno experimenta que el orden simbólico específico en que se nutría es redefinido por la lógica del mercado.

Canclini (2010) fala que apesar da diminuição as tradições populares não são excluídas no processo de modernização, e produtos artesanais e artísticos se aproximam e se definem pela lógica de mercado. A partir dessas declarações de Canclini podemos dizer que o modo de ser na religião moderna, em especial em centros religiosos movidos pelo turismo religioso, também é definido pela lógica de mercado, uma vez que são inseridos em práticas mercadológicas no universo capitalista. Na verdade, a religião pode produzir produtos e artigos bastante lucrativos. Não estou me referindo às práticas de “igrejas empresas”, aonde são produzidas “bênçãos” e vendidas para os fiéis por preços variados e às vezes muito salgados. Estou falando que a temática religiosa em um país extremamente devoto e crédulo pode ser muito lucrativa.

Quem percebeu isso, há pouco tempo, foi um chinês de Taiwan radicado no Ceará há

dez anos. Uma reportagem da revista “Isto É Dinheiro” destacou que Jony Wan Kai, o empresário, registrou em uma romaria a reza de Nossa Senhora das Candeias, levou para a China e de lá saem milhares de estatuetas do Padre Cícero contendo um chip e um botão que acionado sai da imagem a reza de Nossa Senhora das Candeias. O chinês comercializa imagens do Padre Cícero que são importadas aos milhares da China vindas em contêineres e fatura milhões com o comércio da fé. Claro,



Figura 9: Loja de conveniência no Santuário de Frei Damião expondo várias estatuetas do santo capuchinho.
Fonte: Arquivo do autor, 22/05/2011.

ele percebeu o potencial imenso do mercado das romarias em torno do Padre Cícero, que reúne cerca de 2,5 milhões de fiéis e teve a ideia de aproveitar todo esse potencial para lucrar, e para isso não precisou ser um devoto do “Padim Ciço”.

Isso é um pequeno exemplo de como o mercado da fé pode ser atuante, podendo unir, através de transações comerciais, dois mundos totalmente distintos em lugares completamente opostos, a China e Juazeiro. Ainda não se tem notícia, pelo menos não ainda, de algum chinês construindo imagens de Frei Damião rezando a ladainha, apesar de o mercado de suas imagens ser bastante significativo no santuário, como podemos observar na Figura 9. Mas devido às ocorrências do mercado religioso, talvez não demore muito. Esse é o mundo moderno, o mundo globalizado do mercado religioso que empresta elementos do sertão do Nordeste brasileiro ao mundo, graças ao “milagre” do mercado capitalista.

É de se observar que essas relações de elementos religiosos, instituições religiosas e o mundo globalizado na modernidade são características dessa mesma modernidade, com suas descontinuidades, mas “como já foi observado, muitas combinações do moderno e do tradicional podem ser encontradas nos cenários sociais concretos” (GUIDDENS, 1991, p. 43). Ou seja, especialmente no campo religioso o próprio elemento tradicional e da fé por sua vez se torna um elemento dessa modernidade através do mercado neoliberal em que está inserida a cristandade atual. Ao exemplo das lucrativas estatuetas chipadas do Padre Cícero, assim as tecnologias e o mercado se unem ao mundo religioso em mútua consonância de influências. E com os meios de comunicação esse jogo de influências e absorções de valores clericais e seculares se intensifica a proporções nunca antes imaginadas.

Apesar da tendência que faz acreditar nos meios de comunicação como sendo apenas um meio para mensagens e conteúdos, foram as instituições religiosas, de forma significativa, influenciadas pelas tecnologias dos *mass media*.

1.3.3 Os “mass media” e as Igrejas cristãs – os possíveis efeitos das tecnologias na sociedade e nas religiões - um olhar midiático de mercado e fé

Assim como diz Mcluhan (2007, p. 34), “o meio é a mensagem”, a sociedade sofreu mudanças em suas estruturas e suas diversas camadas, inclusive a do pensamento e do comportamento, a partir da introdução das tecnologias de comunicação de massa. A importância dos *mass media* para a sociedade e para a vida humana é de tal forma que para Mcluhan o próprio meio de comunicação possui uma capacidade de alterar os comportamentos das pessoas e da sociedade. Ele próprio é uma mensagem, em si mesmo. Problematisando essa abordagem, o autor (MCLUHAM, 2007, p. 33) ainda dispõe:

Nossa resposta aos meios e veículos de comunicação – ou seja, o que conta é o modo como são usados – tem muito da postura alvar do idiota tecnológico. O “conteúdo” de um meio é como a “bola” de carne que o assaltante leva consigo para distrair o cão de guarda da mente. O efeito de um meio se torna mais forte e intenso justamente porque o seu “conteúdo” é um outro meio.

Apesar de todos os louvores e críticas em torno dessas afirmações de McLuhan, podemos citar um exemplo disso que fala o referido autor quando ele se refere ao conteúdo como sendo apenas uma distração para o verdadeiro efeito do meio, no campo da música. Na música *Havy metal do Senhor*, Zeca Baleiro satiriza as músicas evangélicas que possuem ritmos profanos e com isso exploram o mercado musical comercializando o evangelho através do roque e outros ritmos. Em um trecho ele fala: “O mercado tá de olho é no som que Deus criou”. Em outro ele diz: “[...] o diabo que no inferno toca cover das canções celestiais [...]”. (BALEIRO, 1997). Esta música mostra como a mudança nas estruturas das instituições cristãs recebeu influência do mercado e das mídias, ignorando os efeitos causados pelos meios, que no caso da música, são os ritmos.

Devemos considerar que as tecnologias midiáticas mudaram de forma significativa as estruturas da nossa sociedade e as instituições religiosas, uma vez que essas religiões são participantes das estruturas no mundo midiático, político e econômico. E que o meio se não mais importante que o conteúdo é fator preponderante a ser estudado com mais profundidade para que se descortine o quanto os *mass media* podem interferir na vida do indivíduo, da sociedade e nas instituições, inclusive as religiosas, uma vez que ao mesmo tempo são tragadas de forma irresistível para o torvelinho do mercado, em um mundo ocidental moderno midiático.

As mídias eletrônicas como o rádio e a televisão quando surgiram eram uma novidade que custava caro. Contudo, em curto espaço de tempo, se tornaram cada vez mais acessíveis às famílias e na atualidade praticamente todas as classes sociais possuem um aparelho de rádio e TV seja em suas casas ou nos próprios celulares.

Os *mass media* é algo tão importante e presente na nossa sociedade moderna que praticamente tudo o que conhecemos por instituição e organizações sociais passa pela experiência midiática, inclusive o campo religioso e as igrejas⁹.

O rádio em seus primórdios apareceu como uma revolução quando se apresentou como uma grande novidade para a época. Era o mais novo e interessante meio de entretenimento e notícias que logo se tornou instrumento do comércio e fonte de lucro para as

⁹ Para maior aprofundamento do assunto veja a obra: MELO, Jose Marques de; GOBBI, Maria Cristina; ENDO, Ana Claudia Braun (Org.). **Mídia e Religião na Sociedade do Espetáculo**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007.

emissoras. Radionovelas e programas de auditório eram transmitidos em tempo real e muitos apresentadores de programas que se tornaram ícones posteriormente na televisão surgiram ou iniciaram a sua carreira no rádio, o que denominaram de “Era de ouro”, até surgir um novo meio de comunicação mais sedutor: a televisão.

Com o surgimento da televisão que reúne som e imagem, essa novidade se expande e cresce. E novamente o comércio se apodera de um novo meio surgido com tanto sucesso. As emissoras se enriquecem com seus comerciais e patrocinadores.

De acordo com o *site* da TV Brasil, é curiosa a história da televisão no Brasil em relação a outros países. No Brasil as emissoras de TV surgem com fins comerciais, ou seja, elas já nascem privadas e comerciais e só posteriormente é que as TVs públicas são criadas. Nos países da Europa, com o fortalecimento da democracia no pós-guerra, o Estado impôs o controle público às emissoras de TV que já nascem públicas, sem fins comerciais e que por isso toda a programação tem como finalidade a educação e a informação.

De acordo com José Marques de Melo (2010, p. 28-29),

O desenvolvimento da radiodifusão no Brasil teve, aqui, desde o início, aura educativa, justificando o paternalismo estatal. Os introdutores do rádio em nosso país se inspiraram no modelo europeu, pretendendo que a inovadora mídia eletrônica servisse de suporte as atividades culturais. Essa intenção, aliás, encontra-se explícita na letra da lei. Mas a sua estrutura operacional fundamenta-se no modelo norte-americano, que converte a empresa privada em protagonista central do sistema de radiodifusão. Só juridicamente o estado tem a propriedade dos canais. Sua posse é transferida a empresas comerciais ou a organizações civis, que os exploram segundo as leis do mercado, evidentemente observando princípios genéricos de preservação do interesse público. As concessões de rádio e depois de televisão são feitas a partir de critérios políticos, beneficiando as empresas já atuantes no setor das comunicações, principalmente aquelas mais sintonizadas com o governo de turno. [...] o modelo brasileiro de televisão se caracteriza por uma interconexão entre o estado paternalista e os grupos econômicos presentes no negócio da mídia. Este, por sua vez, corresponde às demandas de uma indústria de bens de consumo em expansão [...].

Melo expõe não apenas o caráter comercial logo no início da televisão brasileira, mas também o seu caráter de paternalismo político. O ideal das mídias no estilo europeu era educativo e por lei deveria na prática ser uma responsabilidade do Estado. Mas os fins praticados desde o seu nascimento foram exploração comercial e práticas mercadológicas como a propaganda e o *marketing* nas mãos dos grupos de elite. Mas as tecnologias avançam cada vez mais e ao mesmo tempo evoluem métodos mercadológicos. No mundo a era da informação chega a seu momento mais proeminente, até agora, com a criação da rede mundial de computadores: a internet.

Com a explosão da internet, o mundo assiste a uma verdadeira revolução da comunicação que encurta distâncias, aproximando lugares e culturas, fazendo do planeta uma comunidade gigantesca. Nessa comunidade, as pessoas compartilham conhecimentos, costumes e arquivos em um verdadeiro “escambo moderno”. E mais uma vez o comércio se apodera desse poderoso instrumento e torna-se cada vez mais promissor o seu “mercado virtual”. O mais interessante é que as chamadas redes sociais viram uma febre mundial tornando, de certa forma, “o mundo cada vez menor” entre as pessoas.

Nessa Aldeia Global (MCLUHAM, 2007), vários setores da sociedade, reconhecendo o potencial enorme da internet, despertam para esse novo mundo, que por assim dizer, existe paralelamente ao nosso, e as instituições religiosas, especialmente, as Igrejas cristãs, fazem parte desses setores sociais ambiciosos.

As instituições cristãs católicas e protestantes, com destaque para os PPMM, despertaram para este poderoso meio de comunicação de massa. Nessa configuração, as mídias se tornam não apenas uma extensão do homem, como fala Mcluhan (2007), mas uma “extensão de Deus”, ou melhor, das instituições religiosas. Contudo, as práticas midiáticas das Igrejas na América Latina são contraditórias em suas práticas externas e ideologias internas como coloca Melo (2005, p. 30):

Embora reconheça o caráter massificante da reprodução simbólica que se opera através dos *mass media*, a igreja ainda persiste utilizando-os como se tal dimensão não tivesse sido constatada e autocriticada. Ou seja, ela proclama e pratica internamente formas dialógicas, horizontais, interativas de comunicação; externamente, prossegue ocupando espaços no rádio, na televisão, na imprensa, no cinema para difundir mensagens evangélicas, à maneira dos demais mercadores de bens e serviços que se valem desses recursos potencialmente abrangentes da moderna tecnologia.

Mesmo presentes as contradições internas e externas das práticas midiáticas, a história de transmissões religiosas no Brasil é bastante marcante. A Igreja Católica, por exemplo, passa a utilizar o rádio e a televisão para a transmissão de missas e ofícios, como a reza do terço. Primeiramente exibindo seus programas em emissoras seculares como a “Santa Missa”, que segundo a revista da TV (2008)¹⁰, inicialmente foi transmitida pela TV Excelsior em 1963 e que, após o fechamento desta em fevereiro de 1968, a Arquidiocese do Rio de Janeiro passou a transmitir através da TV Globo, em 4 de fevereiro de 1968, e ainda continua em

¹⁰ Disponível:

<http://oglobo.globo.com/cultura/revistadatv/mat/2008/02/08/_santa_missa_em_seu_lar_programa_transmitido_pela_tv_globo_comemora_40_anos_no_ar-425534586.asp>. Acesso em: 15 jan. 2011.

atividade a sua exibição na mesma emissora, só que agora sob o comando de uma figura bastante popular, o “*pop stars religioso*” Pe. Marcelo Rossi.

O Concílio Vaticano II valoriza os meios de comunicação de massa e incentiva sua expansão, como podemos ver em seus documentos (2001, p. 97):

[...] este sagrado Concílio admoesta sobre a obrigação de apoiar e auxiliar os jornais católicos, as revistas, as empresas cinematográficas, as estações e transmissões de rádio e de televisão, cujo fim primário seja divulgar e defender a verdade, e trabalhar pela formação cristã da sociedade humana. [...] Para que o multiforme apostolado da Igreja a respeito desses meios de comunicação social se consolide eficazmente em todas as dioceses do mundo. [...] os fiéis [...] sejam convidados a rezar e a contribuir com suas ofertas para este fim [...]

A programação religiosa evoluiu e se expandiu e emissoras cristãs católicas foram criadas. As mais conhecidas são a Canção Nova, a TV Aparecida e Rede Vida. Porém, a efervescência religiosa dos pentecostais utiliza o rádio e a televisão de forma mais agressiva, obtendo sucesso para levar fiéis às suas igrejas. No contexto de aquisições, um grande marco da ação PPM no ramo das empresas de comunicação de massa é a compra da Rede Record por Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, nos anos 1990. No final dessa mesma década, ocorreu a criação da Rede Internacional de Televisão (RIT) pelo Missionário R. R. Soares e também fundador da Igreja Internacional da Graça de Deus. Tendo em vista o crescimento insinuoso e significativo dos pentecostais e sua igualmente crescente expansão no mundo midiático em relação ao catolicismo, a Igreja de Roma se viu perdendo cada vez mais fiéis para os pentecostais.

Uma nova vertente de efervescência religiosa surge dessa vez na Igreja Católica Romana, como que uma reação às perdas crescentes de fiéis. Os carismáticos aparecem para colorir os antigos rituais da missa e seus valores conservadores, colocando elementos do ritmo da música popular com temática e letras cristãs, de animação e de acaloradas orações de profundo teor emocional, dando ao Espírito Santo, uma das pessoas da Santíssima Trindade do credo cristão, um lugar de destaque, características essas do pentecostalismo.

Apesar de dar um reavivamento ao catolicismo, tais elementos podem apontar controvérsias. Devido a essas práticas não convencionais e peculiares, a exemplo da que foi exposta acima, a Renovação Carismática Católica (RCC) – inclui práticas que não são muito bem vistas pelos partidários do catolicismo tradicional, gerando polêmicas e opiniões contrárias entre os clérigos. Sobre esse assunto fala Teixeira (2005, p. 20): “A RCC é vista positivamente como um instrumento importante na estratégia de recatolização em curso, mas

simultaneamente torna-se motivo de controvérsia em razão de sua dinâmica autonomista, que pode significar uma ameaça ao modelo vigente de catolicismo clerical”.

A RCC pode significar, como falou Teixeira, para uma “recatolização”, consiste em um importante instrumento estratégico para o reavivamento católico, reação à forte competição das Igrejas evangélicas arrebatadoras de fiéis, apesar das controvérsias geradas dentro da própria Igreja. As características da RCC, no que diz respeito à proeminência do Espírito Santo, são as glossolalias e efervescências, características que são idênticas às Igrejas do grupo PPMM. Ou seja, a RCC utiliza armas religiosas idênticas para atrair católicos afastados e outros fiéis, simpáticos às práticas pentecostais. E uma dessas armas, poderosa por sinal, que casa perfeitamente com as práticas da RCC, é a mídia, realizadas através das empresas religiosas de comunicação de massa. Mas, nessa disputa religiosa entre facções cristãs e igrejas pelo mercado de fiéis envolvendo mídia, tecnologias várias, *marketing*, teologias e doutrinas renovadas, causa uma tensão de conceitos dogmáticos tradicionais e práticas mercadológicas.

A tensão entre tradição e renovação é uma constante no meio cristão, principalmente no seio do catolicismo. Centro religioso com o peso de Aparecida do Norte com sua megaestrutura atrativa turística e prósperas empresas de comunicação nasceu de um simples ato de crença e depois se transformou no mais deslumbrante e rico centro religioso do país, sustentado praticamente por um mito¹¹, uma imagem encontrada no fundo de um rio, envolta em milagres pesqueiros.

Fazendo uma breve alegoria, de como algo simples pode tomar proporções grandiosas, podemos comparar o caso com uma fruta. Ela no início é uma pequena flor, a flor da crença, essa flor cresce e depois deixa cair pétalas dando lugar à fé religiosa, que por sua vez se institucionaliza cada vez mais nutrindo o fruto que cresce. A fé religiosa, agora como semente, é coberta pela polpa do mundo secular, que se faz cada vez mais espessa devido às exigências do seu tempo. Dessa forma a semente, que antes era só fé, ganha uma crosta do elemento tradicional que dá o sabor à polpa secular, formando assim o campo religioso moderno, onde a tradição não mais é uma ameaça ao moderno, mas um dos elementos constituintes do mundo religioso moderno. Foi em esquema parecido que surgiu o Santuário de Frei Damião em Guarabira e que surgem tantos outros de forma semelhante no universo cristão católico.

¹¹ OLIVEIRA, Christian D. M. **Basílica de Aparecida**: um templo para a cidade mãe. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

O catolicismo sendo parte do patrimônio cultural brasileiro por razões já esboçadas neste estudo possui tradições que têm suas origens há séculos de existência. Com isso, além do catolicismo poder explorar o lado tecnológico da nossa sociedade para propagar sua fé e influência, através de canais midiáticos, ele conta com o poder de suas tradições. Ora, por mais que o Brasil afirme a sua laicidade através de decretos e leis, no próprio Congresso Nacional existe pendurado na parede logo acima da mesa do plenário um crucifixo. As datas comemorativas e feriados festivos estão repletos de dias santos, comemorando algum santo católico, tendo o Natal como a maior comemoração cristã no mundo cristão e as festas juninas que têm o São João como o maior expoente festivo da tradição nordestina, marcando os ritos e ritmos da vida dos cristãos e dos brasileiros.

É esse poder das tradições que ainda move devotos, romeiros e peregrinos a centros religiosos no Brasil e no mundo. O turismo religioso se transforma cada vez mais em um atrativo tanto para fiéis quanto para pessoas atraídas a lugares sagrados. O turismo religioso é na atual conjuntura social, juntamente com as tecnologias da comunicação, poderoso meio de contato que promove o fluxo e o refluxo, propagação e deambulação em uma troca contínua de influência de um lado e atrações do outro. É a essa configuração importante do turismo e da religião que se refere o tópico a seguir.

1.4 Turismo, religião e modernidade

Falar de turismo é algo que envolve elementos significativos para a sociedade. E, muitas vezes, essas significações são de foro íntimo, peculiar e próprio de cada indivíduo. A literatura em geral e, sobretudo, livros de autoajuda falam da busca de si mesmo através de viagens e de autoconhecimento como o famoso Caminho de Santiago de Compostela, percorrido por religiosos de religiões variadas e místicos em geral, como o escritor Paulo Coelho que escreveu o livro *O diário de um mago*, descrevendo suas experiências como peregrino desse “caminho mágico”. Outro exemplo mais recente está no livro de Elizabeth Gilbert, *Eat pray love*, onde a autora narra a sua própria experiência em viagens por vários lugares, conhecendo pessoas e culturas diferentes que lhe proporcionaram uma espécie de autoconhecimento, que redirecionou a sua vida a um novo sentido. Isso, depois de uma série de frustrações e perdas pessoais, fatores que não a impedem de viajar. Ambos os livros supracitados estiveram no topo dos mais vendidos, os chamados *best-sellers*. Enfim, as finalidades e os motivos para se fazer turismo podem ser vários, considerados como fator determinante para especificar as várias modalidades turísticas. As motivações que

impulsionam o turista e que conseqüentemente o movem são a razão de ser e determinam as distinções de suas modalidades tipológicas. Como explica Andrade (2004, p. 26):

A disposição e as intenções ou motivações dos viajantes talvez se constituam nos elementos mais importantes para determinação não apenas para a classificação tipológica, mas também da própria natureza e da própria existência dos fenômenos considerados essenciais para o turismo, que passa a existir, necessariamente a partir da viagem ou do deslocamento e não a partir dos recursos dos meios de hospedagem e dos equipamentos de lazer e de entretenimento.

Lazer, diversão, consumo, fuga da correria da cidade grande e das metrópoles no caso do turismo rural e da natureza, ou o contrário, quando as pessoas do campo e de cidades pequenas viajam com fins turísticos para as grandes metrópoles. Os desejos e as necessidades do turista podem variar tanto como os tipos de turismo – de férias, de saúde, cultural e de âmbito religioso. Esta última modalidade citada é a que nos interessa tratar neste estudo, devido à sua complexidade e importância no tempo presente.

O turismo é multifacetado e dinâmico. Possui dentro de seu foro de existência várias modalidades e expressões quanto às suas motivações. Na verdade, “há tantas vocações turísticas quantos são os recursos ou os atrativos específicos das diversas regiões e dos diversos locais e os serviços turísticos, ou não, que os caracterizam direta ou indiretamente.” (ANDRADE, 2004, p. 26).

Essa riqueza de variedades do turismo e as várias vocações de centros turísticos encontram, por sua vez, no turismo religioso um âmbito de variedades e vocações turísticas notáveis, como por exemplo, a vocação do turismo religioso de Aparecida é bem diferente da vocação turística do Santuário de Frei Damião. O primeiro possui uma gama de atividades modernas e tecnológicas notáveis com sistemas de rádio e televisão, além de editoras e gravadoras. Isso sem contar o espaço físico imenso com amplo estacionamento e todos os seus atrativos. O segundo ainda é bastante recente e a sua vocação não está na tecnologia e exploração comercial, pelo menos até o momento, mas a atividade turística é significativa para a região. E a sua vocação turística está na raiz cultural e na tradição da religião e também da região. Claro que essas questões das características vocacionais do Santuário de Frei Damião serão exploradas mais adiante. Antes vamos estudar o campo do turismo moderno no qual está inserido o turismo religioso atual.

O turismo moderno como se apresenta na atualidade foi configurado nos moldes do capitalismo. Além das “motivações naturais” do indivíduo em situação de viagem, cria-se a institucionalização que promove o estabelecimento do turista através de serviços,

empreendimentos e estruturas de recepção e de lazer, criando, assim, novos motivos para atrair e promover o retorno dos visitantes. A criação de empreendimentos que promovam o estabelecimento temporário do visitante como hotéis, pousadas e restaurantes, facilitam e amenizam as dificuldades que tais visitantes poderiam encontrar, fazendo com que tal visitante fique por mais tempo e gaste mais, deixando mais divisas ou recursos financeiros no local.

Augustín Santana (2009) fala que a primeira agência de turismo organizada foi criada por Thomas Cook, a *Thomas Cook and Son*; criando também os cheques de viagem (*traveller's cheks*), “deu início à atividade turística organizada, promovendo e difundindo excursões de trem pela Inglaterra (1841): [...]” e William Cody conhecido como “Búfalo Bill, com uma reputação já consolidada de explorador, guia e caçador, trabalhou para a *Union Pacific Railroad* (1867- 68), promovendo a caça de búfalos como valor agregado à viagem de trem” (SANTANA, 2009, p. 27). De acordo com Santana, Búfalo Bill organizou também em “1883, a primeira exposição sobre o oeste selvagem, onde era encenada toda a mitologia da conquista, decorada com búfalos, índios, cavalos e vaqueiros” (2009, p. 27). Esses dois empreendedores liberais capitalistas se aproveitaram da onda de emigração, do deslocamento e do romantismo de tal história e a transformaram em um produto de consumo turístico. Esses pioneiros criaram empresas que não se preocupavam apenas com o transporte, “mas também na ocupação ostensiva do tempo de lazer” (SANTANA, 2009, p. 27).

Essa ideia de organização de estabelecimento, promoção de bens turísticos e exploração comercial de serviços como valores agregados à atividade turística em si, é um negócio que surgiu na sociedade moderna capitalista. De acordo com Urry (2001, p. 17):

O turismo é uma atividade de lazer, que pressupõe seu oposto, isto é, um trabalho regulamentado e organizado. Constitui uma manifestação de como o trabalho e o lazer são organizados, enquanto esferas separadas e regulamentadas da prática social, nas sociedades “modernas”. Com efeito, agir como turista é uma das características definidoras de ser “moderno” e liga-se a grandes transformações do trabalho remunerado.

A atividade moderna do turismo uniu trabalho e lazer dentro da lógica de exploração comercial, em que a “motivação” do indivíduo é importante para a razão de ser do turismo; a partir deste ela é influenciada, modificada e reconfigurada quantas vezes necessitar. A ação caracteriza-se como atividade comercial de consumo, nos moldes do capitalismo neoliberal.

O turismo, quando enxergado com as lentes motivacionais do visitante, teve o seu germe, como veremos mais adiante, na esfera religiosa. Exploraremos esse fato sem mais demora no tópico a seguir.

1.4.1 Turismo: o germe de um fenômeno secular com raízes na religiosidade

O turismo é uma atividade que envolve lazer, comércio, vendas, consumo e toda uma gama de atividades que só esse segmento pode proporcionar. Mas, quando todas essas atividades se juntam ao elemento religioso, um leque de complexidades e estruturação se abre para experiências múltiplas somando a outros elementos significativos do campo religioso como peregrinação, romarias, penitentes e pagadores de promessas. O turismo religioso é um fenômeno popular onde a religiosidade somada às festas, ao lazer e ao comércio já são partes intrínsecas desse fenômeno, como bem observa Edin Sued Abumanssur (2003, p. 65): “[...] para as chamadas ‘classes populares’, a religião, o consumo e o lazer fazem parte de uma única e mesma realidade”. Ou seja, a realidade do universo religioso popular que na modernidade das tecnologias midiáticas expande-se em todas as direções e camadas sociais. Nesse processo velhas significações encontram novas roupagens significantes de realidades onde a fé é o elemento de importância. Como é bem exposto por Oliveira (2004, p.14) nesta passagem:

Com fé pode-se ir muito além das montanhas, planícies, campos e desertos. A fé nos conduz à busca do tempo-espaço ilimitado, daí a identificação desse *ilimitado* dentro dos limites especiais (aparentes) de uma imagem santa, de um templo, de um santuário. Não é à toa – e nem por mera curiosidade – que o turismo vai manter e recriar velhos equipamentos eclesiais em uma nova roupagem de visitação.

Os velhos equipamentos eclesiais a que Oliveira se refere, podem ser entendidos não apenas como patrimônios culturais religiosos antigos que no campo turístico se revestem das novas roupagens das práticas modernas. Podemos acrescentar a esse entendimento o fenômeno da modernidade social e antropológica das instituições religiosas.

O que podemos testemunhar notadamente no mundo atual, em relação ao turismo religioso, é que este é uma atividade moderna em que o elemento sagrado entra em um universo secular de atuação, e o religioso extrapola os seus limites de atuação além de seus templos criando redes de relações externas construídas pelas configurações do mundo moderno e suas práticas neoliberais de exploração econômica, em que a tradição religiosa atua como um elemento motivacional de atração turística servindo por sua vez à atividade

comercial. Essa sobreposição das dimensões das práticas de fé religiosa pela própria atividade turística em si que se refere Andrade (2004, p. 79):

Meca, Benarés, Jerusalém, Belém, Roma, Lourdes, Fátima, Aparecida do Norte, Juazeiro, Lujan, Assis, Pirapora do Bom Jesus, e muitos outros lugares, marcados por devoções oficiais ou populares de religiões, são núcleos receptores importantes em termos da fé e, conseqüentemente, em termos de turismo, cujas dimensões – pela propaganda e pelo marketing – superam as manifestações da fé e as próprias motivações religiosas.

Atualmente a religião se apresenta diante do fenômeno turístico moderno como parecendo invadida, ou, pelo menos quando o fenômeno é contemplado através do olhar peculiar das atividades comerciais de exploração e investimentos na máquina capitalista na atividade turística de receptivos religiosos. Contudo, no que diz respeito ao seu aspecto histórico e cultural, foram atividades religiosas que forneceram uma pré-organização, por assim dizer, de roteiros e estruturas para a atividade de fiéis em peregrinação em locais sagrados, como nos fala Andrade (2009, p. 79):

Nos séculos III e IV da era cristã, os fiéis começaram a cultivar o hábito de viagens de caráter religioso a eremitérios, mosteiros e conventos da Síria, do Egito e de Belém, a fim de encontrar-se com os “servos de Deus”, para pedir-lhes conselhos, orações, bênçãos e curas. [...] Há registro de um roteiro datado de ano de 333, com itinerário bem detalhado para as viagens de devotos e fiéis que partiam de Bordéus, na França, rumo a Jerusalém. Suas indicações assemelham-se às utilizadas nos modernos roteiros técnicos.

A peregrinação é um fator de considerável importância no desenrolar da sistematização de roteiros e itinerários de viagens religiosas, como a concebemos presentemente nos roteiros técnicos do turismo moderno. O interessante é que essas peregrinações não apenas tinham um teor de estrita devoção, sacrifício e contemplação religiosa, mas também de cultura e prazer. Sobre a importância das peregrinações religiosas Urry (2001, p. 19) reforça o nosso argumento:

Nos séculos XII e XIV as peregrinações se haviam tornado um amplo fenômeno, ‘praticável e sistematizado, servido por uma indústria crescente de redes de hospedarias para viajantes, mantidas por religiosos, e por manuais de indulgência, produzidos em massa’ (FEIFER, 1985:29). Essas peregrinações incluíam frequentemente uma mescla de devoções religiosas, cultura e prazer. No século XV havia excursões organizadas, que iam de Veneza à Terra Santa.

Como podemos observar nas palavras de Urry, o turismo possui relações históricas flagrantes com a religiosidade e os comportamentos culturais de pessoas religiosas. Nesse

contexto de viagens de peregrinações, romarias, penitências ou reparações, especialmente, quando precedido da palavra “viagem”, essas designações são considerados como “especificações técnicas” ou “subtipos do turismo religioso”, para fins de calendários, trabalhos promocionais e sistematização do turismo (ANDRADE, 2004, p. 78). Assim, as atividades de peregrinações, romarias, penitências, de pagar promessas são “elementos primitivos”, por assim dizer, do turismo religioso, mesmo antes das práticas do pensamento empreendedor do capitalismo neoliberal que caracterizam o fazer turismo moderno. No que diz respeito ao Brasil, o turismo religioso possui peculiaridades culturais notáveis no âmbito de vocações culturais e regionais.

O turismo religioso do Nordeste apresenta peculiaridades bastante significativas, como no caso de Juazeiro do Norte no Ceará e Guarabira no Brejo Paraibano. A primeira, marcada por uma religiosidade devocional intensamente típica ao lugar tendo como ícone devocional a figura do Padre Cícero Romão Batista, “um santo filho da terra”. A segunda, igualmente marcada por uma religiosidade intensa com padrões religiosos idênticos aos devotos do Padre Cícero, mas que nasce de uma configuração um pouco diferente. O seu ícone de devoção, Frei Damião, não é um filho da terra, mas um estrangeiro.

É justamente nesse ponto que encontramos a característica mais marcante desse importante ícone religioso nordestino, o “ato de se fazer nordestino”, se é que isso é possível dizer, pelo menos em moldes práticos. Mas, quando digo “se fazer nordestino”, me refiro ao ato de se revestir das roupagens culturais, folclóricas e míticas de tal povo e sua região - aspectos estes que iremos analisar no capítulo que se aproxima. Revestindo-se, também, da missão iconográfica de santos precedentes do Nordeste como se fosse “uma linhagem sagrada nordestina”, que percorre três padres, ícones religiosos nordestinos.

Padre Ibiapina, Cícero Romão Batista, chegando a Frei Damião de Bozzano como o último da linhagem de padres que vestiram “a túnica da santidade popular nordestina”. Sacerdotes que viveram e atuaram em solo árido, rústico e sofrido. Mas, resistentes às intempéries e às vicissitudes do tempo, assim como os próprios filhos da terra o são. Além de herdarem as características da terra-mãe, são extremamente devocionais.

Cada um destes ícones que usaram, ou melhor, usam porque foram imortalizados pelas vestimentas sagradas da fé, “as túnicas da santidade popular nordestina”, possuem suas especificidades e missões ideológicas diferentes, mas revestidos com as roupagens da cultura e das problemáticas nordestinas, viveram e morreram em prol de suas crenças e ideologias. Toda essa tradição cultural religiosa e devocional do povo nordestino pode ser encontrada no

Santuário de Frei Damião, em que esses elementos por si mesmos são a principal vocação deste centro religioso turístico.

1.4.2 O Santuário de Frei Damião e sua vocação turística

O município de Guarabira está localizado na microrregião que leva o mesmo nome, Guarabira, e na Mesorregião do Agreste Paraibano. O bioma em que se encontra é a Caatinga. Sua população, segundo o IBGE, é de 55.326 habitantes. Fica a 98 km da cidade de João Pessoa a capital da Paraíba. Por ser fundada em território indígena, já foi chamada de *Guaraobira* ou *Guirabira*¹². Apesar de não pertencer à microrregião do Brejo Paraibano, por motivos cartográficos organizacionais e talvez políticos, Guarabira é conhecida como a “Rainha do Brejo”. Isso devido ser a principal cidade polo de uma região que se caracteriza pela incidência regular das chuvas, característica essa do Brejo.

O povo local, uma boa parte localizada no meio rural em fazendas e sítios dessa região, é um povo marcado pela religiosidade, pelas crendices populares, pelas rezadeiras que misturam orações de cunho católico com elementos do misticismo, característica essa predominante no interior do Nordeste. Grande parte da população, especialmente os mais idosos, não possui um grau de escolaridade elevado. Na verdade ainda há um índice de analfabetismo bastante significativo na região.

A religião predominante, naturalmente, é o cristianismo católico. O catolicismo praticado ainda sustenta resquícios daquele catolicismo importado pelos portugueses. Um catolicismo marcado pelo desconhecimento e incompreensões, como bem fala Muchembled¹³ (1973 *apud* SOUZA, 1986, p. 90-91): “O cristianismo vivido pelo povo caracterizava-se por um profundo desconhecimento dos dogmas, pela participação na liturgia sem a compreensão do sentido dos sacramentos e da própria missa.” Ou seja, podemos muito bem intuir que o grau inferior de escolaridade, ou a ausência dele, contribui para essas incompreensões e consequentemente para o apego mais aos aspectos místicos e sobrenaturais do que à prática religiosa institucional em si.

Essas características tão arraigadas no catolicismo rural/sertanejo, observadas no parágrafo precedente, podem ser observadas na notável personalidade de Frei Damião e suas pregações, afeito aos discursos de ordem profética e escatológica do fim dos tempos e ao

¹² Fonte: IBGE.

¹³ MUCHEMBLEMED, Robert. Sorcellerie, culture populaire et christianisme, *Annales*, E. S. C., 28 année, nº. 1, jan-fev 1973, p. 268.

terror do inferno, nos moldes dos pais quando querem impedir que os filhos façam coisas de seu desagrado: amedrontam-nos com o bicho-papão; no discurso de Frei Damião o bicho-papão era o inferno. Em um discurso do frade, podemos observar esse aspecto de incutir o medo do inferno; ei-lo: “Um lugar de muito fogo onde vive o demônio. O demônio existe, estão ouvindo? Ele existe. Em Mirandiba, interior de Pernambuco, entrei numa casa abandonada e o demônio me jogou sete pedras.” (NOBLAT, 2008, p. 137). Diante de um discurso em tom tão ameaçador, “o povo ficava tremendo de medo, se lembrando desse fogo, desse calor, de cair no inferno. E caminhava léguas e mais léguas para assistir as Santas Missões, pagando um pouco seus pecados e procurando sempre viver no caminho do bem.” (MAIOR, 1998, p. 26).

É sobre essas bases religiosas e vida cultural do povo do Brejo, que se edificou um centro de culto e devoção que é o encontro da tradição, da cultura, da religiosidade e do próprio modelo de catolicismo nordestino com suas idiossincrasias rurais.

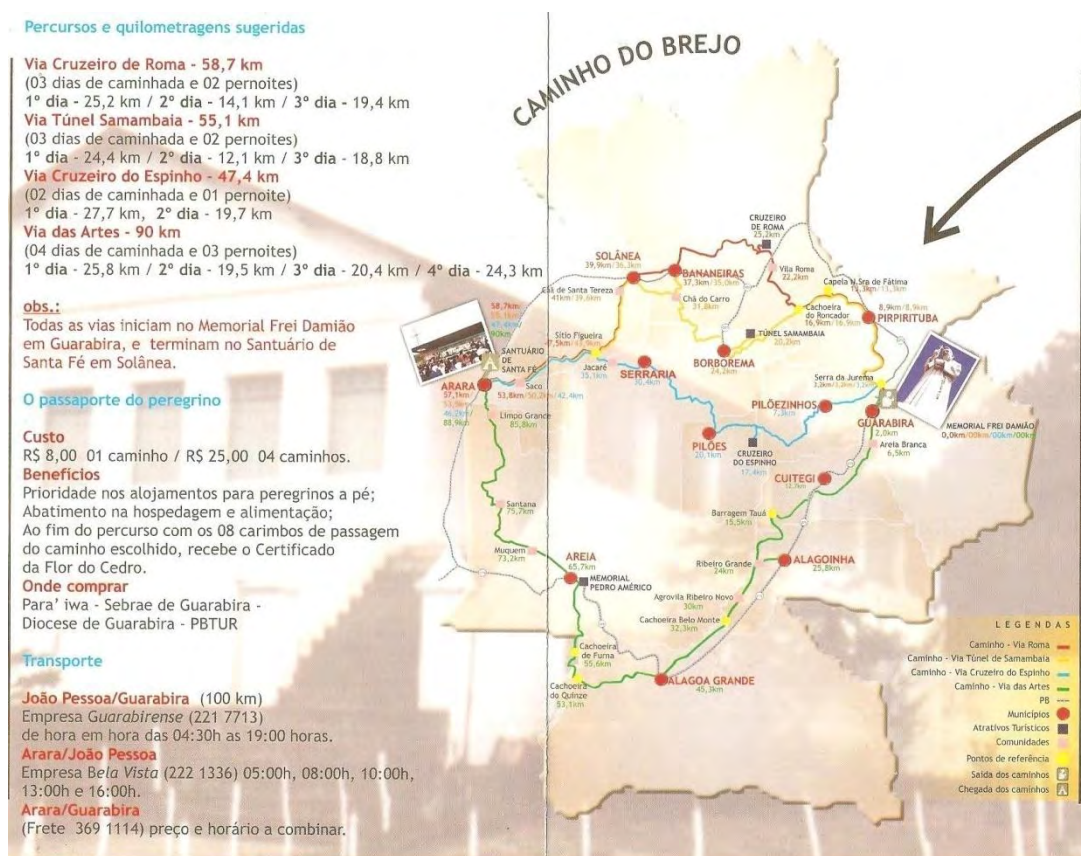


Figura 10: Fôlder explicativo da rota turística dos Caminhos do Padre Ibiapina tendo como ponto de partida da peregrinação o Santuário de Frei Damião.

Fonte: Arquivo do autor, dezembro de 2005.

A confluência dessas idiossincrasias se deflagrou no encontro de dois centros religiosos em um projeto de peregrinação que une o Santuário de Frei Damião em Guarabira e

Santa Fé em Solânea, na criação da rota turística rural de peregrinação intitulada “Nos Passos do Padre Ibiapina”. Como podemos observar na Figura 10, todas as três vias saem do Santuário de Frei Damião rumo a Santa Fé, inspiradas nos Caminhos de Santiago de Compostela, iniciativa esta criada em conjunto com a diocese de Guarabira, o governo do Estado da Paraíba, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae-PB) e a ONG Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip)) Para’iwa, com o apoio da Empresa Paraibana de Turismo (PBTUR) e da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)¹⁴. Tal atividade turística está diretamente ligada ao ato devocional tendo origem nas romarias, peregrinações e pagadores de promessas. Atualmente a divulgação da referida rota turística apresenta-se tímida, ou quase inexistente no atual governo. Na época do seu lançamento em 2004, pôsteres, panfletos e estratégias de *marketing* e propaganda foram utilizados e divulgados nos santuários envolvidos, ao exemplo do pôster da Figura 10. Tanto Santa Fé quanto o Santuário de Frei Damião são centros religiosos de significação cultural de importância não apenas local, mas regional pela história e valores de seus próprios ícones santos Frei Damião e Padre Ibiapina, cujos prestígios e fama são conhecidos em grande parte do Nordeste.

Mas o Santuário de Frei Damião em Guarabira apresenta-se com características importantes muito parecidas com o próprio Frei Damião, como por exemplo, Guarabira é apenas um dos lugares por onde passou o capuchinho, mas esta cidade o adotou como seu, tamanha foi a sua identificação com o santo que surgiu um santuário em sua homenagem e fruto de sua devoção. Da mesma forma Frei Damião não era brasileiro, muito menos nordestino, mas adotou o Nordeste como terra onde pregou, viveu e morreu. É verdade que foi ordem superior do clero que o fez vir ao Nordeste do Brasil, mas ele foi muito além da simples missão. Ele se fez nordestino. Ele “nordestinizou-se” identificando-se com a terra e seu povo e o povo encontrando nele conforto e fé.

A vocação turística supracitada juntamente com a atração do monumento de 34 metros de altura, a imagem de Frei Damião, faz de Guarabira alvo de devoção, peregrinação e turismo. Mas para se chegar à análise dos motivos da construção e às motivações que movem esse centro religioso, tão característico do povo nordestino quanto importante pelo ícone em questão, acredito que será preciso vislumbrar um pouco sobre a figura de Frei Damião. Daremos atenção a esse ícone religioso que tanto marcou o Nordeste brasileiro e em especial a cidade de Guarabira, analisando as várias facetas e significações de sua figura emblemática.

¹⁴ Fonte: <<http://www.parauiwa.org.br/ibiapina/ibiapina.htm>>. Acesso em: 08/04/2012.



Figura 11: Réplica da imagem do Santuário de Frei Damião, na entrada da cidade de Guarabira. Construção patrocinada por uma empresa privada em conjunto com a prefeitura da cidade.

Fonte: Arquivo do autor, 22/05/2011.

FREI DAMIÃO E O CATOLICISMO RURAL: A CONSTRUÇÃO DE UM ÍCONE

As lendas arrepiadoras do Caapora travesso e maldoso, atravessando célere, montado em caititu arisco, as chapadas desertas, nas noites misteriosas de luares claros; os sacis diabólicos, de barrete vermelho à cabeça, assaltando o viandante retardatário, nas noites aziagas das sextas-feiras, de parcerias com os lobisomens e mulas sem cabeça notívagos; todos os mal-assombramentos, todas as tentações do maldito ou do diabo – esse trágico emissário dos rancores celestes em comissão na terra; as rezas dirigidas a S. Campeiro, canonizado in partibus, ao qual se acendem velas pelos campos; para que favoreça a descoberta de objetos perdidos; as benzeduras cabalísticas para curar os animais, para amarrar e vender sezões; todas as visualidades, todas as aparições fantásticas, todas as profecias esdrúxulas de messias insanos; e as romarias piedosas; e as missões; e as penitências... todas as manifestações complexas de religiosidade indefinida, são explicáveis.

(Euclides da Cunha. Os sertões. 2010, p. 143-144).

2 FREI DAMIÃO E O CATOLICISMO RURAL: A CONSTRUÇÃO DE UM ÍCONE.

Durante muito tempo, grande parte da zona rural não possuía energia elétrica. Algumas regiões rurais do país até o fim do século passado e início do século atual, ainda se encontravam sem estruturas básicas como a água encanada e a energia elétrica¹⁵. Até então, quando a luz do dia dava lugar à escuridão da noite, esta era povoada por criaturas do folclore popular. Espíritos que apareciam em determinada cancela para assombrar transeuntes incautos que não paravam para rezar ou benzer-se. Choro de bebês mortos antes de serem batizados era ouvido por aqueles que tinham a missão de batizá-los, assim criam, e ali mesmo a cerimônia do batismo era realizada pelo transeunte. A pessoa pegava três raminhos de folhas e dizia as palavras: Eu te batizo João ou Maria em nome de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo.

Também existiam lobisomens. Geralmente era o sétimo filho ou filha, de uma sequência de irmãos do mesmo sexo. Para fugir da maldição do lobisomem o primogênito teria que tomar como afilhado o caçula, o amaldiçoado.

Existia, ou ainda se acredita que exista, dentro dos fragmentos de matas ainda agonizando perante a devastação do progresso tecnológico, um mito bastante conhecido no meio rural: a “Cumade Fulozinha¹⁶”, como é conhecida na cultura matuta, uma entidade cuja aparência era de uma caboclinha de cabelos pretos e pequena estatura como uma criança, assim dizem os relatos dos mais velhos moradores do interior da Paraíba. Ela surrava os cachorros que iam caçar com seus donos, e também fazia com que tais caçadores se perdessem na mata. Para que isso não acontecesse eles levavam consigo rolos de fumo para

¹⁵ Fonte: Revista Nera, ano 9, n. 8, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://www2.fct.unesp.br/nera/revistas/08/Heredia.PDF>>. Acesso em: 24/03/2012.

¹⁶ Estes mitos ou crendices como a da “Cumade Fulozinha” possuem como fonte os relatos dos meus pais e avós, ex-moradores do meio rural da Paraíba. E também, das pessoas do meio rural, durante toda a minha infância e parte da adolescência. (Nota do autor).

deixarem como oferenda. Havia a crença também que ela trançava o rabo dos cavalos deixando quase impossível de desembaraçá-los. A “Cumade Fulozinha” castigava aqueles que dentro dos seus domínios da mata falassem palavrões. O pobre coitado, se assim ousasse, recebia uma surra de cipós.

A “Cumade Fulozinha” possui características de sua atividade muito parecidas com duas outras entidades do imaginário popular que são o Caipora e o Curupira. Todos os três protegem as matas, são traquinos, mas também podem ser benevolentes, principalmente quando agradados com algum capricho humano como fumo, por exemplo. A mãe-d’água era, ou é, outra crendice. Tratava-se de uma criatura metade mulher da cintura para cima e metade peixe da cintura para baixo. A mãe-d’água poderia levar ao afogamento ao puxar os pés daqueles que ela quisesse levar para o fundo do rio. Estes são apenas fragmentos do rico imaginário de crenças populares do camponês no universo rural da Paraíba.

Em um ambiente tão rico em manifestações folclóricas e míticas o catolicismo se formou com suas características próprias, moldado pelo imaginário popular de um ambiente rural, onde a cultura é permeada pelo misticismo. Misticismo este, de elementos ancestrais indígenas de que podemos encontrar referência ou repercussão na mestiçagem do índio com outros grupos étnicos, ou seja, com o africano e o europeu, gerando proles híbridas e junto com elas culturas igualmente diversificadas e miscigenadas. Com isso, denominações como cariris ou tapuias (designação dada pelos portugueses na época da colonização aos índios habitantes do interior e que não falavam a língua do tronco tupi), caboclos, mamelucos, cafuzos, entre outros, transcendem o entendimento de classificações linguísticas e étnicas para o campo fenomenológico, agregando elementos mágicos e sobrenaturais a uma fé cristã católica importada para terras brasileiras e nordestinas carregadas por sua vez com elementos sobrenaturais do povo rural europeu, como veremos mais adiante no item 2.1.

A fé católica é rica de elementos híbridos que podemos encontrar consonância em outras religiões, culturas e tradições. É esse caráter agregador e adaptador de tradições e culturas locais que o catolicismo adentrou ganhando espaço e construindo a história não apenas a nível mundial, mas também com significância local. Ao mesmo tempo em que o catolicismo assimilava, ela também influenciava, moldava, ditava e dominava, construindo ao longo do tempo o seu modelo ou modelos devocionais.

O modelo de devoção que o povo rural herdou foi baseado na vida dos santos, o que Candido Procópio Ferreira de Camargo (1973) chama de “catolicismo santorial”. Essa devoção se traduz em ensinamentos morais dos santos, das suas visões e manifestações do sagrado em suas vidas. A zona rural, devido à localização longe dos grandes centros urbanos,

suas comunidades isoladas, foi a que mais conservou até o momento esse modelo devocional de submissão e resignação dos santos católicos.

2.1 O catolicismo do meio rural

Podemos perceber como o catolicismo é importante no contexto histórico brasileiro na formação de seu imaginário social e construção dessa mesma realidade. Falo em construção da realidade da maneira como escreveu Berger (1985, p. 36) quando diz:

O mundo da vida cotidiana não somente é tomado como uma realidade certa pelos membros ordinários da sociedade na conduta subjetivamente dotada de sentido que imprimem a suas vidas, mas é um mundo que se origina no pensamento e na ação dos homens comuns, sendo afirmado como real por eles.

O mundo configurado pelo caráter humano é aquele que podemos perceber, conceber, creditar ou se fazer crido pelas ações desse mesmo “humano real”, que constrói seu caráter social no meio em que habita e suas realidades integrantes e concatenantes. Dessa forma, como é entendido por Berger no texto supracitado, não apenas essa “realidade certa” encontrada, mas a realidade social, ou, como posso acrescentar sociocultural, não apenas é criado pelo conjunto de pensamentos e atos de seus membros, mas também impresso, uma vez aceito por eles, e sustentado socialmente como realidade conjunta. Isso é o que forma, o que pode ser entendido como civilização, sociedade e cultura.

Criado pelo humano é o conjunto de mundo com suas identidades e traços culturais que formam as suas civilizações. Luís da Câmara Cascudo (2004, p. 46) diz que “para compreender o fenômeno total da civilização é preciso atender que o todo civilizador é maior que a soma das partes culturais”. Ou seja, cultura são componentes, ou partes de uma civilização. A civilização, segundo Cascudo, é “uma força de gravidade unificando sem fundir as unidades socioculturais” (2004, p. 49). Mas para que possamos compreender melhor o nosso mundo “social sensório humano” que perfaz essa parte do todo civilizatório que se chama cultura clareamos esse entendimento de cultura com Malinowski (1970, p. 43):

Os problemas apresentados pelas necessidades nutritivas, reprodutivas e higiênicas do homem devem ser resolvidos. Eles são solucionados pela construção de um novo ambiente, secundário ou artificial. Esse ambiente, que não é mais nem menos do que a cultura propriamente dita, tem de ser permanentemente reproduzido, mantido e administrado. Isto cria o que podia ser descrito, no sentido mais amplo da expressão, como um novo padrão de vida, que depende do nível cultural da comunidade, do ambiente e da eficiência do grupo. Um padrão de vida cultural, contudo, significa que novas necessidades se impõem e novos imperativos ou determinantes são

inculcados ao comportamento humano. A tradição cultural, é claro, tem de ser transmitida de cada geração para a geração seguinte.

A cultura como diz Malinowski é o padrão de vida, que, por sua vez, é dependente do nível desse mesmo padrão e de sua eficiência como comunidade. E são agregadores, uma vez que são construtores culturais de sua identidade comportamental. Ele acrescenta ainda que a tradição cultural tem de ser transmitida de geração a geração. E que esse poder de transmissão é inerente ao processo civilizatório. Contudo, Cascudo (2004) acrescenta que, mesmo essa transmissão entre civilizações diferentes em que a civilização dominante transmite seus traços culturais, a receptora desses traços não adota por completo tal cultura, mas a transforma e a modifica com características próprias, criando outra cultura distinta ainda que mantenha traços estrangeiros. As culturas perfazem os costumes, o *êthos* de um povo. A cultura é o que pode ser transmitido de uma civilização a outra, sem que a civilização de onde se origine se inclua na herdada. Como explica Cascudo (2004, p. 46):

O que se transmite é a cultura. Difunde-se pela imigração, imitação, irradiação. Uma técnica agrária, um sistema administrativo, um maquinário de trabalho, uma cerimônia oficial, ritmo de dança, linha melódica, estilo escultório ou arquitetônico, pode comunicar-se de país a país, próximo ou longínquo, sem que nele se inclua a civilização originária que o produziu.

Nesse entendimento de Cascudo, as crenças e costumes rituais são transmitidos de um país a outro, mas transformados e reconfigurados com as características locais. Processo esse sofrido pelo catolicismo português, que chegou às terras brasileiras, cingido e transformado pelas dinâmicas do processo civilizador ocorrido na Europa, que por sua vez absorveu culturas locais e se transformou. As terras brasileiras nativas sofreram a mesma dinâmica de transmissão, assimilação e aculturação, investida pelo catolicismo, mas sem deixar que essa aculturação de povos estranhos subvertesse por completo o seu *êthos*, criando, com isso, distinções e características culturais próprias (SOUZA, 1986).

Um plano menor de observação desse fenômeno pode ser acompanhado entre o meio rural e o urbano ou a metrópole e o vilarejo rural. Há diferenças significativas entre as partes citadas, seus costumes e crenças, e sua matriz religiosa, apesar de ser a mesma, toma contornos distintivos. O catolicismo, por exemplo, da capital e o do interior, o da zona rural. Sobre isso Eliade (1992, p. 80) contribui conosco com sua abordagem sobre os cristãos da cidade e do interior da Europa:

É preciso, porém, reconhecer que a religiosidade deles não se reduz as formas do cristianismo, que conserva ainda uma estrutura cósmica quase inteiramente perdida na experiência dos cristãos das cidades. Pode-se falar de um cristianismo primordial, a-histórico; ao se cristianizarem, os agricultores europeus integraram a sua nova fé a religião cósmica que conservavam desde a pré-história.

Esse caráter conservador da religião cósmica a que Eliade se refere é aquele em que o homem religioso concebe o mundo como uma criação dos deuses, e por ser uma criação dos deuses o mundo está impregnado de sacralidade, pode ser observado também no mundo rural na Paraíba e no Brasil.

Além desse “cristianismo histórico” do universo rural a que Eliade se refere como uma distinção importante da religiosidade da cidade, também a paisagem bucólica, campestre, a proximidade com a natureza e as matas que proporcionam momentos de encantamentos e de contemplação - “[...] a natureza apresenta ainda um ‘encanto’, um ‘mistério’, uma ‘majestade’, onde se podem decifrar os traços dos antigos valores religiosos” (ELIADE, 1992, p. 75) -, tudo isso faz com que as vidas e as expressões culturais do povo rural sejam diferentes da população urbana, que é cheia de facilidades tecnológicas, vida turbulenta, vias congestionadas de veículos e atividades estressantes do cotidiano.

As tradições católicas sem precedentes moldaram os costumes e a própria cultura do povo brasileiro, onde a existência da igreja era imprescindível. Tanto que na geografia das cidades pode-se perceber logo, no lugar mais alto, uma igreja¹⁷. É como se o catolicismo fosse a principal marca espiritual do povo brasileiro. “Cada cidade brasileira possui uma igreja, e esta é, geralmente, o principal monumento localizado na praça central” (VITARELLI, 2001, p. 20) Essa centralização do religioso nas cidades e povoados tanto em suas construções arquitetônicas quanto em suas crenças cotidianas, influenciou significativamente a cultura popular, sobretudo no mundo sertanejo rural, fortalecendo a religiosidade popular do catolicismo.

O termo “catolicismo popular” deve ser utilizado com certa cautela, devido às riquezas culturais diversificadas e próprias de cada lugar. Devido a isso, concordamos com Paulo Guenter Suess quando diz: “Também o compósito ‘catolicismo popular’ serve como rótulo para conteúdos muito diferentes, de modo que sempre se deveria falar no plural de catolicismos populares.” (SUESS, 1979, p. 30). Isso porque existe uma diversidade de práticas católicas, cujas distinções mudam tanto quanto a própria vida cultural de cada povo. Tendo em vista essa realidade, percebemos que o termo catolicismo popular não é algo

¹⁷ Sobre a importância da arquitetura das igrejas, remeto o leitor ao livro: ABUMANSUR, Edin Sued. **As Moradas de Deus: arquitetura de igrejas protestantes e pentecostais**. São Paulo: Novo Século, 2004.

simples de ser apreendido. Contudo, podemos observá-lo e estudá-lo em suas várias manifestações.

Nas manifestações e configurações católicas, respaldadas nos costumes do cotidiano e do próprio pensar social, está presente uma oposição de valores oficiais e extraoficiais. O valor extraoficial gerado é o que conhecemos como *catolicismo popular*. Nesse tipo de catolicismo o povo fiel tem maior liberdade devocional como bem coloca Riolando Azzi (1977, p. 45):

É nesse tipo de catolicismo que o povo encontra maior liberdade de expressar sua devoção, e maiores possibilidades de participação do culto religioso. Essa fé popular, que tem seu centro nas devoções aos santos, se manifesta essencialmente nas procissões, nas romarias, nas promessas e ex-votos.

Para Leonardo Boff (1982, p. 142): “Popular é o que não é oficial nem pertence às elites que detêm a gestão do católico. Catolicismo popular é uma encarnação diversa daquela oficial romana, dentro de um universo simbólico e de uma linguagem e gramática diferentes [...]”.

Waldo Cesar (1976) seguindo o mesmo caminho de Marcel Mauss chama atenção para esse mesmo entendimento, destacado em nossos estudos, que se deve dar importância ao caráter ou ideia de oposição entre o que é oficial e o que não é. O enfoque político que envolve essa dinâmica de oposições está presente em todas as religiões. Cesar (1976, p. 12) diz:

As oposições/relações têm lugar destacado no que se refere aos níveis popular e oficial. Como um enfoque mais de ordem política, o popular e o oficial têm se manifestado no desenvolvimento praticamente de todas as religiões. A organização e o aparelho do poder da religião oficial têm uma função política que se choca e se contrasta com a natureza espontânea e simples dos grupos religiosos populares.

No seio dessas relações opostas de valores ou de comportamentos sociais, elencamos o estudo do catolicismo popular rural com seus caracteres diversificados para melhor podermos entender. Camargo (1973) distingue o catolicismo rural como pertencendo a um dos dois tipos de catolicismo tradicional brasileiro, o outro tipo seria o tradicional urbano. Cada qual com suas características próprias, mas apresentando o elemento tradicional em ambos. Camargo (1973, p. 55) assim se refere ao catolicismo tradicional rural:

No tipo tradicional rural de religião, observa-se escassez de liderança formal, pois os padres, muitas vezes responsáveis por grandes paróquias, visitam apenas periodicamente as localidades mais afastadas. Na falta de membros da hierarquia

eclesiástica, a liderança religiosa local é assumida por leigos – “rezadores” e “rezadoras” – que organizam rezas, novenas, terços. A estas práticas religiosas, sobretudo sob a responsabilidade feminina, somam-se ainda as ligadas a recomendação dos mortos e aos moribundos. Tal situação facilita a emergência de liderança leiga de tipo carismático, a qual não gera, via de regra, o aparecimento de conflitos com o clero. [...] Observa-se ainda, em correlação com a irregularidade de permanência do clero nas comunidades rurais, que as práticas religiosas tendem a enfatizar aspectos não sacramentais e de menor significado litúrgico.

Diante disso, podemos perceber como o catolicismo, em especial o catolicismo popular do meio rural, é importante para a compreensão do contexto histórico do Nordeste brasileiro e a formação de seu imaginário social e religioso, e como se configura numa face distinta do catolicismo oficial.

Em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (2010, p. 143) podemos perceber como o autor descreve o caráter religioso do sertanejo nessa passagem:

O círculo estreito da atividade remorou-lhe o aperfeiçoamento psíquico. Está na fase religiosa de um monoteísmo incompreendido, eivado de misticismo extravagante, em que se rebate o fetichismo do índio e do africano. É o homem primitivo, audacioso e forte, mas ao mesmo tempo crédulo, deixando-se facilmente arrebatar pelas superstições mais absurdas. Uma análise destas revelaria a fusão de estádios emocionais distintos.

Apesar da disposição explicitamente deflagrada nas palavras do escritor, de um posicionamento evolucionista cultural positivista, quando diz palavras como “aperfeiçoamento psíquico”, “misticismo extravagante”, a descrição do perfil e do *éthos* do sertanejo, sobretudo de sua religiosidade, é de grande importância para entendermos o que ainda resta dessa herança no mudo rural moderno. Ao falar que o sertanejo é “homem primitivo, audacioso e forte, mas ao mesmo tempo crédulo”, podemos observar que nesta frase há uma descrição notável de um perfil, sobretudo religioso, de uma etnicidade e comportamento que ainda pode ser encontrado em alguns rincões do mundo rural do Nordeste. Quando ele fala: “A sua religião é, como ele – mestiça” (2010, p. 143), ele está falando das características híbridas de uma religiosidade popular sertaneja que também ainda pode ser verificada, mesmo que precária, no universo rural.

A seguir, abordaremos sobre essa construção da identidade religiosa sertaneja e seus perfis no mundo moderno.

2.2 A identidade religiosa sertaneja na modernidade. Nuanças e implicações

O homem do campo é um produto da simplicidade bucólica aonde vive. O contato com regiões ainda não tocadas pelo progresso superpopulacional e tecnologias eletrônicas permite ao camponês depender apenas de suas habilidades físicas e inteligência corporal, permitindo uma centralização nas mesmas e evitando uma dependência de tais meios.

Eliade (1992) fala sobre o *homo religiosus*, o homem que em período arcaico concebia o mundo como sagrado em toda a sua totalidade, justamente porque este foi criado pelos deuses. O homem rural ou do campo no mundo atual é o que mais se aproxima do *homo religiosus* e sua perspectiva religiosa de encarar o mundo. Toda a perspectiva religiosa do camponês está repleta de folclores, crenças, costumes e comportamentos que naturalmente se agregaram aos ritos e dogmas da religião oficial cristã desde a colonização.

Com a vinda dos portugueses ao Brasil, os mesmos carregaram em suas bagagens todo o seu “cristianismo católico sincrético”. Referindo-se ao homem do campo europeu Eliade (1992, p. 80) diz que ainda podemos reconhecer numerosas “situações de religiosidade arcaicas”. Eliade (1992, p. 80-81) ainda nos enriquece com essa abordagem:

Em muitos casos, os costumes e as crenças dos camponeses europeus representaram um estado de cultura mais arcaico do que aquele representado pela mitologia da Grécia clássica. É verdade que a maior parte das populações rurais da Europa foi cristianizada há mais de um milênio. Mas elas conseguiram integrar ao seu cristianismo uma grande parte de sua herança religiosa pré-cristã, de uma antiguidade imemorial.

Antes de fazer o comentário sobre a passagem supracitada de Eliade, gostaria de falar sobre termos que uso aqui como aculturação e sincretismo. Falar um pouco, especialmente do segundo, que presentemente tomou um ar de “pecado acadêmico” diante de tanta reflexão, que, em muitos casos, tem certo [...] ar ideológico. Sobre o sincretismo, concordamos com Canevacci (1996, p. 13) quando diz:

Frequentemente disfarça-se com sinônimos mais elegantes ou mais conflituais, como pastiche, patchwork, marronização, híbrido, mélange, mulatismo, aculturação. Nele reside – em sua excessiva incoerência, trivialidade, indigenização – o grande liquidificador que está despedaçando todos os lugares-comuns do trio estética-ética-etnia, assim como os dos comportamentos diários e os dos estilos de vida.

O autor fala também que “por muito tempo o sincretismo foi ligado a apenas fenômenos religiosos” (1996, p. 14). Na mesma perspectiva do autor usamos aqui “sincretismo” tendo uma relevância mais cultural em seu sentido não restrito a apenas a um de

seus fenômenos, como a aculturação, por exemplo, quando ele diz: “Esses sincretismos culturais são, justamente, o objeto de nosso discurso” (1996, p. 14). Até mesmo a origem da palavra, segundo o autor, “Sin-cretismo = união dos cretenses”, ou seja, dizia-se que os cretenses estavam sempre em rivalidade interna, com suas questões políticas administrativas. Com isso, tal termo diz da união dos cretenses contra um inimigo em comum. Todavia, segundo Canevacci (1996, p. 15):

[...] para não perder a liberdade e derrotar um inimigo externo bem pior que o amigo-inimigo interno. Essa determinação de unir grupos conflituais, essa busca por alianças entre diversas ‘partes da própria Creta, serviu para a posterior migração do conceito: da política para a religião. Daí a sua assonância com “superfície”, que por muito tempo marcou seu sentido, por parte das “profundezas” filosófico-religiosas. E daí seu amplo uso - na era da modernidade - para indicar um dos maiores crimes cometidos pela cultura ocidental.

O “unir grupos conflitantes”, o “fixar o incompatível” e o “oximoro”, leva o sincretismo ao mesmo entendimento que propomos aqui nesta parte de nosso estudo. Como fenômeno cultural e também histórico, que não se reduz a decadências culturais e religiosas, muito menos a oposições que elegem uma cultura superior essencialmente dominadora a outra inferior consequentemente subalterna no entendimento positivista, mas a um fenômeno histórico do desenvolvimento humano e social que acontece quando se chocam diferentes formas “de ser” sociais e culturais. A própria religião católica oficial na oposição à extraoficial não é uma exceção à regra como bem coloca Boff (1982, p. 150):

Evidentemente esta interpretação se credita a religião dominante que se articula num discurso ideológico totalizador, considerando todas as demais manifestações religiosas ou como preparações a ela - e por isso essencialmente imperfeitas - ou como decadência dela como por exemplo o catolicismo popular ou as igrejas saídas dos movimentos reformadores. Os estudos das diferentes disciplinas interessadas no fenômeno religioso, mais especificamente no cristianismo, têm chegado semelhante pretensão do catolicismo oficial. Esse é tão sincrético como qualquer outra religião. O resultado não é uma religião que saiu e foi recebida pronta das mãos de Deus ou de Cristo. Ela apresenta-se como um artefato cultural produzido pela atividade cultural do homem [...].

Essa importante colocação de Boff, ao dizer que o cristianismo é tão sincrético quanto qualquer outra religião, nos conceitua no entendimento que o sincretismo é um fenômeno de produção social, cultural e religiosa independentemente de qualquer povo.

Mas, agora, já se sentindo mais à vontade para falar sobre aculturação e sincretismo no universo rural, voltamos ao parágrafo e à citação de Eliade, anteriormente abordada.

Esse processo de aculturação de um povo ou, como já se falou, de transferências culturais de uma civilização para outra, que resulta em sincretismos, como podemos ver na abordagem de Eliade, que citamos anteriormente, no caso da Europa, podemos verificar o mesmo processo na zona rural do Nordeste e/ou no interior da Paraíba, com o qual estamos trabalhando, com todas as suas heranças sertanejas de vaqueiros, agricultores de trabalho alugado¹⁸, jagunços, cangaceiros, beatos, rezadores, benzedores, parteiras e missionários, e que formam um conjunto social “alternativo” e “adaptável” àquela situação de carência dos órgãos oficiais do Estado e da Igreja.

Nesse conjunto de configurações peculiares do universo rural, sobressai a parte religiosa formando o “útero sagrado” de onde nasceu a devoção místico-mágico-religiosa típica do homem do campo, construída ao longo de sua história por situações e condições adversas com que o sertanejo, o camponês aprendia a conviver, e que iam desde as intempéries do clima às injustiças sociais que agravavam ainda mais suas carências. Em se tratando da formação da cultura e do povo rural no Brasil, concordamos com Rubim Santos Leão de Aquino (2000, p.139) que diz:

Tanto na Bahia como no Brasil Meridional, a concentração da propriedade nas mãos de poucos gerou - e ainda hoje o fenômeno se processa - uma grande massa de trabalhadores rurais desempregados. Eram antigos, pequenos e médios proprietários, posseiros agregados, rendeiros, vaqueiros sem perspectivas, ex-escravos. Marginalizados, esses grupos populacionais desenraizados, pobres e miseráveis, na sua maioria incluíam mestiços e negros.

Muitos migravam para outras regiões do Brasil. Viajavam sozinhos ou com suas famílias. As secas que ocorriam no nordeste tornavam mais trágica à existência desses sertanejos, que acabaram sendo conhecidos como jagunços.

Esse empobrecimento da sociedade sertaneja e rural brasileira gerada por uma política oligárquica de latifundiários e agravada pelas secas e doenças tem sido de suma importância para a formação de uma população sem escolaridade, sem infraestrutura adequada, gerando sofrimentos tais que a única esperança eram as promessas de tempos melhores e as rezas, as benzeduras, o sobrenatural e o misticismo, as promessas aos santos, as penitências, a resignação ao sofrimento em prol de um juízo final libertador de todos os males.

Essa era a constituição do imaginário popular dos camponeses, que tinham que cuidar de seus corpos e de suas almas, que pela ausência do Estado e até da Igreja tinham que se virar como podiam em seu cotidiano e suas crenças.

¹⁸ No vocabulário do matuto do interior da Paraíba, “trabalhar alugado” é o mesmo que trabalhar por diária. Depois de cumprido o trabalho, no final do dia o agricultor recebe certa quantia (geralmente muito baixa), previamente estabelecida.

Essa questão da ausência dos órgãos oficiais da Igreja é um elemento importante para se compreender a autonomia dos agentes populares da fé e a consequente formação e configuração dessa espécie de religiosidade. Brandão (1986, p. 203) coloca de forma esclarecedora essa questão: “O agente popular é, quando pode, um assistente submisso e um aprendiz humilde dos atos dos padres, diante deles; mas é um reinventor ativo e um praticante autônomo, quando está longe deles”. A submissão, a reinvenção e a autonomia de que fala Brandão, são elementos importantes para a configuração das crenças populares diante da situação de ausência da Igreja ou dos órgãos oficiais do clero. “Livre da igreja até onde pode e solto no meio do imaginário camponês, o catolicismo incorpora crenças, mitos, sagas épicas e narrativas de prodígios ‘lá’ e ‘aqui’, no lugar onde havia uma história feita e canonicamente cristalizada” (BRANDÃO, 1986, p. 205).

Sobre essas crenças do povo rural e sua riqueza de elementos místicos e lendários, pode-se observar essa tipicidade cultural religiosa desde há muito tempo no sertão nordestino. Épocas de grande dificuldade e carências em regiões secas e afastadas dos centros urbanos. É muito importante o que fala Lira Neto (2009, p. 33) sobre a constituição da crença do sertanejo; apesar de ele falar do Juazeiro, essa cidade reflete todo um contexto regional, e é um exemplo do que acontecia no mundo sertanejo:

Naqueles confins dominados por latifundiários e cangaceiros, quase nunca se rezam missas ou se ministravam outros sacramentos além do batismo, pela simples ausência de um número suficiente de párocos para fazê-lo. [...] Tal vácuo deu origem a uma religiosidade espontânea no meio do povo, um misticismo rico em manifestações, mas pouco afeito ao controle e aos rituais da Igreja oficial. [...] Antigas crenças indígenas, uma vez mescladas à tradição lusitana do culto aos santos protetores, geravam uma devoção permeada de livres reinterpretções da fé católica, baseadas em elementos mágicos e sobrenaturais. [...] No universo mental dos sertões, havia lugar tanto para crença em caiporas e lobisomens quanto para anjos da guarda. Existia espaço para propaladas aparições tanto de almas penadas quando de pavorosas mulas sem cabeça. Benzedeiras desfaziam quebrantos com a ajuda de rosários, como também de patuás e folhas de pinhão roxo.

No universo mental do sertanejo, como diz Lira Neto, o homem do campo se via no meio de criaturas fantásticas do folclore popular. A sua religiosidade não menos era influenciada quanto o seu cotidiano. E todo o seu ambiente cultural era sobreposto pelo sobrenatural, que como diz Eliade (1992, p. 59): “É preciso não esquecer que, para o homem religioso, o ‘sobrenatural’ está indissolivelmente ligado ao ‘natural’; que a natureza sempre exprime algo que a transcende”. O camponês possui afinidade e dependência da mãe natureza, porque é dela que ele tira o seu sustento diretamente. Ao plantar e colher exprime reverência perante sua majestade e benevolência. Podemos dizer em outras palavras que a sua reverência

sacra diante dos seus misteriosos fenômenos é que a natureza, sagrada, exprime a sua mais perfeita sintonia com a sua humanidade.

A configuração do perfil sertanejo contemporâneo moderno, ainda guarda traços dos seus antepassados, no que diz respeito às suas tradições e crenças. O catolicismo rural e suas tradições com resquícios coloniais encontram no mundo rural moderno ecos de um tempo em que seus antepassados tinham uma religiosidade, como diz Eliade, cósmica. O mundo é sagrado.

À noite com sua abóbada estrelada e o seu candeeiro em forma de disco branco luminoso fixado no teto, as estrelas cadentes que riscavam o céu de quando em quando, os chamados coriscos ou raios trovejantes que abalavam não apenas as estruturas das casas simples do morador rural, que muitas vezes eram de taipa, as ventanias com suas forças de redemoinhos, tudo isso inspirava respeito e temor no sertanejo. E a fé era a nota mais tocada na grande melodia dos fenômenos da natureza sagrada de Deus e dos deuses nas suas vidas, ditando seus mitos, sua fé, seus ritmos e seus ritos.

2.3 Os ritmos e os ritos do camponês e as convergências das culturas do campo e da capital

Primeiramente atentemos para o fato de que a grande maioria das comunidades humanas nasceu do universo rural. Depois é que adveio o crescimento das cidades e as migrações em massa de pessoas do campo para as capitais e cidades, colocando a “atenção” da sociedade moderna na cultura das cidades que se tornaram sinônimo de facilidades tecnológicas, praticidades domésticas e “prosperidades artificiais” em curto prazo, além de trabalhos menos árduos (o que nem sempre era um fato em muitos dos casos) e mais rentáveis para os trabalhadores pobres, posseiros, boias-frias e de trabalho alugado no meio rural. Isso mostra que o termo popular era sinônimo de povo e o povo era o camponês.

De acordo com Peter Burke (2010, p. 57): “Para os descobridores da cultura popular, o ‘povo’ eram os camponeses. Os camponeses compunham de 80% a 90% da população da Europa”. Burke ainda expõe importantíssimos exemplos de que as canções, as danças e os contos populares estavam baseados no folclore dessas comunidades rurais da Europa e que por isso eram primeiramente entendidos por estudiosos e pesquisadores da cultura popular como sendo uniformes. Ou seja, aplicados como sinônimo de significado para tudo o que diz respeito a “popular”.

Mas, com o crescimento das cidades e o desenvolvimento industrial, tecnológico e sistemático das sociedades, o termo popular tornou-se de uma complexidade ainda mais ampla. Da mesma forma que podemos falar em catolicismos populares, podemos conceber a partir dessas configurações modernas sociais de “culturas populares”, devido a sua complexidade e heterogeneidade. Estão configuradas no conceito do termo “popular”, entidades de cultura popular, distinções de crenças e idiossincrasias locais e linguísticas de seus ritmos e rituais de vida cotidiana como um todo.

Quando se fala em rituais a tendência é imaginar que se trata logo de rituais religiosos ou mágicos. Mas as sociedades, sejam elas antigas ou modernas como as que presenciamos na contemporaneidade, são constituídas por seus próprios rituais em uma escala que vai da pessoal, familiar à comunitária ou coletiva. Ritual é ação coordenada que se repete. “Ora, todo movimento resulta de uma ação, é ação. Por isso o rito é entendido como ação ordenada” (VILHENA, 2005, p. 21). E ainda, o rito é de fundamental importância para a formação, manutenção e sobrevivência da sociedade. Com um importante caráter de reestruturação e transformação social de acordo com as circunstâncias e acontecimentos históricos, os ritos sociais podem ser alterados ou ressignificados de acordo com o tempo e as necessidades culturais da sociedade. Uma boa explicação sobre esse assunto está nas palavras de Vilhena (2005, p. 22-23):

Conforme as circunstâncias e as necessidades sociais, novos ritos podem ser criados, ou re-criados ou re-significados, outros ainda podem desaparecer quando não tiverem mais sentido para uma comunidade ou para a sociedade em geral. O rito situa-se, portanto, na articulação entre tradição, memória, conservação e transformação.

Na esfera rural da sociedade, essas mudanças de ritmos e ritos foram ocasionadas ou intensificadas de forma bastante significativa pelos meios de comunicação de massa, através primeiramente do rádio e logo depois, da televisão, mudando os costumes e ritmos de vida das pessoas do meio rural.

A começar por seu dialeto e seu sotaque, o camponês, o caipira, é reconhecido, em um primeiro contato, por aqueles que são da capital. As suas crenças e crendices só são perceptíveis por uma proximidade mais efetiva e um diálogo mais aprofundado. Por sua vez, os moradores da capital também são reconhecidos por esses mesmos mecanismos de percepção pelos camponeses. Antigamente essa distinção era deflagrada pelo modo de vestir, pelo comportamento e até pelos gestos. Atualmente, a moda e os costumes são difundidos e distribuídos aonde quer que exista um pequeno rádio ou aparelho de TV, excitando a cobiça

do mais humilde aos mais abastados dos moradores do campo ou da cidade, convidando-os a comprar, a se comportar e a se portar como os mocinhos e mocinhas da novela e dos seriados de TV. As propagandas comerciais bombardeiam a todo o momento excitando e criando necessidades que antes eram totalmente desnecessárias à vida simples do campo.

As zonas rurais, atualmente, não são mais as mesmas dos últimos séculos. Não existe mais o isolamento do mundo. Os seus ritmos musicais entram em harmonia com os ritmos das grandes cidades do mundo. O forró convive e até se misturou com o *rock and roll*, o chamado forró enlatado. O acordar cedo, às cinco da manhã para fazer o café e trabalhar, ir para o roçado, para a lida com o gado; o dormir cedo e a reunião familiar no alpendre da casa depois do almoço e à noite antes de dormir, ainda são ritmos do interiorano em sua maioria. A ida às missas aos domingos, o rezar ou o orar ao pé da cama, e em alguns casos raros, a reza e o acender de velas diante do oratório da família, também ainda o são. Contudo, a televisão chegou para contrabalançar esses ritmos e ritos familiares em comum. O almoço pode ser em frente à TV e não mais à mesa, também o alpendre foi largamente substituído pela sala de estar com o acréscimo do aparelho de TV.

Apesar dos costumes estritamente locais e suas tradições, assim como também a moda, perderam a sua “autenticidade local” com o advento das novas tecnologias comunicacionais, que encurtaram caminhos e tornaram as culturas mais próximas, havendo não mais a distribuição do centro para as periferias, mas o seu inverso, como diz Mcluhan (2007, p.112):

A aceleração de hoje não é uma lenta explosão centrífuga do centro para as margens, mas uma implosão imediata e uma inter fusão do espaço e das funções. Nossa civilização especializada e fragmentada, baseada na estrutura centro-margem, subitamente está experimentando uma reunificação instantânea de todas as suas partes mecanizadas num todo orgânico. Este é o mundo novo da aldeia global.

Essa aldeia global de que fala Mcluhan é uma nova configuração de ordem planetária em que as culturas, as crenças e os costumes se interpenetram e se misturam como se fosse uma aldeia. Nisso, o que era exclusivo do interior hoje não é mais. Por sua vez, o que era exclusivo das capitais desenvolvidas, também se vê no interior.

A tipicidade está perdendo cada vez mais o seu caráter típico. Contudo, ainda encontramos neste século tradições, crenças e credices profundamente arraigadas no interior do estado, havendo apenas uma transformação nos moldes e nas suas estruturas deflagrada na política e na economia capitalista. Nessa profusão consumista, o sagrado se envolve na corrida do capital, e se utiliza de forma deflagrada e urgente dos *mass media*. São as instituições religiosas, que se utilizam da mídia, dos meios de comunicação, da política e do

marketing para alcançar dimensões de alcance antes jamais sonhado, para arrecadar donativos e fiéis “salvando suas almas”, evangelizando eletronicamente. Essa modernidade, apesar de sua mudança estrutural, mantém o seu cunho e sua razão sacralizada.

É no turismo religioso que se encontra a confluência ou o encontro da tradição e da modernidade na sua mais rica expressão popular de mercado, de mídia, de *marketing* em um espaço sagrado, entre promessas e atos de fé e ritos como os deambulatórios que são antiquíssimos. O Santuário de Frei Damião em Guarabira, Paraíba, surge como uma forte expressão, no interior, desse encontro do religioso, do moderno e do tradicional com o elemento mercadológico, em um campo em que o sagrado e o profano convivem de forma socialmente harmoniosa.

Um elemento que pode unificar o mundo rural religioso e os aparatos modernos, nesse conjunto ou campo religioso, está na figura do próprio ícone de devoção do homem do campo do Nordeste: Frei Damião. Porque, ao mesmo tempo em que este “ídolo atrai os devotos”, ele “é usado” como “atração turística em forma de ícone”. E a sua importância no meio rural nordestino e em especial para a região do Brejo Paraibano é tamanha que de acordo com monsenhor Nicodemos, ex-pároco da igreja de Nossa Senhora da Luz, em Guarabira, amigo de Frei Damião e idealizador do santuário, todas as casas dessa região, como expressão de carinho e devoção, ficaram de luto, colocando bandeirolas, pedaços de pano ou fitas pretas homenageando o capuchinho em sua morte.

2.4 Frei Damião e sua importância no catolicismo rural paraibano

Os devotos fiéis, sobretudo os moradores da zona rural, viam em Frei Damião um exemplo de santidade e reflexo de paradigmas católicos e sacralidade. O seu discurso, contudo, era típico do discurso dos capuchinhos com características escatológicas e messiânicas. Sobre isso, já comentou o teólogo belga José Comblin (2011, p. 35):

As pregações dos capuchinhos italianos eram de tipo mais apocalíptico. Estavam centradas na pregação dos fins últimos. Criavam um ambiente de expectativa do fim do mundo e do advento final de Jesus. Apelavam para o profundo das aspirações messiânicas do povo sertanejo, imbuídas certamente de um inconsciente indígena.

O formato da pregação de Frei Damião era típico da sua ordem, os capuchinhos. Esse “ideal” de vida, de certa forma com traços estoicos, enfatizava as virtudes da simplicidade e da abnegação do mundo. Os sofrimentos e misérias são aceitos com resignação, e a pobreza é

vista, nesse discurso, até como aliada para aquele que renuncia às riquezas e aos prazeres da vida mundana em prol do “reino de Deus”. O trabalho de Frei Damião estava na esfera da pregação evangélica missionária, que incluía rituais litúrgicos e sacramentos como missas, batizados e casamentos. No caso de Frei Damião, todas essas ações eram realizadas, em sua grande maioria, de forma coletiva, devido a atender ao grande número de pessoas, que enchiam as cidades aonde o pequeno capuchinho colocava os pés. Ele expressava uma liderança carismática natural.

Uma importante análise do carisma e da liderança natural está em Max Weber (1982). Em Weber (1982, p. 283) vemos:

[...] os líderes “naturais” – em épocas de dificuldades psíquicas, físicas, econômicas, éticas, religiosas ou políticas – não foram os ocupantes de cargos nem os titulares de uma “ocupação” no sentido atual da palavra, isto é, homens que adquiriram um conhecimento especializado e que servem em troca de uma remuneração.

Podemos identificar esse caráter carismático de líder natural em Frei Damião ao observarmos alguns pontos de sua ação missionária. Weber diz que o líder natural “em épocas de dificuldades psíquicas, físicas, econômicas, éticas, religiosas ou políticas” atua junto ao povo, sem que com isso ocupe a sua liderança, “dependa de cargos remunerados”. Frei Damião não tinha uma ocupação oficial que cobrasse pelos seus serviços, como cargos públicos por exemplo. Além disso, ele atuava em um palco de misérias sociais junto aos pobres. Contudo, ele não tinha como foco tais problemas e misérias de ordem trivial, física com a intenção de saná-las. Ele agia no sentido de dar conforto psíquico ao aconselhar e sacramentar, e de conformidade com situações de privações ao discursar.

No pensar de um capuchinho, pobreza não é defeito, muito pelo contrário, é uma virtude que suplanta a vaidade e fundamenta a humildade. É possível que o voto de pobreza que todo franciscano capuchinho observa, a exemplo de São Francisco de Assis que abandonou a riqueza de sua família para ser mendigo, tenha raiz nas atitudes de Frei Damião de focar exclusivamente na espiritualidade e nas rezas, nos sacramentos e devoções, além das características de sua ordem que tem como missão o viver eremita e as peregrinações levando o evangelho para as cidades e lugarejos. As motivações e disposições morais do povo rural se realizavam nas palavras do capuchinho Damião. Estes são fragmentos de seus sermões:

Eu condeno sempre a minissaia. Essa roupa não presta não. É causa de muitos pecados. Muitos homens já perderam a cabeça por causa desse exagero das mulheres.

Um beijo dado no rosto da namorada, como um beijo dado numa parente, não tem nada demais, estão ouvindo? Agora, um beijo na boca, um beijo de língua, isso não. É pecado.

Sufrimento não é indiferença de Deus. Esta vida é apenas uma preparação para outra; esta sim é importante. Daí, precisamos sofrer nessa existência para termos merecimento na outra.

Viver com uma mulher sem ser casado com ela na igreja está errado. O casamento na justiça não é o bastante. Deus não confirma essa união, ela não existe. Estão ouvindo? Tem que casar na igreja.

Os jovens fazem o que não deveria ser feito, em pecados, prazeres sinistros, desonestidades, conversas inúteis, visitas supérfluas, danças, jogos, divertimentos. Correm atrás dos bens efêmeros desta vida até merecerem a condenação eterna. Para eles, está mais vivo o fogo do inferno.

No inferno só há sofrimento. Lá, o calor é bilhões de vezes pior do que no Nordeste no tempo da seca. As labaredas sobem e queimam sem parar o corpo dos adúlteros, das prostitutas, dos efeminados, dos criminosos. Lá é o lugar onde vive o demônio. (OLIVEIRA, 1997, p. 81-83).

Palavras como estas refletem muito a constituição de vida do sertanejo. E revelam, como anteriormente já se falou, o formato do discurso apocalíptico e de resignação diante da pobreza e do sofrimento. Quando Frei Damião diz: “Sufrimento não é indiferença de Deus. Esta vida é apenas uma preparação para outra; esta sim é importante. Daí precisamos sofrer nessa existência para termos merecimento na outra”, discursos como esse eram absorvidos pelos pobres e carentes, até como uma forma de confirmar o seu conformismo com sua situação de pobreza, encontrando alívio para suas carências, que muitas vezes eram do básico, como comida e água. Tal discurso dizia para os indivíduos se resignarem com seus sofrimentos, aceitá-los e suportá-los como prerrogativa da salvação da sua alma, em prol de uma vida extrafísica de bem-aventurança.

O discurso de Frei Damião, sua pregação encontrava nesse povo uma espécie de “ressonância” e empatia. Tal comportamento pode ter nascido da herança histórica de anos de abandono de ordem e cuidados sociais por parte de governos e da própria Igreja. A vida de missionário que tinha o social como principal foco, como é o caso do Padre Ibiapina, pode revelar muito do que estamos falando. Um verdadeiro nascedouro de credices e cultura do modo de ser de antepassados sertanejos e que repercute ainda no atual povo rural manifestado em seus semblantes, suas “credulidades” e *éthos*. O morador da zona rural tradicionalmente é um povo mais observador das tradições dos seus antepassados. Seus costumes, seus ritmos e rituais fazem o povo camponês possuir características próprias.

2.5 Frei Damião: do homem religioso ao herói sertanejo, do herói ao santo, do santo ao mito, do mito ao ícone e ídolo

Frei Damião era um sacerdote que pregava a caridade, a “boa moral”, os bons costumes, o casamento na Igreja Católica e repudiava o amancebismo. Ele também possuía convicções radicais que se faziam visíveis nas suas opiniões contrárias ao protestantismo. O povo via em Frei Damião um salvador, um santo, um herói para resgatar os pecadores e levar esperança a uma gente simples, humilde e sofrida, gente do campo em sua maioria, do sertão.

Sempre munido de um terço e um crucifixo que eram as “armas e símbolos doutrinários de sua fé”, guerreava, incansavelmente, contra o “demônio” no sertão. Viveu grande parte da sua vida no Nordeste brasileiro. E foi nesse lugar que se construiu em torno do homem religioso, que Frei Damião foi, em plena vida, o mito do santo resignado, devoto e incansável da fé católica. Com o seu hábito de frade capuchinho, sempre foi tratado pelos seus seguidores como um verdadeiro herói, guerreiro católico, lembrando a época medieval, defendendo sempre os bons costumes em suas pregações em solo nordestino. Essa matriz mitológica de santidade europeia medieval de que Frei Damião se revestiu, solidificou-se em um forte ícone do sagrado nas mentes dos nordestinos. Estes se identificavam, e ainda se identificam até o momento, com seu jeito simples e muitas vezes rude de lidar com as pessoas e as situações que combatia. Essa identificação do povo sertanejo rural com a figura do capuchinho também se processava em seu discurso de resignação do sofrimento humano e de conformidade para ter regalias e bem-aventuranças depois da morte, pregações essas típicas de um franciscano capuchinho que abraça a pobreza com todos os seus sofrimentos e privações. Mas antes de ser um ícone religioso, um mito, um herói e santo, foi um homem sofrido e devoto das causas religiosas.

2.5.1 Do religioso ao herói sertanejo

Há uma tendência, uma necessidade do “popular” para eleger seus ícones, seus ídolos e heróis. Talvez por suas “carências” espirituais e físicas, ele se sente reconfortado, acolhido, guiado e liderado. Devido às suas “incapacidades” ou pela impossibilidade de alcançar o ideal de “santidade e perfeição”, seria mais confortável seguir uma figura dotada dessas capacidades, do que se debelar em seus defeitos, ou na possibilidade de se submeter às disciplinas corretivas que o levariam a esforços muitas vezes hercúleos e sobre-humanos. Nisso, tem-se a tendência de pensar que esses esforços só são dignos de heróis sobre-

humanos, divinos. Como um Jesus Cristo, um Sidarta Buda, um Abraão ou até mesmo um santo mais próximo de nossa cultura e do nosso tempo como é o caso do Frei Damião.

De acordo com Gildson Oliveira (1997), Pio Giannotti nasceu em 05 de novembro de 1898, na cidade de Bozzano, na Itália. Filho dos camponeses Felix e Maria Giannotti, na infância Pio Giannotti era uma “criança contemplativa, ficava horas em silêncio, rezando e olhando a natureza”. Outras disposições religiosas que Pio já deixava transparecer era, por exemplo, o hábito de sempre carregar consigo um crucifixo – hábito este que manteve até sua morte – e o de se isolar no sótão da casa dos pais para contemplação e reza.

Em 1914, aos 16 anos de idade, Pio ingressou na Ordem dos Capuchinhos. Devido à eclosão da Primeira Guerra Mundial, aos 19 anos de idade teve que interromper seus estudos ao ser convocado. Atuou como soldado ficando acampado em Zarra por mais de três anos. Ao fim da Primeira Grande Guerra, Pio retornou à vida religiosa. Aos 25 anos, em 05 de agosto de 1923, foi ordenado sacerdote. Fez o curso de teologia no colégio internacional na capital italiana. E na Universidade Gregoriana fez doutoramento em Teologia Dogmática, Filosofia e Direito Canônico. Atuou como diretor e professor no convento de Massa.

Durante a sua trajetória da infância bucólica, passando pela juventude, até virar um homem maduro, mostra que a sua vocação religiosa já era evidenciada desde a tenra idade. Com isso ele é o *homem religioso*, um frade capuchinho da ordem maior dos franciscanos da Igreja Católica Apostólica Romana.

E em 1931, aos 33 anos de idade, Pio Giannotti já com o nome de Damiano, que recebeu ao ser ordenado na Itália, viaja para o Brasil e segue para o Estado de Pernambuco, instalando-se no Convento da Penha. O monge capuchinho que se tornaria Frei Damião de Bozzano. *O herói santo do Nordeste brasileiro*.

Destarte, as qualidades místicas e sobrenaturais do santo herói são enfatizadas e destacadas acima de seus próprios ensinamentos e filosofia de vida pelo povo que colheu sua simpatia. Ou seja, é mais confortável ser devoto de um herói do que ser um herói que fez todos os esforços e sacrifícios necessários para adquirir os seus dons e talentos.

Mas também há no processo de implantação desses dispositivos de conforto uma tendência a se acreditar que esse heroísmo possui uma origem divina, sobrenatural e que santifica. Ele não é um ser ou alguém como qualquer um de nós dotado de todos os defeitos e “entraves” carnis e, por isso, se explicam os seus dons e capacidades sobrenaturais, espirituais, divinos.

2.5.2 Do herói ao santo

Insinuava-se no horizonte do tempo e na raça dos homens um forte candidato a herói no universo católico popular do Nordeste. No mundo da literatura ficcional do passado ou do mundo contemporâneo, em relatos da mitologia antiga ou moderna de diversas culturas, e também em biografias de personagens históricos e até certo ponto anônimos, pois não são de conhecimento do grande público, podemos observar o protagonismo do herói ou heroína. O herói é sempre aquele que salva, doa, ou doa-se, que transcende algo, tudo através de provas muitas vezes mortíferas e aterradoras. Para Campbell (1990, p. 131), o herói ou heroína é aquele “[...] que descobriu ou realizou alguma coisa além do nível normal de realizações ou de experiência. O herói é alguém que deu a própria vida por algo maior que ele mesmo”.

Dom José Cardoso,¹⁹ ex-arcebispo de Pernambuco, destaca o caráter heroico de Frei Damião e sua importância evangelizadora para a Igreja. E o coloca no rol dos grandes evangelizadores das Américas:

O nome de Frei Damião pode e deve ser incluído no glorioso catálogo dos heroicos missionários que evangelizaram as Américas nesses cinco séculos, os quais, como disse o Papa João Paulo II em Cuiabá, consumiram sua existência para que a mensagem salvadora de Cristo iluminasse os corações, e continuam a ser um exemplo luminoso e perene para todos nós.

Claro que nem todos os bispos e padres concordavam e exaltavam Frei Damião e sua pregação de formato anterior ao Concílio Vaticano II (1962-1965). De acordo com Abdalaziz Moura (1978, p. 60):

Até o Concílio, Frei Damião não era problema nas dioceses. Para qualquer uma ele era convidado, pregava missões no seu estilo. A partir do Concílio começou a encontrar problemas com algumas dioceses, que impediram ou desaconselharam a sua entrada para pregar missões, a fim de não impedir a “renovação pastoral”.

Ou seja, mesmo achando que Frei Damião não tinha culpa, mas que sua presença incitava ao fanatismo, alguns bispos mandavam cartas a Frei Damião aconselhando-o que não missionasse em suas dioceses (MOURA, 1978). Em outras palavras, proibiam-no. Foi o caso dos “bispos de Floresta dos Navios, Afogados da Ingazeira, Palmeira dos Índios e Campina Grande, cidades de Pernambuco, Alagoas e Paraíba” (NOBLAT, 2008). E podemos

¹⁹ OLIVEIRA, Gildson. **Frei Damião: o santo das missões**. São Paulo: FTD, 1997. p. 91.

acrescentar a esses casos a própria cidade de Guarabira, que dificultou, ou melhor, tornou público o fato de que a diocese não aprovava as missões de Frei Damião, alegando que tinham um formato “desatualizado” e ultrapassado.

O fanatismo, o sectarismo e a intolerância parecem um fenômeno típico dos excessos religiosos populares na história, que culminam em levantes, guerras, violências e mortes. Alguns deles ligados aos sintomas característicos do messianismo como vínculos essenciais de fatores sociais e religiosos; e valores terrestres e celestes (DESROCHE, 2000). Podemos verificar episódios desse tipo em Canudos (CUNHA, 2010) e no Contestado (D’ANGELIS, 1991).

Alguns casos de violência e intolerância foram registrados no interior da Paraíba, em Patos, onde na noite de 28 de julho de 1958 romeiros de Frei Damião teriam incendiado uma igreja presbiteriana²⁰. É certo que em seus discursos Frei Damião demonstrava ser um ativista da Igreja Católica, e que naturalmente teria pregado contra o protestantismo. Frei Fernando Rossi declarou que antes do Concílio Vaticano II (1962-1965) que trata da aproximação da Igreja Católica com outras denominações religiosas, inclusive os protestantes - deflagradas no Decreto *Unitatis Redintegratio* sobre o ecumenismo, em que a Igreja trata dos “irmãos separados”, como chamam os protestantes e a Igreja do oriente - a Igreja aconselhava o combate ao protestantismo²¹.

Um livro que exemplifica essa postura da Igreja de combate ao protestantismo é o *Missão abreviada*, do Pe. Manoel José Gonçalves Couto. Um livro da segunda metade do século XIX destinado a missionários, que aconselhava a luta contra toda a sorte de crenças contrárias ao catolicismo, inclusive o protestantismo. Nele, logo no início da obra, Couto (1859, p. 5-6) diz:

Ora como os inimigos da religião espalham por toda a parte, e com a maior actividade, os seus maus livros para assim destruírem o catholicismo, nos devemos fazer outro tanto em favor da religião e da igreja; [...] para que em toda a parte se plante a oração, a frequência dos sacramentos, a santificação dos dias sagrados, e especialmente para que ninguém se deixe illudir da incredulidade e do protestantismo, e d’esta torne a florescer a religião n’este reino. Se assim o praticarem, eu lhes asseguro um fructo extraordinário na conversão dos pecadores.

Nas instruções do referido livro pode-se observar não apenas conselhos contra o protestantismo, mas todo um discurso escatológico sobre a bem-aventurança do céu e os tormentos do inferno típicos dos discursos do Frei Damião, e se diz que o mesmo seguia as

²⁰ Diário de Pernambuco, edição especial Terra de Damiões, 29/05/2011.

²¹ Ibidem.

instruções missionárias do livro, e, anteriormente a ele, o Pe. Ibiapina, Pe. Cícero e Antônio Conselheiro. Não podemos corroborar tal informação, além de analogias entre os discursos e a vida de cada um e o tal livro. Contudo, Cunha (2010, p. 167) cita que Antônio Conselheiro utilizava tal livro:

Ali chegou, como em toda a parte, desconhecido e suspeito, impressionando pelos trajes esquisitos – camisolão azul, sem cintura; chapéu de abas largas, derrubadas; e sandálias; Às costas um surrão de couro em que trazia papel, pena e tinta, a missão abreviada e as Horas Marianas.

Isso pode explicar, pelo menos em parte, algumas intolerâncias causadas pelo próprio discurso do frade capuchinho e sua devoção, tendo como consequência pós-Concílio proibições de suas missões e divergências de sua posição perante a própria Igreja.

Mesmo passando 25 anos sem pisar em Guarabira por determinação do bispo diocesano, na época dom Marcelo Cavalheira, juntamente com alguns padres partidários da Teologia da Libertação, Frei Damião provou a sua força na sua última visita em 1995, quando conseguiu juntar milhares de devotos. Devotos de um santo popular, ainda vivo, na época. Um santo que era incansável em sua missão, mesmo no final de sua vida doou todo o seu tempo e saúde à causa de suas Santas Missões até o seu falecimento em 1997.

O doar a própria vida é uma forma de transcendência existencial, de superação das próprias misérias e “máculas morais” em prol de um ideal social, político ou espiritual. Existem vários tipos de heróis. Campbell (2007, p. 306) enumera dois estágios de onde aparecem os heróis:

[...] em primeiro lugar passamos das emanções imediatas do criador Incriado para as personagens, fluidas e não obstante intemporais, da idade mitológica; em segundo, passamos desses criadores criados para a esfera da história humana. As emanções se condensaram; o campo da consciência sofreu uma constrição. Onde antes eram visíveis corpos causais, ora entram em foco, na pequena pupila teimosa do olho humano, seus efeitos secundários. O ciclo cosmogônico deve prosseguir agora, por conseguinte, não pela ação dos deuses, que se tornaram visíveis, mas pela dos heróis, de caráter mais ou menos humano, por meio dos quais é cumprido o destino do mundo.

Os primeiros heróis aparecem no tempo mítico, são os heróis primordiais. Ao segundo estágio pertencem os heróis que aparecem no tempo histórico da humanidade. Os heróis primordiais são responsáveis pelas origens do cosmos e do mundo, são os mitos de criação. Quando o herói primordial sai de cena, quando o universo é criado, o caos é domado e o sistema estabelecido, este herói primordial cede lugar ao herói humano que atuará na esfera

mais ou menos humana assumindo a responsabilidade dos destinos em nível de humanidade, ou de destinos semidivinos de um herói semideus. A partir deste ponto, Campbell (2007, p. 306) diz que “os heróis tornam-se cada vez menos fabulosos, até que, nos estágios finais das várias tradições locais, a lenda se abre à luz comum cotidiana no tempo registrado”. Os heróis são “edificados” não apenas por sua bravura, coragem e vida incomum, mas também pela força do imaginário, admiração e devoção popular.

Se dentro das suas virtudes há aquelas que o identificam com a pureza e o sacrifício e vida de oração, esse mesmo imaginário popular tende a santificá-lo. Destarte, as qualidades místicas e sobrenaturais do herói santificado são enfatizadas e destacadas acima de seus próprios ensinamentos e filosofia de vida pelo povo que colheu sua simpatia, e levadas a um patamar que ultrapassa a realidade histórica cronológica da vida ordinária. Qualidades sobrenaturais ou milagres como o que relata Maria José do Nascimento. Ela conta que durante uma de suas missões no Condado, no interior de Pernambuco, Frei Damião fez o milagre da previsão; ela diz:

Quebrou a difusora e ele subiu num banquinho, ele era mais moço, ne... Benzeu assim com a mão, lá em baixo na festa, porque lá na igreja era no alto, ele fez a pregação todinha e ninguém ouviu ninguém falar nada. Era um silêncio! E quando terminou a pregação ele disse “louvado seja nosso senhor Jesus Cristo” e pediu o povo pra não ir lá pra baixo porque disse que o Satanás tava lá embaixo. A gente soube depois, quando a gente saiu da missa disseram: “mataram um ali agora mesmo”. Ele sabia as coisas assim... Era a coisa mais linda. Ele sabia, né? Ele também sabe, o que a gente pede a ele a gente alcança. Com fé em Deus ele intercede por nós (Informação verbal) ²².

Milagres como esse ou até mais mirabolantes são relatados pela gente do Nordeste. Como, por exemplo, o milagre relatado por Sebastiana:

Eu tava com minha mãe nas missões era umas nove horas da noite, aí trancou tudo de chuva, a cidade de Lagoa de Dentro, foi a cidade que nasci e me criei, aí todo mundo começou a correr, “aí vai chover”, aí ele disse “Não vai embora ninguém, porque essa chuva só vai cair quando a última pessoa daqui das missões chegar em casa”. E uma das últimas pessoas que a gente sabia era a gente. A gente morava uns seis quilômetros de distância, né. Aí ficou todo mundo calmo, né, confiou, acreditou. Aí quando terminou as missões, a gente foi pra casa. Quando a gente chegou em casa, não deu dez minutos foi como fosse um dilúvio, choveu muito até no outro dia. Ai minha mãe: - Tá vendo... Eu era pequena, assim de sete a oito anos, mas eu me lembro de minha mãe dizendo “Tá vendo, Frei Damião é um santo! Ó o milagre que ele fez”. Porque a gente achou que era milagre mesmo né? Porque a chuva não caiu enquanto a gente não chegou em casa. Ninguém se molhou (Informação verbal) ²³.

²² Maria José do Nascimento, devota de Frei Damião. Guarabira, Santuário de Frei Damião, maio de 2011.

²³ Sebastiana, devota de Frei Damião. Bayeux, 10 de abril de 2012.

Esse “milagre da chuva” relatado por Sebastiana ficou bastante conhecido na Paraíba e as pessoas o narram de forma bastante semelhante. Esse fato foi encarado pelos devotos como um milagre, e como mesmo Sebastiana conta em seu relato, Frei Damião foi, a partir desse “milagre”, visto por sua mãe como “um santo”.

O santo no entendimento popular é aquele indivíduo em que as suas capacidades sobrenaturais são algo inerente a sua santidade. Ou, vice-versa. O santo é o que faz milagres. O santo pertence a uma categoria humana e divina ao mesmo tempo. Pois participa da vida imaginária dos seus devotos enquanto sua contrapartida física está mais perto da vida ordinária social com todas as suas necessidades fisiológicas, fraquezas humanas e misérias.

No caso dos santos heróis, de acordo com Campbell (2007), é aquele que renuncia ao mundo. É o asceta, o bodisativa, anacoreta, faquir que busca uma existência extrafísica sacrificando a atual existência física, subjugando e até mortificando seus sentidos corpóreos. Isso é um ato de heroísmo extremo e de renúncia que é característico do santo herói. Destaco algumas qualidades anunciadas por Krishna no *Bhagavad gita* (VXIII, 1993, 52-53):

Sendo frugal na dieta, e com a palavra, o corpo e a mente educados na obediência, sente-se ele no lugar solitário e pratique sempre a meditação, cultivando o desapaixamento. Finalmente, banindo de si o egoísmo, a resistência, o orgulho, o desejo, o rancor e o senso de posse, alcançará ele aquela paz que o capacitará a unificar-se com Deus.

Krishna instruindo Arjuna a respeito das qualidades do santo yogi, quando bem observadas, essas mesmas qualidades podem ser encontradas em santos cristãos. São Francisco, por exemplo, possuía qualidades de um yogi hindu. A partir do seu despertar, ele abandonou toda a sua herança, ficou literalmente psicológica e moralmente nu de desejos e bens materiais. Praticava a mendicância sacerdotal, e quando insultado, rejeitado e escarnecido cultivava a serenidade e o não rancor, além da meditação solitária e da comunhão com a natureza. Todas elas descritas por Krishna no *Bhagavad gita*. O capuchinho observa tais austeridades e procura aplicar em sua vida sacerdotal e missionária. Mas, nem todos conseguem ser autênticos na fé, ou destacados do grupo por seus atos heroicos como Frei Damião se destacou. Sobre isso Mons. Nicodemos observa:

Quando ele veio para o Brasil no ano de trinta e um, ele não veio só, ele veio com um grupo de frades. No entanto, essa fama de santidade só pegou em Frei Damião. Os outros eram frades como todos os frades, homens corretos, simples, bons, dedicados, mas a fama de santidade só se adequou, só se encaixou em Frei Damião. Nos outros, não. [...] E ele fez a diferença. Ele..., é impressionante. Por isso que eu digo, ele era muito exigente com ele mesmo, muito exigente com ele mesmo, muito disciplinado parecia um soldado. Então, se tá marcado pra tal hora, tal hora ele tava

lá. Se tinha que fazer uma caminhada de madrugada e a caminhada era três horas, ele começava de três horas. Nem que fosse ele sozinho. E muitas vezes era ele sozinho com a campainha e já tava no meio da rua e tava cantando. E quem não deu tempo de ir pra igreja ia abrindo as portas e correndo atrás dele, porque ele já tava no meio da rua. Não tava na igreja, to esperando o povo chegar pra gente começar, não! A hora de começar ele começava. E quando o povo aprendeu isso com ele, o povo podia atrasar na missa de qualquer pessoa, na dele não porque sabia que ele começava na hora certa. Tava lá no meio da rua nas caminhadas, na madrugada, cantando vinde pai e vinde mãe, vinde todos a missão e tal e tava no meio da rua. (Informação verbal) ²⁴.

Homens como Frei Damião se destacam por sua vida incomum e são percebidos diferentemente por camadas sociais diferentes. Por exemplo, os padres católicos, mesmo aqueles que não concordavam com seu formato de pregação, concordavam que Frei Damião era um homem notável por sua dedicação, carisma e domínio sobre as massas. Dom José Maria Pires²⁵, apesar de dizer que “a pregação” de Frei Damião “não ajudava na caminhada do plano pastoral a partir do espírito renovador que vem impregnando a Igreja nas últimas décadas”, dizia: “Eu vejo em Frei Damião como um santo, e o santo é de todos os tempos! O testemunho de vida dele fala a qualquer tempo”.

Exemplos de dois santos capuchinhos que se destacaram de seu grupo e se fizeram conhecer por sua vida incomum foram Padre Pio de Pietrelcina e Frei Damião de Bozzano. Ambos capuchinhos e italianos. O primeiro já canonizado no papado de João Paulo II em 2000 e o segundo ainda em processo de beatificação. Padre Pio conhecido por seus estigmas e visões, mas também pela austeridade de vida e dedicação aos pobres. E Frei Damião de Bozzano conhecido por seus milagres e suas santas missões no Nordeste brasileiro.

Podemos observar que a sua vida foi de dedicação à vida religiosa e o seu mundo estava permeado com elementos sagrados. Com isso, possivelmente, os ideais de santidade que o inspiraram, desde a atmosfera bucólica aonde foi criado durante sua infância e o contato com a natureza em sua trajetória de vida, o projetaram como um ideal de santidade para o povo nordestino no Brasil, tornando-se um ideal de vida de santidade e abnegação. Um grande mito sacralizado para a grande maioria do povo simples do Nordeste brasileiro.

2.5.3 Do santo ao mito

Muitas vezes o santo é visto como um indivíduo sobre-humano, diferente, estranho, sisudo, sôfrego, expressando um semblante contemplativo e tristonho e um olhar cheio de

²⁴ Mons. Nicodemos, Alagoa Grande, 17 de agosto de 2011.

²⁵ OLIVEIRA, Gildson. **Frei Damião**: o santo das missões. São Paulo: FTD, 1997. p. 92.

misericórdia para com os pobres, o modelo dos santos retratados nas imagens dos altares católicos. Por todas essas características altruísticas, o santo é mantido como alguém que possui virtudes natas ou predestinadas, inalcançáveis ao pobre ser humano cheio de defeitos e vícios. Nisso cria-se uma cultura da “graça”, do pensar, ou da crença que o salvador do mundo morreu na cruz para nos salvar dos nossos próprios pecados:

12 Pois como o pecado entrou no mundo por um só homem e, por meio do pecado, a morte; e a morte passou para todos os homens, porque todos pecaram...[...] 15 Entretanto, o dom da graça foi sem proporção com o pecado. Pois, se pelo pecado de um só toda a multidão humana foi ferida de morte, muito mais copiosamente se derramou, sobre a mesma multidão, a graça de Deus, concedida na graça de um só homem, Jesus Cristo (Romanos. 5:12-15).

Ou seja, somos todos filhos de Adão, todos segundo a concepção cristã, carregam o pecado original desde o seu nascimento devido à herança de Adão e Eva, e, além deste, existe o pecado de nascer da carne. Para algumas denominações, o ser humano nasce de um ato de pecado através do sexo: “Eis que na culpa fui gerado, no pecado minha mãe me concebeu” (Salmo 51: 7). Até aí somos todos criaturas de Deus. Mas, é pela graça do único filho de Deus altíssimo, Jesus, que todo aquele que o aceita como seu salvador e nele crê terá a vida eterna. Essa é uma das doutrinas canônicas do cristianismo.

A herança do estoicismo é bastante presente na vida dos santos católicos e também na pregação de Frei Damião. A resignação pelos sofrimentos humanos e a extirpação das paixões são pontos cruciais do estoicismo e que podem ser vistos no discurso de Frei Damião.

O santo para os católicos é aquele que através de suas virtudes e obediência à Igreja é, depois de sua morte, beatificado e canonizado através de complexo processo aberto pelos correligionários do candidato a santo, na busca de provas de milagres atendidos pelo bem-aventurado. Isso não quer dizer que a massa devota da religiosidade católica popular espere que a Igreja reconheça o santo que eles mesmos elegem para sua devoção. O povo consagra, elege e santifica os seus santos independentemente da aprovação da santa madre Igreja Católica.

O catolicismo popular deflagrado em devoção de santos não canonizados ainda pelos cânones da Igreja é um exemplo de que boa parte dos santos católicos se faz no meio do povo antes da aceitação do Vaticano. Temos como exemplo o santo popular Padre Cícero do Juazeiro no Ceará e Frei Damião, outro santo popular fruto do catolicismo popular de massa, especialmente da massa rural nordestina. Claro, nem todos os santos surgiram da crença

popular, mas essa força popular deve ser considerada importante no estudo do cristianismo católico como um fator que também tem um peso configurador do seu compósito.

No que diz respeito à fama de santidade de Frei Damião, numa entrevista com Mons. Nicodemos, amigo de Frei Damião e idealizador do seu memorial, atualmente santuário, em resposta a uma pergunta a respeito do que atraía o povo a Frei Damião, ele respondeu:

Agora..., se conta, que isso começou em Itabaiana, aqui na Paraíba. Se conta que na década de trinta, Frei Damião foi convidado, o padre de Itabaiana, convidou pra que ele fosse ajudar numa semana santa. Que era muito serviço, tinha que atender muitas pessoas, e o padre de Itabaiana, foi ao Recife pedir a ajuda de um grupo de frades. Na época o superior não teve como mandar todos os frades que aquele padre pediu, aí mandou Frei Damião e mais um outro. E quando Frei Damião chegou lá, e o padre olhou assim pra ele e viu aquele fradizinho chocho, pequeno, magrinho, né! Aí olhou assim e disse..., “imaginou” e disse: - Esse aí não vai dar conta do recado. O que vai acontecer é que vai sobrar pra mim, eu é que vou ter que ficar no pesado a semana santa toda, porque esse frade aí não vai aguentar. Ele pensou isso, né, até comentou com outras pessoas; Frei Damião não soube disso logo. Só que Frei Damião chegou, e, chegou nesse ritmo que eu lhe falei. Então ele chegou lá, e começou o atendimento, as palestras, as pregações, e tudo que tinha para fazer ele tava ali... Se tinha uma missa ele era o primeiro a chegar e era o ultimo a sair. Se hoje era o dia para confissões ele era o primeiro a chegar, era o ultimo a sair. O padre confessava lá e não aguentava e..., doía a coluna e tal e não aguentava e saía, o outro saía e ele ficava. Ele ficava até enquanto tivesse a ultima pessoa. E aconteceu de às vezes ele passar quase a noite toda e o dia atendendo. E quando chegava a hora dele se alimentar ele dizia “Não, não tô com fome”. Ou quando chegava a hora de dormir ele ia pro quarto, no lugar de dormir na cama ele dormia no chão. E no outro dia quando alguém entrava no quarto a cama dele estava arrumadinha do mesmo jeito. E o padre foi ficando assim, impressionado com aquilo. Foi ficando impressionado e a conclusão foi de dizer assim “Esse homem parece que é um santo. Porque a resistência dele é admirável”. Depois a simplicidade, o jeito, a maneira como atende, como conversa. E começou..., e daí nasceu essa história, foi aí que começou em Itabaiana, essa história que esse homem só pode ser um santo. (Informação verbal) ²⁶.

Podemos observar nas palavras de Mons. Nicodemos uma faceta do capuchinho que é muito característica dele: o trabalhador incansável e dedicado à fé. Essa sua característica é própria de sua humanidade sem nenhum traço divino, apesar de que no discurso acima o padre de Itabaiana tenha percebido todo esse esforço e dedicação do frade como sendo algo divino quando diz: “Esse homem parece que é um santo”. Mas, numa visão mais humanizada, essa característica que pode ser percebida como algo heroico, muitas vezes é sobreposta e/ou substituída por outra característica atribuída a ele que é o do milagreiro.

O lado de vida missionária de Frei Damião, de dedicação incansável, de vida sacerdotal é algo que se torna notável pelo caráter insólito de um sacerdote dedicado ao seu trabalho junto à população carente. Ao perceber tal dedicação e carisma não comuns, em

²⁶ Mons. Nicodemos, Alagoa Grande, 17 de agosto de 2011.

comparação a outros sacerdotes, o povo o tomou naturalmente por um santo. Completando o que abordamos no subitem 2.4 sobre o carisma do líder, tal carisma característico dos grandes líderes dotados de “dons sobrenaturais”, Weber (1982) chamou de liderança natural: “Os líderes naturais foram portadores de dons específicos do corpo e do espírito, dons esses considerados como sobrenaturais, não acessíveis a todos” (WEBER, 1982, p. 283).

Weber identifica o líder natural como portador de “dons sobrenaturais” não acessíveis a todos e que os devotos de Frei Damião consideravam o mesmo como sendo um santo e milagreiro. Ele mesmo dizia que essa fama de milagreiro era só “bondade do povo”. Não que Frei Damião tivesse tal pretensão. Mas foi o próprio povo que o revestiu de um caráter místico, milagreiro e mítico. É o mito, de que justamente se revestem os notáveis santos do povo; e que pela força da devoção popular perpetua-se mesmo depois de sua morte pela “força viva e verdadeira do mito”.

O mito é a repercussão de um arquétipo, modelo cósmico atemporal que um indivíduo toca, de que se reveste por assim dizer, em sua vida física humana no tempo cronológico. Frei Damião se tornou um mito ainda vivo. Sobre ele se falava que fazia muitos milagres. “O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares” (ELIADE, 2010, p. 11).

Frei Damião vestiu a camisa da simplicidade e da rusticidade do povo nordestino, ele incorporou e viveu com os pés firmes no solo arenoso e quente do sertão. Um dos votos de sua ordenação como capuchinho foi o da pobreza, algo que o tornava muito próximo da população empobrecida que estava sempre à sua volta e à qual se dedicava. Foi a realidade cultural do sertanejo, dos moradores rurais e seu histórico devocional que fez de Pio Giannotti, do monge capuchinho Damiano, Frei Damião, *o mito* para depois de a sua morte concretizar ainda mais a sua força na figura de Frei Damião, *o ícone*.

2.5.4 Do mito ao ícone

Em termos etimológicos ícone provém do grego *eikóno*, *ónos* que significa imagem, retrato, cuja derivação bizantina é *eikóna* ou imagem sacra. E do latim *ícon*, *ónes* é imagem no sentido de representação mental. No dicionário Houaiss (2001, p. 1562) ícone é “uma [...] representação artística de divindade ou de assunto de caráter religioso. [...] pessoa ou coisa emblemática do seu tempo, do seu grupo, de um modo de agir ou pensar”.

A qualidade de ícone, quando atribuída a uma pessoa considerada santa, ocorre quando se consagra uma figura, atribuindo-lhe elementos sacralizados, que remetem aos

sentimentos de inspiração, devoção, abnegação, simplicidade e caridade. Trata-se da construção de um paradigma popular, uma espécie de “salvador” para um povo carente de elementos de subsistência como água, comida e moradia. Essa situação de carência era bastante grave na época em que viveu o ícone amado pelo povo nordestino. Ricardo Noblat (2008, p. 133) quando cobria a morte e o velório do santo do Nordeste diz:

Frei Damião era coisa de pobre e ignorante; os ricos e intelectualizados não o escutavam. E foram os pobres, os marginalizados de tudo, que preferencialmente correram a Basílica da Penha para vê-lo pela última vez e chorar por ele. [...] Num mundo em que tudo muda rapidamente, Frei Damião sustentava que certos valores e verdades eram eternos. E acenava com uma vida feliz depois da morte para os infelizes que acolhia bondosamente.

Foi esse o segredo do prestígio dele. É o que está na base da construção do mito que a morte só fará aumentar. A fila de pessoas que no final da tarde de ontem se estendia por mais de três quilômetros diante da Basílica da Penha, confirma que nasceu um ícone da religiosidade popular do Nordeste capaz de rivalizar ou talvez mesmo superar a força de outro poderoso ícone, o Padre Cícero Romão Batista.



Figura 12: Interior da sala de ex-votos no Santuário de Frei Damião.

Fonte: Arquivo do autor, maio de 2011.

Frei Damião realmente se tornou um ícone poderoso, tanto quanto o Padre Cícero do Juazeiro. Ambos são amados pelo povo nordestino e ambos estão envoltos por uma aura de misticismo e milagres que o povo atribui a eles. Mas há diferenças bastante significativas. Uma diferença que podemos destacar entre tantas é o trabalho de ação de vida religiosa de cada um. Frei Damião assim como um bom monge capuchinho atuava em missão com votos de pobreza e

sempre no plano da evangelização, da pregação e nunca no social, como a promoção de caridade por exemplo. Padre Cícero tinha como vida religiosa, além das funções como sacerdote, obras sociais e intervenções políticas²⁷. Além de ser um líder religioso, ele foi um líder político, coisa que Frei Damião jamais fez.

²⁷ CARNEIRO, Caio Porfírio. **Padre Cícero**: o santo do agreste. São Paulo: Ed. Claridade, 2007. Veja também: **Padre Cícero** – Poder, Fé e Guerra no Sertão. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2009.



Figura 13: Parede da sala de ex-votos com imagem de Frei Damião ao lado do Padre Cícero

Fonte: Arquivo do autor, dezembro de 2006.

O povo sempre comparava, na verdade até presentemente há essa comparação entre Frei Damião e Padre Cícero. Pode-se observar isso no próprio Santuário de Frei Damião, no salão dos milagres, mostrado nas figuras 12 e 13, onde se encontram expostas imagens de Frei Damião e de Padre Cícero um ao lado do outro. Frei Damião não gostava de ser comparado com seu antecessor o Padre Cícero. Em uma entrevista concedida à

revista *Veja* foi feita essa pergunta e a sua resposta foi de indignação: “Danado, danação [...]”. Em outra ocasião, Frei Fernando Massa responde por ele: ‘Padre Cícero foi um fanatizador. Este não; é um santo homem, doutor em teologia, um grande pregador, um orador sacro’. E cochichando ao repórter: ‘Tem os discursos todos decorados’.²⁸

Muitas vezes, acusações de fanatismo, como Frei Fernando acusa Padre Cícero, acontecem como consequência de excessos de zelos religiosos, de que o próprio Frei Damião não estava livre, como observamos em tópico anterior, fenômeno atrelado à construção da figura do próprio ídolo.

2.5.5 Frei Damião: o ícone e o ídolo

O que é um ídolo? Geralmente pode-se pensar quando se fala em ídolo em um galã de televisão ou cinema, um cantor ou cantora famosa, que provocam na tietagem sinais perturbadores em sua constituição física como: os olhos acenderem em brilhos refulgentes de desejos, o coração acelerar, o corpo se eriçar, contorcer e tremer, gritos histéricos..., uma nervosidade só.

O ídolo moderno geralmente é o artista que constrói a sua fama nas novelas ou nas teledramaturgias em geral, nos filmes, nos teatros, na música, na dança... Principalmente se esses personagens aparecem com frequência nos *mass media*, onde encontram sustentação na atenção do grande público, que sem perceber cede o seu poder voluntariamente. E de forma resoluta e/ou indeliberada, cede o seu tempo e suas energias à consagração de personalidades.

²⁸ Revista *Veja*, edição de número 187. São Paulo, 05 de abril de 1972, p. 64.

Consagração esta, motivada não pelas virtudes dessas personalidades, geralmente ausentes e inspirando “paixões sensuais”, mas pela “força midiática”, que emite sugestões e subliminaridades, promovendo apatia, extasias e sublevação em cadeia.

O ídolo como santo é algo diferente porque há primeiramente uma admiração de suas virtudes santíficas/espirituais por parte dos seus devotos. Isso provoca no devoto um sentimento de admiração maravilhosa, um arrebatamento de emoções religiosas do numinoso manifestado na imagem do ídolo santo. Podemos reforçar o que estamos dizendo com as palavras de Rudolf Otto (2007, p. 40) quando se refere:

Como cristãos, sem dúvida, nos deparamos inicialmente com sentimentos que de forma atenuada também conhecemos em outras áreas: sentimentos de gratidão, de confiança, de amor, de esperança, de humilde sujeição e submissão. Só que isso não esgota o momento de devoção, nem apresenta os traços muito específicos e exclusivos do “solene”, que caracteriza o singular arrebatamento a ocorrer somente então.

No dizer de Otto o homem religioso, ou devoto, ou, até mesmo o cristão como ele mesmo se inclui como exemplo, se depara com sentimentos comuns de outras áreas. Mas, o devoto no seu ato devocional pode apresentar aquilo que ele chama de “solene”. Ou seja, ter sentimentos de arrebatamento religioso que transcende os sentimentos comuns profanos. O devoto experimenta o sagrado. Um desejo se forma no devoto. Um desejo não de possuí-lo, mas de pertencer-lhe. E ao mesmo tempo de depender. Um sentimento de dependência que Otto (2007, p. 41) chama de “sentimento de criatura – o sentimento da criatura que se afunda e desvanece em sua nulidade perante o que está acima de toda criatura”.

Claro que quando Otto diz “acima de toda criatura” se refere ao numinoso, o divino que o devoto experimenta no seu êxtase devocional. Mas, essa experiência vivenciada pelo devoto diante do *numinoso* sem intermediários a que se refere Otto não é idêntica à experiência que o devoto com o santo intermediador de seu Deus sente quando está diante de seu ídolo? O estremecimento, as lágrimas, o êxtase e a nulidade são experiências autênticas do devoto de um Padre Cícero, de um Padre Pio ou de um Frei Damião, por exemplo?

O ídolo como santo desperta no devoto, em semelhança ao fenômeno que provoca no ídolo mundano moderno, uma alegria e bem-estar arrebatadores. Mas, esse arrebatamento no caso do ídolo mundano é momentâneo, instantâneo. Enquanto que no devoto religioso o seu ídolo santo provoca um arrebatamento que ultrapassa o momentâneo, pois sua devoção pode perpassar gerações. Essa devoção é sempre transformada e reconfigurada enquanto houver ícones sustentáveis. Nesse sentido, o ícone é importante para os santuários.

É através do ícone que se solidifica a devoção. Com imagens, estátuas, monumentos erguidos em honra e devoção por seus devotos e simpatizantes correligionários, é que o mito sempre se afirma em sua identidade atemporal, “o tempo mitológico” de Eliade (2010).

Frei Damião popularizou-se como fé pluridimensional, assumindo dimensões diversas na promoção de ritos configurados em procissões, romarias, turismo religioso. Historicamente, as facetas do santo nordestino foram construídas pelo povo, de forma que se entrecruzam no fortalecimento do catolicismo rural, condição representada neste esquema:

Diagrama sinóptico das facetas e dos estágios do desenvolvimento da popularidade e do culto de Frei Damião



São os santos enquanto ícones parte fundamental na fundação, construção e/ou soerguimento e estabelecimento dos santuários. É nesse íterim que se constrói a importância dos santuários na vida dos devotos e pessoas na sua vida em sociedade e seu entendimento antropológico.

Mas antes da materialização de um santuário, este passa por todo um processo mítico, ideológico e religioso em torno de algo, que no caso de nosso objeto de estudo gira em torno de uma personalidade que é Frei Damião, do qual nos ocupamos em analisar. O importante artifício que fortalece todo esse conjunto de propagação comunicacional pelas classes populares, daquilo que foi chamado de folkcomunicação, fator de que nos ocuparemos no tópico a seguir.

2.6 A fé em Frei Damião na Paraíba e no Nordeste do Brasil através da folkcomunicação: sua iconografia e a mídia da cultura dos pobres

As histórias contadas pelas avós a seus netos em noites nos alpendres das casas do interior comunicam a seus descendentes uma cultura, um folclore, crenças e pontos de visão de como se enxerga a vida, de como se comportar e ao mesmo tempo moldar seus comportamentos. Um exemplo de educação elementar e ao mesmo tempo “uma forma de se comunicar”. De acordo com o pai da folkcomunicação Luiz Beltrão (1971, p. 47): “As classes populares têm assim meios próprios de expressão e somente através deles é que podem entender e fazer-se entender”. E para fazer-se entender, as classes populares utilizam os meios mais simples que estão ao seu alcance. “Para própria informação e instrução valem-se, preferencialmente, de canais interpessoais diretos” (BELTRÃO, 1980, p. 42).

As conversas nas ruas, as fofocas, as intrigas das comadres, os causos contados nos balcões dos botecos por ébrios, nas ruelas e recantos das favelas e vilarejos da zona rural... ; e também as festas das padroeiras, as feiras livres, os cantadores e os caixeiros-viajantes, a literatura de cordel, as danças, os artesanatos, entre outros (BELTRÃO, 1980), constroem, propagam e comunicam a cultura popular. Essa cultura é o modo de ver, de se enxergar o mundo e interpretá-lo. De acordo com Melo (2008, p. 17):

A folkcomunicação é uma disciplina que se dedica ao ‘estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias’ Fundada por Luiz Beltrão (1918-1986), seu marco teórico está contido na tese de doutorado por ele defendida em 1967, na universidade de Brasília. [...] Se folclore compreende formas interpessoais ou grupais de manifestação cultural protagonizadas pelas classes subalternas, a folkcomunicação caracteriza-se pela utilização de mecanismos

artesanais de difusão simbólica para expressar, em linguagem popular, mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural.

No início desse entendimento a folkcomunicação era compreendida como os meios e veículos rústicos de comunicação que as classes periféricas e rurais utilizavam para decodificar as mensagens veiculadas pelos *mass media* (rádio, televisão, jornal, revista). É o que diz Melo (2008, p. 18) nesta passagem:

Foi dentro desta perspectiva que se realizaram as primeiras pesquisas do gênero, privilegiando *as decodificações da cultura de massa* (ou suas leituras simplificadoras da cultura erudita) *feitas pelos veículos rudimentares em que se abastecem simbolicamente os segmentos populares da sociedade*.

Estudos posteriores oriundos dos seguidores de Luiz Beltrão ampliaram tais estudos não limitando a folkcomunicação a apenas a decodificação de mensagens provindas dos meios de comunicação de massa pelas classes periféricas. Observaram que, por sua vez, esses meios de comunicação utilizavam e legitimavam os elementos populares para propagar e comunicar. Nesse entendimento dos veículos populares da comunicação da sociedade periférica e da apropriação desses meios rudimentares pelos grandes meios de comunicação de massa “*mass media*”, podemos verificar como Frei Damião era popularizado de ambas as partes. Primeiramente, pelos veículos rudimentares das classes periféricas e rurais. E a posteriori pelos veículos de grande alcance massivo como a televisão e o rádio.

No Nordeste brasileiro a devoção a Frei Damião foi expressa e comunicada de várias maneiras através da cultura popular. O velho capuchinho do Nordeste se tornou um dos ícones da devoção do nordestino ao lado de Padre Cícero. Em São Paulo no Centro de Tradições Nordestinas a imagem de Frei Damião e de Padre Cícero é usada como patrimônio identitário da cultura popular e religiosa do nordestino.

Mesmo em vida, como havíamos falado anteriormente, Frei Damião já era considerado um santo pelos nordestinos. A fama de santidade e dos supostos milagres de Frei Damião se estendeu na mídia rudimentar do sertão. Os cantores populares da cultura nordestina já cantavam em sua homenagem. E um dos mais sublimes desses cantores, Luiz Gonzaga, também homenageou Frei Damião com a música *Frei Damião*, de composição de Janduhy Finizola, no ano de 1974. Anteriormente, em 1972, Luiz Gonzaga em *show* canta a música *A volta da asa branca* e cita Frei Damião e suas missões. O *show* foi gravado e virou CD da gravadora SonyBMG.



Figura 14: CD Luiz Gonzaga ao vivo. Álbum "Volta pra curtir". Ano 1972.
Fonte: Arquivo do autor.



Figura 15: CD Luiz Gonzaga. Álbum "Raízes nordestinas". Ano 1974.
Fonte: Arquivo do autor.

A literatura de cordel também já contava os causos e milagres de Frei Damião e sua posição como santo e ativista da religião católica. Podemos enumerar alguns deles:



Figura 16: Particularmente esses cordéis mostram um Frei Damião ativista do catolicismo e os protestantes inimigos do mesmo.
Fonte: "O poder de Frei Damião". **Cadernos do Nordeste**, ano 1, n. 2, 1977.



Figura 17: Cordel que conta sobre a "santidade" de Frei Damião.
Fonte: Arquivo do autor.



Figura 18: Esse cordel diz muito a respeito da identificação que o povo faz de Frei Damião e o Padre Cícero.
Fonte: Arquivo do autor.

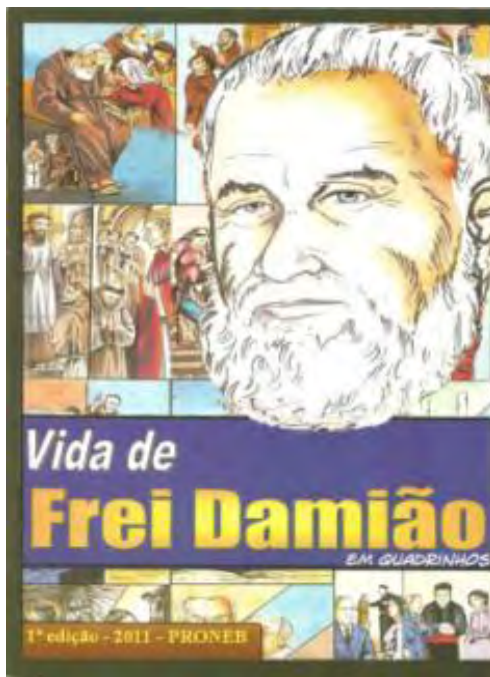


Figura 19: Quadrinho de Frei Damião vendido no interior do museu no Santuário de Frei Damião.
Fonte: Arquivo do autor, maio de 2011.

Quadrinho vendido no Santuário de Frei Damião, conta à história da vida do capuchinho, seus milagres, sua missão e as opiniões de algumas personalidades ilustres do cenário religioso.

A influência da figura singular de Frei Damião inspirou comerciantes de vários segmentos. Durante minhas pesquisas no Santuário de Frei Damião em Guarabira, pude observar vários estabelecimentos comerciais com o nome “Frei Damião”. Entre estes podemos identificar óticas, padarias, mercearias, entre outros. Também artigos e gêneros alimentícios levam o nome de Frei Damião como os mostrados na Figura 20.

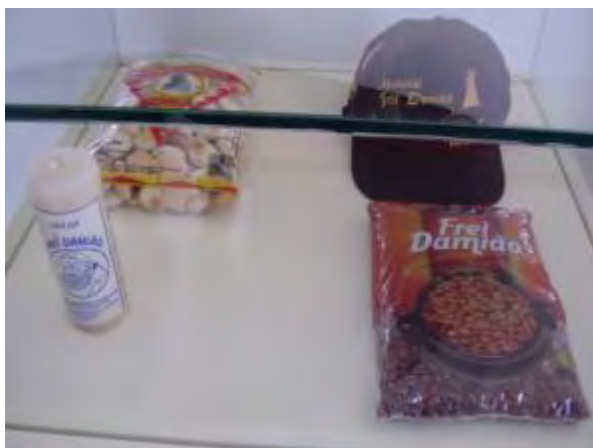


Figura 20: Produtos que levam o nome de Frei Damião.

Fonte: Arquivo do autor, 2010.

Em Patos existe um centro de saúde com o nome de Frei Damião. Também em João Pessoa na avenida Cruz das Armas está a Maternidade Frei Damião. Em sua entrada se encontra uma estátua do velho capuchinho. Em várias cidades do Estado da Paraíba por onde andou Frei Damião foram construídas estátuas em sua homenagem. Ao exemplo da cidade de Sousa no Sertão Paraibano, onde em 13 de novembro de 1976 foi inaugurada uma

estátua de cinco metros de altura²⁹. Também em Mulungu e Mari, cidades próximas de Guarabira, identifiquei praças com grandes estátuas de Frei Damião, como podemos observar nas figuras 21 e 22.



Figura 21: Estátua de Frei Damião na comunidade João Paulo em Mulungu.
Fonte: Arquivo do autor, 2010.



Figura 22: Estátua de Frei Damião em Mari.
Fonte: Arquivo do autor, 2010.

²⁹ Fonte: “O poder de Frei Damião”. **Cadernos do Nordeste**, ano 1, n. 2, outubro de 1977.

No período em que viveu no Brasil em terras nordestinas em andanças pelos estados de Pernambuco, Paraíba, Ceará, Rio Grande do Norte e Alagoas durante 66 anos de sua vida dedicados as suas missões junto ao povo pobre principalmente da zona rural, o Nordeste teve na figura de Frei Damião um herói e um santo. Mas depois de sua morte esse heroísmo e santidade parecem ter tomado proporções ainda maiores. Porque como mito, o seu ícone se tornou mais forte e se multiplicaram as suas imagens, estátuas, estampas e artefatos. É verdade que mesmo em vida ele presenciou estátuas construídas em sua homenagem e sua fama de santo e milagreiro já estava consolidada, como verificamos acima em cordéis, músicas, artefatos e outros, na própria mente do povo e nas ações de devotos espalhados pelo Nordeste brasileiro e/ou em qualquer parte do Brasil aonde existisse um nordestino emergido da influência desse ídolo capuchinho, considerado o mais famoso missionário que já se conheceu de sua ordem em terras nordestinas.

Como ilustrado na Figura 23, de acordo com o mapa das missões pregadas por Frei Damião de Bozzano em cinco estados do Nordeste entre 1931 a 1949, Frei Damião pregou 11.218 vezes entre Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Seguidos dos sermões, os sacramentos. Foram registrados: 155.889 crismas, 5.490 casamentos, 2,3



Figura 23: Pequeno mapa das missões pregadas por Frei Damião de Bozzano da Custódia Provincial de Pernambuco no Brasil – 1931 a 1949. Por Frei Otávio. Fonte: Diário de Pernambuco “Terra de Damiões”. Edição especial 29/05/2011.

milhões de comunhões, em termos quantitativos, isso equivaleria a mais de quatro vezes a população do Recife em 1950. Além de todos esses números bastante significativos de suas andanças pelo Nordeste brasileiro, no mapa das missões que corresponde a um período de sua vida de 1931 a 1949, podemos ter uma ideia da importância de Frei Damião ao longo dos seus 66 anos de missão em terras nordestinas do Brasil que vai de 1931 a 1997. A admiração e a devoção ao ídolo e santo quando vivo, depois de morto, tornou-se ainda mais forte na mente e no coração de seus devotos. Como é comum ao ídolo amado pelo povo seja ele profano ou sagrado, em um fenômeno de popularidade

de grandes proporções, como foi o caso do Frei Damião, o seu paradigma, a sua figura e o seu mito continuam vivos através de monumentos em sua homenagem e da cultura religiosa e da própria cultura nordestina, que ultrapassa até o campo estritamente religioso a desembocar em turismo, negócios e parcerias com a política, aspectos que discutiremos no próximo capítulo que tratará sobre o Santuário de Frei Damião.

No próximo capítulo, teremos uma ideia do poder devocional da crença popular de um ícone, santo, herói e ídolo que Frei Damião representa. Dimensões de um santo homem reforçadas através da reatualização do mito, a cada romaria realizada, em cada promessa feita, em cada estatueta e artefatos vendidos nas feiras e lojas; a cada letra de canções cantadas em sua homenagem, a cada reza e milagres atribuídos a Frei Damião, perfaz todo um conjunto de significações valorativas e existenciais que faz parte do seu santuário em Guarabira, “O Santuário de Frei Damião”.



Figura 24: Serra da Jurema. Ao topo podemos observar o Santuário de Frei Damião.
Fonte: Arquivo do autor, maio de 2011.

DE MEMORIAL A SANTUÁRIO FREI DAMIÃO. UM CENTRO RELIGIOSO NO PANTEÃO CATÓLICO DO NORDESTE

O fiel que comungou com o seu deus não é apenas homem que vê verdades novas que o incrédulo ignora: é homem que pode mais. Ele sente em si força maior para suportar as dificuldades da existência e para vencê-las.

Émile Durkheim. As formas elementares de vida religiosa, 1989. p. 493.

Os santos que primitivamente regularam os nossos ritos religiosos, organizaram a nossa hierarquia sagrada segundo o modelo das hierarquias celestes. Essas hierarquias encontram-se revestidas na sua descrição de uma variedade de figuras e formas materiais para que elevemos a nossa compreensão de forma analógica desses símbolos, às realidades espirituais, das quais esses símbolos são apenas imagens.[...]

A nossa própria hierarquia imita a hierarquia celeste o tanto quanto possível enquanto instituição humana, a fim de que ela entre em colegialidade com o sacerdócio angélico.

São Dinis, o Areopagita. Da Hierarquia Celeste, Cap. I.

3 DE MEMORIAL A SANTUÁRIO FREI DAMIÃO. UM CENTRO RELIGIOSO NO PANTEÃO CATÓLICO DO NORDESTE

Os santuários são lugares de intensas “trocas simbólicas” (BOURDIEU, 2009). O santuário é o lugar onde pode ser encontrado o mito revivido e atualizado em seus ritos (ELIADE, 2010). Para Oliveira (2004, p. 49) o santuário é um:

[...] território simbólico e contemporâneo [...] Trata-se do lugar privilegiado de busca do sagrado como dimensão espiritual, mística e sobrenatural da existência. Portanto, os santuários não são, necessariamente, o sagrado, mas tão somente, mas uma localidade privilegiada para experimentar essa sacralidade.

O que Oliveira expõe é de suma importância para entendermos a representatividade dos santuários para os devotos e indivíduos na modernidade. Steil (1996, p. 86) sintetiza bem o universo significativo do compósito de um santuário:

[...] capaz de acomodar a multiplicidade e pluralidade das experiências de vida trazidas para o santuário por romeiros, moradores e dirigentes clericais. E é justamente enquanto um palco de trocas culturais e de ideias, um ponto de encontro entre crenças ortodoxas e dissidentes, um universo de difusão de costumes e valores antigos e novos, um lugar de transações rituais e econômicas e uma arena de disputas de discursos seculares e religiosos que a romaria se constitui numa questão extremamente relevante e atual.

A importância dessa multiplicidade de valores e trocas de experiências vividas e trazidas ao santuário de que fala Steil é o que observamos no Santuário de Frei Damião. Ou seja, é um universo que existe em um centro religioso que é palco de romarias e devoção religiosa a um santo. O santuário é o território onde o sagrado é buscado, experimentado;

onde existe e coexiste o simbólico com todas as suas significações e valores passados e presentes, onde também podem ser encontradas ressignificações atávicas.

Parece que no mundo moderno o universo religioso retoma os costumes dos antigos, principalmente de gregos e romanos de construir estátuas colossais para seus deuses e heróis. É como se a tradição de tais costumes se pronunciasse num atavismo de cultos e crenças a deuses e heróis do agora. No mundo ocidental, o cristianismo católico em seu conjunto de santos e beatos proporciona uma matriz apropriada para tais manifestações. Como se fosse uma ironia escondida nas entrelinhas do tempo cronológico, histórico, os deuses e heróis pagãos de civilizações extintas ressurgem agora com outras roupagens e funções distintas daqueles. Contudo, estes promovem e provocam idênticas devoções e comportamentos gregários parecidos. Os templos dedicados aos deuses e heróis gregos e romanos eram visitados e cultuados pela população que através de sua devoção fazia suas oferendas e cultos. Também as festas dedicadas aos deuses não eram poucas.

No Nordeste brasileiro, as comemorações sagradas da Igreja Católica permitem uma aproximação entre os costumes sagrados e profanos. Nos arredores dos templos ou santuários comumente se vê ao lado dos rituais litúrgicos e eclesiais, festejos aonde a música, a bebida e a diversão constituem uma esperada oportunidade para se divertir. Assim, ocorrem as festas das padroeiras e padroeiros das cidades que fazem parte desse complexo mundo de crenças que é o catolicismo popular.

Em João Pessoa, por exemplo, no dia 5 de agosto se comemora a chamada “Festa das Neves”, ou a festa de Nossa Senhora das Neves, a padroeira da cidade. Festa bastante esperada tanto pelas pessoas em geral como também por comerciantes que têm nesse período a oportunidade de bons lucros.

Em Guarabira o dia da padroeira da cidade, Nossa Senhora da Luz, conhecido como “a Festa da Luz” também já é tradição e movimentação muito o comércio da cidade. Agregado a esses costumes da tradição católica, ainda mantida desde a época do Brasil colônia em todo o país, muitas cidades possuem nomes de santos, feriados nacionais importantes e datas festivas, e surgem no meio desse poder tradicional do catolicismo popular as estátuas colossais em homenagem e adoração aos santos.

Especialmente no Nordeste brasileiro costuma-se construir enormes estátuas, que parecem até competir em tamanho. No Ceará podemos observar, além da estátua do Padre Cícero em Juazeiro, uma gigantesca estátua de São Francisco de Assis em Canindé, e em construção a estátua do Menino Jesus de Praga. Em Santa Cruz no Rio Grande do Norte foi inaugurada em 2011 a enorme estátua de Santa Rita de Cássia, de 56 metros, que por sinal foi

projetada por um dos nossos entrevistados, o arquiteto Alexandre Azedo. A estátua de Frei Damião em Guarabira foi construída com uma altura de 34 metros, que logo foi alardeada como a segunda maior estátua do Brasil, maior do que a do Padre Cícero em Juazeiro. Contudo, outras cidades construíram estátuas de santos católicos ainda mais altas do que a de Frei Damião em Guarabira. Na cidade de Caruaru, foi idealizado, e as obras foram iniciadas, um novo santuário dedicado ao velho capuchinho com estátua maior do que a de Guarabira.

Podemos observar que esta recorrente necessidade de construção de santuários tem por base significativos empreendimentos, inspirados em santos que foram líderes carismáticos, como foi Frei Damião, que há naturalmente uma sucessão de poder desses líderes, dirigida em favor daqueles que se apoderam deles. Podemos extrair essa ideia no texto de Weber (1982, p. 302-303):

[...] O carisma autêntico baseia-se na legitimação do heroísmo pessoal ou da revelação pessoal. Não obstante, precisamente essa qualidade do carisma como poder extraordinário, supranatural, divino, o transforma depois de sua rotinização, numa fonte adequada para a aquisição legítima de poder soberano pelos sucessores do herói carismático. O carisma rotinizado continua, assim, a funcionar em favor de todos aqueles cujo poder e posse são garantidos por essa força soberana, e que dependem, portanto, da existência continuada de tal poder.

Weber deu vários exemplos desse fenômeno na sucessão hereditária de governantes carismáticos. Mas, podemos identificar fenômeno idêntico na esfera da religiosidade popular. Não uma sucessão hereditária governamental, mas uma apropriação da personalidade de tal liderança, em que a rotinização do carisma do santo é retirada do meio popular e apropriada pela ordem clerical, pelo poder público ou por ambos. Nisso os santuários seriam uma sucessão do carisma rotinizado desses líderes carismáticos ou santos, que deixa o legado de seus atos heroicos e virtudes religiosas a uma ordem estabelecida.

No Santuário de Frei Damião, onde colhemos um pequeno exemplo de um fenômeno de devoção popular em nível de Nordeste, observamos mais de perto esse fenômeno de apropriação da herança carismática de um líder natural que foi Frei Damião de Bozzano.

A partir da representação desse sujeito plural foi materializado um lugar de memória e transformado em lugar sagrado para adoração. Contaremos como surgiu o santuário, a ideia, os interesses e os valores envolvidos em tal construção.

3.1 De memorial a santuário



Figura 25: Mons. Nicodemos.

Fonte: Arquivo do autor, Alagoa Grande. 17 de Agosto de 2011.

E aí vêm umas coisas interessantes, quando Frei Damião foi para Guarabira, ninguém não tinha nenhuma ideia de fazer memorial, de nada, ele foi pra Guarabira como foi pra todo canto, qualquer lugar, mas quando eu vi aquela história, aquela multidão, aquela empolgação, coisa que eu não tinha visto em nenhum outro lugar, até porque a gente fez uma divulgação muito grande e o povo estava com uma espera muito grande por Frei Damião. E quando vi o encerramento das missões com 80.000 pessoas, desde a catedral, Av. Pedro II até o sinal lá, tudo lotado... Eu fiquei assim..., me perguntando assim..., sobre aquilo. E quando veio a morte de Frei Damião, aí me veio mais forte ainda, e quando vi o luto do povo, nas casas, nas cidades, por todo canto... Então me veio aquela coisa assim de, “O que, que poderia ser feito pra homenagear Frei Damião na nossa

região? Alguma coisa que ajudasse a manter, essa memória dele. Essa história viva. Alguma coisa que pudesse aglutinar esse sentimento do povo. Essa fé, essa admiração, esse carinho... Então, a gente precisava materializar isso, esse sentimento”. E dali da minha casa em Guarabira, olhando praquela montanha lá no alto, aí me veio a ideia “Ali ficava bem um monumento a Frei Damião, uma estátua grande, que pudesse ser vista... Por toda cidade... (Informação verbal)³⁰”.

A admiração e a devoção a Frei Damião pelos guarabirenses deflagrada nas palavras do idealizador do Santuário de Frei Damião, monsenhor Nicodemos, mostram o carinho e a simpatia de tal povo de forma massiva e bastante significativa. Guarabira foi mais uma cidade na Paraíba e no Nordeste que Frei Damião visitava para empreender as suas missões. Mas, foi com o advento da última visita de Frei Damião a Guarabira depois de 25 anos de “proibição”, ou melhor, de coibição de sua entrada na diocese de Guarabira, outorgada pelo então bispo de Guarabira, na época, Dom Marcelo Carvalheira, que surgiu o primeiro impulso para a construção do Memorial. Naquela ocasião em Guarabira o povo estava eufórico e, de acordo com as palavras de Mons. Nicodemos, “parecia que tinha um grito preso na garganta do povo. O povo... É impressionante! O povo tava numa felicidade...”. O grande número de pessoas de que antes nunca se teve registro um ajuntamento tão grandioso quanto no dia da visita do capuchinho. Mons. Nicodemos recorda o fato:

Olha, tinha mais de mil carros na recepção de Frei Damião, fora motos, bicicletas, cavalos... Nós fomos esperar Frei Damião, 10 km fora de Guarabira no sítio Cajá. Na pista éramos três filas de carros vindo para Guarabira. Durante uma hora e meia,

³⁰ Mons. Nicodemos, Alagoa Grande, 17 de agosto de 2011.

nenhum carro saiu de Guarabira para João Pessoa por aquela pista, porque não tinha como passar. No sol incrível! Acolhemos ele de dez, dez e meia e chegamos em Guarabira, era meio dia, na praça, com uma multidão, os carros entrando na cidade e o povo numa alegria assim, contagiante. Uma temperatura! Meio dia. Mais era uma alegria tão grande do povo porque Frei Damião tava chegando em Guarabira. E Dom Marcelo ficou muito feliz e com isso apagou essa história... (Informação verbal)³¹.

Foi na última visita de Frei Damião a Guarabira depois de 25 anos, que nasceu a ideia da construção do Memorial Frei Damião. O memorial tornou Guarabira nacionalmente conhecida e a colocou na rota do turismo religioso nacional. A ideia da construção foi do Mons. Nicodemos, pároco na época, que levou para ser apreciada pela então prefeita Léa Toscano que juntamente com seu esposo Zenóbio Toscano na época deputado estadual, juntos apreciaram e gostaram da ideia. Mons. Nicodemos diz um pouco da história do nascimento do memorial:

É..., o Memorial Frei Damião, né, foi idealizado por mim e foi construído pela prefeitura de Guarabira. A prefeita na época Léa Toscano e o deputado Zenóbio Toscano. É um casal muito amigo nosso. Eles, quando eu falei do projeto, eles acharam muito interessante, e inclusive fizeram uma consulta ao tribunal de contas, para saber se era possível fazer tal monumento. E a resposta foi que sim. Como poderia fazer também em homenagem a Lampião, a Luiz Gonzaga, a Juscelino, a qualquer uma figura ilustre, né, da história do Brasil. Então poderia ser feito também, uma estátua em homenagem a frei Damião. E aí a prefeitura abraçou isso, né, junto comigo. Com o Dep. Zenóbio e nós trabalhamos nesse sentido. Então, todo o memorial foi assumido pela prefeitura, eu assumi a parte daquela via-sacra, que tem na subida e fiquei responsável também de dar vida ao memorial. Porque não bastava uma prefeitura construir uma estátua. Se construísse ficava lá um elefante branco, né, sem vida. Aí, eu fiquei encarregado desta parte de dar vida, de convidar o povo de toda a região do Brejo pra acompanhar a obra, pra estar presente desde o início, fomos lá pra dar a benção no local onde iria começar a obra. Depois quando começou a cavar todas as fundações e tudo, nós fazíamos romarias, vias-sacras, e levávamos cinco, dez, quinze, vinte mil pessoas cada vez que convidávamos para uma romaria. Eram multidões, multidões que chegavam, de tudo que era cidade dessa região. Bastava o povo ouvir a minha voz convidando pelo rádio e já chegava. E a gente fazia uma romaria assim, muito bonita, com muita vida, com muita presença. Algumas delas convidamos o povo para trazer tijolos, pra ajudar na construção. Então, as pessoas traziam tijolos, ficou uma montanha de tijolo que colocamos Lá em cima, né. Era uma maneira de envolver as pessoas. De dá vida aquilo ali (Informação verbal)³².

A deputada e ex-prefeita Léa Toscano narra a sua versão dos fatos:

Sou católica, apostólica, romana, frequentadora da Igreja católica. E o Memorial Frei Damião foi uma das grandes obras da minha administração. Antes de fazer o Memorial Frei Damião eu visitei o Padre Cícero e visitei outros memoriais também fora da Paraíba. E eu pesquisei muito. E pela devoção que o povo de Guarabira tem por Frei Damião é muito grande. Eu queria transformar Guarabira em um Padre

³¹ Mons. Nicodemos, Alagoa Grande, 17 de agosto de 2011.

³² Ibidem.



Figura 26: Deputada e ex-prefeita de Guarabira Léa Toscano.

Fonte: Arquivo do autor, João Pessoa 10 de abril de 2012.

Cícero lá em Juazeiro. Por quê? Porque eu tinha, eu tenho consciência disso, que Guarabira poderia ser um polo de turismo religioso. Então, partindo desse princípio nós resolvemos fazer o Memorial Frei Damião. [...] Logicamente foi difícil de, se conscientizar as pessoas da necessidade de se construir o memorial e a importância desse memorial teria pra Guarabira. Mas com muita garra, muita força de vontade, com o Mons. Nicodemos também, nós iniciamos o memorial com recursos da prefeitura. Não recebemos recurso nenhum de fora (informação verbal)³³.

Com a compra, por assim dizer, da ideia da construção do memorial a prefeita e seu esposo começaram a trabalhar para o empreendimento. Este recebeu apoio do então bispo na época

Dom Antônio Muniz, que segundo Mons. Nicodemos apoiou no início, depois relutou e se afastou. Contudo, a obra já estava em andamento e ele voltou a se aproximar e a apoiar o empreendimento. A construção do memorial já estava avançando e com a responsabilidade da prefeitura de construir o monumento e de Mons. Nicodemos, de cuidar da parte funcional do memorial.

A responsabilidade do memorial que cabia à Igreja no momento da construção não era necessariamente da Igreja. Mas do idealizador do memorial Mons. Nicodemos. Foi ele que cuidou de todo o *marketing*, de tornar conhecido e de movimentar o lugar com romarias e rituais religiosos, convocando o povo como ele mesmo falou acima. Como podemos observar



Figura 27: Cruzeiro e logo ao fundo a estátua do Santuário de Frei Damião.

Fonte: Arquivo do autor, Guarabira, dezembro de 2006.

na Figura 27, a serra da Jurema já possuía o cruzeiro, que era um foco de religiosidade local. E com o memorial mais acima, esse foco, por assim dizer, emprestaria o seu poder de atração religiosa ao monumento.

Para a construção foi contratado o arquiteto Alexandre Azedo, professor da Universidade Federal da Paraíba. Ele fala sobre o convite recebido pela prefeitura de Guarabira:

³³ Deputada e ex-prefeita de Guarabira Léa Toscano. João Pessoa, 10 de abril de 2012.



Figura 28: Alexandre Azedo, arquiteto do Santuário de Frei Damião.

Fonte: Arquivo do autor, UFPB/João Pessoa, 29 de março de 2012.

Eu tinha acabado de concluir a estátua do Cristo de Itaporanga, quando fui convidado a desenvolver essa estátua que se pretendia um pouquinho maior do que o Cristo de Itaporanga. No nosso desenvolvimento, nós pensamos que deveríamos construir um museu na parte inferior, invés de ter uma base perdida, ele foi aproveitado para um museu contando a história do frei Damião e a construção da estátua. Daí nós imaginamos uma estrutura para escultura..., oca! Se você está dentro do museu e olha pra cima, você consegue ver até a cabeça dele, não vê pela escuridão, mas é possível enxergar até lá em cima. Então se baseou toda a forma estrutural numa forma cônica... E assim nós desenvolvemos um monumento escultórico já baseado nessas premissas. E a parte inferior foi projetada de forma que pudesse ser construída com menor presença de fôrma, diretamente com madeira na obra. Ao mesmo tempo em que eu

fazia a parte escultórica mais complexa e tem que ser feita em barro, em argila sob madeira [...]. (Informação verbal)³⁴.

O professor também foi o arquiteto responsável por outro monumento religioso católico construído recentemente em Santa Cruz, no Rio Grande do Norte: a estátua de Santa Rita de Cássia, que segundo ele, ostenta 56 metros de altura, dos quais 50 metros de estátua. “É a maior estátua católica do mundo [...] Eu estou fazendo meu doutorado em cima de estátuas gigantes”, diz com orgulho Azedo.

O Memorial Frei Damião foi construído e inaugurado em dezembro de 2004 pela prefeitura, que entregou à diocese de Guarabira a administração do lugar. Foi firmado um acordo entre a prefeitura e a diocese de Guarabira. Um comodato em que a prefeitura bancaria as despesas do memorial por cem anos. E a diocese administraria e o faria funcionar.

Mas não bastava funcionar apenas como um memorial comum de pessoa ilustre. Tratava-se de um religioso. E um religioso com fama de santo milagreiro. E o que é mais importante, aclamado como um sucessor do Padre Cícero pelos nordestinos. Tinha que virar santuário, o que só ocorreu em 2007, com o novo bispo, Dom Jaime Vieira Rocha. O Memorial Frei Damião finalmente passara para a categoria de santuário.

Quando o monumento passa a ser santuário a Igreja toma sobre si toda a responsabilidade e admite que o monumento, de fato, faz parte da diocese. E entra no rol dos santuários do Brasil, numa família de organização clerical. Com reuniões periódicas de administradores ou reitores de santuário. Isso não quer dizer que a Igreja, antes, não tinha suas responsabilidades para com o empreendimento. Um monumento como santuário tem muito

³⁴ Alexandre Azedo. Arquiteto do Santuário de Frei Damião. UFPB, João Pessoa. 29 de março de 2012.

mais valor como projeto religioso do que como memorial apenas. O padre Gaspar Rafael, reitor do Santuário desde 2007, fala a respeito da importância do termo santuário para a Igreja:



Figura 29: Padre Gaspar Rafael, reitor do Santuário de Frei Damião.

Fonte: Arquivo do autor, Guarabira, 27 de julho de 2011.

A ideia que tive [...], porque normalmente num memorial é o conjunto de peças em um museu. O memorial de frei Damião estaria ali a história de frei Damião. Mas no horizonte da fé da religião popular, o nome santuário tem um peso muito grande para o lado religioso. Daí eu propus a Dom Jaime, na qualidade de reitor do memorial, para que tivesse um lado mais religioso, que pudesse decretar, no decreto oficial, para a igreja do Brejo da Paraíba e para a igreja do mundo, que em Guarabira, na diocese de Guarabira, tem um santuário dedicado ao servo de Deus Frei Damião. (Informação verbal)³⁵.

Ao assumir a administração do santuário, o Pe. Gaspar diz que teve a ideia de mudar de memorial a santuário a designação do empreendimento. Com essa mudança o empreendimento passa a ter uma importância significativa para a Igreja, como enfatizamos anteriormente. Importância essa que valoriza de forma efetiva não apenas em termos organizacionais para o clero, mas porque o devoto aceita melhor um santuário do que um memorial. Um santuário delimita melhor o universo sagrado do devoto, que se sente num ambiente fora dos domínios profanos, ordinários, o que é fundamental na modernidade tecnológica, capitalista e consumista em que vivemos. Os santuários servem como refúgio, de oração e devoção. O Pe. Gaspar ressalta essa importância:

Veja o século XXI, a era da internet, do *twitter* do *tablet*, das grandes celebrações transmitidas ao vivo, mas o povo de Deus ainda fica feliz quando vem de sua casa para o santuário. Frei Damião, ele juntava multidões, por quê? Porque ele falava de Deus. O nosso povo hoje está sedento da palavra de Deus. Por isso a Igreja católica, valoriza os santuários muito; santuário é um lugar de peregrinação, é um lugar de se encontrar-se com Deus. Existe um conselho nacional de reitores de santuários, e houve na Bahia esse ano um encontro que tinha 65 reitores, e unânime a gente debatia, e encontrava e via e percebia, o quanto o santuário é o lugar de encontrar com gente de todas as culturas. Todas as culturas. Por isso que, em pleno século XXI, a Igreja católica ainda respeita o estilo de missão de missionários do século XIX como o padre Ibiapina fez. O século XIX fez grandes missionários. O século XX que teve grandes missionários, entre eles Frei Damião.

³⁵ Pe. Gaspar Rafael, reitor do Santuário de Frei Damião em Guarabira – PB, Guarabira, 27 de julho de 2011.

Mas se é importante o santuário para o devoto considerando o seu universo sagrado, também é importante para o turismo e a visibilidade da cidade em termos quantitativos. A Igreja como instituição não pode ficar isenta de atividades a que compete o bem-estar social como um todo. Até porque esta mesma instituição depende do Estado ou dos detentores e administradores do capital, elemento este que faz movimentar a sociedade. Como já afirmou Bourdieu (2009, p. 57):

De um lado (I), este capital religioso depende do estado, em um dado momento do tempo, da estrutura das relações objetivas entre a demanda religiosa (ou seja, os interesses religiosos dos diferentes grupos ou classes de leigos) e a oferta religiosa (ou seja, os serviços religiosos de tendência ortodoxa ou herética) que as diferentes instâncias são compelidas a produzir e a oferecer em virtude de sua posição na estrutura das relações de força religiosas (ou seja, em função do seu capital religioso) e, de outro (II), este capital religioso determina tanto a natureza, a forma e a força das estratégias que estas instâncias podem colocar a serviço da satisfação de seus interesses religiosos, como funções que tais instâncias cumprem na divisão do trabalho religioso, e em consequência, na divisão do trabalho político.

O capital religioso não apenas é dependente do Estado, de sua organização burocrática e de gestão, ele é dependente também da demanda religiosa formada por leigos e fiéis em geral, que por sua vez dependem da oferta religiosa, ou seja, dos serviços, ofícios e até do próprio espaço religioso do clero. O que quer dizer que o jogo político em que está incrustada a Igreja é histórico, mas também flagrantemente movido por interesses, influências e controle das massas. Azzi (1977, p. 49) diz: “Na medida em que no Brasil começam a surgir os movimentos nativistas, aumenta a preocupação do governo lusitano em utilizar a religião como freio para conter a insatisfação e as revoltas populares”.

Dizia-se que o próprio Frei Damião funcionava como um apaziguador do povo evitando revoltas e conflitos contra o governo. No Diário de Pernambuco, na edição especial “Terra de Damiões”³⁶, o governador Nilo Coelho dizia que Frei Damião era o “freio dos que sofriam”. Ao frear, evitava “a explosão do povo diante dos poderes que oprimia”. Mas isso ocorria, como se acredita, de forma natural. Apesar de ele nunca endossar e querer entrar em nenhum jogo político, políticos se aproveitavam de sua popularidade para tirar proveitos e vantagens eleitorais. O caso clássico foi o da eleição de 1989 para presidente da República em que Fernando Collor de Melo, candidato à presidência, divulgou panfletos com imagens suas ao lado de Frei Damião. Mesmo de forma indireta, ou diretamente no caso descrito acima, a política se serve da religião como “apoio legitimador” do poder.

³⁶ Diário de Pernambuco Edição especial Terra de Damiões, 29/05/2011.

Esse poder legitimador da religião para com o governo e a esfera política, de que o próprio Frei Damião não escapou de ser também um instrumento, é que move a manutenção da ordem simbólica, segundo Bourdieu (2009, p. 70):

A igreja contribui para a manutenção da ordem política [...] (I) pela inculcação e manutenção dos esquemas de percepção, pensamento e ação objetivamente conferidos às estruturas políticas e, por esta razão, tende a conferir a tais estruturas a legitimação suprema que é a “naturalização”, capaz de restaurar e instaurar o consenso acerca da ordem do mundo mediante a imposição e a inculcação de esquemas de pensamentos comuns [...] (II) ao lançar mão da autoridade propriamente religiosa de que dispõe a fim de combater, no terreno propriamente simbólico, as tentativas proféticas ou heréticas de subversão da ordem simbólica.

A ordem simbólica à qual se refere Bourdieu é a ordem construída ou constituída de valores de bens sociais comuns. Podemos exemplificar na relação Igreja e Estado como inculcar o respeito à hierarquia e a autoridade e infalibilidade da Igreja, em que ao mesmo tempo apoia a ordem e a autoridade política governamental vigente. Apaziguando, e até, de certa forma, resignando as condições de miséria e carência de condições sociais que entrariam em conformidade com a vontade de Deus, no caso das pregações de Frei Damião para com a população pobre. Palavras como: “Sofrimento não é indiferença de Deus. Esta vida é apenas uma preparação para outra; esta sim é importante”. Sermões como este promovem o conformismo e o apaziguamento de possíveis revoltas da população que aceita sua condição de carência e sofrimento. A Igreja, além de legitimar ela “naturaliza”, como diz Bourdieu, a instauração de consenso acerca da ordem a estabelecer ou promovendo o seu estabelecimento. Bourdieu (2009, p. 72) diz:

A relação de homologia que se estabelece entre a posição da igreja na estrutura do campo religioso e a posição das frações dominantes das classes dominantes no campo do poder e na estrutura das relações de classe, fazendo com que a igreja contribua para a conservação da ordem política ao contribuir para a conservação da ordem religiosa, não elimina as tensões e conflitos entre poder político e poder religioso.

Relações de homologia entre o poder secular ou político e o poder clerical, não apenas pode ser verificável na história, mas também no campo da filosofia escolástica, como por exemplo, nas ideias de Dante Alighieri e os escritos de Dionísio Areopagita atribuídos a Denys³⁷, em que tudo que existe no mundo fenomenal e material emana de um centro de poder absoluto, ou Deus. Que a partir deste, o poder emanador cria o mundo das ideias, ou

³⁷ Em referência a tais ideias podem ser verificadas as obras: *A Divina comédia*, de Dante Alighiere; e *Da hierarquia celeste*, de Denys (Dionísio Areopagita).

ordem celeste, emana o poder hierárquico angelical, e a pontos mais distantes deste centro divino já no mundo material, a Igreja. E em seu ponto mais denso essa ordem criada acaba na ordem secular social ordinária. Ou seja, quanto mais distante da sua fonte original “Deus”, ou, a divindade criadora, mais corrompida e degradada se faz. Tal corrupção da ordem dos homens mostra as tensões e conflitos entre os poderes clericais e políticos. Interesses religiosos e governamentais podem divergir em seu caráter ideológico, porém se apoiam em um campo político de interesse comum, uma vez que dependem do povo, do fiel e do leigo para a sua manutenção e sobrevivência.

A construção do Memorial Frei Damião seguiu esse mesmo protótipo, em que o apoio mútuo de interesses de ambas as partes, do religioso e do poder político secular, se juntam para um determinado fim, mas com interesses distintos.

Os interesses das instituições religiosas continuam seguindo o mesmo esquema das associações históricas com os sistemas políticos de antanho. Não é novidade, como bem sabe qualquer historiador e estudioso do catolicismo, que Igreja e Estado se unem para se apoiarem e empreenderem suas ideias. A Basílica de Aparecida, por exemplo, em seu processo de reconstrução e aperfeiçoamento teve, na pessoa do padre Noé Sotillo, no período de sua administração que vai de 1967 a 1988, a existência de acordos políticos na época da ditadura militar, caso que lhe custou muitas críticas da esquerda clerical (OLIVEIRA, 2001).

Ao exemplo da construção da Basílica de Aparecida como vimos, a Igreja busca alianças com o poder público para os seus empreendimentos, se não muito deflagradas como nos tempos da monarquia e do padroado, mas como religião dominante e influente que é em solo brasileiro; ela sabe usar desse poder para suas “ambições” tendo como principal foco o social como uma espécie de argamassa que une os interesses do Estado e da Igreja.

Igualmente importantes são os interesses das sociedades religiosas. Estas têm na socialização e no poder gregário que pode ser traduzido em necessidade dos indivíduos de se associarem com aqueles que têm ideias em comum, bem como na satisfação e no prazer desse convívio, dessa “comuna”.

Por outro lado, os interesses dos fiéis não estão apenas na esfera sacralizada da sua fé, mas também na convivência social, na socialização e na própria condição de existir em sociedade. Nas palavras de Bourdieu (2009, p. 48):

[...] o interesse que um grupo ou uma classe encontra em um tipo determinado de prática ou crença religiosa e, sobretudo, na produção, reprodução, difusão e consumo de um tipo de bem de salvação (dentre os quais a própria mensagem religiosa), é função do reforço que o poder de legitimação do arbitrário contido na religião considerada pode trazer a força material e simbólica possível de ser

mobilizada por este grupo ou classe ao legitimar as propriedades materiais ou simbólicas associadas a uma posição determinada na estrutura social.

Se a religião cumpre funções sociais, tornando-se, portanto, passível de análise sociológica, tal se deve ao fato de que os leigos não esperam da religião apenas justificações de existir capazes de livrá-los da angústia existencial da contingência e da solidão, da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte. Contam com ela para que lhes forneçam justificações de existir em uma posição social determinada, em suma, de existir como de fato existem, ou seja, com todas as propriedades que lhes são socialmente inerentes.

Bourdieu escreve que existe um interesse em comum distinto daqueles interesses individuais expressados por cada religioso como, por exemplo, o desejo de salvação, o consumo de bens de salvação, a permuta e a troca de bens simbólicos no universo religioso. Mas tais grupos religiosos buscam, segundo Bourdieu, “justificações de existir em uma posição social determinada”. Ou seja, ter uma identidade social, pertencer a um grupo, estar dentro da “pertença” de um grupo distinto.

Mas esses interesses religiosos sejam eles pessoais e individuais, como abordamos em passagem anterior, e o desejo de identidade e de “pertença” social, existem independentemente em esfera distinta dos interesses das classes políticas e clericais. E muitas vezes essa distinção de interesses da grande massa de devotos e fiéis em geral torna-se instrumento de grupos políticos e dos detentores dos bens religiosos. Porque os interesses daqueles estão na esfera religiosa onde encontram satisfação em suas existências, e não se importam, ou não são conscientes dos interesses distintos dos grupos que os governam.

Algumas vezes o que interessa ao povo deve de ser, também, de interesse do governo local, porque tais interesses populares significam poder para os políticos que os apoiam. É o que aconteceu na construção do Santuário de Frei Damião, a convergência de interesses eclesiásticos de um lado e políticos de outro tendo o povo fiel como suporte. E nesses espaços, interesses econômicos andam lado a lado com as questões da fé.

A deputada estadual e também presidente do PSB de Guarabira, a ex-prefeita de Guarabira Léa Toscano, juntamente com seu esposo, também ex-prefeito de Guarabira Zenóbio Toscano, quando ambos receberam a visita do Mons. Nicodemos que lhes apresentou a ideia da construção de um memorial em homenagem a Frei Damião, um missionário extremamente popular não apenas em Guarabira, mas também em todo o Nordeste, verificaram que a última visita de Frei Damião a Guarabira mostrou o seu potencial de popularidade e poder de ajuntamento populacional.

Prefeita de Guarabira eleita em 1996, seu mandato iria terminar em 2000. A época da reeleição estava chegando e as obras da construção do memorial foram iniciadas no mesmo

ano em 2000, ano eleitoral. E a prefeita foi reeleita. A esse respeito, em resposta à pergunta “se o memorial foi construído com o objetivo da sua reeleição”, ela respondeu:

Não, não. Porque eu nunca usei; eu nunca tirei uma fotografia; eu tinha muita precaução com isso. Eu nunca tirei uma fotografia e expor ao povo, nunca fiz calendário e disse ao povo que o memorial era, tinha sido feito na minha administração, eu tinha muita precaução com isso. Inclusive com o tribunal de contas. Antes de fazer o memorial, falar com os conselheiros, com o presidente do tribunal, e expor o que ia acontecer em Guarabira pra que me desse respaldo. Pra depois quando eu deixasse a prefeitura, iriam dizer que utilizei o dinheiro da prefeitura pra uma obra que não tava aprovada pelo tribunal de contas. Mas eu tive muita precaução com isso. E antes de fazer o memorial, eu já fui ao tribunal de contas ele me autorizou a fazer. Eu prestava sempre contas do que tava gastando no memorial, pra que o tribunal pudesse acompanhar. Eu nunca utilizei o memorial em benefício meu. Eu nunca utilizei o memorial pra tirar fotografia com Frei Damião, pra tá junto com a população. Tirei muitas fotografias, lógico, na inauguração, mas nunca usei essas imagens, inclusive Cássio que era o governador foi à inauguração, mas nunca usei essas imagens em benefício próprio. Então é tanto, as pessoas dizem que o memorial foi feito por dona Léa, “Tia Léa”, como o pessoal me chama, mas nunca vincularam, nem procuraram fazer com que minha candidatura fosse impugnada por usar o Memorial Frei Damião. Nunca isso aconteceu em Guarabira. (Informação verbal) ³⁸.

Interesses distintos da parte política, do clero e da população devota de Frei Damião convergiram em prol do bem comum, na construção do Memorial Frei Damião. Mas a importância do monumento transcende interesses pessoais, políticos e religiosos. Em um fenômeno religioso alicerçado na fé dos devotos de Frei Damião e de turistas religiosos como um todo.

Sobre a importância da construção do Memorial Frei Damião, Paulo Costa o atual secretário do turismo de Guarabira fala:



Figura 30: Paulo Costa, atual Secretário de Turismo e Cultura de Guarabira.

Fonte: Arquivo pessoal, Guarabira, 27 de julho de 2011.

Se na verdade foi pra trazer a religiosidade pra Guarabira valeu muito a pena. Se foi pra buscar o fluxo turístico pra cidade valeu muito a pena. E a idealização para se trazer a estátua pra cá foi também para a cidade ser vista com outros olhos a nível de Brasil. E isso foi conseguido. Porque se eu não me engano é a terceira ou a quarta estátua do Brasil... Ela é na verdade é uma estátua que é monstruosa pra nossa cidade. Então a vinda dela, dessa estátua pra cá foi justamente com esse objetivo, para atrair pessoas, valorizar a cidade, valorizar o turismo, valorizar a religiosidade... [...] Então, acho que quem teve a ideia e a prefeitura na época, teve uma ideia

³⁸ Deputada e ex-prefeita de Guarabira Léa Toscano. João Pessoa, 10 de abril de 2012.

brilhante. Na minha opinião foi muito brilhante, foi muito importante porque precisava de algo em Guarabira. E a ideia de se trazer ou de se pegar emprestado o nome de Frei Damião, pôr uma estátua dele na Serra da Jurema e fazer os caminhos da maneira que foi pela maquete que eu li na oportunidade, isso era pra ter um fluxo de pessoas diário, mas agora só se tem nas romarias e aos domingos quando nós temos lá as celebrações. O que é que falta, é fazer com que o povo vá pra lá todos os dias. E isso vai demorar muito, não vai ser agora. Então foi realmente brilhante essa ideia e o que é preciso agora são as pessoas se entenderem pra começar a fomentar esse turismo aqui na cidade. (Informação verbal)³⁹.

O secretário de turismo de Guarabira destaca a importância do Santuário de Frei Damião, não apenas dentro do campo do turismo religioso, mas também como atração turística da própria cidade, projetando-a nacionalmente. E foi justamente o que aconteceu. Apesar de o número de visitantes entre turistas propriamente ditos, peregrinos, romeiros, pagadores de promessas e devotos em geral ser ainda aquém do esperado, o santuário obtém grandes fluxos de visitantes em romarias e também aos domingos onde o comércio no local é beneficiado. Como foi registrado na introdução, o comércio se traduz em barracas que são organizadas ao longo das vias de acesso, botecos distribuídos também nas vias, além de uma lanchonete e duas lojas que foram construídas de forma planejada e fazem parte da estrutura do santuário.

Um dos comerciantes dessas lojas planejadas, Gilvan Felix dos Santos, 47 anos, nascido, criado e morador de Guarabira, tem comércio desde dezembro de 2004, mês da inauguração do santuário. Fala que recebeu um convite do bispo da diocese na época para assumir a loja no santuário. Gilvan já possuía uma loja na cidade de Guarabira, uma espécie de magazine, onde vende calçados, confecções e outros artigos. E teve que aprender e se



Figura 31: Gilvan Félix, comerciante.

Fonte: Arquivo pessoal, Guarabira, S. F. D. Maio de 2011.

adaptar a um comércio diferente de artigo, o religioso. Ele fala da importância disso para a sua vida e como esse comércio satisfaz não apenas a sua vida financeira como também pessoal:

Compensa. Tanto compensa a parte financeira... Como esse trabalho... É satisfatório. Recebi um convite para fazer comércio aqui. Vim para ganhar dinheiro. Mas hoje, o dinheiro não tem tanta essa importância assim... Mas sim essa satisfação de estar aqui com a parte de romeiro... É muito bom! A princípio vim aqui pelo lucro.

³⁹ Paulo Costa, secretário de Turismo e Cultura de Guarabira – PB, Guarabira, 27 de julho de 2011.

Mas que transformou-se na devoção que aprendi com o romeiro (Informação verbal)⁴⁰.

Gilvan fala que acredita na santidade de Frei Damião, e que também é um devoto. Devoção essa que aprendeu no dia a dia com os romeiros. Isso mostra que a influência de Frei Damião é bastante viva no local. O “magnetismo” dos lugares sagrados, dos santuários, é construído, constituído não apenas pela ordem religiosa clerical, com os bispos, padres e leigos, mas pela devoção dos romeiros e peregrinos. E também de certa forma pelo processo comercial de artigos religiosos que propagam o mito da santidade e da atmosfera religiosa local.

No nosso estudo, abordamos sobre a reatualização do mito no Santuário de Frei Damião e que de certa forma o comércio também faz parte desse processo de reatualização quando vende artigos e estátuas de Frei Damião, porque é também um meio no conjunto da folkcomunicação do popular devoto. Foi essa influência que levou o comerciante Gilvan a ser devoto de Frei Damião e também um propagador dessa mesma devoção. Outros comerciantes também são devotos de Frei Damião como Cleonice da Silva Lima, 53 anos, natural da Borca, na zona rural da Paraíba e moradora de Guarabira. Ela possui uma barraca na via de acesso do santuário onde comercializa artesanatos e bricolagens produzidos por ela mesma e outras quinquilharias desde a inauguração em 2004. Tira em média por dia R\$ 150,00 a 200,00. Mas segundo ela, tem dia que não tira nada. Dona Cleonice fala:



Figura 32: Dona Cleonice, comerciante.

Fonte: Arquivo do autor: Guarabira, S.F.D. Maio de 2011.

Aqui é fraco, visse?! Tem tempo que tá bom, mas o povo tem medo de vim por causa das rodagens, né! E os zoimbo, assim..., as estradas não compensa. E num tem assim..., uma estrutura boa pros visitantes, né!

H – Mas promete que vai ter uma estrutura boa.

C – Deus quera que..., a gente espera isso, né. Sempre esperamos.

H – O que a atraiu a fazer comércio aqui?

C – Há eu gosto, muito! Se for possível eu passo o dia sem ganhar dinheiro, porque eu gosto!

H - A senhora é devota de Frei Damião? Já alcançou alguma graça?

C – Sou. Muito. Nunca alcancei nenhuma graça. Mas pelo fato de eu está aqui, já é uma bênção. Já tive várias experiências com frei Damião. Muitas. Amiga minha, mesmo da minha rua alcançou muitas bênçãos. Eu acho que nunca alcancei porque não mereci ainda. Mas quando eu merecer, ne...!

H – Mas a senhora faz promessa?

C –Faço. A paixão da minha vida e do meu viver é Frei Damião. É uma família. Nós somos uma família. É uma pessoa que conheci, né, pessoalmente e..., sei não, acho

⁴⁰ Gilvan Félix, comerciante do Santuário de Frei Damião. Guarabira, S. F. D. Maio de 2011.

que nos domingos que eu num venho eu fico triste. É! Porque eu mesmo sem vender nada eu me sinto bem (Informação verbal) ⁴¹.

Dona Cleonice chega à sua barraca no santuário em média às 07h00min horas da manhã e sai, dependendo do movimento, às 15h00min ou 16h00min horas. “Tem gente aqui que sai de cinco horas. Depende do movimento. Se for bom a gente passa o dia todo. Se também não tiver ninguém a gente vai embora”, diz.

Outro comerciante que também é devoto é o artesão Adailton Vieira da Silva Filho, natural de Guarabira, 35 anos, casado. Fabrica no quintal de casa imagens de Frei Damião, de vários tamanhos, e vende diretamente ao público e também a outros comerciantes que revendem as estatuetas. Ele diz que comercializa no local desde quando se iniciou a construção da estátua, quando só tinha a base e não tinha asfalto. “Tudo era só barro” (Informação verbal) ⁴², diz ele. Adailton tira todo o sustento da venda das imagens. O que tira em média por mês é R\$ 1.000,00 reais.

Adailton se diz devoto de Frei Damião. Ele fala que a irmã foi curada de um glaucoma. A sua irmã teria perdido a visão e uma promessa que a sua mãe fez com a intenção da cura da filha a Frei Damião de Bozzano, em associação com santa Luzia, curou parcialmente a moça. A mãe pagou a promessa subindo com os pés descalços o íngreme e longo caminho do sopé aos pés da grande imagem de Frei Damião.

Adailton falou que era coroinha na catedral de Nossa Senhora da Luz e teve a

oportunidade em 1995 de ver Frei Damião e participar da sua missão naquele ano. E que na ocasião o capuchinho impôs sua mão sobre a cabeça dele. “É uma emoção, né cara?! Ali... é... Tocado pelo um homem daquele”, diz.

A atmosfera do Santuário de Frei Damião é impregnada, como tantos outros



Figura 33: Adailton Vieira, vendendo as imagens que fabrica.
Fonte: Arquivo do autor, Guarabira, S.F.D. Maio de 2011.

santuários, pela devoção religiosa. E também pela religiosidade de comerciantes, como podemos verificar nos exemplos acima. Claro, naturalmente existem comerciantes que não

⁴¹ Dona Cleonice, comerciante. Guarabira, Santuário de Frei Damião. Maio de 2011.

⁴² Adailton Vieira dos Santos. Guarabira, Santuário de Frei Damião. Maio de 2011.

possuem uma devoção religiosa pelo capuchinho. Mas grande parte deles possui essa religiosidade característica no brejo pelo frade capuchinho. Não apenas essa devoção religiosa por Frei Damião é deflagrada pela história local, mas também pela influência exercida em seus artigos à venda. Artigos que são objetos de devoção religiosa e produtos da fé e popularidade de Frei Damião, que atraem seus admiradores, devotos e pessoas em geral de várias cidades e até de outros estados.

O Santuário de Frei Damião atrai pessoas não apenas de cidades vizinhas a Guarabira, mas também de outros estados vizinhos como Pernambuco, Ceará e Natal, como tive oportunidade de checar em pesquisa de campo no local. Devotos de Frei Damião que estão espalhados em várias cidades e estados circunvizinhos por onde andava Frei Damião em suas santas missões, atraídos pelo monumento, pela excursão e a comunhão em grupo, e também pela nostalgia que ali vive reunida em um acervo de imagens e fotografias em seu memorial.

Mas de acordo com as pesquisas que fiz no santuário entrevistando visitantes no local, o grande atrativo, o que mais atrai as pessoas é a devoção, crença e fé do próprio povo que visita o santuário.

3.2 Santuário de Frei Damião e a sua importância como centro religioso de romarias e visitas

Os rituais religiosos, as procissões, as romarias e até mesmo o próprio processo do turismo religioso conservam o teor da importância histórico-religiosa da cidade de Guarabira. Em seu sentido local, essa manutenção de tradições e importância se iniciou com a festa da



Figura 34: Devotos tocando a imagem de Frei Damião. Uma devota passa a estola em sua enfermidade no pescoço.

Fonte: Arquivo do autor, Guarabira. S.F.D. Maio de 2011.

padroeira da cidade, Nossa Senhora da Luz. E transcendendo o sentido local, e até o próprio valor simbólico religioso da devoção rural, o Santuário de Frei Damião surge como um poder mantenedor de tradições de um histórico de devoções populares da cultura rural nordestina. Um centro

religioso aonde se pode encontrar um pedaço de vasta tradição devocional de santos ao longo dos tempos.

Mesmo em tempos midiáticos, o tradicional e o devocional continuam tendo a sua importância como campo de atuação daqueles indivíduos cuja fé, e enquanto houver fé tradicional não apenas hereditária, mas de importância social, é o mantenedor de grande parte de suas vidas. O sentido, o fim, a “fortaleza”. Talvez este último, a “fortaleza”, seja o valor e função que os santuários cumprem com maior propriedade para com os fiéis. Lá, eles têm a oportunidade de se sentir seguros, recarregados e renovados na sua fé.

É nos santuários que os indivíduos buscam “conforto espiritual” ou psicológico para seus problemas. Curas para suas moléstias físicas e morais, como observamos na Figura 34, em que uma devota passa a estola da imagem de Frei Damião em seu pescoço doente.

Autodefinidos como necessitados e “pecadores”, os devotos buscam auxílio junto ao santo que acreditam possuir as virtudes de santidade que são incapazes de ter, mesmo que sejam apenas representações destes como, por exemplo, suas imagens e estátuas. Concordamos com Rosendahl (1996, p. 27) quando afirma: “O ser humano, ao aceitar a hierofania, experimenta um sentimento religioso em relação ao objeto sagrado. Não se trata de uma veneração do objeto enquanto tal, e sim da adoração de algo sagrado que ele contém e que os distingue dos demais”. Como podemos observar na Figura 34, de acordo com Rosendahl, o devoto contempla, toca e busca o poder transcendente, sobrenatural através da representação simbólica de objetos sagrados como, neste caso, a imagem ou a estátua de Frei Damião.

O santo de devoção é aquele indivíduo com o qual se sentem mais à vontade por ser este mais próximo de suas vidas mortais, porque viveu, sofreu e lutou e foi pessoa de carne e osso. Acreditam que através de sua fé em alguém com virtudes santíficas possam servir de intermediário com o todo-poderoso Deus, que por ser grande e inconcebível estaria muito distante de suas possibilidades para manter um diálogo mais próximo e pessoal.

Frei Damião surge então como um intermediador entre Deus e o homem religioso, “o devoto sertanejo, nordestino”. E com a vantagem de este pertencer a uma linhagem de santos nordestinos populares e imediatamente seus antecedentes: Ibiapina e Padre Cícero, cujo trabalho e atuação, apesar de serem distintos um do outro, possuem “a pertença nordestina”. A “pertença” independe de raça, credo, tonalidades de cores de pele e olhos e texturas capilares, regionalidades, nacionalidades e lógica racional, assim como o é a credence popular. A fé popular é promovida por tal religiosidade; se a lógica e o racional fossem as notas mais importantes de tal religiosidade, Frei Damião estaria de fora dessa linhagem de santos

populares do Nordeste eleitos pelo próprio povo, por ele não ser brasileiro e muito menos nordestino, mas um gringo italiano.

Mas, a religiosidade popular elege seus santos e suas formas de culto, independentemente de oficialidades religiosas, e até de dogmas oficiais do cristianismo. Quando observamos as disposições de crença do povo cearense elegendo Frei Damião à reencarnação de Padre Cícero⁴³, mesmo essa doutrina reencarnacionista não pertencendo à fé cristã, por outro lado, essa crença de que Frei Damião seria a reencarnação do Padre Cícero também não se encaixa na própria doutrina espírita, porque seria lógica e fisicamente impossível. Padre Cícero morreu em 1934 quando Frei Damião com 36 anos de idade já estava no Nordeste havia três anos. Mas, a credence popular e sua curiosa religiosidade tida pela oficialidade da Igreja Católica por muito tempo como ignorância fanática a ser rechaçada e combatida, atualmente, em tempos midiáticos e consumistas é uma ferramenta importantíssima para essa mesma oficialidade. Porque se trata de um grande poder, o poder popular proveniente da credence e da fé do povo simples que elege santos e erige monumentos e santuários para o contínuo empreendimento de sua fé.

A fé é sustentada pela crença na eficácia e competência divina do santo para a solução de seus problemas. Em meio às orações, “pedidos” e rezas, a promessa é típica, em especial, do romeiro devoto do meio rural. E é através destas que o romeiro pede principalmente a cura de doenças que em muitos casos é o último recurso, depois que médicos examinam e desenganam, como é o caso de Glécio Felismino dos Santos:



Figura 35: Glécio Felismino dos Santos, devoto de Frei Damião.

Fonte: Arquivo do autor, Guarabira. S.F.D. Maio de 2011.

Eu tive um problema de um câncer, na face do rosto. E com muita fé em Frei Damião rezei muito, pedi muito. E graças a Deus, primeiramente Deus e segundo Frei Damião eu venci, né. Hoje eu to curado, praticamente curado. Continuo ainda fazendo o tratamento, mas graças a Deus e a Frei Damião fui curado.[...]

É, como se diz, o importante é a gente ter fé, acreditar, não baixar a cabeça, colocar a cabeça pra frente e pedir mesmo com fé que você consegue. [...]

No início foi feita uma operação pra tirar na face do rosto, em todo o rosto. Era por dentro, no caso interno. Aí fui fazer uma operação para retirar. Foi retirado, mas não todo. Daí gerou aquele problema todo que infeccionou.

Os médicos falaram, não falaram pra mim, falaram pra minha esposa, que não tinha mais cura. Pra eu voltar pra casa e eu esperar só a hora. Porque não tinha mais jeito, já tinha

⁴³ Veja OLIVEIRA, Gildson. **Frei Damião: o santo das missões**. São Paulo: FTD, 1997. p. 79.

comprometido tudo, o rosto, o cérebro tudo já. Mas com muita fé, a gente rezando tudo, graças a Deus. [...]

Fiquei um período internado. Sai. Tive outro médico e através desse outro médico consegui realmente a ver o problema e comecei a fazer a quimioterapia. Graças a Deus não fiquei abatido. Fiz promessa e através da promessa consegui e hoje sou curado. [...]

Eles falaram que era um milagre. Porque não tinha explicação. Porque eu volto lá e ele olha pra mim e vê o que eu era pra o que eu tô hoje? Cheguei a pesar 49 quilos. (Informação verbal) ⁴⁴.

Entre tantos casos diferentes de promessas feitas ao santo a cura de enfermidades é dos pedidos mais comuns. Casos como este de Glécio, como a cura do câncer, não são raros entre os acordos feitos entre o fiel e o santo deflagrados nas chamadas “promessas”. Neste caso, quando a doença chega ao extremo do desengano de médicos e o fiel recorre à promessa ao santo para a sua cura, quando esta é alcançada é tida como um milagre. Um milagre graças à intercessão do santo a quem fez o pedido. A esperança da cura levada pela fé no santo aciona um mecanismo de “barganha devocional” ou troca de favores entre o santo e o indivíduo. Mas também há casos em que esta “barganha devocional” é acionada no início do problema, sem deixá-lo para a última hora. Como no caso de Maria Elizete:



Figura 36: Maria Elizete, devota de Frei Damião, mostra a foto de seu irmão.
Fonte: Arquivo do autor, Guarabira. S.F.D. Maio de 2011.

Agora em novembro vai fazer um ano que meu irmão adoeceu de repente. Câncer do estômago. (E mostra a foto do irmão) Ele fez a cirurgia, vai fazer um ano agora em novembro. Graças a Deus ele agora tá curado. Ele trabalha no estado, já voltou a trabalhar. Eu falei pro meu padim Frei Damião, se for pela vontade de Deus, se não for uma doença mandada por Deus que voltasse a saúde dele, né? Até o dia que Deus quiser. Aí que paguei uma promessa. Aí você vê que ele já tá trabalhando. Já come tudo. Se recuperou do dia pra noite. Foi por causa de quem? Frei... Primeiramente Jesus

né, primeiramente Jesus. E segundo Frei Damião. Aí eu trouxe (a foto do irmão) pra mostrar pra deixar aqui. Também o agradecimento (uma carta escrita) por uma graça alcançada, né. Minha fé é grande, viu? Minha fé é muito grande, minha fé! (Informação verbal) ⁴⁵.

⁴⁴ Glécio Felismino dos Santos, devoto de Frei Damião. Guarabira. Santuário de Frei Damião. Maio de 2011.

⁴⁵ Maria Elizete, devota de Frei Damião. Guarabira. Santuário de Frei Damião. Maio de 2011.

Nesse tipo de promessa o acionamento da “barganha devocional” nasce no início do problema e não como no caso anterior do Glécio que foi utilizado como último recurso. Mas mesmo nesse caso de Maria Elizete, a cura, ou o milagre é atribuído ao santo intercessor. Mesmo que no processo da doença os tratamentos médicos sejam administrados em conjunto com a promessa do devoto, ou sua fé.

Os mecanismos de “barganha devocional” também acionam pedidos nem tanto urgentes, como nos dois casos supracitados. Muitas vezes é problema de ordem moral como a cura de vícios como a bebida, de ambição pessoal como pedir uma casa, um automóvel, um emprego, ou até problemas como dores ocasionadas pela velhice, são colocadas no mecanismo da “barganha devocional”. Basta apenas visitar o salão de ex-votos para ver a natureza de tais promessas.

Um exemplo de promessa não muito urgente é o caso de Osmário Medeiros:



Figura 37: Osmário da Costa, devoto de Frei Damião.
Fonte: Arquivo do autor, Guarabira. S.F.D. Maio de 2011.

Eu tenho um problema sério nesse joelho, eu quebrei o tendão há muitos anos. E agora recentemente voltou a doer bastante, né, e eu num tava em condição de andar nem em lugar plano. E resolvi vim, quer dizer já vinha sempre, eu vim com esse intuito de vir fazer a visita a Frei Damião, e subir a serra a pé. Cheguei aqui e graças a Deus e não senti nenhuma pequena dor na perna porque não tava podendo nem me movimentar. [...] A perna não podia nem dobrar e agora já to me movimentando. (Informação verbal)⁴⁶.



Figura 38: Maria José do Nascimento, devota de Frei Damião.
Fonte: Arquivo do autor, Guarabira. S.F.D. Maio de 2011.

Outro relato é da devota Maria José do Nascimento de 75 anos moradora de Macaparana em Pernambuco. Ela disse que através da água benta pelo próprio Frei Damião em uma das suas missões no Condado, interior de Pernambuco, o seu marido, doente do coração e com constantes inchaços nas pernas, ficou curado de tais inchaços ao passar a água nos pés. “Tudo o que eu peço a ele eu alcanço [...] eu sinto muita alegria quando venho aqui” (Informação verbal)⁴⁷, diz Maria José.

⁴⁶ Osmário da Costa, devoto de Frei Damião. Guarabira. Santuário de Frei Damião. Maio de 2011.

⁴⁷ Maria José do Nascimento, devota de Frei Damião. Guarabira. Santuário de Frei Damião. Maio de 2011.

Acima tivemos exemplos de devotos do Santuário de Frei Damião que relatam suas experiências devocionais através de promessas, buscas e depoimentos de curas que atribuem a Frei Damião. O que move essas buscas dos devotos? O que o santuário pode oferecer? O que recebem é realmente o que esperavam receber? O que dão em troca dessa recompensa? E o que recebem é realmente a recompensa almejada ou são compensadores que recebem? E o que são recompensas e compensadores no universo religioso de um santuário?

Os santuários fornecem meios e mecanismos para colocar a fé dos indivíduos em ação e através desse acionamento, o seu fortalecimento. E, também, é o lugar sagrado onde o mito se renova e se fortalece. Nos santuários os indivíduos buscam “compensadores” e “recompensas”⁴⁸.

3.3 Santuário de Frei Damião: lugar de compensadores e de buscadores de recompensas

De acordo com Rodney Stark (2008), a religião se fundamenta e também funciona através de recompensas e compensadores. O seu argumento é de que se evidências há da existência da religião na pré-história, ou nas sociedades primitivas, então o seu *modus operandi* não depende de sociedades e organizações complexas. Muito menos de tecnologias sofisticadas e avançadas. Mas, os seus aspectos fundamentais “devem ser necessidades e atividades básicas” (STARK, 2008, p. 35).

A partir deste ponto, ele construiu uma teoria, que, assim como todas as outras teorias, é passível de ser contra-argumentada, mas que também, apesar de ser reducionista, se baseia em uma teoria geral da ação humana que pode ser verificada, observada e até quantificada, e, também argumentada, liga o mundo fenomenal ao mundo empírico. Ou seja, a ação humana, em especial a ação da qual tratamos nesta parte da nossa dissertação, em religião é a ação do devoto, do homem religioso, do fiel que abarca dentro de si o fenômeno imaterial que é a fé e o efeito desta em ações verificáveis empiricamente pela ciência. Estudo esse verificável anteriormente no pensamento de Émile Durkheim (1989, p. 495):

[...] o que faz o homem é aquele conjunto de bens intelectuais que constitui a civilização, e a civilização é obra da sociedade. E assim se explica o papel preponderante do culto em todas as religiões, quaisquer que elas sejam. É que a sociedade só pode fazer sentir sua influência, se ela for ato, e ela só é ato se os indivíduos que a compõem estão reunidos e agem em comum. É pela ação comum que ela toma consciência de si e se impõe; ela é, antes de tudo, uma cooperação ativa. Até as ideias e os sentimentos coletivos só são possíveis graças a movimentos

⁴⁸ STARK, Rodney; BAINBRIGDE, William Sims. **Uma teoria da religião**. São Paulo: Paulinas, 2008.

exteriores que os simbolizam [...] Portanto, é a ação que domina a vida religiosa pelo simples fato que ela tem por fonte a sociedade. [...]

Durkheim dá importância ao ato social na vida religiosa e diz que é a ação, por assim dizer, o grande afã da configuração da atividade religiosa que o culto tem papel de importância relevante. Mais adiante ele assevera que o homem tem a capacidade de idealizar e acrescentar suas idealizações ao seu mundo real e/ou suas experiências; que, em outras palavras, ele tem o efeito de criar “suas realidades”, ou a realidade social. “Assim, a formação de um ideal não constitui fato irreduzível que escape à ciência; ele depende de condições que a observação pode alcançar; é produto natural da vida social” (Durkheim, 1989, p. 499-500). Nesta continuidade da importância da ação humana Stark constrói a sua teoria.

Stark construiu uma estrutura com sete axiomas ou máximas que são intermediadas por definições, essas no total de 104, que ligam aquelas às 344 proposições dedutíveis, que por sua vez se ramificam em problemas a serem observados e argumentados empiricamente. Acreditamos que o axioma (A2) que diz: “Os seres humanos buscam o que percebem ser recompensas e evitam o que percebem ser custos”, é aplicável às nossas observações de campo, quanto pelos nossos argumentos teóricos a partir da nossa experiência *in loco* no santuário com os devotos e indivíduos que fazem parte daquele universo.

3.3.1 Rodney Stark e a teoria da ação humana

De acordo com a definição (Def. 3) de Stark (2008, p. 37): “Recompensa é tudo aquilo que, para ser obtido, incorre em custo para o ser humano”, de acordo com essa afirmativa toda recompensa almejada incorre em um custo. E o que é custo? Na Def. 4: “Custo é tudo que os seres humanos tentam evitar” (2008, p. 37). Mas como evitar os custos se os seres humanos buscam sempre as recompensas que têm como inevitáveis os custos? Na busca da cura ou do alívio de seus sofrimentos e misérias, os seres humanos buscam as recompensas. Mas como evitar as dores decorridas dos prazeres almejados? Não seria trocar seis por meia dúzia? Essa é outra definição que Stark dá: a recompensa e os custos como sendo prazeres e dores, respectivamente. Mas essas dores podem ser entendidas também como investimentos para se obter tais recompensas.

Stark também fala que sob condições complexas, as recompensas são variadas assim como seus custos, problemas e soluções. Ele diz: “Assim como as recompensas se distinguem em vários aspectos, os problemas também diferem e as soluções precisam ser diferentes para que a complexa ação humana seja possível” (STARK, (2008, p. 40). Outra questão a ser

observada é na proposição (P3) que diz: “Para solucionar problemas, a mente humana deve procurar *explicações*” (STARK, 2008, p. 41). Nesse contexto o que significam explicações? Na Def. 10: “Explicações são afirmações sobre como e por que as recompensas podem ser obtidas e os custos, enfrentados”. E na P4: “Explicações são recompensas com algum grau de generalidade”. Nesse sentido as explicações diferem, assim como as recompensas, em graus de generalidades. Pois elas podem guiar as ações em mais de uma ocasião e com isso gerar várias outras recompensas de grau inferior (STARK, 2008). E no A5 encontramos um ponto importante a ser considerado na busca de recompensa pelo ser humano é de que “algumas recompensas desejadas têm uma oferta limitada; algumas nem sequer existem” (STARK, 2008, p. 42). Por ofertas limitadas ou inexistentes se entende que a busca do ser humano por recompensas é demasiada para que a oferta limitada da recompensa seja obtida. E muitas dessas recompensas não são prováveis ou parecem não existirem.

Na inexistência ou impossibilidade imediata da recompensa almejada os seres humanos aceitam algo que compense ou sustente suas esperanças e expectativas de obtê-lo em futuro próximo. Na P14 podemos ver que: “Na ausência de uma recompensa desejada as explicações serão frequentemente aceitas, posicionando a obtenção da recompensa no futuro distante ou em outro contexto não verificável” (STARK, 2008, p. 47). E na Def. 18: “*Compensadores* são postulações de recompensa de acordo com explicações não imediatamente suscetíveis a uma avaliação não ambígua” (STARK, 2008, p. 48). As explicações no universo religioso podem ser identificadas como teologias, filosofias de vida e toda uma gama de explicações de por quês e questionamentos a respeito dos problemas da vida e sua escatologia. Levando também a promessas de um bem a ser adquirido, mas que ainda não pode ser obtido, ou talvez nunca seja. Essas promessas e explicações são os *compensadores*.

Stark diferencia os compensadores em específicos e gerais. Na Def. 19: “Os compensadores que tomam o lugar de recompensas singulares, específicas, são chamados de *compensadores específicos*”. E na Def. 20: “Os compensadores que tomam o lugar de um conjunto de diversas recompensas e de recompensas de grande alcance e valor são chamados de *compensadores gerais*” (STARK, 2008, p. 48).

De acordo com Stark a religião pode ser explicada a partir do conceito de compensadores gerais, por esses compensadores serem sustentados apenas por *explicações sobrenaturais*. E é através dessa ideia que Stark constrói a definição de religião apresentada na Def. 22: “*Religião* refere-se a sistemas de compensadores gerais baseados em suposições sobrenaturais” (STARK, 2008, p. 52). O ato devocional é um produto de um “enlace

sobrenatural”, porque se baseia na crença e na fé. E esses enlaces sobrenaturais do devoto não podem ser explicados de outra maneira a não ser pela fé, que por sua vez é um ato sobrenatural.

3.3.2 Recompensas ou compensadores? O devoto e o ato devocional no Santuário de Frei Damião

O ambiente do santuário proporciona uma experiência individual, íntima do sagrado, mas ao mesmo tempo coletiva, em um sentimento gregário de compartilhamento de emoções e sentimentos devocionais só oferecidos no espaço de um santuário. Durkheim (1989, p. 499) deu importância a essa experiência do pensamento religioso como transformador não apenas do indivíduo mais do ambiente que o cerca:

Vimos, com efeito, que se a vida coletiva, quando atinge certo grau de intensidade, desperta o pensamento religioso, é porque ela determina um estado de efervescência que muda as condições da atividade psíquica. As energias vitais são superexcitadas, as paixões mais vivas, as sensações mais fortes; existem algumas, inclusive que só se produzem nesse momento. O homem não se reconhece, sente-se como que transformado e, por conseguinte, transforma o meio que o cerca.

O sentimento religioso, as energias vitais superexcitadas, as paixões e sensações mais



Figura 39: Devoto passa a estola da estátua de Frei Damião em sua enfermidade nos olhos.

Fonte: Arquivo do autor, Guarabira. S.F.D. Dezembro de 2006.

vivas e fortes, como expõe Durkheim, fazem parte do universo configurador do ambiente mental, psíquico subjetivo do devoto. E consequentemente do ambiente devocional em uma experiência coletiva, gregária de um santuário, que transforma os indivíduos e o próprio ambiente objetivo.

Os devotos movidos através das suas crenças, da fé, que são sentidos intangíveis, existentes em seu foro íntimo, nas suas emoções e em suas consciências e sentimentos, elementos abstratos de sentimentos e excitação religiosa (OTTO, 2007), procuram dar sentido e/ou fortalecer as suas convicções vitais. Muitos desses sentimentos são bastante pessoais que só dizem respeito ao indivíduo devoto que o movem a fazer “sacrifícios”, ou pagar o preço daquilo que o direciona para a sua

busca. A busca de trivialidades, de desejos, de posse e aspirações outras, de curas de moléstias (como ilustrado na Figura 39, em que um devoto de Frei Damião passa a estola da vestimenta da estátua em seus olhos adoentados. A busca da “benção”, do alcançar uma “graça”, um “milagre”. Alguns desses elementos podem ser buscados em outras áreas fora da religião. Mas mesmo assim o devoto coloca toda a sua “confiança”, ou esperança, no religioso. Outros elementos como a bênção e o “milagre”, por exemplo, só são possíveis no campo religioso.

É no campo religioso que o devoto encontra o terreno fértil para a sua busca, que é baseada em suposições e aspirações “sobrenaturais” (STARK; BAINBRIDGE, 2008), porque a religião é a fonte do *sagrado*, do *numinoso* (OTTO, 2007) e das “suposições extraordinárias”.

Os devotos e romeiros estão na “busca”, os peregrinos também, e ainda os turistas, todos estão à procura de algo que os satisfaça de alguma forma ao visitarem o Santuário de Frei Damião, quando se juntam em excursões e caravanas para juntos seguirem as suas expectativas, emoções, estruturações, fortificações e renovações da fé e de novas perspectivas de vida que os levem a fugir do cotidiano ordinário, cheio de sofrimentos, frustrações e dores.

Até o entretenimento próprio do turismo, em santuários, pode proporcionar ao visitante satisfação e até despertar um sentimento religioso não experimentado em nenhum outro lugar. E muitos dos romeiros dizem que encontram um bem-estar quando estão no santuário. “Chega até a arrepiar. Muita emoção. A gente não consegue nem explicar. Mas é muita emoção mesmo. E sentir que é através dele (Frei Damião) com muita fé e muita oração eu consegui vencer” (Informação verbal) ⁴⁹, diz Glécio. “Eu sinto um alívio, eu fico contente, eu fico na paz. É uma coisa inexplicável, né. A gente fica sem saber nem explicar, essa alegria, esse prazer que você tem de ver, de encontrar, de rezar, de fazer essa viagem maravilhosa sem nenhum problema” (informação verbal) ⁵⁰, diz o Senhor Osmário. “Eu sinto muita alegria quando venho aqui” (informação verbal) ⁵¹, diz Maria José.

Esse sentir do devoto ou do visitante é experimentado em contato com o terreno do santuário. Para alguns somente esse sentir pode significar uma recompensa para aquilo que buscaram. Para outros pode significar um compensador que preenche o vazio deixado por impossibilidades momentâneas. Mas essas possibilidades poderão ser conseguidas em uma existência futura, “o céu”. Mas de acordo com esses indivíduos devotos e visitantes, a consciência daquilo que pode dar o tom identificador de suas expectativas pode variar tantas

⁴⁹ Glécio Felismino dos Santos, devoto de Frei Damião. Guarabira. Santuário de Frei Damião. Maio de 2011.

⁵⁰ Osmário da Costa, devoto de Frei Damião Guarabira. Santuário de Frei Damião. Maio de 2011.

⁵¹ Maria José do Nascimento, devota de Frei Damião. Guarabira. Santuário de Frei Damião. Maio de 2011.

vezes quanto são variadas as tonalidades de suas próprias consciências devocionais. Ou seja, suas buscas e suas esperanças e o exercício de suas devoções moldam e tonalizam aquilo que estamos investigando, como compensador de algum desejo frustrado ou amoldado de recompensa de outro desejo realizado ou adaptado às circunstâncias devocionais do indivíduo, mesmo este não tendo consciência de tais diferenciações de um para outro.

Para o comerciante Gilvan Felix dos Santos, a sua busca no santuário de início era o lucro. Mas depois de um tempo de contato com os devotos: “A princípio vim aqui pelo lucro. Mas que se transformou na devoção que aprendi com o romeiro,” diz Gilvan. O sentimento devocional para Gilvan apareceu como uma compensação posterior à sua busca financeira. Ou seja, a sua busca financeira perdeu força diante do devocional e compete, por assim dizer, em pé de igualdade com este elemento. Podemos dizer que neste caso o elemento devocional aparece como valor emocional tencionando com o valor material, financeiro. Uma *compensação* emocional, sentimental, devocional, subjetiva, que substitui parcialmente, porque o financeiro ainda está ativamente presente na vida comercial, a *recompensa* concreta financeira.

O contrário do comerciante supracitado é o Adailton Vieira da Silva, também devoto de Frei Damião, que diz que o ato devocional foi causa da sua atividade comercial no Santuário de Frei Damião. Ele produz estatuetas de Frei Damião e vende no santuário. Apesar de Adailton buscar uma recompensa financeira através da comercialização das estatuetas, o seu *ato devocional* surge como primeiro impulso para a *ação comercial* que se concilia em uma *compensação* idêntica à do comerciante Gilvan citado anteriormente. Não obstante seus atos de busca de valores iniciais serem diferentes, a compensação obtida leva aos mesmos objetivos de valores financeiros e devocionais emocionais.

Diferentemente dos comerciantes são os devotos propriamente ditos, os romeiros e pagadores de promessas. Estes buscam a recompensa que tem como custo seus atos de sacrifícios, ou custos, que podem ser promessas de várias naturezas que vão desde um simples acender de velas no santuário a uma subida vestindo uma mortalha e também, o que é mais comum, o depósito de ex-votos no santuário. Muitos desses devotos são pessoas idosas e a simples subida de pés descalços, em alguns casos, do sopé da serra da Jurema até os pés da estátua já é um sacrifício considerável para eles.

O romeiro Glécio Felismino dos Santos diz que foi desenganado pelos médicos e que, através de uma promessa feita a Frei Damião, foi curado pelo santo. Neste caso, a busca pela cura de sua doença teve início na medicina tradicional. Mas, como não teve resultado, apelou para a ajuda espiritual através da devoção a Frei Damião: “Graças a Deus não fiquei abatido.

Fiz promessa e através da promessa consegui e hoje sou curado. [...] *Eles (os médicos) falaram que era um milagre*”, diz o devoto de Frei Damião. (Informação verbal)⁵².

Glécio diz que depois de ter sido desenganado pelos médicos, outro médico, de certa forma, deu certa esperança para o seu caso ao fazer quimioterapia. E juntamente com o seu ato devocional através da promessa, afirma que o responsável por sua cura foi Frei Damião e não a medicina tradicional e a quimioterapia. Neste caso, para uma visão externa daquele que observa de fora do problema, é confusa a afirmativa do verdadeiro responsável por sua cura, se a quimioterapia ou o seu ato devocional a Frei Damião. Ou, até mesmo as duas coisas em conjunto. O “milagre” neste caso, de acordo com Glécio, foi o fato dele mesmo ter sido desenganado pelos médicos, não ter desistido de sua cura e ter buscado ajuda junto ao santo.

Podemos identificar na ação devocional do romeiro que o indivíduo devoto obteve o que desejava, ou seja, a sua cura; e que a sua recompensa foi satisfatória. Contudo, não é clara a devida avaliação do verdadeiro agente curador, se foi o ato devocional do indivíduo ou o tratamento quimioterápico. Para o romeiro, não há dúvida que foi o santo Frei Damião. E pouco importa se diga o contrário diante do seu ato de fé. Pois a sua convicção é resoluta e invariável, assim como todo ato devocional sustentado pela fé que é um elemento subjetivo e não pode ser avaliado empiricamente o seu agente. Mas o próprio ato devocional, sim.

Outro caso considerado milagroso pela própria devota é o de Maria Elizete, o qual já foi relatado anteriormente quando ela diz que seu irmão foi curado de um câncer de intestino pelo santo Frei Damião. Alcançada a graça ela foi rezar na capela e depositou na sala de ex-votos as fotografias do seu irmão, uma mostrando o antes com a doença e a outra mostrando o depois já curado.

Este caso de cura do câncer relatado pela devota demonstra um ato devocional que obteve uma recompensa de cura. Da mesma forma que o caso precedente, uma recompensa alcançada. Contudo, os seus mecanismos de ação dividem-se igualmente como no caso anterior entre o agente medicamentoso e o agente espiritual curador. Mas é a fé que o devoto sustenta que dá toda a entonação e sentido de sua ação devocional e de sua satisfação pessoal.

Segundo Stark, promessas são compensadores que podem se transformar em recompensas. No campo religioso, os compensadores são explicações que prometem um bem futuro, o chamado “galardão”, a recompensa do justo. Podemos observar em várias tradições religiosas e seus escritos sagrados. No Alcorão também são encontradas várias referências a respeito de “recompensas” de crentes e descrentes. No *Dhammapada*, um livro cânone do

⁵² Glécio Felismino dos Santos, devoto de Frei Damião. Guarabira. Santuário de Frei Damião. Maio de 2011.

budismo, também faz referência a “recompensas. Em outro livro clássico do budismo, *A grinalda preciosa*, de Nagarjuna, podem-se encontrar referências a “méritos”. No *Tao Te King*, atribuído a Lao-Tzu, podemos observar questões de méritos e recompensas⁵³.

No Sermão da Montanha Jesus fala em “recompensas” várias vezes. Tanto as recompensas de caráter punitivo dos ímpios quanto as desejáveis dos justos: “Com efeito, se amais os que vos amam, que recompensa tendes?” (Mt 5,46); “Guardai-vos de praticar a vossa justiça diante dos homens para serdes vistos por eles. Do contrário, não recebereis recompensa junto ao vosso pai que está nos céus” (Mt 6,1); “E quando orardes, não sejais como os hipócritas,[...] nas sinagogas e nas esquinas, com o propósito de ser glorificados pelos homens. Em verdade vos digo: já receberam sua recompensa. (Mt 6,5).



Figura 40: Devotos acendendo velas.

Fonte: Arquivo do autor: Guarabira. S.F.D. Maio de 2011.

Nas religiões questões de recompensa, mérito, débitos e créditos são elementos inerentes ao ato devocional. E os discursos de Frei Damião não soariam diferentes, porque ele falava de uma vida no céu que recompensaria e compensaria todo o sofrimento e infortúnios da vida presente



Figura 41: Devotos tocando a estátua de Frei Damião. Uma devota coloca uma peça de roupa por baixo da roupa da estátua.

Fonte: Arquivo do autor, Guarabira. S.F.D. Dezembro de 2006.

(OLIVEIRA, 1997). Por isso, segundo o seu discurso, não importavam as privações, carências e opressões que os pobres sofriam nesta vida, desde que praticassem as virtudes do evangelho e obedecessem aos preceitos da Igreja Católica, única, na sua visão,

⁵³ Para maior detalhamento ver as obras citadas nestas edições brasileiras: **Tradução do sentido do NOBRE ALCORÃO para a língua portuguesa**. Liga Islâmica Mundial, em Makkah Nobre. Complexo de impressão do Rei Fahd. Al-Madnah Al-Munauarah K.S.A.; DHAMMAPADA. **Caminho da lei/ATTHAKA – O livro das oitavas**. São Paulo: Ed. Pensamento, 2006; NAGARJUNA. **A grinalda preciosa**. São Paulo: Palas Atenas, 1995; LAO-TZU. **Tao-Te King**. São Paulo: Pensamento, 2006.

capaz de proporcionar a salvação das almas. Fora o seu discurso existiam relatos de “milagres” atribuídos a Frei Damião, cuja recompensa era imediata na forma de milagre, de castigo, de transformação em animais, de conversão, de salvação, sucesso econômico e outros. (MOURA, 1978). Por sua vez, como um contínuo, um conjunto de atos devocionais como as procissões, romarias, promessas, acender velas, como mostrado na Figura 40, ex-votos, rezas, missas e visitas em geral; milagres e graças alcançadas de devotos, deflagram e reproduzem aquilo que queremos dizer por recompensas e compensadores no Santuário de Frei Damião.

Ao observar os atos devocionais no Santuário de Frei Damião, muitos deles bastante curiosos, ao exemplo do mostrado na Figura 41, em que uma devota esconde uma peça de roupa por baixo da vestimenta da estátua de Frei Damião, e o seu conjunto de valores simbólicos e valorativos, percebi que a atividade de troca de tais valores acontece em vários níveis em um conjunto dentro do campo religioso cristão católico, dentro do espaço físico do santuário e também dentro daquele espaço secreto extrafísico do campo mental devocional criado pelo próprio devoto. Lugar secreto inverificável, insondável externamente aos sentidos ordinários do corpo físico, ‘instrumentos informativos da consciência física’, mas deflagrado por seus atos religiosos devocionais, cujos valores pessoais conectados com os valores sociais e religiosos também fazem parte desse conjunto de valores do próprio santuário; e que não pode ser ignorado pelo pesquisador, pois são elementos volitivos que movimentam o todo existencial do santuário.

No Santuário de Frei Damião a troca de valores em vários níveis de identidade pessoais, religiosos, sociais, políticos e eclesiais, são observados em suas razões entre indivíduos e instituições cujo desejo é o elemento significativo. Nisso, no que diz Stark: “Muito do que desejamos só pode vir de outra pessoa, seja uma recompensa afetiva ou maças. Quando buscamos uma recompensa que venha de outra pessoa, ela em geral apresenta um custo, de modo a nos fornecer a recompensa” (STARK, 2008, p. 43). E na proposição seis (P6), na mesma página diz “Na busca por recompensas, os seres humanos trocarão recompensas uns com os outros”. No Santuário de Frei Damião se verifica entre seus frequentadores essa dinâmica de trocas entre devotos, comerciantes, religiosos e clérigos; dinâmicas sociais gregárias e valorativas cujas recompensas são intercambiadas entre as pessoas. Ou seja, recompensas são trocadas em uma relação de interesses, cujas razões de troca também são diversas, mas objetivas e racionais.

Na proposição sete (P7): “Os seres humanos buscam altas razões de troca”; e define razão de troca (Def. 14): “[...] são recompensas líquidas de uma pessoa sobre os custos

despendidos em uma troca”. E, mais adiante, no axioma sete (A7): “Os atributos individuais e sociais que conferem poder são desigualmente distribuídos entre as pessoas e grupos de uma sociedade”; e define (Def. 15) poder como “[...] o grau de controle sobre a própria razão de troca” (STARK, 2008, p. 44). Relações de poder são verificadas em várias camadas sociais desde as interpessoais às políticas e religiosas. E o poder nas relações de troca entre indivíduos, indivíduos e sociedade, e indivíduo e instituição, é encontrado em todos esses níveis de relação intercambiáveis no Santuário de Frei Damião.

Razões de trocas valorativas que Bourdieu (2009) anteriormente a Stark verificou como trocas simbólicas, cujo poder do símbolo na vida social das pessoas possui uma influência estruturante não apenas a nível pessoal, mas também institucional. E o próprio valor volitivo possui esse poder de desejo gregário identitário nos indivíduos. Pensar o poder simbólico em um espaço religioso como um santuário é pensar o poder como Bourdieu (2010, p. 14-15) expressa na seguinte passagem:

O poder simbólico como poder de construir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo e, deste modo, a acção sobre o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), [...] Isso significa que o poder simbólico não reside nos “sistemas simbólicos” em forma de uma <<illocutionary force>> mas que se define numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe são sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz a crença. [...] O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível transfigurada e legitimada, das outras formas de poder [...]

Com isso verificamos que o poder simbólico constrói, estrutura, legitima, faz, transforma a visão dentro de um determinado espaço valorativo que por sua vez cria outros valores de trocas. Bourdieu assevera que o poder simbólico é um “poder quase mágico”, pois é equivalente ao poder obtido por meio da força física e econômica. E está intimamente ligado a aqueles que exercem o poder e aos que são subordinados ou influenciados por esse mesmo poder. No caso do Santuário de Frei Damião a história da construção da identidade religiosa da região do Brejo em torno de Frei Damião, e, conseqüentemente, chegando à construção do monumento do santo, envolveu toda uma rede de relações de poder simbólico religioso, econômico, político, tradicionais, culturais, que estruturaram e ainda estruturam a vida dos devotos, pagadores de promessas, turistas, religiosos, comerciantes locais, em relações de trocas simbólicas. O campo da ação humana, de acordo com Stark (2008), consiste numa eterna busca, na complexa relação entre recompensa e compensadores.



Figura 42: Placa exposta no museu do Santuário de Frei Damião contendo as características físicas e informações dos responsáveis pela construção do memorial
Fonte: Arquivo do autor, **dezembro** de 2006.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Santuário de Frei Damião constitui-se palco de valores, significados religiosos e culturais do Nordeste brasileiro. Lugar das tradições católicas transmitidas pelos ancestrais bucólicos europeus portugueses, no Brasil colônia e no meio rural nordestino. Ancestrais que deixaram um legado de lendas, folclores, crenças e costumes culturais que, ainda hoje, podemos verificar nos santuários; “oásis sagrados”, que reconfigurados ou ressignificados constantemente, sustentam na modernidade essa força cultural, de credence, de fé e de religiosidade popular.

Religiosidade popular que o catolicismo ajudou a formar ao catequizar na época do Brasil colônia índios, negros, caboclos e mulatos, e que mais tarde se viu invadida por sincretismos diversos. Ao catequizar, os cristãos católicos ao mesmo tempo criavam, de forma natural e “desapercebida” para ambos os lados, os catequizadores e os catequizados, uma nova forma de ver, interpretar, de contar e recontar, praticar e sentir aquela nova realidade mágica religiosa com elementos próprios da cultura dominada.

Na atualidade moderna, principalmente naquelas regiões mais afastadas dos grandes centros urbanos, rincões e sertões onde a cristandade católica, até primeira metade do século passado, não conseguia alcançar grande parte da população; formou-se ao longo do tempo nos sertões, especialmente no Nordeste brasileiro, uma identidade própria de cultura, folclore e tradições de todo um amálgama cultural gerador de personagens típicos como vaqueiro, jagunços, cangaceiros, parteiras, beatos e santos populares não canonizados pela religião oficial, mas cultuados e consagrados pela religiosidade ou catolicismo popular. Dentre esses santos populares mais influentes e significativos e também o mais recente deles, está Frei Damião de Bozzano, querido, adorado e cultuado pelo povo nordestino.

Mesmo depois da sua morte em 1997, Frei Damião de Bozzano deixou um legado de memoriais, monumentos de vários tamanhos; foi cantado em canções populares, rezado em ladainhas religiosas, contado e recitado seus milagres em vários recantos do Nordeste pela literatura de cordel. A folkcomunicação é a forma mais nobre e acessível de se comunicar seu personagem mítico santificado em uma população marginalizada e carente.

A popularidade de Frei Damião é o fenômeno da credence popular do nordestino mais simples. É a força de uma tradição católica de culto aos santos. É a força da fé de um povo sofrido, mas forte em sua religiosidade. E foi a força dessa mesma religiosidade que criou o seu panteão; semelhante ao modelo dos antigos gregos, que cultuavam seus deuses e heróis, o catolicismo popular constrói monumentos aos heróis de sua religiosidade. Santos que viveram

dedicados a sua fé e a sua causa. Ao mesmo tempo causavam impacto, admiração e devoção aos seus adeptos favorecidos, criando fama e um arquétipo mitológico em seus personagens de santidade, milagres, de sobrenaturalidade e sacralidade. O monge capuchinho Frei Damião de Bozzano é um exemplo dessa expressão fenomenológica de religiosidade. E os seus santuários e monumentos erigidos em sua devoção e homenagem é uma continuidade do fenômeno multifacetado que foi o santo frei.

O Santuário de Frei Damião, além de ser uma expressão das tradições devocionais católicas com o seu conjunto de mitos, ritos e credices, é um ponto de turismo religioso importante que marcou a história do turismo na cidade de Guarabira. Quando se fala em turismo na cidade de Guarabira, o turismo religioso é a vocação que a cidade sustenta desde a Festa de Nossa Senhora da Luz, a padroeira da cidade. E a afirmação desse tipo de turismo se consagrou com a construção do Santuário de Frei Damião.

Isso, de certa forma, indica que a esfera religiosa, na atualidade, investe nos ganhos e no crescimento nas áreas das tecnologias de informação, nos sistemas políticos e organizacionais mais complexos e nos sistemas econômicos voltados para o comércio e a prática do consumo. Neste intento, é fundamental a parceria entre religião e política. Cada vez mais o turismo religioso é ousado, atuando nas áreas comerciais e se utilizando de instrumentos originalmente de órgãos laicos.

Historicamente, o cristianismo primitivo abriga estranhezas e desconfianças geradas em seu corpo plural de práticas e lideranças doutrinárias como apresentadas na modernidade pretensiosamente laica. A tendência é que o poder seja conferido aos *mas media*, o comércio e o político, seguindo a premissa que diz que “o poder absoluto corrompe”, quando se junta isso ao religioso torna-se um “grande poder” que pode tender às negligências de valores dogmáticos religiosos, comprometendo princípios intocáveis da religião primitiva, como os valores da abnegação e sacrifício através da pobreza material em prol da riqueza espiritual pregada pelo próprio Jesus.

Práticas cristãs modernas, como por exemplo, os pentecostais PPM e a própria Igreja Católica com seu novo modelo carismático doutrinário midiático, sacrificam valores da Igreja primitiva em prol das riquezas da vida moderna, em que campanhas midiáticas de doações em favor da Igreja e seus empreendimentos são um verdadeiro enriquecimento que estrangula os princípios da humildade, abnegação e o próprio significado da verdadeira doação cristã. Ou seja, o colocar a atenção no ser, em melhorá-lo, elevá-lo espiritualmente, ao invés do ter, no poder competitivo e cada vez mais exacerbado do sistema econômico atual que incentiva a cobiça sem limites, através do consumismo, como parte fundamental para o

sucesso desse mesmo sistema. Contudo, a Igreja uma vez inserida nesse sistema próprio do mundo secular, se reconfigura inevitavelmente, situando-se dentro de um novo campo, cujo princípio está na união do secular com o religioso, “o campo secular religioso”.

Deixando de lado certos valores religiosos, a religião na modernidade, mesmo comprometendo algumas virtudes, para se difundir e alargar suas influências, aprendeu a usar instrumentos que corroem, de certa forma, a sua moral, tomando-se como referência os mesmo valores primitivos religiosos citados e sua atividade no mundo no que diz respeito ao “sagrado primitivo”, deixando este de lado, em prol de um “sagrado secular”, “sagrado midiático”, um “sagrado político” e um “sagrado comercial”.

Os tempos mudaram e há muito se foi aquela primitividade idealista religiosa edênica. O fruto do bem e do mal foi mordido pela Igreja. E ela optou, de certa maneira, por pagar o preço da perda de sua inocência original, em prol da ambição hegemônica, que, na atualidade na esfera cristã católica, principalmente no Ocidente, se converte na sua manutenção.

É nesse contexto de divergências e confluências entre campos de atuação diversos que se cultiva a importância dos centros religiosos cristãos católicos que unem ação, tradição, modernidade e ressignificações de valores. Valores religiosos salvaguardados, amparados ou legitimados, mesmo que nebulosamente, por vícios sociais, ou valores políticos (de Estado), comerciais (consumistas), expansionistas (midiáticos) e culturais.

O Santuário de Frei Damião é uma pequena gota na imensidão do oceano que é o fenômeno da cristandade católica moderna, onde política, religião e identidade popular são elementos de importância para compor um novo palco religioso moderno.

Desde a sua idealização, construção e conclusão e até a sua manutenção, o Santuário de Frei Damião dependeu da esfera política, aliada ao turismo, ao comércio, às festas religiosas, às romarias e às religiosidades populares do meio rural. A ausência da integração desses fatores poderia influenciar sobremaneira no impulso de qualquer empreendimento religioso na modernidade. Acabaria apenas como um natimorto religioso.

A essência dos santuários remete à possibilidade de vida, renovo e representação de nascimento de uma “criança sagrada”, inocente e nua, que é protegida por anjos e arcanjos guerreiros de esferas transcendentais, que ao invés de enviados de Deus são mensageiros do Herodes, sistemático comércio consumista atual.

Mas, a Igreja como fez em toda a sua história de desenvolvimento e expansão em que dominava e ao mesmo tempo agregava elementos que se somavam a seu corpo doutrinário, tanto na esfera mítica, teológica e dogmática com o compósito de santos criados e cultuados, quanto, com certa cautela, pelos santos populares impulsionados pela fé do povo.

Comportamento esse ainda em voga de uma Igreja moderna, tecnologicamente equipada e ao mesmo tempo temperada com tradições dantes incorporadas. São as tradições conservadas pela Igreja Católica moderna o elo com seu passado historicamente construído de poder e influência. Poder esse que exerce ainda com influência junto aos governos.

Foi através de aliança com a prefeitura do município de Guarabira que se fez possível a construção do Santuário de Frei Damião. Com isso, o santuário não está presente apenas na esfera religiosa, mas também na social e patrimonial do município de Guarabira. É fruto, juntamente com outras obras em outras esferas de funcionalidade que não a religiosa, da cidade de Guarabira. Logo, é patrimônio desse município e de seu povo, porque foi construído com dinheiro público.

Embora, ou mesmo que as motivações que levaram à construção tenham um fundo norteador e de interesses mais pessoais do que coletivos, a obra indubitavelmente se fez importante em sua funcionalidade como centro religioso de turismo e visibilidade da cidade. Embora o sucesso do Santuário de Frei Damião dependa dos interesses públicos envolvidos com o desenvolvimento sustentável da cidade de Guarabira diretamente, ou seja, a diocese e a prefeitura de Guarabira. Porém, devemos elencar que a administração dos governos dessas instituições é periódica e nem sempre os sucessores têm interesse ou são levados ao desprendimento administrativo, colocando de lado desavenças e rivalidades políticas.

É certo que o Santuário de Frei Damião atravessa no momento um período de estagnação e abandono por parte da prefeitura, e a diocese de Guarabira apenas administra com limitações. Os projetos de melhorias e ampliações estão parados. E até a sua manutenção é imperceptível, necessitando a sua estrutura de muitos reparos. Até os projetos que se iniciaram, como por exemplo, o projeto “Nos passos do padre Ibiapina”, que praticamente nasceu do entusiasmo do Santuário de Frei Damião e de seus responsáveis, estão praticamente parados.

O projeto previa peregrinações periódicas levando peregrinos a seguir os passos do Padre Ibiapina nos caminhos do Brejo Paraibano, que sai do Santuário de Frei Damião em três vias, atravessando fazendas e lugares históricos do Brejo Paraibano rumo a Santa Fé, santuário e túmulo do Padre Ibiapina. Chegou a funcionar no início, inspirado no Caminho de Santiago de Compostela com direito a diploma de peregrino ao chegar. Mas, com a saída “dos cabeças” do Santuário de Frei Damião, na esfera religiosa, Mons. Nicodemos, e na esfera política, a prefeita de Guarabira, Léa Toscano, que deixou o cargo em 2004, ano da inauguração do então Memorial Frei Damião, a sucessão não se interessou e praticamente abandonou tais atividades turísticas. É o velho problema das administrações públicas, do qual

falamos no parágrafo anterior. Contudo, é inegável a importância do santuário não apenas para os devotos de Frei Damião, mas para a cidade de Guarabira, ao dar visibilidade e projeção à cidade fora dos limites territoriais, sociais e culturais.

No que diz respeito à importância do Santuário de Frei Damião para os romeiros e devotos de Frei Damião, o santuário é um lugar de perpetuação da memória do frade capuchinho e também promove o palco, ou campo, para que eles, os devotos exerçam sua fé na figura do santo. Um palco de intensas trocas simbólicas, de recompensas e compensadores. É naquele lugar que os fiéis se alimentam do ícone religioso através da devoção. E, também, ocorre a gratidão dos milagres atribuídos a Frei Damião, ação que contribui para perpetuar a crença de cada indivíduo em convergência com a fé coletiva de adoração e devoção religiosa junto à imagem de Frei Damião. Da mesma forma que quando em vida as pessoas corriam para perto dele e procuravam tocá-lo e até arrancar pedaços de suas vestes procurando bênçãos, no Santuário de Frei Damião ainda continua acontecendo o mesmo com suas imagens expostas no salão do museu. As pessoas procuram tocá-las, falar com elas, orar, fazer preces e se emocionam junto a elas como se fosse o próprio frade em pessoa. Esse é o fenômeno vivo do catolicismo popular encontrado no Santuário de Frei Damião.

O Santuário de Frei Damião é a amálgama do pensamento do catolicismo popular do camponês. E ao mesmo tempo contribui para a perpetuação da cultura nordestina projetando-se para fora dos seus limites territoriais, como por exemplo, podemos encontrar as estátuas de Frei Damião juntamente com a de Padre Cícero no Centro de Tradições Nordestinas em São Paulo. Com isso, a fé em Padre Cícero e em Frei Damião, além de ser catolicismo popular nordestino, a mesma fé nesses ícones é patrimônio da cultura e das tradições do povo do Nordeste brasileiro. O Santuário de Frei Damião fortalece esse compósito de identidade católica popular do povo rural do Brasil.

As práticas religiosas populares do povo rural do Brejo Paraibano tem por palco Guarabira, sua rainha, “Rainha do Brejo Paraibano” (o povo culturalmente deu esse epíteto à cidade). O poder da influência de Frei Damião na própria cidade e o poder público, o clero, a Diocese de Guarabira, sob a influência das práticas modernas do turismo religioso, foram elementos que convergiram para empreender a construção do monumento a Frei Damião. Cidade do interior da Paraíba, que une tradições católicas rurais e empreendimentos modernizantes na consagração de um centro religioso, Santuário que eterniza o santo Frei Damião.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

ABUMANSSUR, Edin Sued. **As Moradas de Deus**: arquitetura de igrejas protestantes e pentecostais. São Paulo: Novo Século, 2004.

_____. Religião e turismo: notas sobre as deambulações religiosas. In: _____ (Org.). **Turismo religioso**: Ensaios antropológicos sobre religião e turismo. Campinas, São Paulo: Papirus, 2003.

ALCORÃO. **Tradução do sentido do NOBRE ALCORÃO para a língua portuguesa**. Tradução de Helmi Nasr. Colaboração da Liga Islâmica Mundial em Makkah Nobre. Complexo de impressão do Rei Fahd. Al-Madnah Al-Munauarah K.S.A.

ANDRADE, José Vicente de. **Turismo fundamentos e dimensões**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2004.

AQUINO, Rubim Santos Leão de. **Sociedade Brasileira**: Uma história através dos movimentos Sociais – Da crise do escravismo ao apogeu do neoliberalismo. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2000.

AZZI, Rolando. Evangelização e Presença Junto ao Povo Aspectos da História do Brasil. In: **Cadernos: Studium Theologicum**. Agregado à Universidade Católica do Paraná. Curitiba, n. 6, 1977.

BALEIRO, Zeca. **Por onde andaré Sthephen Fry?** São Paulo: Microservice, 1997. 1 Compact Disc. (54 min?).

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BELTRÃO, Luiz. **Comunicação e folclore**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação e expressão de ideias. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

_____. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BERGER, Peter L. A dessecularização do mundo: uma visão global. In: **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, abr. 2001.

_____. **O dossel Sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição revista e ampliada. 5. impr. São Paulo: Paulus, 2008.

BOFF, Leonardo. **Igreja: carisma e poder** – Ensaio de Ecclesiologia Militante. Petrópolis: Vozes, 1982.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os Deuses do Povo**. Um estudo sobre religião popular. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. Religião, Campo Religioso e Relação entre Religião Erudita e Religião do Povo. In: **Cadernos: Studium Theologicum**. Agregado à Universidade Católica do Paraná. Curitiba, n. 6, 1977.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CAMARGO, C. P. F. **Católicos, Protestantes e Espíritas**. Petrópolis: Vozes, 1973.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.

_____. **O poder do Mito**. São Paulo: Palas Atenas, 1990.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado**: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Simpósio Editora e Universidade Metodista de São Paulo, 1997.

CAMURÇA, Marcelo. **Ciências Sociais e Ciências da Religião**: polêmicas e interlocuções. São Paulo: Paulinas, 2008.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar y salir de la modernidad. Buenos Aires: Paidós, 2010.

CANEVACCI, Massimo. **Sincretismo**: uma exploração das hibridações culturais. São Paulo: Studio Nobel: Instituto de Cultura Italo Brasileiro-Instituto Italiano di Cultura, 1996.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Civilização e Cultura**: pesquisas e notas de etnografia geral. São Paulo: Global, 2004.

CESAR, Waldo. O que é “Popular” no Catolicismo Popular. In: REB – Revista Eclesiástica Brasileira, v. XXXVI, Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 1976.

COMBLIN, J. **Padre Ibiapina**. São Paulo: Ed. Paulus, 2011.

COUTO, Manoel José Gonçalves. **Missão Abreviada**: para Despertar os Descuidados, Converter os Pecadores e Sustentar o Fructo das missões. Porto: Tipografia de Sebastião José Pereira, 1859.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

DA HIERARQUIA Celeste, Cap. I, São Dinis, o Areopagita. Disponível em: <<http://www.fatheralexander.org/page23.htm>>. Acesso em: 07/04/2012.

D'ANGELIS, Wilmar. **Contestado**: a revolta dos sem terra. São Paulo: FTD, 1991.

DESROCHE, Henri. **Dicionário de messianismos e milenarismos**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2000.

Dhammapada: o caminho da Lei/ **Atthaka**: o livro das oitavas. São Paulo: Ed. Pensamento, 2006.

DOCUMENTOS do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 2001.

DREHER, Luis Henrique. Ciência(s) da Religião: teoria e pós-graduação no Brasil. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). **A(s) Ciência(s) da religião no Brasil**: afirmações de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2008.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa**. São Paulo: Paulus, 1989.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

_____. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FILORAMO, Giovanni & PRANDI, Carlo. **As ciências das religiões**. São Paulo: Paulus, 1999.

FROSSARD, Miriane S. **Diante do Altar**: um estudo sobre o turismo evangélico em Belo Horizonte-MG. 2006. Dissertação (Mestrado)- PPCIR UFJF, Juiz de Fora, 2006.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GUIDDENS, Anthony. **As consequências da Modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. **O que é Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2005.

HERVIEU-LÉRGER, Danièle. Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião? In: **Religião e Sociedade**, 18/1, 1997.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.). **A invenção da s tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOCK, Klaus. **Introdução a Ciência da Religião**. São Paulo: Loyola, 2010.

HOORNAERT, Eduardo. As igrejas cristãs no campo religioso latino-americano e caribenho: deslizamentos, apreensões, compromissos. In: CEHILA (Ed.). **História da Igreja na América Latina e no Caribe 1945-1995**: o debate metodológico. Petrópolis: Vozes, 1995.

LAO-TZU. **Tao-Te King**. São Paulo: Pensamento, 2006.

MAIOR, Mário Souto. **Frei Damião**: um santo? Recife: Massangana, 1998.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Magia, Ciência e Religião**. Lisboa - Portugal: Edições 70, 1984.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Uma teoria científica da cultura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da Fotografia e da Imagem**. São Paulo: Contexto, 2009.

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação** – como extensões do homem. São Paulo: Cultrix, 2007.

MELO, José Marques de. **Comunicação Eclesial: utopia e realidade**. São Paulo: Paulinas, 2005.

_____. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.

_____. **Televisão Brasileira: desenvolvimento, globalização, identidade – 60 anos de ousadia, astúcia, inovação**. São Paulo: Cátedra Unesco/Umesp de Comunicação/ Cátedra Unesco/Memorial da América Latina, 2010.

MELO, José Marques de; GOBBI, Maria Cristina; ENDO, Ana Claudia Braun (Org.). **Mídia e Religião na Sociedade do Espetáculo**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007.

MOURA, Abdalaziz de. **FREI DAMIÃO e os impasses da religião popular**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1978.

NAGARJUNA. **A grinalda preciosa**. São Paulo: Palas Atenas, 1995.

NETO, Lira. **Padre Cícero: Poder, Fé e Guerra no sertão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Crepúsculo dos ídolos**, ou, como se filosofa com o martelo. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

OLIVEIRA, Christian Dennys M. de. **Basílica de Aparecida: um templo para a cidade mãe**. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

_____. **Turismo Religioso**. São Paulo: Aleph, 2004.

OLIVEIRA, Gildson. **Frei Damião: o santo das missões**. São Paulo: FTD, 1997.

O PODER de Frei Damião. **Cadernos do nordeste**, ano 1, n. 2, out. 1977.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**. Os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

RIVERA, Paulo Barrera. **Tradição, transmissão e emoção religiosa**. Sociologia do protestantismo na América Latina. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

- ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião**: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: UERJ; NEPEC, 1996.
- ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **Jesus Vai ao Mc Donald's**. São Paulo: Fonte, 2008.
- SANCHIS, Pierre. O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões? In: CEHILA (Ed.). **História da Igreja na América Latina e no Caribe 1945-1995**: o debate metodológico. Petrópolis: Vozes, 1995.
- SANTANA, Agustín. **Antropologia do Turismo**: analogias, encontros e relações. São Paulo: Aleph, 2009.
- SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- SHIMIDT, Bettina E. A antropologia da religião. In: USARSKI, Frank (Org.). **O espectro disciplinar da ciência da religião**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- SOUZA, André Ricardo de. **Igreja in concert**: padres cantores, mídia e marketing. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005.
- SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- STARK, Rodney; BAINBRIDGE, William Sims. **Uma teoria da religião**. São Paulo: Paulinas, 2008.
- STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias** – Um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- SUESS, Paulo Guenter. **O catolicismo Popular no Brasil**: tipologia de uma religiosidade vivida. São Paulo: Edições Loyola, 1979.
- TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org.). **Catolicismo plural**: dinâmicas contemporâneas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- URRY, John. **O olhar do Turista**: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. 3. ed. São Paulo: Studio Nobel: Sesc, 2001.
- USARSKI, Frank (Org.). **O espectro disciplinar da Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- VILHENA, Maria Ângela. **Ritos**: Expressões e Propriedades. São Paulo: Paulinas, 2005.
- VITARELLI, Flávio. O turismo da Mesopotâmia a Minas Gerais. **Revista Sagarana** – turismo e cultura em Minas Gerais, Belo Horizonte, n. 5, ano II, 2001.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Ensaios de Sociologia**. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

ZÉ DA LUZ. **Brasil Caboclo/O Sertão em Carne e Osso**. João Pessoa, PB: Acauã, 1979.

DOCUMENTOS VIRTUAIS

GÊNERO e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro, **Revista Nera**, ano 9, n. 8, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://www2.fct.unesp.br/nera/revistas/08/Heredia.PDF>>. Acesso em: 24 mar. 2012.

HISTÓRICO – Guarabira Paraíba – PB. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=250630#>>. Acesso em: 05 jul. 2011.

JUAZEIRO DO NORTE: religiosidade, cultura e desenvolvimento econômico em um só local. Disponível em: <<http://www.setur.ce.gov.br/noticias/juazeiro-do-norte-1/?searchterm=padre%20C%C3%ADcero>>. Acesso em: 23 mar. 2012.

NOS PASSOS do Padre Ibiapina. Disponível em: <<http://www.paraíba.org.br/ibiapina/ibiapina.htm>>. Acesso em: 08 abr. 2012.

O PREGADOR do fogo do inferno. **Acervo digital Veja**, ed. 187 de 05/04/1972 - página 64. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 06 fev. 2012.

ORIGENS da TV pública no mundo. Disponível em: <<http://www.tvbrasil.org.br/tvpublicas/tvpublicanomundo.asp>>. Acesso em: 06 jan. 2011.

“PADIM CIÇO” Made in China. Disponível em: <http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/5815_PADIM+CICO+MADE+IN+CHINA>. Acesso em: 04 jul. 2011

PASTOR eletrônico. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoegente/193/reportagens/rsoares_pastor_eletronico_01.htm>. Acesso em: 14 jan. 2011.

SANTA MISSA em seu lar, programa transmitido pela TV Globo, comemora 40 anos no ar. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/revistadatv/mat/2008/02/08/_santa_missa_em_seu_lar_programa_transmitido_pela_tv_globo_comemora_40_anos_no_ar-425534586.asp>. Acesso em: 15 jan. 2011

TERRA de Damiões. Disponível em: <http://impresso.uai.com.br/html/sessao_55/2011/05/29/interna_noticia,id_sessao=55&id_noticia=9539/interna_noticia.shtml>. Acesso em: 05 mar. 2012.

Apêndice A - Entrevista com monsenhor Nicodemos

Monsenhor José Nicodemos Rodrigues de Souza, natural de Dona Inês na Paraíba. Nasci no dia 1º de abril no ano de 1957 (54 anos de idade). Eu fiquei padre em Guarabira durante 17 anos. E nesse tempo eu percebi que existia...

M.N. - Um apelo muito forte por parte do povo de Guarabira e também daquela região, para que eu trouxesse Frei Damião a Guarabira para uma missão. E as pessoas se preocupavam, sobretudo, porque ele estava em uma idade bastante avançada. E diziam assim: Frei Damião vai morrer e não volta a nossa cidade. E fazia 25 anos da última visita de Frei Damião a Guarabira. Então, atendendo a esse apelo do povo e considerando a amizade que eu tinha com Frei Damião e o conhecimento e..., já ter andado com ele um certo tempo, participado de algumas missões com ele e tudo. Então, eu cuidei de agendar uma visita dele lá na minha paróquia Nossa Senhora da Luz, paróquia da Catedral. E nós agendamos essa visita para o mês de julho de 1995. E quando nós confirmamos e comunicamos ao povo que estava agendada essa visita, foi uma alegria muito grande. O povo não via a hora de..., de encontrar, de receber, de acolher na sua cidade Frei Damião. De modo que a chegada dele foi uma apoteose. Coisa assim nunca vista. Eu acredito que em Guarabira nunca houve e vai demorar acontecer uma aglomeração tão grande de pessoas para receber um missionário como Frei Damião. Eu me lembro que até a avaliação da polícia militar de Guarabira do 4º BPM foi que no encerramento daquela missão que ele passou conosco lá uns quatro ou cinco dias, no encerramento tinha aproximadamente oitenta mil pessoas em Guarabira. Guarabira é uma cidade de cinquenta e poucos mil habitantes. E tinha aproximadamente oitenta mil pessoas.

H – Quase o dobro.

M.N. – É porque num raio entre Natal, Campina Grande e João Pessoa, muita gente veio, durante todos os dias que ele estava e principalmente no encerramento no domingo. Quem vai ao Memorial Frei Damião testemunha as fotografias lá, inclusive dessa missão dele, dessa vinda dele a Guarabira.

Ele já estava com 97 anos de idade, né!? Falava com dificuldade. Mas, a essa altura o que importava não era o que ele falava. O que importava para o povo era a figura do Frei Damião, o que ele representava. O testemunho de vida, que isso fala muito mais do que as palavras, né!? Então, as pessoas queriam estar perto daquele homem, que considerava santo, que considera santo, e queria poder ter a alegria de dizer que “eu estive com ele, eu vi ele, eu toquei nele, eu me aproximei dele”, né!? E isso era

interessante porque isso era em todas as faixas etárias, né! Eram crianças, jovens, adultos, idosos. Todas as pessoas queriam ter um contato com Frei Damião. De modo que aqueles dias para mim foram assim, inesquecíveis. Ainda estão muito marcadas na minha memória. Cada dia daquele, cada gesto, cada cena, cada momento que a gente viveu, porque realmente foi assim, um momento ímpar na vida de Guarabira. Como eu dizia, acho que vai demorar ter outro acontecimento que possa juntar tantas pessoas em Guarabira quanto na vinda de Frei Damião.

H – Sobre a sua experiência com Frei Damião, o que o senhor tem a dizer, o senhor passou quanto tempo com ele, quantas vezes participou de suas missões?

M.N. – Não, eu conheço Frei Damião desde pequeno como todo mundo, né!? E fui a muitas missões de Frei Damião desde pequeno. Mas como padre eu tive uma aproximação maior com ele, até porque já era padre, ele também Frei Damião era um padre, e nós tínhamos uma identificação. É..., principalmente de 86 pra cá, de 86 pra cá. Tivemos uma identificação quando eu já estava padre de participar com ele em algumas missões, e de ter contatos permanentes com ele, no Recife; quando ele estava no Recife eu ia com frequência visitava, conversava, me confessava com ele, me aconselhava. E participava também de algumas missões dele. E fiz todo o esforço possível para estreitar os laços dele com o povo na região do Brejo da Paraíba. **Por isso trouxe Frei Damião pra Guarabira, trouxe pra cidade de Dona Inês, depois pra Guarabira novamente, e passamos com ele em quase todas as cidades do Brejo da Paraíba. Nem que fosse uma visita muito simples, mas eu sabia da importância de Frei Damião, da sua história, do seu testemunho, do que ele representava para o povo nordestino. Por ser um homem que conviveu, viveu no Nordeste por 66 anos, né!? Frei Damião chegou ao Brasil no ano de 1931 e naquela época ele tinha 33 anos. E faleceu com 99 anos e meio. Então, 66 anos e meio ele viveu no Brasil, no Nordeste. E de modo especial, é..., norte da Bahia, é..., Sergipe, e Alagoas, Pernambuco, Paraíba, parte do Ceará. Aliás, parte do Ceará e parte do Piauí. Toda essa região Frei Damião ele, ele..., cobriu assim, fazendo missões, né!? Então eu sabendo da importância dele para o povo. Ele se tornou o mito também pela sua importância pelo seu trabalho. É..., e eu queria que as pessoas pudessem de novo ver aquele homem antes que Deus o levasse para o céu. E, por isso, eu proporcionei, por exemplo, até um..., “tur” com ele, né!? Em toda a diocese de Guarabira. Eu queria que, sobretudo, os mais jovens pudessem ter um contato com ele. E dizer assim : eu conheci Frei Damião! Não, não só ouvi meu pai, meu avô, meu..., falar de Frei Damião, mas eu também vi Frei Damião. Uma das alegrias que eu tenho desse trabalho, da divulgação, da memória de Frei Damião, é de se eu perguntar hoje, por**

exemplo, em Guarabira, na nossa região é: quem viu Frei Damião? Quem conheceu Frei Damião? Então, a gente vê muitos jovens levantar o braço e dizer: “eu vi Frei Damião”, “eu estive numa missão de Frei Damião”, né!? Antigamente na nossa região só as pessoas mais idosas diziam “eu conheci Frei Damião”. E os filhos ouviam seus pais, né! Os netos ouviam seus avós falarem de Frei Damião, mas ninguém tinha tido este contato. Mas a partir dessa missão aqui que a gente fez aqui em Guarabira, não só aqui em Guarabira, mas na região do Brejo. Então, os jovens puderam conhecer uma figura que faz parte da história do Brasil, do Nordeste, né! E principalmente desse Nordeste nosso, aqui, né! Nos estados a que eu me referi há pouco.

H – De acordo com a sua percepção, como o senhor vê Frei Damião? Como homem, sacerdote, missionário? Na sua posição como sacerdote, como ser religioso, o senhor acredita nos milagres dele? O senhor acredita que ele produzia esses milagres? Ou seja, o povo acreditava de certa forma nesses milagres. Em uma entrevista dele no livro do Gildson, ele mesmo fala que o povo acreditava tanto nos milagres, ele dizia que não fazia milagre nenhum, era o povo que, através da sua fé, produzia esses milagres. Como é que o senhor o vê? Como missionário, homem e sacerdote?

M.N. – **Bom, eu olho para Frei Damião e vejo nele realmente um homem e um santo. Quando a gente diz santo, a gente não quer dizer alguém que nunca pecou, né!? O santo não é alguém que nunca pecou. O santo é alguém que é uma pessoa que teve muito mais virtudes do que defeitos. O santo é aquele que viveu para Deus. Se consagrou a Deus. Não buscou na sua vida nenhum interesse próprio, né!? Por exemplo, Frei Damião entrou no seminário com dez, onze anos de idade. Dez, onze anos, uma criança, né! Entrou no seminário com essa idade. Antes disso ou nessa mesma época, era coroinha, lá na sua terra natal. E depois entra no seminário. E depois vive a vida inteira voltado para as coisas de Deus. Depois se ordena padre. Fica na Itália por alguns anos ainda padre. Depois vem para o Brasil. Chegando no Brasil ele não quis ir para o sul, para uma região mais rica, de um clima mais ameno, não! Chegando ao Brasil ele veio para o Nordeste, a parte mais sofrida do Brasil. E chegando aqui nessa região ele se identificou com as pessoas mais simples e mais pobres. E viveu também assim. Frei Damião não tinha outra coisa a não ser a veste que ele usava e uma outra pra trocar. Um homem vive noventa e nove anos e meio, o que ele deixa de herança? De fortuna, o que é que ele conseguiu juntar na vida? Nada, nada! Ele não trabalhou pra ele, ele trabalhou para o reino de Deus. Tudo que ele fez..., é alguém que nasceu completamente voltado para as coisas espirituais. Pra pregar o evangelho. Ele não fazia outra coisa. Ele nunca se**

ocupou de outra coisa na vida, a não ser a vida espiritual. Rezar, celebrar, confessar, pregar as santas missões, né!

Que quando a gente fala em santas missões, às vezes você pode se perguntar: mas o que era a santa missão? Isso é muito importante, as missões de Frei Damião. Às vezes a gente escuta o povo dizer: desde pequeno eu ia às missões de Frei Damião. Mas o que eram as missões de Frei Damião? As missões de Frei Damião era chegar no lugar, dependendo do tamanho daquele lugar ele ficava uma semana, quinze dias, vinte e um dias, chegava a ficar três semanas naquela, naquele município, por exemplo. E durante aquele tempo em que ele estava ali, ele tinha uma programação de atividades para todos os dias, que começava às quatro horas da manhã, todos os dias, e terminava onze horas da noite, todos os dias. Então, por exemplo, Frei Damião chegava em uma cidade, se ele fosse passar uma semana, chegava segunda-feira de manhã e era recebido pelo povo naquela cidade, e ali ele já começava com a missa, depois fazendo visitas às pessoas, aos doentes nas casas, visitava todos os doentes daquela cidade e da zona rural, fazia palestras com crianças, com jovens, com casais, com homens e mulheres também separados, visitas as escolas, aos hospitais, e fazendo palestras todos os dias e atendendo confissão todos os dias. E isso começava quatro horas da manhã com uma caminhada, depois da caminhada com um terço, depois tinha um ofício, depois tinha uma missa, depois vinham as palestras, vinham as confissões, à noite tinha o sermão, e, continuava as confissões até onze horas da noite. Isso segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado, domingo. Domingo à noite ele encerrava aquelas missões naquela cidade, segunda de manhã viaja trezentos, quatrocentos quilômetros pra outra cidade com o mesmo ritmo, o mesmo trabalho. Fazia toda aquela programação, terminava domingo à noite e segunda de manhã ia pra outra cidade. Frei Damião nunca tirou férias, ele achava que isso era perder tempo, não tinha tempo pra perder.

Então, qualquer um padre que fosse marcar uma missão com ele, e chegasse lá hoje, ele dizia: “olhe, eu tenho vaga daqui a três anos, daqui a quatro anos, tá tudo cheio até lá”. Se alguém chegasse em 2011, ele dizia: “eu só posso marcar agora pra 2014, 2015, porque até lá tá tudo cheio, nesse nordeste todo”. Eu acho que eu era o único quando ele chegava ele dizia: “pra você eu vou encontrar uma data logo”. E marcava ali e conseguia mudar uma coisa e tal. Ele queria sempre assim atender, por causa da amizade, tudo. Mas Frei Damião tinha esse ritmo de vida. Ele fez isso 66 anos no Brasil, 66 anos. Quando precisava visitar os familiares na Itália, ele fazia aquela visita muito rápida e queria voltar o quanto antes, porque ele queria estar em contato com o povo. Ele achava que tá lá na Itália era perder tempo, porque aqui, aonde ele chegava tinha multidões esperando ele e ele queria estar no seu trabalho.

H – Ele se identificou muito com o Nordeste, não foi?

M.N. – Ele se identificou muito com o Nordeste. Uma das coisas que fez mais Frei Damião sofrer foi quando ele foi chegando a uma idade já bem avançada, por exemplo, com 95, com 96, 97 anos, 98 anos, e ele já não tinha mais aquelas condições físicas, né!? Para fazer o que ele queria. E por recomendação médica, nos últimos dois anos de vida dele, ele só deveria sair, assim, só sexta, sábado e domingo. E pra ele era um sofrimento ficar dentro de um convento segunda, terça, quarta, quinta, esperando a sexta-feira. Muitas vezes quando eu ia visitá-lo eu o encontrava chorando. E eu perguntava e ele dizia: “porque eu quero sair, eu quero ir pregar minhas missões, eu quero ir estar com o povo”, né! Então, e muitas vezes ele fazia isso contrariando os médicos, exatamente para estar no meio do povo. Se tinha uma coisa que dava prazer a Frei Damião era estar no meio do povo. Nas casas do povo, visitando os doentes, pregando as missões, fazendo procissões, ofícios, rezando os terços com o povo. Isso quando ele estava nesse ambiente ele estava no céu. Tirasse ele daí, por exemplo, em Guarabira nas missões, foi um sufoco, né! Multidões. O povo não arredava o pé dia e noite. Quando eu ia levar Frei Damião pra ir dormir, onze horas da noite, na porta do seminário que era onde eu residia, tinha milhares de pessoas que ficavam a noite toda esperando quatro horas da manhã esperando Frei Damião se levantar e começar a sua caminhada. E muitas vezes eu perguntava ao Frei Damião: o senhor não está cansado? Ele dizia: “de quê? O que foi que eu fiz? Eu não fiz nada isso aqui é meu natural, meu ritmo, não fiz nada demais”. E quantas vezes eu dormia com ele no mesmo quarto, já íamos dormir meia noite, por exemplo, que depois que terminava as missões a gente levava ele pra tomar um lanche, e às vezes conversava um pouquinho mais. Quando olhava o relógio já era doze horas, doze e meia. – Frei Damião, vamos descansar, vamos dormir um pouco, porque eu é que não estava mais aguentando, e quando pensava que não, duas e meia três horas Frei Damião de pé. – Eu dizia: Frei Damião, vamos dormir um pouquinho mais: - Não, já tá na hora o povo tá me esperando. De fato, o povo estava esperando. Só pra lhe dizer, nessa missão de Guarabira, quando terminou, Frei Damião foi pra casa e eu fui pro hospital. Fui pro hospital porque estava esgotado. Sem dormir direito, sem repouso, sem nada. Porque eu tinha que tá com ele todas as horas que ele tivesse em atividade. E durante um dia ele tava em atividade vinte horas, vinte e duas horas.

H – Já com noventa e...

M.N. – Já com 97 anos, 98 anos. Isso era o ritmo de Frei Damião. Todos os frades, as pessoas que saíam com ele, com a missão, na missão seguinte não conseguiam porque estavam esgotados, cansados, né! Vinham outros pra ajudar. É tanto que nessa missão dele só quem se

adaptou a esse ritmo foi frei Fernando. Foi o único que perseverou com ele, porque nenhum outro aguentava o ritmo de Frei Damião. Então, um homem que tem uma vida assim, desde o começo, porque você ser bom por um instante, ser correto por um instante, ser esforçado por um instante todo mundo consegue. Mas você ser a vida toda, ter aquele mesmo padrão, aquele mesmo ritmo, aquela mesma coerência. Sessenta e seis anos naquele mesmo ritmo, naquele mesmo horário, tudo do mesmo jeito. Um homem que era muitíssimo exigente com ele mesmo. Ele era muito mais exigente com ele do que com os outros. Pra Frei Damião dizer: “hoje eu não vou, hoje eu não posso” tem que está muito doente, porque ele era exigente com ele mesmo e coerente. Então, quando eu olho para Frei Damião, o que mais me admira nele é essa coerência de vida. É isso também que me faz dizer que é um homem santo. Porque como é que alguém perseverou tanto..., numa vida. Foi tão correto a vida toda. Você não olha na vida de Frei Damião um deslize. Você não consegue enxergar um momento que fraquejou, não quis mais esse ritmo de vida, estilo..., não! Você vê em Frei Damião um homem que assumiu um estilo de vida severo, né! Exigente, e foi assim até o final, até o final!

H – Na sua visão como sacerdote, a vida de um sacerdote é uma vida de sacrifício? Ele sacrifica a sua vida pela causa da fé?

M. N. – Sim! Todo sacerdote é chamado a essa vida. É renunciar a tudo que tem, né! É tomar a cruz de cada dia, como disse Jesus, é viver disso. Não quer dizer que todos os sacerdotes façam isso. Por que... todo mundo não é igual. Jesus quando chamou os doze apóstolos, no meio dos doze já tinha um ali que não era tão correto. Então você imagine..., é..., em si tratando, por exemplo, no mundo de..., aproximadamente de seiscentos mil sacerdotes, porque que não tem no meio de seiscentos mil? Mas o sacerdote é chamado a uma vida de renúncia, de sacrifício que não quer dizer vida de sofrimento, né! Todo mundo que quer viver uma vida correta, uma vida santa, seja como padre ou seja, por exemplo, casado, ele é chamado a ter uma vida de sacrifício, uma vida de renúncia. Se um pai de família, uma mãe de família, uma esposa, uma esposa quer ter uma vida correta, uma vida santa como esposo e como esposa, ele é chamado a viver também com sacrifício. Você olhe..., eu poderia dizer qualquer um..., você pode olhar o exemplo de seu pai, da sua mãe, eu posso falar do meu pai e de minha mãe, e eu vou olhar pra eles, olhando para meus pais vou ver um casal que viveu com sacrifício com renúncia, com dificuldade, com doação, com entrega, né..., um pai e uma mãe verdadeiros eles vivem para seus filhos. Eles se esgotam para dar o melhor para sua família. **Se eu olho, por exemplo, para meu pai e minha mãe eu vejo um homem e uma mulher que viveu uma vida toda para a família, dedicada a família trabalhando dia e noite, acordando de madrugada, viajando, batalhando, pra quê? Pra trazer o pão de cada dia,**

pra dar a ele oportunidade de estudo, né! E a mesma coisa é a vida de um sacerdote. Então, também é uma vida de sacrifício, de renúncia, de mortificação, dedicação... E quando você vê um sacerdote que vive a vocação com coerência, aí você diz: “esse homem é um santo”. Porque a santidade não é uma coisa reservada ou destinada ou privilégio de quem é padre ou frade. Quantos homens e mulheres são santos, têm uma vida de santidade, de doação, não é? Eu olho pra minha mãe e vejo uma pessoa assim. Eu olho para o meu pai e vejo uma pessoa assim. Olho pra tantos casais e tantas pessoas e vejo isso. Como enxergo isso em jovens, em crianças, uma vida de santidade. Então o padre, ele é chamado a isso. Quando as pessoas dizem que Frei Damião é um santo, não porque faz milagre. Eu até posso lhe surpreender dizendo isso, mas ninguém faz milagre. Quem faz milagre é Deus. A gente pode ser um canal dessa graça de Deus. Muitas vezes quando as pessoas perguntavam a Frei Damião se ele fazia milagre, ou perguntava: “o povo disse que o senhor é santo, que o senhor fez milagre” ele dizia: “Isso é bondade do povo. Quem faz milagres é Deus, quem faz milagre é a fé”. Muitas vezes Jesus operava um milagre, ele dizia pra pessoa: “Tua fé te salvou..., foi a tua fé”. Ele nunca disse: “Fui eu que fiz”; ele dizia: “A tua fé..., a tua fé te proporcionou isso”. Então, Frei Damião, nesse sentido, a gente pode dizer assim como na linguagem popular, fez milagres, né, fez milagres. Na linguagem teológica a gente vai dizer que esse milagre é Deus que opera através da fé daquela pessoa. Eu presenciei vários, assim fatos, que me chamaram muito atenção em missões de Frei Damião, em Guarabira. Por exemplo, vou lhe contar um fato assim que, de um rapaz que, isso foi em noventa e cinco, então ele deve estar hoje com dezesseis, dezessete anos.

Quando Frei Damião estava em Guarabira, tinha uma senhora lá que tinha o netinho dela que tava doente. Desde que nasceu vivia mais no hospital do que em casa. E ele deveria ter alguns meses de vida. E ele nasceu com um defeito na cabeça, que o crânio aqui não se formou, e tinha a cabeça mole, quando pegava não sentia o osso da cabeça na parte superior. E aquela vó disse: “Se eu levar meu netinho Frei Damião vai curá-lo”. Eu estava na hora. E aquela mulher foi atravessando aquela multidão, com a criancinha no braço a criancinha doente, e ela tinha certeza que chegasse perto de Frei Damião a criança ia ficar curada. E ela foi, foi, foi e chegou lá e quando chegou lá colocou a criança nos braços de Frei Damião. E pediu pra que curasse o netinho dela. Nem sei se Frei Damião ouviu o que ela disse, era muita gente e tal, eu sei que Frei Damião foi com a mão na cabecinha da criança, fez uma oração, eu não consegui escutar a oração, depois foi com a mãozinha no peito da criança. E a mulher foi então e retirou a criança dos braços de Frei Damião e levou pra casa, muito feliz porque Frei Damião

tinha feito uma oração. No dia seguinte, quatro horas da manhã, a mãe foi acordar a criancinha novamente pra trazer pra Frei Damião. E quando ela foi pegar a criancinha pra ajeitar, dar banho e tudo, a criança estava perfeita..., perfeita. E ela ficou emocionada e trouxe a criança novamente pra Frei Damião, depois levou pros médicos e a criança ficou boa, vive, está sadia, é um jovem hoje como qualquer outro jovem cheio de energia...

H- Mora em Guarabira?

M.N. – Mora em Guarabira, mora ali na avenida Pedro II, é o neto de Carlinho, ele trabalha com arte, né, desenha faixa, essas coisas, tal. E quando eu fui lá depois a mulher disse: “Olha lá o menino brincando no meio da rua”. E ela disse que ele não tinha saúde, vivia no hospital, mais do que em casa, e hoje está curado. Quer dizer, tem relatos assim..., esse eu vi, eu vi a criança, eu conheci a criança desde pequeno, né, ela inclusive, acho que ela hoje, não sei se ainda é católica, mas ela conta o fato e na época eu não sei se também era católica, porque ela tinha assim, uma simpatia pelo espiritismo, ou alguma coisa assim, mas ela sabia que Frei Damião podia curar. Era a fé dela. Claro que a gente diz que não é Frei Damião que cura, que não é fulano que cura, quem cura é Deus, Deus é a fonte de toda a graça, de toda a cura de tudo... Mas a fé daquela mulher lhe permitiu essa graça, né! E a criança está lá. Hoje é um jovem de dezesseis anos, sadio... E assim tantas outras pessoas, se você vai ao Memorial Frei Damião e ouve ali um pouco as pessoas, todo mundo tem uma história pra contar, né!? Todo mundo tem uma história pra contar. É claro que às vezes nessas histórias tem exageros, Mas por que é que ninguém conta nada negativo de Frei Damião? Porque que dele só se conta coisas bonitas, coisas agradáveis, coisas positivas. Quem fala de Frei Damião, fala sempre com muito gosto, com muito entusiasmo, com muita fé... Às vezes brincando eu digo: “Falar de Frei Damião é como comer e coçar, é só começar” rrsrrsr. Você puxa uma conversa de Frei Damião em qualquer lugar, todo mundo tem uma coisa bonita pra falar, tem uma história pra falar..., pois é, você chega aqui em Alagoa Grande, aqui existe uma, uma lenda, sei lá, mas é uma coisa assim interessante. Dizem que Frei Damião fazendo aqui umas missões, acho que por volta da década de 1940, ele estava pregando aqui nas proximidades da lagoa, e tinha muito barulho de sapos, cantando na lagoa, e Frei Damião deu uma ordem lá para que os sapos não cantassem..., bom, o fato é que até hoje sapo não canta aqui na lagoa. Você pode pegar um sapo de qualquer lugar, traga e põe aqui, não canta. Por quê? Em toda lagoa sapo canta, por que que aqui não? Realmente isso foi com Frei Damião, não sei, todo mundo conta essa história. Essa história correu o Nordeste todo. Todo mundo conta. Se eu digo em alguma lugar que sou de Alagoa Grande, a terra que sapo não canta”, e todo mundo relaciona isso a Frei Damião. E muitas outras coisas, por exemplo, quantas vezes nas procissões alguém diz:

“Olha, ele não está pisando no chão” ou “A gente na missão de Frei Damião, de repente veio uma chuva e ele estendeu a mão e a chuva parou e tal. Mas, quando terminou a missão ele disse: ‘Vão rápido pra casa senão vão chegar molhado’, e quem não correu chegou molhado. Quer dizer, tem muitas histórias, muitas histórias. Quais são as verídicas, quais são as lendas!?? É..., **eu acho que até nessas histórias não importa o que ´verdadeiro e o que não é verdadeiro. O que importa é que essas histórias, elas fazem uma leitura. Elas fazem uma radiografia sobre a figura de Frei Damião. No fundo é uma maneira de o povo dizer: ”Esse homem é diferente”, “Esse homem tem algo de especial”, “Esse homem é santo”, “Esse homem é alguém predestinado a um caminho diferente dos outros”.** Então, eu vejo Frei Damião assim. Para mim, eu sou um sacerdote, olha pra um sacerdote às vezes a gente tem uma leitura mais crítica de que o povo, mas para mim Frei Damião é um santo. Eu costumo dizer: se ele não for santo, se uma pessoa que viveu como ele viveu, que teve o estilo de vida dele, se uma pessoa dessa não for santo, tá muito difícil de outros conseguirem, tá muito difícil. Que pra mim ele é um santo, por exemplo, eu nunca vi Frei Damião se ocupar de uma outra coisa que não fosse Deus. **Por exemplo, se ele não tivesse pregando, não tivesse fazendo nada para o povo, se você chegasse lá e tivesse sozinho no canto, ele tava rezando. Tava sempre rezando. Ele só parava de rezar se alguém chegasse pra puxar uma conversa com ele. Se você parasse a conversa ele começava a rezar. Então...!**

H – Padre, de acordo com a sua visão, o que atraía o povo em Frei Damião? O que atraía o povo a ele: o seu discurso, a figura de um santo, que de certa forma ele se identificou com o Nordeste, essa rusticidade do povo nordestino aproximava ele do povo? Na sua visão, o que causava essa atração forte do povo à figura do frei?

M.N. – Olha, Frei Damião veio para o Brasil... Quando ele veio para o Brasil no ano de trinta e um, ele não veio só, ele veio com um grupo de frades. No entanto, essa fama de santidade só pegou em Frei Damião. Os outros eram frades como todos os frades, homens corretos, simples, bons, dedicados, mas a fama de santidade só se adequou, só se encaixou em Frei Damião. Nos outros, não. Agora, se conta que isso começou em Itabaiana, aqui na Paraíba. Se conta que na década de trinta, Frei Damião foi convidado, o padre de Itabaiana convidou pra que ele fosse ajudar numa semana santa. Que era muito serviço, tinha que atender muitas pessoas, e o padre de Itabaiana foi ao Recife pedir a ajuda de um grupo de frades. Na época o superior não teve como mandar todos os frades que aquele padre pediu, aí mandou Frei Damião e mais um outro. E quando Frei Damião chegou lá, e o padre olhou assim pra ele e viu aquele fradizinho chocho, pequeno, magrinho, né! Aí olhou assim e disse..., “imaginou” e disse: - Esse aí não vai dar conta do recado. O que vai acontecer é que vai sobrar pra mim, eu

é que vou ter que ficar no pesado a semana santa toda, porque esse frade aí não vai aguentar. Ele pensou isso, né, até comentou com outras pessoas. Frei Damião não soube disso logo. Só que Frei Damião chegou, e, chegou nesse ritmo que eu lhe falei. Então ele chegou lá, e começou o atendimento, as palestras, as pregações, e tudo que tinha pra fazer ele tava ali... Se tinha uma missa ele era o primeiro a chegar, era o último a sair. Se hoje era o dia para confissões ele era o primeiro a chegar, era o último a sair. O padre confessava lá e não aguentava e..., doía a coluna e tal e não aguentava e saía, o outro saía e ele ficava. Ele ficava até enquanto tivesse a última pessoa. E aconteceu de às vezes ele passar quase a noite toda e o dia atendendo. E quando chegava a hora dele se alimentar ele dizia: “Não, não tô com fome”. Ou quando chegava a hora de dormir ele ia pro quarto, no lugar de dormir na cama ele dormia no chão. E no outro dia quando alguém entrava no quarto a cama dele estava arrumadinha do mesmo jeito. E o padre foi ficando assim, impressionado com aquilo. Foi ficando impressionado e a conclusão foi de dizer assim: “Esse homem parece que é um santo. Porque a resistência dele é admirável”. Depois, a simplicidade, o jeito, a maneira como atende, como conversa. E começou..., e daí nasceu essa história. Foi aí que começou em Itabaiana, essa história que esse homem só pode ser um santo. Porque aguentar o ritmo que ele aguentou, né, a dedicação que ele teve na semana santa, a disponibilidade, um homem presente em todos os momentos, nunca disse assim: “vou me levantar porque tô cansado, eu vou, vocês fiquem aí porque tô com fome”. Então tudo ele fez como ninguém faria. E dizem que daí nasceu essa história de..., esse homem só pode ser um santo. A questão era essa: “só pode ser um santo, só pode ser um santo”. E depois Frei Damião continuou esse ritmo a vida toda, a vida toda. Um homem admirável por isso. Então, daí surgiu essa história de, da santidade de Frei Damião. Não era nem uma santidade atribuída a milagres. Era uma santidade atribuída a uma doação, a uma entrega total da vida dele para... Era como se ele dissesse assim: “Olha eu vim de tão longe que eu não posso perder tempo. Porque deixar minha terra, minha família, meu país, meus costumes, minha língua, deixar tudo pra vim pra um outro país, não posso vim brincar, não posso fazer como todo mundo. Eu tenho que fazer a diferença”. E ele fez a diferença. Ele..., é impressionante. Por isso que eu digo, ele era muito exigente com ele mesmo, muito exigente com ele mesmo, muito disciplinado parecia um soldado. Então, se tá marcado pra tal hora, tal hora ele tava lá. Se tinha que fazer uma caminhada de madrugada e a caminhada era três horas, ele começava de três horas. Nem que fosse ele sozinho. E muitas vezes era ele sozinho com a campainha e já tava no meio da rua e tava cantando. E quem não deu tempo de ir pra igreja ia abrindo as portas e correndo atrás dele, porque ele já tava no meio da rua. Não tava na igreja: tô esperando o povo chegar pra gente começar, não! A hora de começar ele

começava. E quando o povo aprendeu isso com ele, o povo podia atrasar na missa de qualquer pessoa, na dele não porque sabia que ele começava na hora certa. Tava lá no meio da rua nas caminhadas, na madrugada, cantando vinde pai e vinde mãe, vinde todos a missão e tal e tava no meio da rua. Então por isso que eu digo, ele era um homem, eu olho para ele e vejo nele um exemplo de sacerdote, santo, dedicado, uma pessoa admirável, né, uma pessoa admirável pela dedicação, pela firmeza, pelas convicções naquilo que ele falava, naquilo que ele pregava, né, era muito firme.

H – Esse aspecto místico que foi atribuído a ele, esse aspecto sobrenatural, milagreiro, então isso veio depois, isso foi construído, com o tempo...

M.N. – Foi, foi. Pela fé das pessoas. É! Não era que ele fosse pra fazer milagres... Hoje você liga uma televisão, aí aparece a figura do milagreiro. Você usar essa expressão pra Frei Damião não é uma expressão adequada, porque milagreiro é um pejorativo, é um..., é como..., bom, é uma palavra que não corresponde, né, como charlatão ou coisa assim. Hoje você na televisão essas igrejas midiáticas, né, muitas vezes igrejas só de fachada, só tem na televisão aquela igreja não tem na prática, né! E “venha que vai ter milagres, vai ter isso vai ter aquilo”... Se Frei Damião fosse um falso profeta, fosse uns aproveitadores da fé do povo, Frei Damião teria enricado. Imagine! Frei Damião seria um empresário como Edir Macedo, como tantos outros. Um empresário da fé, por exemplo. Frei Damião não, por isso que eu disse..., Frei Damião, o transporte que ele tinha muitas vezes era alguém que dava de presente a ele, né! Frei Damião não deixou uma propriedade, uma casa, não deixou nem meia dúzia de roupas. Tinha o habitosinho dele usar nas missões, era aquilo.

H – Frei Damião não se envolveu com política, como por exemplo, o Padre Cícero.

M.N. – Padre Cícero é outra figura admirável. Mas é outra história, é outro contexto. Por exemplo, Padre Cícero faleceu em trinta e quatro, né, julho de trinta e quatro, 1934. Frei Damião chegou no Brasil em trinta e um. Até os dois nem se encontraram, nem se conheceram. Padre Cícero viveu praticamente no outro século, Frei Damião depois, por exemplo, um no século XIX e o outro no século XX. Então é uma outra história. Mas o que eu quero dizer é assim, Frei Damião não foi empresário da fé, não foi alguém que fazia isso..., e quando acontecia um milagre..., esse milagre de Guarabira, ele nem soube disso. Eu não fui dizer a ele: “olha, o senhor fez aqui um milagre, aconteceu aqui um milagre”, não! Nem ele tá preocupado com isso. Como Jesus não veio para o mundo fazer milagres. O milagre foi consequência. Ele veio anunciar o reino de Deus. O milagre foi uma consequência natural, ele não veio pra isso. Como você vê “hoje concentração dos milagres, não sei o que, coisa e tal”,

divulgando, sai em todos os canais tudo é pago. Se ali acontecesse um milagre mesmo, você não imagina a divulgação daquilo.

H – Mas eles fazem isso, porque me parece que o povo gosta de sensação.

M.N. – Pois é, mas a gente não pode fazer o que o povo gosta. Você tem que fazer o que é certo. É como a Igreja, a Igreja tem que anunciar a palavra de Deus, será que o povo gosta da palavra de Deus? Será que gosta? Se gosta, por que que não vive? Às vezes alguém pode dizer: “Eu gosto de ouvir”. Sim, mas não basta ouvir, tem que viver a palavra. Será que o povo gosta de viver a palavra? A palavra de Deus é exigente. Pois quando Frei Damião fazia um milagre, ou quando acontecia um milagre, assim, ele não tava preocupado com aquilo, de divulgar, de tal, não! A preocupação dele era ensinar a doutrina, a palavra de Deus, aí naquilo ele era firme. Isso é pecado, isso não é e pa!pa!pa!pa! Ele era firme, as pessoas ouviam, e, ficavam, por exemplo, se você for observar, muitas coisas que Frei Damião ensinou e que pregou e que dizia, eram coisas que quando ele tava falando ali, era pra todo mundo ir embora. Todo mundo ir embora, “não vou ouvir isso aqui”. Isso é muito forte, isso é muito, né!? Mas as pessoas admiravam em Frei Damião a coragem de dizer o que é certo. A coragem de abrir a sua consciência de..., dizer: a palavra de Deus ensina assim, quem não fizer assim vai pro inferno. Claro que vai. Vai pra onde? Quem não faz a vontade Deus vai pra onde? Se a gente diz que tem um céu e tem um inferno, pra quem é o céu? É pra quem faz a vontade de Deus. Pra quem é o inferno? Pra quem não faz. Ou pode ser o contrário? Ou tanto faz? Se inferno não existisse, Jesus não tinha falado sobre o inferno. Ele falou sim. E Frei Damião falava e falava abertamente. E eram duras as pregações de Frei Damião. Mas o povo tava ali. Porque eu acho que é assim, **uma coisa que é interessante, e serve pra nós padres. Não basta você falar a verdade, tem que ver quem é que tá falando a verdade. Que autoridade você tem pra dizer aquilo. E alguém olhando pra você, pra sua vida, aquilo que você está dizendo tem a ver também com a sua vida? Ou você é só um microfone, um alto-falante que está aí falando e diz que não tem nada a ver com você? Acho que a grande força de Frei Damião era a coerência de vida. Ele ensinava o que ele vivia. Ele não ensinava o que ele aprendeu: “aprenda isso, decore isso pra você ensinar”, não! Isso que ele ensinou e que ele decorou isso era a vida dele. Ele podia dizer assim: “minha vida é minha fé, minha fé é minha vida”, não tinha dicotomia. Ele era um homem que eu acredito assim, pelo que eu vi pelo que eu presenciei, pelos testemunhos que eu continuo ouvindo das pessoas, o que mais prende as pessoas a Frei Damião é olhar pra ele sentir que um homem que foi coerente com sua fé. Porque que outra coisa poderia atrair esse velhinho? Porque, por exemplo, quando Frei Damião foi a Guarabira, foi já com 97**

anos, depois foi já com 98 anos também. Mas com 97 anos, mal se ouvia o que ele falava. Tinha que ficar em muito silêncio, para pegar algumas palavras, não dava pra acompanhar tudo; depois um homem deficiente; já não tinha visão tão boa; ouvia bem e tinha raciocínio; ele era um homem lúcido. Mas não tinha nenhuma beleza! Frei Damião não era um homem bonito. Talvez, quando foi muito jovem. Mas na idade dele, que beleza tinha Frei Damião, que atrativo tinha Frei Damião? Um velho, todo encurvado, essa parte dele aqui, era apoiado aqui na barriga dele. Se ele estivesse aqui em pé e você por trás você não via a cabeça dele. A cabeça dele era completamente arriada. Eu tenho fotos dele que ele de costas pra mim, tirava e..., só tinha o corpo, você não via a cabeça dele. Então um homem sem beleza física. Um homem deficiente, um homem que não dava mais pra compreender o que é que ele estava falando. Como é que um homem desse numa cidade como Guarabira, no interior reuniu oitenta mil pessoas, cinquenta mil pessoas, quarenta mil pessoas todos os dias? Que, que esse povo vai ver ali? É um galã, um artista de novela, ou é um padre cantor bonito aí, que tá nas paradas de sucesso na mídia? Não!!! Que que o povo ia ver? E por que todo mundo ia lá? Né!? Então tem uma coisa aí. Que tá no sentimento do povo, na alma do povo né, que o povo consegue fazer uma leitura disso aí. Ou que a gente ou aqueles que têm mais estudo tem que estudar isso, tem que pesquisar isso: **por que que esse homem tá na alma do povo?** Por exemplo, quando Frei Damião faleceu, e só aconteceu isso com Padre Cícero em 1934. E veio acontecer agora com Frei Damião em noventa e sete, todas essas cidades aqui, todo mundo colocou luto. Você passava numa cidade dessas como Alagoa Grande, Guarabira, Pirpirituba, Belém qualquer cidade dessa, todas as casas tinha uma bandeirinha preta, todas as casas! Como quem disse: “Esse que morreu era daqui de casa; era da nossa família; doeu na nossa alma”. Quer dizer, você via em todas as cidades em todas as casas uma bandeirinha branca, uma tarjinha preta apregado na casa, sinal de luto porque morreu Frei Damião. Não era qualquer um que tava morrendo, era Frei Damião, né!?

H- Isso foi o que me chamou muito a atenção ao pesquisar o Santuário de Frei Damião. Agora eu gostaria de fazer uma pergunta a respeito do catolicismo popular. Como o senhor é um homem religioso, sempre viveu nessa região aqui do interior. Nessa região rural...

M.N. – Depois de formado sim. Como estudante foi em Recife.

H – Esse povo simples, na sua maioria inculta, mas com o pé firme nas suas raízes de tradições católicas, expressões litúrgicas..., a fé da população em relação ao que a Igreja prega com seus dogmas e seus princípios litúrgicos..., o senhor acha que há uma satisfação por parte da Igreja? Como é que a Igreja vê esse catolicismo popular?

M.N. – A igreja tem que ver, na minha opinião, ela é obrigada a ver, ela deve se esforçar para ver da melhor maneira possível. Porque a fé não é privilégio dos sábios, entendidos, dos cultos, não! Dos letrados, não! De jeito nenhum! Aí você vai até observar no próprio evangelho, que Jesus quando andou por aí pregando o evangelho, a palavra de Deus, ele encontrou muito mais receptividade nas pessoas mais simples. Quem seguiu Jesus, com raras exceções de..., tipo: São Paulo. É, Lucas e alguns outros. Mas você conta nos dedos as pessoas cultas que seguiram Jesus. Quem seguiu Jesus, quem deu respaldo a Jesus, às pregações de Jesus, foram as pessoas simples. Ele, certa vez, até rezou dizendo: “Pai, eu te louvo, eu te agradeço, porque escondestes essas coisas dos sábios e entendidos e revelastes aos pequeninos”. Entendeu? A fé não tá aqui (aponta com o dedo a cabeça). Mesmo alguém até estudou muito, vamos dizer até o professor de teologia é um homem muito capacitado, mas a fé pode ser “dês tamanhinha”. E às vezes você encontra uma pessoa que não tem muito estudo, muito simples, tal, e tem uma fé admirável. Então a Igreja ela tem que dizer como Jesus disse: “Pai, eu te louvo, eu te agradeço”, por isso, né!? **Frei Damião foi um daqueles que tocou na alma desse povo simples. E o povo simples encontrou nele uma identificação muito profunda. É quase como dissesse: “Esse homem tem a nossa fé e nós temos a fé desse homem”, né!? Eu, como padre, eu também que..., é..., a gente tem que caminhar nessa direção. Claro, sempre levando a palavra de Deus, como Frei Damião, levou o certo, a doutrina, pregou, ensinou, é assim... Mas isso nunca fez como que ele se afastasse do povo, nem o povo dele, né! Então a Igreja tem que caminhar nessa direção. Tem que dizer o que é o certo, o que é o certo. Mas ensinar na linguagem do povo, no jeito do povo, na simplicidade do povo e valorizando a fé do povo. Né!? Porque do contrário ela vai se distanciar.** Você veja, só pra você ter uma ideia..., a Igreja hierárquica foi muito forte com Padre Cícero, puniu Padre Cícero..., juntando todos os momentos que Padre Cícero ficou sem celebrar missa, ele ficou vinte e seis anos proibido de celebrar a santa missa, né!? Nunca o povo se afastou de Padre Cícero. Tanto mais a Igreja foi dura com ele, tanto mais o povo se aproximou dele em sinal de solidariedade. Padre Cícero ficou quase que banido do ambiente eclesial, hierárquico, tal, e o povo nunca abandonou Padre Cícero. Eu lendo um livro de uma autor cearense, um jornalista...

H – Lira Neto?

M.N. – Não lembro agora. Mas ele diz que desde a morte de Padre Cícero até hoje, nunca o túmulo dele esteve sozinho sem ninguém. Chegando lá qualquer hora do dia ou da noite, esteja chovendo ou fazendo sol, tem sempre alguém junto ao túmulo de Padre Cícero rezando. E recentemente a Igreja entregou um documento ao papa, aí veja como é interessante,

assinado por todos os bispos do Brasil, sem exceção, todos os bispos, pedindo ao papa que dê o perdão ao Padre Cícero e que reabra o processo de beatificação dele. Imagine que peso tem uma carta dessa assinada por todos os bispos do Brasil. E se naquele tempo o Padre Cícero, o bispo do Juazeiro era o grande opositor de Padre Cícero, hoje o bispo do Juazeiro diz assim: “Eu sou o romeiro número um de Padre Cícero”. E o bispo de Juazeiro, ele tá passando por problema de saúde, enfrentando um câncer, e ele disse: “Quem vai curar meu câncer, quem vai me dar minha saúde é minha fé que tenho em Padre Cícero”. E todo movimento em Juazeiro ele tá na frente, ele diz: “Eu sou o romeiro número um, depois vem os outros. Eu como bispo sou o romeiro número um de Padre Cícero”. Então Padre Cícero vai ter, não sei se vamos alcançar..., acredito que não. A Igreja nem tem nem pressa nisso, sabe? É interessante! Como não tem pressa com Frei Damião e com os outros que estão em processo de canonização. E o pior é que Frei Damião também não tem pressa com isso. O santo não tá preocupado com isso. Essa preocupação é nossa, né! A preocupação é do povo. Mas o mundo dá muitas voltas. **E a Igreja não pode se distanciar do povo, porque o povo é uma fonte de sabedoria. O povo tem uma sabedoria.** Não é por acaso que o povo rejeita alguém, elege alguém, né!? Você vê todo aquele povo de repente vai pr’um lado vai pro outro e tal... O povo tem uma sabedoria. A gente tem que escutar a sabedoria do povo. Não é por acaso que todo mundo fala na mesma linguagem, na mesma voz sobre Frei Damião ou Padre Cícero. Não é por falta de conhecimento, não é por falta de leitura que alguém sai daqui e vai pra o Juazeiro, né! E sempre fez isso. Não é por falta de leitura que alguém tem fé em Frei Damião e ia para as missões de Frei Damião. A fé é um dom de Deus é uma graça de Deus. E o povo tem uma sabedoria. E essa sabedoria está em todos os campos da vida. Não é só em relação à fé. Se você vai, por exemplo, para o aspecto da medicina, o povo tem uma sabedoria. O povo sabe se cuidar, se curar. Sabe como encontrar um remédio, sabe como fazer, né!? Ninguém ensinou isso pro povo. Isso vem do povo, vem da cultura, vem do seu mundo. Também em relação à fé e também em outros aspectos da vida, o povo tem a sua sabedoria. Pra lutar, pra viver, pra batalhar, pra vencer, o povo tem sua sabedoria.

H – Agora vou fazer uma pergunta sobre algumas incompreensões dentro da própria Igreja. Sabemos que na época alguns bispos, proibiram Frei Damião de entrar em suas dioceses, porque alegavam que Frei Damião excitava a população e de certa forma ia de encontro ao Vaticano II que pregava a aproximação social. Frei Damião era mais evangélico, um discurso mais religioso. O que o senhor tem a falar sobre isso, sobre essas proibições impostas pelos bispos à entrada de Frei Damião em suas dioceses, a exemplo da diocese de Campina Grande.

M.N. – Eu não sei se foi Campina Grande, mas Guarabira sim. A diocese aonde eu estava tinha proibido de Frei Damião ir lá.

H – Quem era o bispo na época?

M.N. – Era Dom Marcelo. Tinha proibido de Frei Damião ir lá. Proibido assim, não oficialmente. Mas tinha dito que não gostaria da visita dele, porque a diocese tinha uma linha da teologia da libertação, muito evidente e tal... E a pregação de Frei Damião não era uma pregação do Vaticano II, porque Frei Damião foi ordenado em mil e novecentos e vinte e pouco, né, vinte e pouco; quarenta anos antes do Vaticano. E ele tinha aquela pregação coerente com a formação teológica dele, do seu tempo, da sua época. E ele não conseguiu se atualizar. Isso para o povo não era problema, mas para os bispos, achavam que era um problema, que eu discordo, né, na minha insignificância, mas eu discordo porque faltou aí uma capacidade de um jogo de cintura, de uma compreensão com alguém que vem de muito antes, né!? Mas isso foi assim, casos isolados, eu me lembro de Guarabira, da diocese de Guarabira, talvez tenha tido alguma outra num sei te dizer, mas, de um modo geral tinha muitos outros bispos que deixava Frei Damião livremente, porque diziam assim, mesmo que ele não faça um discurso sintonizado com o Vaticano II, mas também não tá atrapalhando nada..., não tá atrapalhando nada. Ele é a pregação dele. E a gente tem que ter um pouco de caridade com as pessoas. É como em qualquer época, como também hoje, quantas pessoas não conseguem acompanhar o ritmo, né, da vida, do mundo, da sociedade, das mudanças. Por exemplo, nessa era que nós estamos de tantas evoluções e descobertas tecnológicas, quantas pessoas não conseguem, por exemplo, entrar no mundo da computação, da internet, de tudo e ainda fica na máquina de escrever e você vai falar e vai fazer o quê? Tem que respeitar o ritmo de cada um, né!? Esses dias eu escutava uma entrevista na televisão, e uma pessoa tão importante, tão famosa que tá todos os dias no programa, mas disse que só sabe mesmo ligar o telefone..., e ligar e atender uma chamada e fazer outra, não sabe usar todos os recursos de um telefone, da internet, pra ele é o fim do mundo. Então ele manda que os filhos façam, os netos façam, mas ele não faz porque não consegue. Ele diz: “Eu sou do tempo da máquina de escrever”; até disse assim: “Minha netinha quando entrou na minha sala e viu a máquina disse: ‘Vovô o que é isso?’ Aí ele foi explicar. Então ela tentou datilografar alguma coisa e depois...; ‘E agora, como é que eu vou imprimir? A gente tem que ter compreensão com as pessoas, respeitar o ritmo de cada pessoa e tal. Faltou isso com relação a Frei Damião. Então Frei Damião uma vez, isso foi na década de..., setenta. Ele foi fazer umas missões em Pirpirituba. E lá tinha uma equipe de padres e religiosos, mas na linha da libertação, da teologia. E essa equipe fez uma avaliação negativa da missão de Frei Damião; das pregações e

tal..., e pediu depois a Dom Marcelo que não chamasse mais ele, não permitisse que ele viesse dentro da diocese de Guarabira. Porque a pregação dele estava muito aquém, muito atrasada, muito fora de época, tal... Isso pro povo foi um sofrimento muito grande. E o povo ficou sabendo que Frei Damião não vinha mais por causa que Dom Marcelo havia proibido. E eu consegui que Dom Marcelo mudasse de opinião. Até porque eu disse assim: “ O senhor, Frei Damião vai morrer, e, o senhor vai ficar conhecido como o bispo que proibiu de Frei Damião de vir aqui. Ninguém vai dizer que foi padre fulano, irmã fulana que, que..., vai dizer que foi o senhor”. E de fato era o que se dizia. E ele disse: “Então, você providencie pra ele vir aqui, porque eu não quero ficar com essa marca não”. Então fazia 25 anos que Frei Damião tinha vindo a Guarabira. Tinha vindo em 1970, e, veio depois em 1975. E quando ele chegou em Guarabira, parecia que tinha um grito preso na garganta do povo. O povo... É impressionante! O povo tava numa felicidade... Olha, tinha mais de mil carros na recepção de Frei Damião, fora motos, bicicletas, cavalos... Nós fomos esperar Frei Damião, 10 km fora de Guarabira no sítio Cajá. Na pista éramos três filas de carros vindo para Guarabira. Durante uma hora e meia, nenhum carro saiu de Guarabira para João Pessoa por aquela pista, porque não tinha como passar. No sol incrível! Acolhemos ele de dez, dez e meia e chegamos em Guarabira, era meio dia, na praça, com uma multidão, os carros entrando na cidade e o povo numa alegria assim, contagiante. Uma temperatura! Meio dia. Mais era uma alegria tão grande do povo porque Frei Damião tava chegando em Guarabira. E Dom Marcelo ficou muito feliz e com isso apagou essa história... **E aí vem umas coisas interessantes, quando Frei Damião foi para Guarabira, ninguém não tinha nenhuma ideia de fazer memorial, de nada, ele foi pra Guarabira como foi pra todo canto, qualquer lugar, mas quando eu vi aquela história, aquela multidão, aquela empolgação, coisa que eu não tinha visto em nenhum outro lugar, até porque a gente fez uma divulgação muito grande e o povo estava com uma espera muito grande por Frei Damião. E quando vi o encerramento das missões com 80.000 pessoas, desde a catedral, Av. Pedro II até o sinal lá, tudo lotado... Eu fiquei assim... me perguntando assim... sobre aquilo. E quando veio a morte de Frei Damião, aí me veio mais forte ainda, e quando vi o luto do povo, nas casas, nas cidades, por todo canto... Então me veio aquela coisa assim de, “O que que poderia ser feito pra homenagear Frei Damião na nossa região? Alguma coisa que ajudasse a manter essa memória dele. Essa história viva. Alguma coisa que pudesse aglutinar esse sentimento do povo. Essa fé, essa admiração, esse carinho... Então a gente precisava materializar isso, esse sentimento”. E dali da minha casa em Guarabira, olhando praquela montanha lá no**

alto, aí me veio a ideia: “Ali ficava bem um monumento a Frei Damião, uma estátua grande, que pudesse ser vista... por toda cidade...”

H – Já existia o cruzeiro, né?

M.N. – Já existia o cruzeiro. E quando eu expus essa ideia pra algumas pessoas, em primeiro lugar foi pra Zenóbio Toscano e pra Léa Toscano... Então, eu expus essa ideia, eles acharam interessante; depois fui falar com outras pessoas. As pessoas disseram: “Não, é bom. Mas, lá naquele alto lá, naquele mato, ninguém vai lá. Faça lá, ali perto do cruzeiro”. Aí tentaram me convencer a fazer perto do cruzeiro. Porque era melhor o acesso para o povo. Aí eu disse: “Mas, no cruzeiro, perto do cruzeiro, já tem o cruzeiro. Eu quero fazer mais na frente, porque fica mais alto e o cruzeiro já fica como ponto de parada pra quem vai para o memorial. O cruzeiro vai funcionar tipo ‘um mirante’ e mais à frente nós teremos o memorial. Aí foi aprovada a ideia no Rotary Clube, eu convidei lá vários segmentos da sociedade, principalmente o Rotary. E apresentamos essa proposta e foi aceita por unanimidade, né! E a partir daí nasceu esse projeto da gente fazer algo que materializasse, que fosse símbolo desse sentimento, dessa fé, dessa devoção que o povo tem a Frei Damião. Assim como lá no Juazeiro tenha feito algo para Padre Cícero... Só que Juazeiro tinha a vantagem de ter os restos mortais de Padre Cícero. O meu sonho era trazer os restos mortais de Frei Damião para Guarabira. Até porque nenhuma cidade no Nordeste e no mundo fez uma homenagem tão significativa como Guarabira fez a Frei Damião, né! Esse é e continua sendo o meu sonho. Se eu tivesse possibilidades para isso, de influenciar as pessoas que têm condições de dar, de favorecer a realização desse sonho, eu faria isso com muito gosto. Acredito que, por exemplo, bastava o bispo da nossa diocese, o prefeito de Guarabira, o governador do estado, essas três pessoas, assumindo esse propósito, elas têm condições de trazer os restos mortais de Frei Damião pra Guarabira, e isso seria de uma importância tão grande como o de Padre Cícero por Juazeiro. Eu já externei isso várias vezes nas rádios e nos programas falando. Mas isso não é uma coisa que depende de mim. Se dependesse já estava. É claro que com a estrutura atual do memorial, não comporta isso, né! O memorial teria que ser ampliado, teria que se tirar dali todos aqueles bares, aquelas barracas, aquelas coisas e fazer e fazer um negócio realmente digno... Um santuário de primeiro mundo, né, para que Guarabira pudesse realmente crescer... É... entrar... Aí entraria de vez na rota do turismo religioso muito forte, tipo o Juazeiro por exemplo. Mas infelizmente não é fácil da gente convencer as pessoas. De qualquer maneira, nós já fizemos ali o suficiente para Frei Damião ser lembrando por muitos e muitos anos Rrsrsr. Agora é interessante também dizer que, quem está lutando nesse objetivo é Caruaru. Caruaru está batalhando para levar os

restos mortais do Frei Damião do Recife pra lá. E parece que tá tendo todo o apoio do governo do estado, da prefeitura, tão adquirindo lá uma propriedade muito grande pra fazer um santuário. Mas com certeza não vão fazer o que nós já temos aqui, né! E com certeza não vão ter uma localização tão bonita quanto o memorial em cima de uma montanha lá. Mas... tudo será como Deus... permitir, né?

H – Na época, padre, a prefeitura apoiou com recursos financeiros, de onde partiu as finanças para o custeio da construção na época? E o bispo na época, ele abraçou a ideia, apoiou?

M.N. – **É..., o Memorial Frei Damião, né, foi idealizado por mim e foi construído pela prefeitura de Guarabira. A prefeita na época Lea Toscano e o deputado Zenóbio Toscano. É um casal muito amigo nosso. Eles, quando eu falei do projeto, eles acharam muito interessante, e inclusive fizeram uma consulta ao Tribunal de Contas, para saber se era possível fazer tal monumento. E a resposta foi que sim. Como poderia fazer também em homenagem a Lampião, a Luiz Gonzaga, a Juscelino, a qualquer uma figura ilustre, né, da história do Brasil. Então poderia ser feito também, uma estátua em homenagem a Frei Damião. E aí a prefeitura abraçou isso, né, junto comigo. Com o Dep. Zenóbio e nós trabalhamos nesse sentido. Então, todo o memorial foi assumido pela prefeitura, eu assumi a parte daquela via-sacra, que tem na subida e fiquei responsável também de dar vida ao memorial. Porque não bastava uma prefeitura construir uma estátua. Se construísse ficava lá um elefante branco, né, sem vida. Aí, eu fiquei encarregado desta parte de dar vida, de convidar o povo de toda a região do Brejo pra acompanhar a obra, pra estar presente desde o início, fomos lá pra dar a bênção no local onde iria começar a obra. Depois quando começou a cavar todas as fundações e tudo, nós fazíamos romarias, vias-sacras, e levávamos cinco, dez, quinze, vinte mil pessoas cada vez que convidávamos para uma romaria. Eram multidões, multidões que chegavam, de tudo que era cidade dessa região. Bastava o povo ouvir a minha voz convidando pelo rádio e já chegava e a gente fazia uma romaria assim, muito bonita, com muita vida, com muita presença. Algumas delas convidamos o povo para trazer tijolos, pra ajudar na construção. Então, as pessoas traziam tijolos, ficou uma montanha de tijolo que colocamos lá em cima, né. Era uma maneira de envolver as pessoas. De dar vida àquilo ali. 01h:21m:00s E muito, muito bom, muito bonito. Teve um apoio do povo total, o povo sempre apoiou, sempre esteve muito presente. Teve o apoio do bispo Dom Antônio Muniz, né, eu não poderia começar uma obra daquela e daquele porte sem o apoio do bispo. Sobre tudo por causa da repercussão que aquilo teria em toda a região e em toda a diocese, né. Então tivemos o apoio dele, sim. Depois de certo momento, ele não**

deu mais esse apoio que a gente queria, mas a obra não podia mais parar e ele se afastou um pouco. Mas depois ele compreendeu novamente, ele aceitou. É tanto que na inauguração ele estava presente e o memorial foi entregue à diocese na pessoa de Dom Muniz, pela prefeitura foi entregue a ele, para que ele como bispo da diocese ele administrasse. Então, foi iniciado com apoio dele, no meio da obra faltou o apoio dele, mas no final da obra ele apoiou de novo e entendeu e fez o que foi possível enquanto ele foi bispo de Guarabira.

H – A construção começou em que ano, padre?

M.N. – Começou em 2000 e terminou em 2004.

H – Mas ainda está em construção, não é mesmo? Ainda tem trabalho por fazer...?

M.N. – É...! Memorial.., um santuário assim, é uma coisa que não acaba nunca. Foi feita a estátua, foi feita depois uma capelinha lá, que fiz pra ter um ponto mais religioso, que convidasse mais à oração. Mas ali a gente tem assim, a gente tem um sonho maior, não é! Por exemplo, o sonho maior é fazer uma duplicação da pista que liga ao memorial entre Guarabira e Pirpirituba tenho a entrada que sobe a Embratel. Então ali a gente tem um sonho de um dia duplicar, ou de ampliar, ou enlarguecer mais, sabe, ter um trânsito melhor, né! Nós temos uma ideia de construir um teleférico ligando o cruzeiro até o memorial, a estátua, ter um teleférico. Temos também um sonho de termos um centro de apoio aos romeiros, de ter um estacionamento, de ter um anfiteatro, de ter uma igreja maior que pelo menos comporte mil pessoas para as missas de final de semana. A ideia de construir uma escadaria na frente da estátua, né, subindo ali. E muitos outros sonhos que a gente tem, diante de ampliar a área do memorial, que hoje se eu não me engano são sete ou oito hectares. Ali deveria ser uma área de pelo menos trinta hectares, por exemplo, uma área maior. Pra oferecer mais segurança, mais conforto aos romeiros que chegam ali. Um estacionamento maior pra ônibus, ou mais de um porque a área ali não permite fazer um só grande, porque é muito acidentado, então que tivesse alguns locais que pudesse ser de estacionamento pra ônibus, tal. Então a gente tem esses sonhos e esses sonhos vão se tornar realidade. Eu não tenho dúvida disso. Não sei se vou ver, se vou contribuir o suficiente pra isso. Mas é claro que uma obra daquela, ela reclama muito mais investimento, ela reclama muito mais dedicação, muito mais apoio. Ali a gente plantou uma semente, acredito que daqui a trinta anos, por exemplo, aquilo vai tá outra realidade completamente diferente. É assim que acontece nas coisas que têm futuro, né! E ali tem futuro, o povo está presente, o povo apoia. Não é uma estátua de uma pessoa qualquer. De alguém que realmente merecia aquela homenagem. E o povo corresponde, o povo tá

presente. Frei Damião é muito querido do povo. Muito querido, mais do que a gente imagina. Mais do que a gente imagina.

H – Uma última pergunta, padre, tomou mais tempo do que o planejado. Como o senhor consegue ver o turismo religioso no memorial, no santuário? O senhor acha importante esse turismo? A finalidade da construção do memorial, claro, não foi com essa finalidade de atrair turisticamente as pessoas, não é?! Mais romeiros, pessoas de fé e tudo o mais. Mas, é inegável o turismo, não é mesmo!? As pessoas, mesmo sem ter aquela fé de romeiro, as pessoas vão lá pra olhar, pra conhecer a estátua, ver o monumento. Enfim, o senhor acha importante esse turismo?

M.N. – Certo! Muito importante. Olha! Todo turismo é importante. Turismo cultural, por exemplo, né, é importante. O turismo ecológico é importante. Imagine o que o padre vai dizer de um turismo religioso, né, eu vou dizer que é o mais importante de todos rsrsr. Até parece incoerente com a minha fé e com aquilo que eu fiz. Claro que eu não fiz aquilo pensando em turismo religioso. Quem pensa em turismo religioso, seja a sociedade civil, alguns outros segmentos. Eu penso nas peregrinações. Eu fiz ali, em primeiro lugar, para que ali seja um ponto de peregrinação, um santuário, um lugar de fé, um lugar aonde as pessoas possam ir para rezar, um lugar onde as pessoas possam ir e sentir uma paz, né, sentir-se bem. E é claro que junto com isso vem o turismo religioso. Porque até mesmo uma pessoa que não tem fé, ou que nem é da Igreja, ou que tem outra religião mas vai lá. Porque acha bonito, porque é interessante, o lugar é atraente, lhe chamou a atenção alguma curiosidade, quer conhecer mais, né!? E às vezes o turismo, ou o turista também, às vezes se torna um devoto, um peregrino, um romeiro, né. Porque ao mesmo tempo em que ele visita, ele conhece, você conhece quem é Frei Damião, quem foi Frei Damião, pergunta, se interessa, pesquisa, e, se você vai a fundo, no fundo você vai admirando aquela pessoa pelo que ela foi, pelo que ela representa, pela sua vida, pelo seu testemunho; então eu acho que é importante demais, eu incentivo isso, eu apoio. Esse não é o primeiro objetivo..., da minha parte como padre fiz pensando fazer um santuário, uma homenagem a um homem que para mim é santo, né, pela sua vida, pela sua fé, pela sua coerência, pelo seu testemunho. E não só sou eu que penso assim. Pensam assim todos aqueles que têm por Frei Damião a mesma devoção que eu tenho. E em segundo plano vem o turismo religioso. Qualquer um que for lá e que visite, num deixa de ser importante também para a Igreja. A Igreja colhe isso com muito carinho, com muito respeito, né! Assim como acontece em muitos outros santuários, que não são visitados só por quem tem fé, mas são visitados por todas as pessoas que querem conhecer um pouco mais...

H - Eu gostaria que o senhor esclarecesse duas coisas muito importantes do início da missão de Frei Damião... O senhor falou que tinha vários freis, mas que a santidade pegou só em Frei Damião. Esses freis fizeram também missões no Nordeste?

M.N. – Alguns começaram fazendo missões, outros ficaram numa atividade mais..., assim, paroquial, mas dos que começaram Frei Damião foi o único que perseverou. Alguns até com Frei Damião, né! Frei Damião também tinha outra curiosidade também, que é interessante você saber. Como ele veio da Itália para o Brasil, então ele tinha dificuldade de falar a nossa língua. Mesmo já idoso, ele tinha dificuldade, ele tinha um sotaque assim, forte, né, e para facilitar a comunicação dele com o povo, Frei Damião preparou antes para vir para o Brasil, preparou 44 sermões, sobre vários temas da teologia que ele achava importante abordar nas pregações dele. Então ele veio aqui para o Brasil, pra ser um pregador, ele veio para ser um pregador, um missionário, alguém que tinha o que falar para as pessoas. E ele pegou 44 sermões e aí mandou traduzir para o português. Então foram traduzidos 44 sermões. Frei Damião sabia todos os 44 sermões decorados. Então quando ele ia para uma missão ele dizia: “Hoje eu faço esse e esse; amanhã eu faço esse e esse; depois esse e tal. Ele tinha 44 sermões decorados. Cada sermão, por exemplo, durava 45 minutos, outro durava 37 minutos... Quando ele ia fazer o que durava o de 37 minutos quando ele começava, a gente sabia que daqui a 37 minutos ele ia parar o sermão dele. Quando ele tava com 99 anos, ele ainda conseguia, ele lembrava ainda de quatro ou seis sermões, né, quatro ou seis sermões desses ele ainda tinha na memória. Às vezes é tanto que ele dizia: “Hoje eu não vou falar, não vou pregar, eu não sei o que vou falar hoje”. A gente dizia: “fale tal sermão”. Aí ele falava aquele sermão, pregava, tal. Aí ele tinha uma memória muito boa, porque não é fácil gravar, ter decorado, pra quando você precisar falar tal qual com todos os exemplos, com todos os argumentos que ele colocava em cada sermão daquele. Isso era muito interessante.

H – A outra questão é: Quantas visitas Frei Damião fez mesmo a Guarabira? Duas?

M.N. – Não. Recentemente... Frei Damião foi muitas vezes a Guarabira, ao todo assim na vida dele, acho que ele foi a Guarabira umas doze vezes desde 1936 que foi a primeira vez, **tem lá no livro de tombo da igreja**, e se eu não me engano eu fiz uma síntese de todas as visitas dele e coloquei, fiz uma pesquisa e coloquei as visitas que ele fez a Guarabira mesmo. Porque naquele tempo, quando ele começou a ir a Guarabira, vários municípios hoje, naquele tempo eram vilas de Guarabira. Ele, quando ele vinha, por exemplo, para Cuitegi, quando ele vinha pra Araçagi pertencia a Guarabira, era um distrito. Hoje, é uma cidade, né! Então ele foi lá muitas vezes naquela cidade. E já nos últimos anos ele foi, em noventa e cinco e noventa e seis, uma vez em noventa e cinco e duas vezes em noventa e seis. Uma outra ele foi só lá em

casa me visitar, ele disse: “Não diga a ninguém que eu estou aqui”. Ele ficou lá comigo uns dois dias e eu fiquei com aquilo engasgado, encontrando com as pessoas, com a maior vontade de dizer que tava com a visita dele, mas não disse, só disse quando ele foi embora. E quando eu disse pro povo: “Olha, vocês não sabem quem me visitou esses dias. – Quem foi? Foi Frei Damião”. Mas o povo quase que me crucifica. “- Mas como é que o senhor faz isso. O senhor não dizer à gente”. Eu disse: “Não. Não disse porque ele disse que veio só pra me visitar. Então eu vou respeitar”.

Apêndice B - Entrevista com a deputada e ex-prefeita Léa Toscano

Léa Toscano é deputada estadual e presidente do PSB de Guarabira.

H – Deputada, a senhora é católica e devota de Frei Damião?

L.T. – Lógico! Sou católica apostólica romana, frequentadora da Igreja Católica. E o Memorial Frei Damião foi uma das grandes obras da minha administração. Antes de fazer o Memorial Frei Damião eu visitei o Padre Cícero e visitei outros memoriais também fora da Paraíba. E eu pesquisei muito. E pela devoção que o povo de Guarabira tem por Frei Damião é muito grande. Eu queria transformar Guarabira em um Padre Cícero lá em Juazeiro. Por quê? Porque eu tinha, eu tenho consciência disso, que Guarabira poderia ser um polo de turismo religioso. Então, partindo desse princípio nós resolvemos fazer o Memorial Frei Damião. Foi feito muita pesquisa e estudo para escolher o local. Não foi aleatoriamente. Porque a gente queria que o Memorial Frei Damião ficasse de frente à igreja. Você chegasse ao memorial pudesse ver a igreja de Guarabira Nossa Senhora da Luz. E eu pretendo ainda também, sonho com isso para Guarabira, colocar depois um teleférico ali de abaixo ali de Guarabira até Frei Damião. Mesmo antes de o memorial ser construído, pessoas devotas de Frei Damião que levava uma perna de pau, levava uma vela, uma casinha... Tudo graças que eles tinham conseguido a pedido a Frei Damião... Logicamente foi difícil de, se conscientizar as pessoas da necessidade de se construir o memorial e a importância desse memorial teria Guarabira. Mas com muita garra, muita força de vontade, com o Mons. Nicodemos também, nós iniciamos o memorial com recursos da prefeitura. Não recebemos recurso nenhum de fora. Eu me lembro que a primeira romaria de Frei Damião, muitas pessoas era com tijolo na cabeça, muitas pessoas levavam cimento, porque era tudo de barro e depois nós conseguimos junto ao senador Ronaldo Cunha Lima, calçar o Memorial Frei Damião; nós fizemos várias romarias antes do memorial tá pronto, no barro, pela fé das pessoas. A partir disso, a gente foi se entusiasmando, sentindo que a população da região do brejo tava querendo o memorial. Não só de Guarabira não. De Natal, também, de Recife. Tem muitos romeiros de Recife. As grandes romarias que fizemos em Guarabira eram mais de trinta, quarenta mil pessoas, e vinham vários ônibus da região do brejo paraibano. Então o Memorial de Frei Damião, eu tenho certeza absoluta... Infelizmente o memorial tá abandonado, mas eu tenho certeza que se tiver um administrador, que tenha condições de botar aquele memorial pra frente, pode ser um Padre Cícero. É tanto que já existe, porque eu já fui prefeita também, a igreja faz uma caminhada também, até Padre Ibiapina, as pessoas saíam do Memorial Frei Damião e ia até

Padre Ibiapina, seria ali como se fosse uma Compostela. Nós fizemos várias caminhadas dessas, inclusive até um diploma as pessoas recebiam. Então o memorial tá precisando de uma pessoas que dê mais valor ao memorial, pra mostrar a região do Brejo que ali existe a fé. A fé do povo do Brejo, a fé do povo da Paraíba em Frei Damião. Frei Damião foi uma pessoa que frequentou muito Guarabira. Eu tive a oportunidade de quando Frei Damião chegasse a Guarabira era a Dom Pedro II totalmente lotada, o amor que as pessoas tinham por Frei Damião, então as pessoas tinham uma adoração, adoravam Frei Damião. Quantas e quantas pessoas contam as histórias que foram casadas por Frei Damião, batizadas por Frei Damião isso mostra a fé do povo do Brejo paraibano.

H – Como a senhora vê a importância do Memorial Frei Damião para Guarabira?

L.T. – Eu vou lutar, já lutei muito, eu inclusive já falei com o governador Ricardo, que uma coisa que eu queria era reativar as grandes romarias de Guarabira. Por quê? Porque até pra cidade de Guarabira é muito bom. Quantas pessoas, quantos ônibus chegam a Guarabira? O que deixam também ali, as suas lembrancinhas, as pessoas vendem seus produtos lá no Memorial Frei Damião, isso aí..., as pessoas vão dizendo umas pras outras, boca a boca, e com certeza aquele memorial vai trazer um desenvolvimento de Guarabira. Guarabira pode ser considerada a “rainha do brejo” e Frei Damião pode ser o que faltava para o desenvolvimento da nossa cidade.

H – Deputada, gostaria que a senhora falasse um pouco sobre a sua reação, o que sentiu, e o seu pensamento quando Mons. Nicodemos apresentou para a senhora a proposta da construção do memorial.

L. T. – Eu e Zenóbio já tínhamos visitado vários memoriais, e quando Mons. Nicodemos chegou lá, nós vimos a dificuldade que teria. Aí levamos para o Rotary Club de Guarabira: então Mons. Vamos fazer devargazinho. Foi muito difícil. À medida que o memorial ia crescendo, ia tomando forma, a população se interessava cada vez mais e as romarias iam aumentando. E eu como prefeita e o Mons. Nicodemos... Você não pode imaginar a alegria do Mons. Nicodemos, quantas e quantas vezes eu subi, eu e Zenóbio e Mons. Nicodemos e a população nas romarias... A fé da população... Foi difícil, mas nós conseguimos. Foi quatro anos de luta. Praticamente foi feito pela prefeitura. Você não pode me perguntar: quanto a senhora gastou? Porque eu não tenho noção porque a gente gastava de acordo com as possibilidades. A única verba federal foi a que o Ronaldo conseguiu para fazer o calçamento da parte baixa do memorial no Bairro Novo até em cima do memorial. Inclusive eu fui a Brasília diversas vezes, levei a maquete do memorial, fotografias das romarias e nós não conseguimos praticamente nada, até Brenand do Instituto Brenand que fez a parte do museu

foi com recursos do município. O pessoal veio de Recife, fez o levantamento, foi pago pela prefeitura... E aqueles painéis tudo aquilo foi feito em Recife. Como o Zenóbio conhecia o pessoal da Fundação Brenand em Recife, a gente falou com eles, chegaram em Guarabira, a gente fez o levantamento e nos ajudou. Quem montou aquele museu ali foi o pessoal de Recife. Eu conversando com algumas pessoas, o Padre Cícero, o Memorial Frei Damião é bem melhor, bem mais acabado, agora infelizmente, mas infelizmente tá acabado, mas eu tenho certeza que iremos melhorar aquele memorial.

H – Tendo em vista que o recurso foi da prefeitura, a senhora deve ter recebido bastantes críticas, não é, deputada?

L. T. – Recebi. Mais é como aquela história. Você sabendo que está beneficiando uma população como um todo, em administração você tem que saber dizer o sim e saber dizer o não. Saber que uma parte da população aceita e a outra parte não aceita. Mas no início bateram muito, os evangélicos, em época política dizia: “olha ela prestigiou a parte católica e não a parte evangélica”. Mas isso aí eu soube contornar, é tanto que fui eleita e fui reeleita prefeita e eleita deputada, demonstra que o trabalho que eu fiz... Eu também fiz um trabalho com os evangélicos de Guarabira também, sempre apoiei os evangélicos, minha religião é católica, mas independe, frequento muito as igrejas evangélicas de Guarabira, mas isso mostra que a população vai assimilando, vai vendo que aquilo ali foi feito para os católicos e que na hora dos evangélicos precisarem da ajuda da prefeitura o meu apoio vão ter também. [...] O memorial está aí e hoje todo mundo tá vendo que o memorial é um patrimônio de Guarabira, eu sempre disse isso, não é um patrimônio de Léa, não foi Léa que fez, não foi Monsenhor que fez, é um patrimônio de Guarabira, é um patrimônio da cidade de Guarabira. E a primeira coisa que você vê quando chega em Guarabira é o memorial. Foi feito exatamente com muito estudo, com muito carinho, com muito zelo, com muita garra e determinação. É tanto que eu deixei a prefeitura em dezembro, eu já sabia que a gente já tinha perdido a prefeitura para o nosso sucessor, mas mesmo assim eu inaugurei em dezembro. A minha preocupação depois que inaugurei o memorial era quem iria administrar o memorial em Guarabira, será que a pessoa, o sucessor teria interesse no memorial? Aí nós fizemos um comodato com a Diocese de Guarabira, e nós passamos o museu sacro de Guarabira, que infelizmente acabou-se, e passamos também o memorial Frei Damião, a parte administrativa. Aí fizemos o seguinte: a prefeitura daria os funcionários, e a parte administrativa ficaria com a Igreja. Que a minha preocupação era dar continuidade ao memorial. Porque a Igreja não tinha condições por si só de pagar funcionários, as leis trabalhistas, tudo a Diocese não teria condições pra isso. Mas na hora que a prefeitura arcasse com essa parte de pessoal, a diocese administraria a parte

católica do memorial. Então isso tá acontecendo, infelizmente tá havendo muitas controvérsias, a parte da prefeitura não tá cumprindo o seu acordo, mas o importante é que o memorial está lá, a diocese está tomando conta com muita dificuldade, o próprio bispo disse que tem muita vontade que o memorial melhore, mais vamos pra frente, né.

H – Essa pergunta surge até dessa questão dos custos da prefeitura. A senhora era prefeita não é? E as obras foram...

L. T. – No segundo mandato. Eu comecei em 1996, 2000-2004. Eu comecei em 2000 o segundo mandato.

H – Em 2000 começou a construção do memorial, a senhora recebeu críticas a esse respeito, sobre a sua reeleição? Se o memorial foi construído com esse objetivo?

L. T. – Não, não. Porque eu nunca usei; eu nunca tirei uma fotografia; eu tinha muita precaução com isso. Eu nunca tirei uma fotografia e expor ao povo, nunca fiz calendário e disse ao povo que o memorial era, tinha sido feito na minha administração, eu tinha muita precaução com isso. Inclusive com o Tribunal de Contas. Antes de fazer o memorial, falar com os conselheiros, com o presidente do tribunal, e expor o que ia acontecer em Guarabira pra que me desse respaldo. Pra depois quando eu deixasse a prefeitura, iriam dizer que utilizei o dinheiro da prefeitura pra uma obra que não tava aprovada pelo Tribunal de Contas. Mas eu tive muita precaução com isso. E antes de fazer o memorial, eu já fui ao tribunal de contas, ele me autorizou a fazer. Eu prestava sempre contas do que tava gastando no memorial, pra que o tribunal pudesse acompanhar. Eu nunca utilizei o memorial em benefício meu. Eu nunca utilizei o memorial pra tirar fotografia com Frei Damião, pra tá junto com a população. Tirei muitas fotografias, lógico, na inauguração, mas nunca usei essas imagens, inclusive Cássio que era o governador foi à inauguração, mas nunca usei essas imagens em benefício próprio. Então é tanto, as pessoas dizem que o memorial foi feito por dona Léa, tia Léa, como o pessoal me chama, mas nunca vincularam, nem procuraram fazer com que minha candidatura fosse impugnada por usar o Memorial Frei Damião. Nunca isso aconteceu em Guarabira.

É impressionante a fé do povo. Eu gosto muito de conversar, quando eu vou a Guarabira eu vou ao memorial. E você não pode imaginar, muitas vezes aquelas velhinhas sobem aquela ladeira, porque aquilo ali é muito alto. É tanto que nas romarias que nós fazemos no memorial a gente deixavam em pontos estratégicos ambulâncias e tudo, porque a gente sabe que muita gente tinha pressão alta, mas a fé é tão grande, que eles acham que chegando lá em cima, subir aquela ladeira e... O mais importante, as romarias de Frei Damião era às duas horas da tarde. E às quatro horas era a missa quando as pessoas chegavam. Mas a fé daquele povo é tanta, que aquele povo acredita, aquele povo tem fé e acha que Frei Damião foi um santo.

Apêndice C - Entrevista com o padre Gaspar Rafael, reitor do Santuário de Frei Damião

Pe. Gaspar Rafael Nunes da Costa. Sacerdote há 13 anos. Ordenado em 15 de agosto de 1999. Reitor do Santuário de Frei Damião há 4 anos. Natural de Serraria, mudou-se aos 8 anos de idade para Arara. Serviu o exército. Fez faculdade de Jornalismo. Foi vereador em Arara.

H – De acordo com a sua percepção como sacerdote, como o senhor vê Frei Damião, como homem, como sacerdote, como missionário? Na sua posição como sacerdote, como é que o senhor vê isso e até como reitor do santuário? O senhor acredita que Frei Damião é um santo? Fez milagres, promoveu milagres mesmo depois de sua morte? Vários deles são relatados até por romeiros...

P. G. - Frei Damião, o estilo de pregação dele é um estilo de pregação assim, doutrinal. Ele fala da doutrina. A pregação de Frei Damião atraía multidão. A multidão vinha a Frei Damião para escutar os conselhos de Frei Damião. Era um estilo de Igreja, como podemos dizer assim, mais clerical. Mas era a pregação que convencia e convertia muita gente. Ao contrário, que alguns segmentos da teologia da libertação não aceitava o estilo de Frei Damião. E o testemunho de Frei Damião falava muito mais alto. Porque era um homem incansável na missão. Porque era um missionário incansável. Sou testemunho disso. Eu testemunho o esforço que Frei Damião tinha pela idade, mas era um homem que estava sempre a serviço do outro, celebrando, pregando, conversando... E a missão do padre é essa. É rezar por ele e pelo povo de Deus. E como sacerdote, ele administrar os sacramentos, pertinente aos sacerdotes. Que é a absolvição, que é a eucaristia, que é celebrar os sacramentos. Daí vamos percebendo que o que Frei Damião pregou, hoje a Igreja colhe esses frutos. **Porque o que é ser santo? Ser santo é você viver as virtudes do evangelho. As virtudes do evangelho. Para ser santo precisa ser oficialmente para a Igreja. Deve-se abrir o processo de canonização. E esse processo se abre na diocese quando aquele cristão morreu. E quando uma congregação e uma diocese faz um apanhado, escuta o povo, o povo que canoniza primeiro. Com Frei Damião aconteceu isso, a província de Frei Damião, a ordem de Frei Damião, abriu processo de sua canonização, que beatificação; primeiro vem servo de Deus, depois por um milagre alcançado, depois provado cientificamente que houve uma intercessão, claro na linguagem popular humana nós chamamos: “Frei Damião fez o milagre”. Mas quem faz o milagre é Deus. Deus é o autor da vida. Então santo é aquele que intercede.** Quantas

graças eu conheço, quantos milagres já conheço também que alcançaram pela intercessão de Frei Damião? Então são milhares, claro, a Igreja prudentemente, sabiamente, vai analisar um por um. E aquele que é chamado de milagre de primeira categoria, que significa: impossível para a ciência, impossível para a medicina. Mas para Deus nada é impossível. Então é classificado como milagre de primeira categoria.

Na qualidade de reitor do Santuário de Frei Damião em Guarabira, eu escuto muitos testemunhos, eu escuto muitos relatos de pessoas que têm alcançado muitas graças, muitas graças, muitas cartas eu recebo pedindo oração, pedindo oração a Frei Damião, entregam a mim. Tem urna lá se você fotografar lá no santuário, filmar, você vai ver uma urna que são milhares e milhares de pedidos, que aquilo ali, eu retiro aqueles pedidos, olho, rezo na intenção de todos aqueles que pedem. Aí em cada domingo no santuário eu celebro três missas às 08h30m, às 10h:30m e 02h:30m rezo pelos romeiros que ali estão. E sempre tem gente que está pela primeira vez. Por que vem ali? Olhar aquele monumento? Pode ser, mas vem ainda atraído pela fé. Pelo testemunho de Frei Damião, pelo testemunho de seus antepassados.

H – Ainda é mais forte o fluxo de romeiros e peregrinos do que de turistas mesmo?

P.G. – Sim, é... O turista comparece, mas é em número reduzido. O peregrino, o romeiro vem. Porque o romeiro é aquele que vem desapegado de tudo. Traz o inhame para comer ali, traz a galinha ali. Nós não temos uma estrutura decente para acolher os romeiros. Mas eles não estão preocupados com isso. Ele vem movido pela fé. O romeiro vem ao santuário movido pela fé. E o que eu vejo lá e dou esse testemunho, quantas crianças, jovens, inclusive romeiro não é mais aquele homem idoso chapéu de palha, aquela mulher com lenço na cabeça. Não! Eu encontro muitos jovens que vêm ali como romeiro de Frei Damião. Vem pela fé, vem pela religião popular do povo de Deus.

H – Agora vou fazer uma pergunta a respeito do catolicismo popular. Como homem religioso, padre em uma diocese do Brejo Paraibano, em uma cidade do campo e com vocação para a agricultura, enfim, com todo o contexto de tradições, estou me referindo à cidade, como é que o senhor vê, percebe a fé da população em geral? Esse povo simples em sua maioria inculta, mas com o pé firme em suas raízes e suas tradições católicas, essa expressão popular de fé em relação com o eu a Igreja propaga com seus dogmas, liturgias e princípios. O senhor acha que há uma satisfação por parte da Igreja para com os seus fiéis no cumprimento desses dogmas e princípios litúrgicos? A fé como ela é apresentada e expressada pelos populares crentes católicos é uma expressão fiel daquilo que a Igreja professa e espera?

P.G. – Aí a gente percebe que é muita coisa pra gente falar em tão pouco tempo. Primeiro que tudo, o povo de Deus, o cristão é aquele que se identifica, com a sua realidade local. O povo de Deus gosta de saber que Frei Damião passou em Guarabira, o povo de Deus gosta de saber que aquele santuário leva o nome dele, daí ele vem, acende a sua vela para pagar a sua promessa. Vai ali na capela dos ex-votos e deixa lá como ex-voto, como lembrança uma graça alcançada. Vai depois ao santuário, na capela, e manda rezar uma missa com a intenção de uma graça alcançada. Isso para mim é religião popular. Isso pra mim é gratificante porque a gente percebe porque na essência do cristianismo, por mais que existam os dogmas católicos, por mais que exista a tradição, essa tradição ela está muito nova no meio do povo. Veja o século XXI, a era da internet, do *twitter*, do *tablet*, das grandes celebrações transmitidas ao vivo, mas o povo de Deus ainda fica feliz quando vem de sua casa para o santuário. Frei Damião, ele juntava multidões, por quê? Porque ele falava de Deus. O nosso povo hoje está sedento da palavra de Deus. Por isso a Igreja Católica valoriza os santuários muito; santuário é um lugar de peregrinação, é um lugar de se encontrar-se com Deus. Existe um conselho nacional de reitores de santuários, e houve na Bahia esse ano um encontro que tinha 65 reitores, e unânime a gente debatia e encontrava e via e percebia o quanto o santuário é o lugar de encontrar com gente de todas as culturas. Todas as culturas. Por isso que, em pleno século XXI, a Igreja Católica ainda respeita o estilo de missão de missionários do século XIX como o padre Ibiapina fez. O século XIX fez grandes missionários. O século XX que teve grandes missionários, entre eles Frei Damião. E por último a gente percebe, e hoje que temos quem? Padres que arrastam multidão a exemplo de Frei Damião. Ou seja, aquele público que vai para uma missa de padre Fábio de Melo, de padre o... Manzotti, o padre Marcelo Rossi... O padre de Goiás do santuário da trindade do Divino Pai Eterno... Então são padres do século XXI que também eles trazem perfil das grandes missões da religião popular. Que no final daquelas grandes missas, é abençoar as imagens, é aspergir o povo com água benta; são símbolos do catolicismo popular que vêm das raízes desses missionários; e hoje, apesar do século XXI, os padres fazem grandes celebrações e utilizam símbolos e gestos da missão popular.

H – A questão da expressão da fé em Frei Damião pela população. De acordo com Ricardo Noblat, Frei Damião foi proibido por alguns bispos de entrar e missionar em suas dioceses; se eu não estou enganado o bispo de Campina Grande fez isso na época, e outras cidades em Pernambuco. Esses bispos alegavam que Frei Damião pregava um cristianismo arcaico e que iria de encontro com os novos preceitos baseados no Vaticano II, além de excitar à desordem e ao fanatismo. Como é que o senhor percebe isso?

P.G. – Eu dizia anteriormente que Frei Damião era um homem que falava da doutrina católica, a Igreja Católica é tradição, tem raiz, tem a tradição, tem a bíblia, a palavra de Deus. Tem a tradição e tem a doutrina católica. Frei Damião era um homem de doutrina de tradição. Era um homem que fala, que viveu a experiência anterior ao concílio Vaticano II, foi o concílio de Trento. O concílio de Trento, exatamente foi um concílio doutrinal. O concílio Vaticano II, foi um concílio de abertura, digamos assim, da “Igreja povo de Deus”. Então alguns bispos por ter vivenciado a experiência do Vaticano numa profundidade, particularmente na América Latina. A América Latina que bebeu na fonte de teólogos da libertação. Muitos teólogos. Então, esses teólogos passavam uma experiência de “Igreja povo de Deus”. Uma Igreja de resgate aos pobres. Uma Igreja voltada para o social. Daí, alguns bispos da região de como João Pessoa, de Campina Grande, Guarabira, foram homens que beberam na fonte da teologia da libertação e na fonte de um grande homem de Deus que foi Dom Helder Câmara. Dom Helder Câmara foi um grande homem de Deus; depois Dom José Maria Pires em João Pessoa; depois dom Luiz Gonzaga Fernandes em Campina Grande; em Guarabira Dom Marcelo. Homens inteligentes, mas que tinham um estilo de religião diferente. Não era suma religião tão doutrinária. Uma religião voltada para a vida, para a libertação do homem. E Frei Damião entrou nesse meio, veio para o Nordeste num período difícil. Imagine, Frei Damião como homem de doutrina pregando numa diocese que vivia a teologia da libertação; pois que alguns bispos o proibiam de entrar em suas dioceses. Então ele passou, por exemplo, em Guarabira, trinta anos sem vir em Guarabira. Quase trinta anos, passou por quê? Alguns padres ligados à teologia da libertação não concordavam com as pregações dele, e foram ao bispo na época e fizeram uma carta para o superior de Frei Damião, entre a palavra de um bispo e um superior, Frei Damião tinha que obedecer, então ele obedeceu. Depois de quase trinta anos, nós conseguimos trazer Frei Damião de volta. Aqui em Guarabira. Eu me lembro, eu era seminarista e fui a Recife com o monsenhor Nicodemos, com o diácono Manuel Viana, que é um grande conhecedor da vida de Frei Damião, que é de Dona Inês e que é de João Pessoa Hoje. Que é um diácono casado com a irmã do monsenhor Nicodemos. Então me lembro que a gente foi lá tentar convencer frei Fernando e convencer Frei Damião a voltar à diocese de Guarabira. E ele voltou à diocese de Guarabira por Dona Inês em noventa e três. Em noventa e cinco foi a grande missão aqui. Então quebramos essa grande barreira que existia de alguns padres da teologia da libertação ver Frei Damião como um atrasado. Não; Frei Damião sempre foi um homem atual, porque o evangelho sempre fala da atualidade; Frei Damião foi sempre um homem da atualidade da Igreja; a prova que hoje continua a memória dele viva na religião popular.

H – De acordo com sua visão o que atraía o povo a Frei Damião? O seu discurso, a figura de santo rústico, e de certa forma, essa rusticidade era um ponto de identificação desse povo igualmente simples em sua maioria? O senhor acha que existia e que existe ainda fanatismo?

P.G. – Não, Frei Damião não pregava fanatismo; Frei Damião pregava a palavra de Deus. E quando pregava a palavra de Deus em sua integridade, então claro que convence a muitos. Naquele tempo que existia aquela grande dificuldade de relacionamento “igrejas católicas e igrejas protestantes”, que muitos protestantes chamavam até Frei Damião de bode; denegrir a imagem dele. Mas enquanto denegriam a imagem dele, o povo aumentava o amor por ele. E aonde ele ia, podia falar em cima de um tamborete, atraía multidão. Subia em cima de um caminhão com um megafone, ou, com uma difusora, atraía multidão. Então Frei Damião pregou a palavra de Deus. Então Jesus também foi considerado um fanatismo, Jesus era um excitador de multidão, quando ele falava na montanha... o sermão da montanha..., que é um homem de uma pregação mais revolucionária do mundo, que um homem já fez no mundo. O Sermão da Montanha; analise o perfil das palavras do Sermão da Montanha. Então Jesus foi considerado um subversivo. Então, Frei Damião na linguagem de alguns era um homem que atraía multidão e aquela multidão que estava perto dele, alguns classificavam como fanatismo. Como ainda hoje se diz isso. Quando a gente faz uma romaria aí grande de Frei Damião, dá trinta mil pessoas, quarenta mil pessoas, o nome dele. Então, é o nome de Frei Damião que tem muito peso na fé do povo. E o nome Frei Damião é muito respeitado no horizonte universal do povo de Deus e do Nordeste.

H – O povo entendia bem o discurso de Frei Damião?

P.G. – Entendia. O povo não entende quando falava difícil. O povo entende quando fala simples; Frei Damião falava a língua do povo; explicava ao povo o que significava o pai nosso, a ave Maria, a importância de confissão, a importância de uma missa, a importância de uma eucaristia, a importância de um matrimônio; Frei Damião falava em suas pregações. No final da vida já velhinho que eu acompanhei ele até nos últimos momentos dele, ninguém num entendia o que ele falava. É verdade, mas queria ver Frei Damião; Frei Damião era o evangelho vivo de Jesus. Chegou um tempo que a voz dele cansada com a idade não conseguia entender o que ele falava, mas só eu está ali, a presença dele já dizia muitas palavras. Então, o povo sempre entendeu Frei Damião porque ele falava a linguagem do povo.

H – Padre, eu sei que o seu tempo é muito curto, só perguntas bem rápidas assim, o porquê da construção do memorial?

P.G. – A construção do memorial foi pra guardar na memória esse homem de Deus que passou por Guarabira, guardar na memória do povo o memorial. E depois a transformação em

santuário, porque como santuário, a palavra santuário está muito no horizonte do povo, na fé do povo, por isso o administrador apostólico, Dom Jaime Vieira Rocha, bispo de Campina Grande, de Guarabira na época, elevou a categoria de santuário. Guarabira prestou uma grande homenagem a Frei Damião, construir aquele memorial. Foi a maior homenagem que vai ficar na história para todo o sempre.

H – Essa mudança de memorial pra santuário, de quem foi à ideia?

P.G. – A ideia que tive..., porque normalmente num memorial é o conjunto de peças em um museu. O memorial de Frei Damião, estaria ali a história de Frei Damião. Mas no horizonte da fé da religião popular, o nome santuário tem um peso muito grande para o lado religioso. Daí eu propus a Dom Jaime, na qualidade de reitor do memorial, para que tivesse um lado mais religioso, que pudesse decretar, no decreto oficial, para a Igreja do Brejo da Paraíba e para a Igreja do mundo, que em Guarabira, na diocese de Guarabira, tem um santuário dedicado ao servo de Deus Frei Damião. Por isso, hoje o povo vê mais ao santuário, e eu trabalho muito o nome Santuário Frei Damião do que o nome memorial.

H – Tem quantos funcionários no santuário?

P.G. – O santuário, existe um comodato. Que é de quarenta e nove anos, que foi a prefeitura que fez, o poder público municipal. Então foi feita uma parceria com a diocese, um comodato jurídico, um acordo jurídico por quarenta e nove anos. Daí é dever do poder público fornecer funcionários, nós temos 9 funcionários em tudo..., é, no momento não temos 9 mas no comodato diz que é pra ter 9 funcionários. Daí, eu administro com alguns funcionários da prefeitura e alguns contratados pela própria reitoria do santuário.

H – O santuário ainda não está concluído ao todo, não é?

P.G. – Não está concluído. Falta ali praça da alimentação, falta uma grande igreja para acolher os romeiros, falta uma bateria de banheiros, um mercado de artesanatos para os feirantes... tudo isso um dia vai acontecer, quando o poder público, federal, estadual e municipal, olhar e perceber que o turismo religioso é algo que pode gerar uma grande economia para o município.

H – No caso, sobre o turismo religioso agora, como o senhor consegue perceber o turismo religioso no santuário? O senhor acha importante ou não esse turismo, levando em consideração o seu lado sagrado e o seu lado profano também?

P.G. – Olhe bem, o lado religioso do santuário é muito importante, o turismo religioso é muito importante. Eu fui recentemente a Roma, ao Vaticano, fui recentemente a Jerusalém e como estes países, aqueles espaços sagrados são visitados. Por isso o turismo religioso é algo que mais cresce na economia do mundo inteiro. Por isso que nenhum governante pode deixar de

valorizar o turismo religioso. Porque o turista religioso quando vai, o peregrino quando vai santuário ou a um ambiente de peregrinação, a economia fica lá. Então, Guarabira tem duas histórias, antes do memorial e depois do memorial, não podemos negar isso. Por isso cada romeiro que vem a Guarabira, com o turismo religioso gasta em Guarabira em restaurante, em táxi, comprando uma lembrança, um artesanato, tudo isso faz gerar economia. Por isso o turismo religioso, o lado que a Igreja na qualidade do padre, eu na qualidade de reitor, eu devo receber muito bem os turistas, trata-lo muito bem, oferecer o lado espiritual. E o lado material cabe ao comércio, cabe ao município fazer a sua parte. A missão da Igreja é trabalhar o religioso. É oferecer ao peregrino, ao turista religioso o que ele vem buscar. O lado religioso seria o quê? É uma confissão, é uma conversa, é um aconselhamento, é uma oração, é a missa, é isso que tento fazer lá. Cabe ao lado comercial, que é o lado que gera economia, para o município para o estado e para a nação, o estado assumir a sua parte.

Apêndice D - Entrevista com o secretário de cultura de Guarabira Paulo Costa

Paulo Costa, 49 anos de idade, natural de Pilõezinhos quando pertencia à Guarabira. Então é guarabirense por nascimento. “E guarabirense por adoção e por documento”, como se definiu Paulo Costa.

H – Então, o senhor nasceu aqui e mora aqui desde...

P.C. – Não, eu nasci e fui buscar os ares do mundo, né! Eu me formei na universidade da vida. Então, por isso depois de quarenta anos eu voltei pra cá, e já estou aqui, cerca de nove anos aqui na emissora e principalmente na cidade também. Mas a gente nunca deixou de viver aquilo que a cidade teve de importância.

H – Então, o senhor está aqui há nove anos na rádio?

P.C. – Não, a rádio tem sete anos, eu tô há nove na cidade, oficialmente a nove. Profissionalmente eu passei a maior parte do tempo fora, 24 anos. E depois voltei pra Guarabira, onde tô quase me aposentando, falta só um ano e meio.

H – Há quanto tempo o senhor é secretário?

P.C. – Secretaria são dois anos. No segundo governo, já.

H – Quem era o secretário anterior?

S.P. – Martinho Alves. Era o secretário e o primeiro que iniciou esse projeto agora no governo de Fátima Paulino, nos dois mandatos dela.

H – Na época, o senhor se lembra da idealização e da construção do memorial e da inauguração? Quem era o secretário na época?

P.C. – Lembro. O secretário na época, eu não lembro o nome dele. Eu lembro que foi no governo Lea Toscano. Me lembro do secretário de comunicação e chefe de gabinete na época que era Eraldo Luiz que foi que conduziu todo o processo de solenidade daquela época. E eu me lembro de todo o processo como foi feito. A importância que o pessoal começou a imaginar que isso pudesse ter. As críticas que surgiram também por conta do investimento que era muito alto. E certamente o coroamento do momento quando houve a inauguração. A presença de pessoas dos vários municípios daqui da região. Foi muito importante na época pra Guarabira.

H – Em minhas pesquisas, Guarabira em termos de turismo é vista como turismo religioso, não é!?

P.C. – É vista como turismo religioso, porque a gente não dispõe de outras localidades preparadas para o turismo. Infelizmente isso não existe. Jamais foi buscado um trabalho pra

conseguir isso. A gente tem sítios arqueológicos, a gente tem outras localidades para serem mostradas. Mas o preparo é que não é ideal para se chamar o turismo pra cá.

H – Antes do memorial que agora é santuário, o turismo, como funcionava?

P.C. – Era religioso do mesmo jeito. Era a Festa da Luz. Sempre foi há cento e tantos anos, a Festa da Luz sempre teve a sua importância turística. Ela atrai muitas pessoas tanto do Sul do país e do Sudeste, quanto atrai o pessoal da região e de Guarabira. E isso há mais de cem anos. Então esse era o turismo que nós tínhamos. A procissão da padroeira no dia 2 de fevereiro que é tradicional e também o turismo religioso em relação à visitação, primeiro a igreja matriz e depois a catedral, quando tornou-se catedral a partir dos anos oitenta passou a ser mais forte esse turismo. **E uma das grandes referências que nós temos foi Frei Damião; veio pela última vez a Guarabira, onde aqui passaram muitas pessoas. E a ideia depois da morte dele de se construir o memorial.**

H – É interessante essa ideia porque sabemos que ele é um estrangeiro, uma pessoa que veio da Itália. E que morava em outra cidade, em outro estado, no caso Pernambuco, Recife, no Pina. E, de repente, uma cidadezinha do interior, Guarabira abraça essa ideia de construir...

P.C. – **É, algumas cidades da Paraíba..., me parece que Itaporanga também tem, um turismo religioso lá voltado para o Cristo Redentor. Guarabira queria fazer o mesmo, mas o pessoal idealizou colocar Frei Damião aqui, dada a importância dele não só em Guarabira, mas na região do Brejo. Porque em princípio do século passado, aonde ele começou a fazer suas missões, ele se tornou muito importante para o povo dessa região, em função do crédito que ele passava pras pessoas como homem confessor. Então as pessoas acreditavam muito naquilo que ele falava, nos conselhos que ele dava, nas coisas proféticas que ele dizia. E tem muitas lendas, muitas histórias a respeito dele aqui mesmo na região, que o fizeram um santo milagreiro popular. Por isso que o monsenhor Nicodemos teve a feliz ideia de buscar essa estátua aqui pra Guarabira.**

H – Ainda no campo do turismo, desde a construção do memorial e a inauguração em 2004, evoluiu esse turismo?

P.C. – Evoluiu a presença de romeiros, por exemplo, no domingo é muito interessante a presença de romeiros aqui. Nas oportunidades em que se realiza as romarias a Frei Damião, são várias por ano. Também se atrai muitas pessoas pra Guarabira. E isso já é tradicional. Primeiro, é uma das maiores estátuas do Brasil, o local é muito aprazível, atrai pessoas de vários estados que vêm pra cá, então evoluiu muito. A gente vê outras pessoas na cidade.

H – É satisfatório?

P. C. – É! É muito interessante você vê isso. Melhor seria se fosse constante. Que era bom pro comércio, que era bom pros restaurantes, era bom pra própria Igreja que era difundido. E era bom pra cidade, como é Juazeiro. Agora esse trabalho tem que ser devagar, porque é um comodato de cem anos, 49 por 49 doado para a Igreja Católica, e a Igreja faz esse trabalho, busca aos poucos chegar lá. Então eu acho que vai demorar, mas um dia essa cidade será uma cidade de romeiros e esse comércio será conhecido como o comércio lá de Juazeiro no Ceará. Eu tenho quase certeza disso.

H – No momento, existe alguma ação, algum planejamento no turismo pra dar ênfase no...

P.C. – Existir existe. Agora, a partir da implantação do conselho de cultura, que vai ser feito por Guarabira, eu digo conselho por que a secretaria é “cultura e turismo”, a partir desse momento a gente vai ter verbas pra fomentar o turismo. E naturalmente apareceram projetos, que sem o conselho municipal não adianta você tá lutando, porque vai mandar e vai voltar, vai mandar e vai voltar. Com o conselho em mãos que vai ser implantado dia 4 agora no mês de agosto, a gente vai poder apresentar projetos pra diversos segmentos, tanto na cultura quanto no turismo. E as nossas ideias é que a gente queria criar um centro de apoio a romeiro, ou lá próximo à estátua, ou no centro da cidade. O romeiro precisa aqui dessa assistência, e esse é um caminho que a gente tá buscando, que naturalmente eu tenho certeza que não vai ser nem em um ano ou dois anos que vai ser feito, mas que futuramente depois da implantação do conselho os projetos vão sendo criados e com certeza essas verbas virão para que isso possa acontecer. E aí tem que ter os dois segmentos: Igreja Católica e poder público.

H – Sobre os Caminhos do Padre Ibiapina, o que é que o senhor tem a dizer assim, porque surgiu, mas parece que ficou um pouco apagado.

P.C. - Na verdade Dom Antônio que foi bispo diocesano daqui de Guarabira, era a pessoa mais interessada nos Caminhos do Padre Ibiapina. Ele aqui pra região e que também tem uma grande importância. Um homem que viveu muito de andar pelas comunidades, de visitar... Por isso que existe Caminhos do Padre Ibiapina, os locais por onde ele passava; ele conheceu tudo isso aqui andando a cavalo. E certamente ele teve a sua importância religiosa. É como um Frei Damião da vida, ele não tem história de milagres, mas era um evangelizador. E o Dom Antônio Muniz que hoje é arcebispo de Maceió, ele teve um trabalho muito importante através da Rede Vida, inclusive, mostrando isso. E há todos os anos a visita que o pessoal faz, ou que percorre os Caminhos do Padre Ibiapina, e com certeza é outro meio turístico que vai acontecer, e certamente tem essa grande possibilidade de fazer também uma oportunidade para que pessoas de outros locais que tenham saúde e condições de caminhar para se

participar dessa investida. Daqui é o corpo de bombeiros que idealiza, mas naturalmente a Igreja também tem esse envolvimento.

H – Eu tava conversando com padre Gaspar a respeito disso porque quando a gente vê na internet a respeito desse projeto, da Parai'wa, e a gente tem a impressão que tá faltando alguma coisa, a gente vê só os Caminhos de Padre Ibiapina, mas que sai de Frei Damião, mas..., não seria mais interessante ligar os dois, Frei Damião e Padre Ibiapina, porque a gente tem a impressão que falta alguma coisa. Até eu não vou citar os caminhos de forma mais enfática, porque foge do meu objeto que é Frei Damião. Mas o projeto é muito interessante.

P.C. – É, o projeto seria muito interessante. A juventude de Guarabira, eu acredito que tem que se conscientizar da importância disso para o turismo. Da importância disso aí pra visitação, pra se atrair muitas pessoas. E naturalmente criar meios de dar condições àqueles que vão participar, de terem segurança na estrada, um ponto de apoio pra dormir, porque ninguém vai percorrer os caminhos do padre Ibiapina num dia, num consegue. Você sai daqui pra Solânia, é muito distante, depois pra Arara... Tem vários locais, e esses locais deveriam ter os apoios. As casas ou hotéis-fazendas. Então esse é um projeto que demanda muito dinheiro, mas que seria importante seria sim, entre os dois..., fazer uma ligação. “Conheça o Memorial Frei Damião e conheça também os caminhos do padre Ibiapina”. Isso poderia ser um roteiro turístico extraordinário, para uma determinada data do ano, especialmente agora nesse período que é o período do frio, até pra caminhar é melhor, nós estamos vivendo..., aqui tem os caminhos do frio, mas poderiam também fazer a mesma rota; caminhos do frio, Frei Damião e Padre Ibiapina. Seria muito interessante isso.

H – Na sua visão de secretário de turismo, quais foram os benefícios do turismo religioso em Frei Damião, visíveis no comércio em todo o lugar...

P.C. – Em todos os setores, tudo hoje é Frei Damião se você observar. É padaria Frei Damião, posto Frei Damião, lavanderia Frei Damião, farmácia Frei Damião...

H – Algum hotel foi criado com essa ênfase no turismo religioso?

P.C. – Não, mas já tínhamos antes. Mas pousada sim. Algumas pousadas pras romarias. Algumas pessoas emprestam suas casas pras romarias, porque vem muita gente. Mas nenhum hotel foi criado nesse período porque já dispúnhamos de quatro hotéis e as pousadas. E certamente, expandiu muito a área aonde Frei Damião emprestou o nome à área, encareceu muito os terrenos ali, muita gente fez loteamento próximo. Inclusive estão fazendo a igreja da Mãe Rainha. Nas proximidades tem outra igreja na subida do morro. A área que percorre os caminhos até lá tem uma via-sacra muito importante feita por um artista guarabirense, aonde tem as doze estações do sofrimento de Cristo. E o comércio de um modo geral, foi grandioso,

mas eu ainda vejo muito pouco. A Igreja ganhou mais fiéis aos domingos de manhã. Tem uma missa especial que é do bispo diocesano que as emissoras de rádio transmitem. É..., tudo isso movimentou, mas ainda falta como eu disse pra você, falta um ponto de apoio pro romeiro, falta um estacionamento grande para os ônibus; falta um tratamento mais adequado para se tornar isso turístico e religioso. Eu não vejo, por exemplo, uma casa vendendo peças cunhadas com Frei Damião, só os camelôs lá. Era pra ter uma coisa da cidade aqui mostrando a Serra da Jurema, a mata ciliar da serra, os caminhos; enfim, tinha que transformar isso em objeto que pudesse ser lembranças de Guarabira. Hoje só tem camisetas tal. Tá muito pouco ainda isso. Vai ser aquilo que eu disse. “Vai caminhar de forma lenta” até chegar no objetivo. Como a cidade ainda é pequena, só tem 50.000 habitantes. Eu acho que ainda faz demais. Mas é preciso e muito. Mas isso deve ser uma iniciativa não só de uma secretaria, não só do poder público, mas juntando Igreja, comerciantes, pessoas da cidade que queiram desenvolver e até chamar pessoas que conhecem melhor como é que se desenvolve o turismo para dar aulas aqui e se formar pessoas. A gente ainda não tem guias turísticos aqui em Guarabira. Não existem os guias turísticos. E é preciso no próximo projeto no ano que vem a gente vai ter que formar pessoas pra orientar. Por que é que não foi feito? Muita gente acha: ah não, Frei Damião é ali. Mas de contar a história dele, falar sobre ele, dizer tudo que ele fez. Como falar sobre..., né, não existem pessoas preparadas ainda pra esse segmento. Isso aí é uma das coisas que é preciso começar por aí. A partir desse ponto, pode-se pensar em um turismo religioso mais frequente.

H – A respeito do apoio da prefeitura, qual é a parcela de apoio que a prefeitura dá ao memorial?

P.C. – Depende muito do que é solicitado. Porque a prefeitura empresta funcionários, os funcionários são da prefeitura e são colocados à disposição. Mas como foi um comodato para a Igreja Católica, não seria de bom alvitre a prefeitura estar totalmente envolvida nisso. Então é importante que se una as duas partes. Então quando é solicitada, a Igreja vai realizar o seu evento, convida a prefeitura pra ser parceira e a prefeitura é parceira nisso. Há também a divulgação que certamente quando precisa desse apoio necessário é que a prefeitura faz. Mas, pra que houvesse um projeto de ambos, não teria sido importante que tivesse o comodato. Como houve o comodato, a responsabilidade passa a ser toda da Igreja. Veja que é..., lá, até pra mexer nas estradas é complicado. Porque a primeira parte pertence a Guarabira e a outra parte pertence, do morro da Serra da Jurema, pertence a Pirpirituba. E às vezes os prefeitos não querem: “Não, isso ai é federal”. Até pra mexer na estrada é complicado. Então realmente é a Igreja que carrega essa responsabilidade.

H- Quem teve essa ideia de transformar o memorial em santuário? Estou me referindo ao nome.

P.C. – Na hora que foi feito, a parcela da prefeitura na época foi quando construiu, buscando o dinheiro aquela coisa toda. Depois que se construiu, depois da inauguração, no ato da inauguração. Foi entregue à prefeitura em comodato por 49 anos renovável por mais 49. Então cem anos pra frente responsabilidade administrativa da prefeitura. São pouquíssimos, não chega a dez funcionários. Aí também é outra coisa que falta...

H – Paga salário mínimo?

P.C. – Isso vai depender muito do funcionário que queira ir pra lá. Depende do segmento. Porque tem uns que fazem limpeza, serviços gerais, os que atendem, mas falta exatamente se criar um departamento para se levar pra lá, funcionários que entendam do turismo. E certamente vão aqueles que comercializam. O que tem muito lá cadastrado são pessoas que fazem o comércio. E aí tudo é feito pelo reitor do santuário. Então a prefeitura construiu, doou para a Igreja em comodato, daqui a cem anos, todo o ônus, ou todo bônus, vai pertencer à Igreja Católica. A prefeitura daqui pra frente, isso vai depender muito dos prefeitos, o pessoal vai fazer apenas pra todos eles; o trabalho que se busca nesse período, é exatamente a parceria. Em função de parcerias, é importante dizer que, a cada evento que for acontecer, certamente essa parceria é buscada. Na prefeitura, no comércio e tal. Não há na secretaria de turismo verbas, ou no orçamento, verbas para se fazer algo, para se fomentar o turismo no Frei Damião. Isso só vai acontecer depois da implantação do conselho, aí sim. Aí vai ter uma verba para fomentar a cultura e o turismo no valor elevado e que se pode se fazer muito mais coisa.

H - A iniciativa da construção do memorial, a prefeitura entrou, no caso com a parte financeira, terreno... Qual foi a intenção da prefeitura em apoiar essa ideia? Em sua opinião.

P.C. – **Se na verdade foi pra trazer a religiosidade pra Guarabira valeu muito a pena. Se foi pra buscar o fluxo turístico pra cidade valeu muito a pena. E a idealização para se trazer a estátua pra cá foi também para a cidade ser vista com outros olhos a nível de Brasil. E isso foi conseguido. Porque se eu não me engano é a terceira ou a quarta estátua do Brasil... Ela é na verdade é uma estátua que é monstruosa pra nossa cidade. Então a vinda dela, dessa estátua pra cá foi justamente com esse objetivo, para atrair pessoas, valorizar a cidade, valorizar o turismo, valorizar a religiosidade, fazer as pessoas acreditarem mais em Frei Damião. Essa geração de agora que não o conheceu, muita gente procura saber quem foi Frei Damião, até os restos mortais dele estão querendo trazer pra Guarabira, pra ver se isso vindo pra cá, traria até os frades**

capuchinhos para ficarem aqui para explicarem melhor a vida deles. Isso tá sendo tentado há muito tempo. Não foi conseguido. Se isso fosse conseguido, seria um local até de milagres como o pessoal acredita muito nisso né! Então acho que quem teve a ideia e a prefeitura na época, teve uma ideia brilhante. Na minha opinião, foi muito brilhante, foi muito importante porque precisava de algo em Guarabira. E a ideia de se trazer ou de se pegar emprestado o nome de Frei Damião, por uma estátua dele na Serra da Jurema e fazer os caminhos da maneira que foi pela maquete que eu li na oportunidade, isso era pra ter um fluxo de pessoas diário, mas agora só se tem nas romarias e aos domingos quando nós temos lá as celebrações. O que é que falta É fazer com que o povo vá pra lá todos os dias. E isso vai demorar muito, não vai ser agora. Então foi realmente brilhante essa ideia e o que é preciso agora são as pessoas se entenderem pra começarem a fomentar esse turismo aqui na cidade.

H – Existe algum trabalho de *marketing*, de propaganda, de divulgação do santuário?

P.C. - Tem um site que é da Igreja Católica, onde se divulga muito isso, e, pelas agências. Existem trabalho das agências de turismo que trazem as pessoas pra cá. E aqui em Guarabira tem duas agências que vão ser convidadas a começar a tentarem a partir do ano que vem a trazer turistas. Porque essas agências levam turistas daqui pra outros estados, a gente vai tentar elas trazerem de lá pra cá, que só aí vai começar realmente o desenvolvimento para qual a estátua foi construída.

Apêndice E - Entrevista com o arquiteto Alexandre Azedo

H – Professor, fale-nos um pouco sobre o processo da construção do memorial, hoje santuário Frei Damião.

A.A. - Eu tinha acabado de concluir a estátua do Cristo de Itaporanga, quando fui convidado a desenvolver essa estátua que se pretendia um pouquinho maior do que o Cristo de Itaporanga. No nosso desenvolvimento, nós pensamos que deveríamos construir um museu na parte inferior, invés de ter uma base perdida, ele foi aproveitado para um museu contando a história do Frei Damião e a construção da estátua. Daí nós imaginamos uma estrutura para a escultura, oca! Se você está dentro do museu e olha pra cima, você consegue ver até a cabeça dele, não vê pela escuridão, mas é possível enxergar até lá em cima. Então se baseou toda a forma estrutural numa forma cônica... E assim nós desenvolvemos um monumento escultórico já baseado nessas premissas. E a parte inferior foi projetada de forma que pudesse ser construída com menor presença de forma, diretamente com madeira na obra. Ao mesmo tempo em que eu fazia a parte escultórica mais complexa e tem que ser feita em barro, em argila sob madeira tirada sobre em gesso e que essa forma é que numerada, para não perder as referências delas, monta no local da concretagem e continua concretando metro a metro.

H – Como foi feito o convite? Por exemplo, o Mons. Nicodemos já sabia da sua especialidade em construção de monumentos?

A.A. – Eu tava fazendo a estátua do Cristo de Itaporanga, quando eles começaram a pesquisar sobre o meu trabalho; foram atrás, perguntaram a várias pessoas, aí foi desde a questão técnica, desde a questão moral, de vida, civilidade, né! A competência técnica, o que tinha feito antes, enfim, foram visitar o local, daí é que veio o convite. E às vezes as pessoas perguntam: “E por que não há uma licitação? Não há licitação porque é uma obra especial de arte. Então você não pode fazer, por exemplo, no show de Roberto Carlos chamar um... fazendo uma licitação. Você tem que convidar Roberto Carlos... Por isso fui convidado pra fazer esse trabalho.

H- Na época o local onde foi construído o monumento na Serra da Jurema foi desmatado, né? Como foi...?

A.A. – Não, olhe só, eu inclusive estava lá no momento, fotografei os morros para identificar o ponto que ficaria de boa visibilidade pra cidade e depois no local. Trabalhamos muito. Lá em cima, no local que escolhemos, existia um sítio com plantação de laranja, e o sítio já estava degradado... muita horta, muita coisa miúda de horta, existia algumas fruteiras fora as laranjas, mas muitas laranjas. Então o local que foi escolhido praticamente era um

descampado que já teria sido usado, tenho foto disso, pra horta. E lá, apesar do solo ser bom, há uma dificuldade de água, e a coisa não prosperou. E às vezes as pessoas têm a força da família e ela desaparece e aí a coisa não prospera.

H – Houve críticas a respeito de desmatamento por parte dos

A.A. – Houve desmatamento, mas repare... Não era mata nativa. Era uma área degradada que tinha sido usada para horta, pra plantação de outras coisas.

H – E os órgãos ambientais na época? Teve permissão dos órgãos ambientais?

A.A. – Teve permissão de tudo justamente por esse problema. Houve corte de algumas árvores, mas que não seria um desmatamento em hipótese alguma.

H – As dimensões da estátua?

A.A. – A estátua tem 12 metros de pedestal onde tem os três andares de museu. E tem 22 metros de estátua.

H – Atualmente é do seu conhecimento sobre em qual posição ela se encontra em termo de altura?

A.A. - Eu tô fazendo o meu doutorado em cima de estátua gigante, lá na Bahia. Então o que que acontece? Todo mundo no Ocidente pensa que a maior estátua do mundo é a estátua da Liberdade. E há um engano grande. Inclusive eu fiz uma maior do que ela lá no Rio Grande do Norte. E existe uma grande, muito grande também na Venezuela. Sou o arquiteto da Santa Rita de Cássia, a maior estátua católica do mundo. Não é a maior estátua do mundo. É a maior estátua católica do mundo. Que está aproximadamente em 30º lugar no mundo. Ela tem 56 metros. Sendo 50 de estátua. E tenho em andamento uma estátua de 70 metros em pendência no Rio Grande do Norte, e, outras menores espalhadas, duas no Piauí, uma em Alagoas e mais duas no Rio Grande do Norte. Tudo estudo ainda, né!

H – A repercussão na época, na política como foi?

A.A. – Foi muito grande, principalmente durante a construção. A gente não pode se enganar. Se não tem grandes homens pensando à frente, liderando, nada vai pra frente. Você pode ter uma excelente praia, se não tem uma pessoa que chegue ali, trabalhe, busque aquela imagem e que... faça a publicidade da história..., porém quando tem essas pessoas que no caso foi o Dep. Zenóbio Toscano o grande mentor da ideia junto com o nosso Mons. Nicodemos. Foram as duas grandes balizas que tornaram política e religiosamente possível a construção do monumento.

H – De onde partiu verdadeiramente essa ideia, do Mons. Nicodemos ou do Zenóbio?

A.A. – Eu acredito que foi... Vamos dizer... pari passo. Mons. Nicodemos é um apaixonado por Frei Damião; toda vez que Frei Damião tava aqui ele tava junto. Acompanhou inclusive a

morte dele... Quer dizer, ele é uma pessoa que tem Frei Damião em altíssima conta. E que luta pela santidade dele, e dentro da religião dele. E Zenóbio Toscano apoiou completamente essa ideia. E lutou que foi o principal que são as verbas para esse tipo de trabalho.

H - As verbas partiram de qual órgão?

A.A. – Federal, estadual e municipal. Nós conseguimos de todas as esferas. Porque tem uma coisa: hoje em dia tá mais difícil de conseguir porque existe uma condição expressa de que o estado laico não pode desenvolver nada religioso. Porém, isso não é só religioso, isso é um ponto turístico de forte pressão. Os maiores lugares de turismo no Brasil são religiosos. Não são as praias; são os religiosos. Então tem que se considerar que isso é laico. Cria empregos, desenvolve o comércio, especialmente em zonas que não têm muita opção de faturamento, né!

H – O senhor acompanha o andamento do turismo na cidade de Guarabira no Santuário?

A.A. – No momento não há um grande vulto por dois motivos. Primeiro, porque não é uma obra da atual prefeitura, é do prefeito anterior inimigo. Então geralmente politicamente temos essa falha de considerar a obra do outro inimigo. Uma falha séria porque aquilo é dinheiro do povo. E na esfera religiosa, o Mons. foi deslocado para Alagoa Grande. Então ele não está mais no local e tendo obrigações de outro município. Então de certa força isso esvaziou, tirou as duas grandes cabeças, as duas grandes locomotivas do empreendimento de perto do seu local.

Apêndice F - Entrevista com comerciantes e devotos

Comerciantes

Adailton Vieira da Silva Filho, natural de Guarabira, 35 anos, casado. Fabrica no quintal de casa imagens do Frei Damião, de vários tamanhos, e vende diretamente ao público no Santuário. Sobrevive apenas da venda das imagens. Também vende a comerciantes que as revendem. Adailton tira todo o sustento da venda das imagens. O que tira em média por mês de R\$ 1.000,00.

Ele fala que a irmã foi curada de um glaucoma. A sua irmã teria perdido a visão e uma promessa que a sua mãe fez com a intenção da cura da filha a Frei Damião de Bozzano em associação com santa Luzia curou parcialmente a moça. A mãe pagou a promessa subindo com os pés descalços o íngreme longo caminho do sopé aos pés da grande imagem de Frei Damião.

Adailton falou que era coroinha na catedral de Nossa Senhora da Luz e teve a oportunidade em 1995 de participar da missão do capuchinho. E que na ocasião o capuchinho impôs sua mão sobre a cabeça dele.

H – Há quanto tempo comercializa aqui no santuário?

A – Desde a inauguração. Quero dizer, quando eu comecei aqui, aqui ainda era barro. Eu comecei sozinho ali na frente.

H - O que o atraiu a fazer comércio aqui?

A – Emprego. Trabalhar pra mim mesmo. Ai comecei, ne.

H - Além de comercializar você também é devoto de Frei Damião?

A – Com força! Não só como toda a minha família. Sou devoto dele... Fico todo arrepiado, Ô! Só em falar... Sou devoto dele com muita força mesmo.

Cleonice da Silva Lima, 53 anos, é natural da Borca na zona rural da Paraíba e moradora de Guarabira. Ela comercializa numa barraca junto com seu esposo desde a inauguração em 2004. Tira em média por dia na sua barraca de artesanato e outras quinquilharias R\$ 150,00 a 200,00 por dia. Mas, segundo ela, tem dia que não tira nada. Dona Cleonice fala:

“Aqui é fraco, visse?! Tem tempo que tá bom, mas o povo tem medo de vim por causa das rodagens, né! E os zoimbo, assim..., as estradas não compensa. E num tem assim..., uma estrutura boa pros visitantes, né!”

H – Mas promete que vai ter uma estrutura boa.

C – Deus queira que..., a gente espera isso, né. Sempre esperamos.

H – O que a atraiu a fazer comércio aqui?

C – Ah! Eu gosto muito! Se for possível eu passo o dia sem ganhar dinheiro, porque eu gosto!

H - A senhora é devota de Frei Damião? Já alcançou alguma graça?

C – Sou. Muito. Nunca alcancei nenhuma graça. Mas pelo fato de eu está aqui, já é uma benção. Já tive várias experiências com Frei Damião. Muitas. Amiga minha, mesmo da minha rua alcançou muitas bênçãos. Eu acho que nunca alcancei porque não mereci ainda. Mas quando eu merecer, ne...!

H – Mas a senhora faz promessa?

C - Faço. A paixão da minha vida e do meu viver é Frei Damião. É uma família. Nós somos uma família. É uma pessoa que conheci, né, pessoalmente e..., sei não, acho que nos domingos que eu num venho eu fico triste. É! Porque eu mesmo sem vender nada, eu me sinto bem.

Dona Cleonice chega na sua barraca no Santuário em média às 7 horas da manhã e sai, dependendo do movimento, às 3 ou 40 horas da tarde. “Tem gente aqui que sai de cinco horas. Depende do movimento. Se for bom, a gente passa o dia todo. Se também não tiver ninguém a gente vai embora”, diz.

Gilvan Felix dos Santos, 47 anos, nascido, criado e morador de Guarabira. Tem comércio desde dezembro de 2004, mês da inauguração do santuário. Gilvan já possuía uma loja na cidade de Guarabira, uma espécie de magazine, onde vende calçados, confecções e outros artigos. E teve que aprender e se adaptar a um comércio diferente de artigo, o religioso.

H – Há quanto tempo comercializa aqui no santuário?

G – Desde a inauguração.

H - O que o atraiu a fazer comércio aqui?

G – Primeiro foi um convite do bispo da diocese... Para trabalhar com esse tipo de comércio (de artigos religiosos).

H - Além de comercializar, você também é devoto de Frei Damião?

G – Eu aprendi a devoção com os romeiros. Antes não tinha. Mas já cheguei a ver ele, falar com ele. Visitei..., no falecimento em Recife.

H – O senhor acredita que ele é um santo?

G – Acredito pela experiência de vida. Pelo modo de vida. Tinha uma vida totalmente espiritual. Porque vivia totalmente diferente do que a gente tá habituado aqui.

H – A parte financeira compensa?

G – Compensa. Tanto compensa a parte financeira... como esse trabalho é satisfatório. Recebi um convite para fazer comércio aqui. Vim para ganhar dinheiro. Mas hoje, o dinheiro não tem tanta essa importância assim... Mas sim essa satisfação de estar aqui com a parte de romeiro... É muito bom!

Devotos e relatos de milagre de Frei Damião

Maria Elizete, de Barcelona, Rio Grande do Norte.

H – A senhora sempre vem aqui no Santuário?

M.E. – Sim. Já é a quarta vez.

H – O que a senhora tem a falar sobre Frei Damião?

M.E. – Fui criada assim. Meu pai, minha mãe eram devotos de Frei Damião. Eu fui numa procissão dele com dez anos de idade. Saí de uma cidade pra outra sozinha. Fui atrás de Frei Damião, mas não consegui ver. Aí eu cresci, cresci e era muito fã dele, sabe?!

H – A senhora acredita que ele é um santo?

M.E. – Ele é. Agora em novembro vai fazer um ano que meu irmão adoeceu de repente. Câncer do estômago. (E mostra a foto do irmão) Ele fez a cirurgia, vai fazer um ano agora em novembro. Graças a Deus, ele agora tá curado. Ele trabalha no estado, já voltou a trabalhar. Eu falei pro meu padim Frei Damião, se for pela vontade de Deus, se não for uma doença mandada por Deus que voltasse a saúde dele, né? Até o dia que Deus quiser. Aí que paguei uma promessa. Aí você vê que ele já tá trabalhando. Já come tudo. Se recuperou do dia pra noite. Foi por causa de quem? Frei..., primeiramente Jesus né, primeiramente Jesus. E segundo Frei Damião. Aí eu trouxe (a foto do irmão) pra mostrar, pra deixar aqui. Também o agradecimento (uma carta escrita) por uma graça alcançada, né. Minha fé é grande, viu? Minha fé é muito grande, minha fé!

Glécio dos Santos, 27 anos, de Alagoa Grande, Paraíba.

H – Você é devoto do Frei Damião? Desde quando?

G – Com certeza. Desde o início quando ele veio aqui em Guarabira.

H – Me fale da sua experiência, do seu milagre?

G – Eu tive um problema de um câncer na face do rosto. E com muita fé em Frei Damião rezei muito, pedi muito. E graças a Deus, primeiramente Deus e segundo Frei Damião eu venci, né. Hoje eu to curado, praticamente curado. Continuo ainda fazendo o tratamento, mas graças a Deus e a Frei Damião fui curado.

H – O que o faz sentir a cura por intermédio de Frei Damião?

G – É, como se diz, o importante é a gente ter fé, acreditar, não baixar a cabeça, colocar a cabeça pra frente e pedir mesmo com fé que você consegue.

H – Como é que você se sentia antes com a doença?

G – A gente se sentia muito triste, muito abatido...

H – Já tava muito avançado?

G – No início foi feita uma operação pra tirar na face do rosto, em todo o rosto. Era por dentro, no caso interno. Aí fui fazer uma operação para retirar. Foi retirado, mas não todo. Daí, gerou aquele problema todo que infeccionou. Fiquei um período internado. Saí. Tive outro médico e através desse outro médico consegui realmente a ver o problema e comecei a fazer a quimioterapia. Graças a Deus, não fiquei abatido. Fiz promessa e através da promessa consegui e hoje sou curado.

H – Quanto tempo durou esse processo entre a sua doença e a sua cura?

G – Da doença foi de 8 meses, né. E depois que eu pedi muito com mais ou menos dois meses, aí já foi vendo que o intestino já estava voltando a melhorar...

H – E os médicos?

G – Os médicos falaram, não falaram pra mim, falaram pra minha esposa, que não tinha mais cura. Pra eu voltar pra casa e eu esperar só a hora. Porque não tinha mais jeito, já tinha comprometido tudo, o rosto, o cérebro tudo, já. Mas com muita fé, a gente rezando tudo, graças a Deus...

H – E depois que os médicos viram?

G – Eles falaram que era um milagre. Porque não tinha explicação. Porque eu volto lá e ele olha pra mim e vê o que eu era pra o que eu tô hoje?! Cheguei a pesar 49 quilos.

H- O seu sentimento quando você vem aqui no Memorial, o que você sente?

G – Chega até a arrepiar. Muita emoção. A gente não consegue nem explicar. Mas é muita emoção mesmo. E sentir que, através dele, com muita fé e muita oração, eu consegui vencer.

H – Então você acredita na santidade dele?

G – Acredito, acredito

H – Você chegou a ver ele da última vez quando ele esteve aqui em Guarabira?

G – Não consegui ver porque não tinha como. Era muita gente.

Maria José do Nascimento, 75 anos, moradora de Macaparana, Pernambuco.

H – A senhora sempre vem aqui no santuário?

M.J. – Faz uns cinco anos que vim aqui. Essa é a segunda vez.

H – O que a senhora tem a falar sobre Frei Damião?

M.J. – Sou devota de Frei Damião desde criança. Quando falavam no nome dele eu sentia uma saudade de velo... Assim, né uma vontade de ver ele.

H – A senhora acredita que Frei Damião é um santo?

M.J. – Acredito, acredito.

H – A senhora recebeu alguma graça por intermédio de Frei Damião?

M.J. – Tudo que peço a ele eu alcanço. Meu marido tinha problema de coração e inchava os pé. E Frei Damião estava no Condado. Peguei um litro de água e fui lá. Tinha umas dez pessoas na minha frente. Era umas cinco horas da tarde. Eu tava com a garrafinha d'água e ele me chamou. Eu acho que eu nem vinha pisano no chão. A alegria era tão grande assim... Chegava mais perto de Deus, né. Pedi pra ele intercedesse a Deus pelo meu marido, que benzesse a água. Ele disse “traga pra cá, traga”. E ele benzeu. E meu marido passou nos pés e nunca mais inchou os pés dele.

H – A senhora já viu algum milagre do Frei Damião?

M.J. - Quebrou a difusora e ele subiu num banquinho, ele era mais moço, ne... Benzeu assim com a mão, lá em baixo na festa, porque lá na igreja era no alto, ele fez a pregação todinha e ninguém ouviu ninguém falar nada. Era um silêncio! E quando terminou a pregação ele disse: “Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo” e pediu o povo pra não ir lá pra baixo porque disse que o Satanás tava lá embaixo. A gente soube depois, quando a gente saiu da missa disseram: “Mataram um ali agora mesmo”. Ele sabia as coisas assim... Era a coisa mais linda. Ele sabia, né? Ele também sabe, o que a gente pede a ele a gente alcança. Com fé em Deus ele intercede por nós.

H - O seu sentimento quando você vem aqui no santuário, o que você sente?

M.J. – Muita alegria... Muita alegria. Num sei nem dizer... É uma fé que tenho em Deus, meu Pai Eterno...

Osmário Medeiros, nascido na cidade de Pombal na Paraíba e morador de Natal, capital do Rio Grande do Norte.

H – O senhor sempre vem aqui no santuário?

O.M. – Já vim umas quatro ou cinco vezes.

H – O senhor já viu Frei Damião? O que o senhor tem a falar sobre Frei Damião?

O.M. – Já vi muitas vezes Frei Damião. Ele ia muito em um lugarzinho chamado “Esterco”, perto do lugar onde nasci, Pombal. Desde que me entendi como gente. E todo mundo já dizia que ele em vida já fazia milagre, praticamente, né. E eu acredito que ele é realmente um santo milagroso. A gente tem muita fé... E cada vez mais a gente consegue..., o que deseja na verdade, saúde, paz, tranquilidade; uma série de coisas que ele transmite.

H – O senhor acredita que Frei Damião é um santo?

O.M. – Com certeza. Acredito!

H – O senhor é devoto de Frei Damião? Desde quando?

O.M. – Sou muito! Sou devoto há muitos anos.

H – O senhor alcançou alguma graça por intermédio de Frei Damião?

O.M. – Eu tenho um problema sério nesse joelho, eu quebrei o tendão há muitos anos. E agora recentemente voltou a doer bastante, né, e eu num tava em condição de andar nem em lugar plano. E resolvi vir, quer dizer já vinha sempre, eu vim com esse intuito de vir fazer a visita a Frei Damião, e subir a serra a pé. Cheguei aqui e graças a Deus e não senti nenhuma pequena dor na perna porque não tava podendo nem me movimentar. [...] A perna não podia nem dobrar e agora já to me movimentando.

H – O que representa o santuário para o senhor? O seu sentimento quando o senhor vem aqui, o que você sente?

O.M. – Eu sinto assim, um alívio, eu fico contente, na paz..., uma coisa inexplicável, né. A gente fica sem saber nem explicar essa alegria; esse prazer que você tem de ver, de encontrar, de rezar; fazer uma viagem maravilhosa sem nenhum problema.